

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

**Rosangela Werlang**

***PRA QUE MEXER NISSO?***

**Suicídio e sofrimento social no meio rural**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

**Rosangela Werlang**

***PRA QUE MEXER NISSO?***

**Suicídio e sofrimento social no meio rural**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linha de pesquisa: Trabalho, saúde e subjetividade. Orientadora: Prof. Dra. Jussara Maria Rosa Mendes.

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**Rosangela Werlang**

***PRA QUE MEXER NISSO?***  
**Suicídio e sofrimento social no meio rural**

Aprovado em 26 de março de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Maria Cecilia de Souza Minayo - FIOCRUZ

---

Prof. Dra. Maria Isabel Barros Bellini – PUCRS/PPGSS

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro – UFRGS/PPGE

---

Prof. Dr. Álvaro Roberto Crespo Merlo – UFRGS/PPGPSI

---

Orientadora – Prof. Dr. Jussara Maria Rosa Mendes – UFRGS/PPGPSI

*Para Felipe, Bárbara e Pena pela paciência, compreensão e incentivo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre uma alegria, eis que se relaciona a algo feito, acabado, findo. Tantas pessoas entraram em nossa vida que é difícil nomeá-las. De toda sorte quero agradecer a todos que me auxiliaram, incentivaram, mostraram caminhos, torceram para que este trabalho chegasse ao fim. Querida Jussara, minha orientadora, obrigado pelo apoio, orientação, carinho e pelos abraços, sempre tão bons e acalentadores. Obrigado pela liberdade e pela confiança em mim depositada. Dolores, sem você este trabalho não teria sido realizado. Obrigado pela insistência no que condiz ao meu doutorado. Paulinho Wunsch: obrigado pelas conversas e discussões, sempre tão importantes e que me auxiliaram a conduzir este processo. Marlene: obrigado pelo incentivo desde o primeiro dia. Agradeço aos meus colegas de trabalho, a todos, sem exceção, pelas conversas e por me ouvirem neste processo difícil e doloroso. Agradeço profundamente as famílias dos suicidas pelas entrevistas: agradeço por cada palavra, cada olhar, cada aperto de mão. Espero que esta tese possa contribuir à redução deste fenômeno e tornar a vida das pessoas melhor. Meus agradecimentos também ao grupo do NEST, colegas sempre presentes, ao Prof. Dr. Michel Thiollent pelo envio do material da Prof. Michèlle Salmona e pela disposição em me auxiliar e ao Prof. Dr. Jean Furtos, Psiquiatra e Diretor Científico do Observatório Regional Rhône-Alpes sobre o sofrimento psíquico relacionado à exclusão (ORSPERE) pelo envio de todo o material de sua autoria citados nesta tese. Por fim, à minha mãe, meus irmãos, meu tio: agradeço pela vida vivida ao lado de vocês.

*Enforcaram um homem que tinha cortado a própria garganta, mas que fora trazido de volta à vida. Enforcaram-no por ter cometido o suicídio. O médico avisara que seria impossível enforcá-lo, pois o rasgo na garganta abriria e o homem então respiraria pela abertura. Porém não lhe deram ouvidos, e puseram o homem no laço. A ferida do pescoço abriu imediatamente, e o homem voltou à vida novamente, embora estivesse enforcado. Levou tempo para convocarem os magistrados para que decidissem a questão do que deveria ser feito. Por fim, os magistrados se juntaram e cingiram-lhe o pescoço abaixo da ferida até que o homem morresse. Ah, minha Mary, que sociedade louca e que civilização estúpida. (E. H. CARR)*

## RESUMO

Esta tese trata da questão do suicídio na sua articulação com as transformações ocorridas no meio rural por meio do avanço capitalista no campo. Tal avanço, por sua vez, é considerado como potencialmente gerador de sofrimento social, causador de processos de autoexclusão, levando ao suicídio. Neste sentido, como problema de pesquisa, questionou-se: o suicídio pode constituir-se em expressão do sofrimento social causado pelas transformações ocorridas no campo nos últimos anos, em decorrência dos processos de desenvolvimento capitalista? Assim, o objetivo deste estudo foi o de verificar se as transformações sociais e econômicas no meio rural poderiam estar gerando situações de precariedade acentuada, conduzindo à prática suicida. Como procedimento metodológico utilizou-se a triangulação metodológica, tanto no que condiz à coleta de dados quanto à sua análise. Os dados foram coletados junto ao Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde do Brasil (SIM/DATASUS), através dos Inquéritos Policiais abertos por ocasião da morte por suicídio e, por fim, por meio da necropsia verbal. Para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, por meio da análise de distribuição de frequência, a hermenêutica-dialética e a história de vida. O avanço dos modelos de desenvolvimento econômico e a incitação econômica a que os pequenos agricultores foram expostos nos últimos anos têm se refletido sobre seus modos de vida. Assim, novas formas de trabalho emergem no campo, seja através da pluriatividade, seja através da integração com a indústria. O rural cada vez menos é sinônimo de agrícola e, neste sentido, o cenário instaurado é de precariedade. Tal precariedade, por sua vez, tem gerado a perda dos objetos sociais que produzem sofrimento: sofrimento que permite viver, sofrimento que impede de viver e sofrimento que impede de sofrer o próprio sofrimento. Estas duas últimas dimensões do sofrimento são potencialmente causadoras de processos de autoexclusão e de autoalienação que acabam, não raras vezes, produzindo o suicídio ou produzindo sociopatologias cuja procedência encontra-se no cerne do próprio avanço capitalista no meio rural. Como conclusão tem-se que o meio rural cada vez mais se torna “desruralizado”, devido à presença de elementos urbanos que adentram em seu território. Tal processo de avanço capitalista, potencializado pelas indústrias que adentram no campo, traz novas formas de trabalho que, pouco a pouco, vão descaracterizando o campo como local agrícola, vinculado à produção de alimentos, assalariando e precarizando as relações de trabalho. Assim, são gerados processos de sofrimento social que acabam produzindo a depressão e o suicídio como sua manifestação mais pujante. Tais suicídios têm marcado a vida rural, expressando, de maneira indelével, que o meio rural tem se tornado deletério, espaço propício à instalação da morte.

**Palavras chave:** Suicídio. Pluriatividade. Sofrimento Social.

## ABSTRACT

This thesis deals with the subject of suicide in its relation to the changes that have happened in the rural areas due to the capitalist advance in the countryside. This advance is considered potentially responsible for motivating social suffering, causing self-exclusion processes, leading to suicide. Having that in mind, the research question that aimed to be answered is: can suicide happen as an expression of the social suffering caused by the changes that took place in the countryside in the last years, as a consequence of the capitalist advance processes? Therefore, this study aims at verifying if the social and economic changes on the rural areas could be causing strong precariousness situations, leading to suicide. As methodological procedures the methodological triangulation was used, regarding to the way data was collected and also to their analysis. Data were collected from the Mortality Information System of the Ministry of Health of Brazil (SIM/DATASUS), considering the Police Inquiries opened in cases death was a suicide and, finally, through the verbal necropsy. To analyze the data, descriptive statistics was used, through the frequency distribution analysis, the hermeneutic-dialectic and the life history. The advance of the economic development models and the economic incentive that the small farmers were exposed to, in the last years, have reflected on their lifestyle. Therefore, new ways of working emerge in the countryside, through the pluriactivity or through the integration with industry. The rural is less and less a synonym of agricultural and, in this sense, the set up scenario is of precariousness. Such precariousness, in turn, has generated the loss of the social objects that causes suffering: suffering that enables people to live, suffering that prevents from living and suffering that prevents people from suffering their own suffering. These last two suffering dimensions are potentially the cause of the self-exclusion and self-alienation processes, that end up, not rarely, leading to suicide and causing sociopathologies which origin can be found in the capitalist advance in the rural areas itself. In conclusion, it is said that the rural areas become less and less “rural”, due to the presence of urban elements that are becoming part of the territory. This process of capitalist advance empowered by the industries that enter the countryside brings new kinds of jobs that, little by little, start depriving the characteristics of the countryside as an agricultural area, related to the food production, giving salaries and making the work relations more precarious. In this manner, social suffering processes are generated, which start causing depression and suicide, as the most powerful result of them. These suicides have been marking the rural life, expressing, in an indelible way, that the rural area has become deleterious, a propitious place to settle the death.

**Keywords:** Suicide. Pluriactivity. Social Suffering.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Localização do município de Garibaldi no estado do Rio Grande do Sul....</b>	<b>153</b>
<b>Figura 2 – Distribuição das TMM-S no Rio Grande do Sul .....</b>	<b>178</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Criminalização com relação à participação em suicídio em alguns países Latinoamericanos .....</b>	<b>57</b>
<b>Quadro 2 – As quatro zonas de perda do objeto social .....</b>	<b>117</b>
<b>Quadro 3 - Os Inquéritos Policiais .....</b>	<b>138</b>
<b>Quadro 4 – Critérios de inclusão .....</b>	<b>140</b>
<b>Quadro 5 – Critérios de exclusão .....</b>	<b>140</b>
<b>Quadro 6 – Inquéritos Policiais e Necropsia Verbal .....</b>	<b>141</b>
<b>Quadro 7 – Organização dos módulos da Necropsia Verbal .....</b>	<b>146</b>
<b>Quadro 8 – Inquérito Policial nº 23/2012 .....</b>	<b>179</b>
<b>Quadro 9 – Inquérito Policial 108/2012.....</b>	<b>179</b>
<b>Quadro 10 – Inquérito Policial nº 378/2011 .....</b>	<b>180</b>
<b>Quadro 11 – Inquérito Policial nº 449/2011 .....</b>	<b>183</b>
<b>Quadro 12 – Inquérito Policial nº 607/2011 .....</b>	<b>185</b>
<b>Quadro 13 – Inquérito Policial nº 172/2010 .....</b>	<b>186</b>
<b>Quadro 14 - Inquérito Policial nº 570/2010 .....</b>	<b>187</b>
<b>Quadro 15 – Inquérito Policial nº 085/2009 .....</b>	<b>189</b>
<b>Quadro 16 – Inquérito Policial nº 0422/2009 .....</b>	<b>189</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As maiores TM-S no estado do Rio Grande do Sul (2000-2010) .....	155
Tabela 2 – Municípios sem casos registrados de suicídio (2000-2010) .....	156
Tabela 3 – Municípios com TMM-S média de 2,1 a 2,7/100.000 (2000-2010) .....	156
Tabela 4 – Municípios com TMM-S média de 3,1 a 3,9/100.000 (2000-2010) .....	157
Tabela 5 – Municípios com TMM-S média de 4,1 a 4,9/100.000 (2000-2010) .....	157
Tabela 6 – Municípios com TMM-S média de 5,0 a 5,9/100.000 (2000-2010) .....	158
Tabela 7 – Municípios com TMM-S média de 6,0 a 6,8/100.000 (2000-2010).....	158
Tabela 8 – Municípios com TMM-S média de 7,0 a 7,9/100.000 (2000-2010).....	159
Tabela 9 – Municípios com TMM-S média de 8,0 a 8,9/100.000 (2000-2010).....	160
Tabela 10 – Municípios com TMM-S média de 9,0 a 9,9/100.000 (2000-2010).....	161
Tabela 11 – Municípios com TMM-S média de 10,0 a 10,9/100.000 (2000-2010).....	162
Tabela 12 – Municípios com TMM-S média de 11,0 a 11,9/100.000 (2000-2010).....	163
Tabela 13 – Municípios com TMM-S média de 12,0 a 12,9/100.000 (2000-2010).....	164
Tabela 14 – Municípios com TMM-S média de 13,0 a 13,9/100.000 (2000-2010).....	165
Tabela 15 – Municípios com TMM-S média de 14,0 a 14,9/100.000 (2000-2010).....	165
Tabela 16 – Municípios com TMM-S média de 15,0 a 15,9/100.000 (2000-2010).....	166
Tabela 17 – Municípios com TMM-S média de 16,0 a 16,9/100.000 (2000-2010).....	167
Tabela 18 – Municípios com TMM-S média de 17,0 a 17,9/100.000 (2000-2010).....	168
Tabela 19 – Municípios com TMM-S média de 18,0 a 18,9/100.000 (2000-2010).....	169
Tabela 20 – Municípios com TMM-S média de 19,1 a 19,9/100.000 (2000-2010).....	169

<b>Tabela 21 – Municípios com TMM-S média de 20,0 a 20,8/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>170</b>
<b>Tabela 22 – Municípios com TMM-S média de 21,0 a 21,9/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>170</b>
<b>Tabela 23 – Municípios com TMM-S média de 22,0 a 22,8/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>171</b>
<b>Tabela 24 – Municípios com TMM-S média de 23,1 a 23,9/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>171</b>
<b>Tabela 25 – Municípios com TMM-S média de 24,2 a 24,9/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>172</b>
<b>Tabela 26 – Municípios com TMM-S média de 25,0 a 25,9/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>172</b>
<b>Tabela 27 – Municípios com TMM-S média de 26,1 a 26,9/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>173</b>
<b>Tabela 28 – Municípios com TMM-S média de 27,2 a 27,8/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>173</b>
<b>Tabela 29 – Municípios com TMM-S média de 28,1 a 28,6/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>174</b>
<b>Tabela 30 – Municípios com TMM-S média de 29,1 a 29,5/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>174</b>
<b>Tabela 31 – Município com TMM-S média de 30,7/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>174</b>
<b>Tabela 32 – Municípios com TMM-S média de 31,2 a 31,7/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>174</b>
<b>Tabela 33 – Municípios com TMM-S média de 32,0 a 32,6/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>175</b>
<b>Tabela 34 – Município com TMM-S média de 33,2/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>175</b>
<b>Tabela 35 – Município com TMM-S média de 35,7/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>175</b>
<b>Tabela 36 – Municípios com TMM-S média de 39,2 a 39,5/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>175</b>
<b>Tabela 37 – Município com TMM-S média de 40,0/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>176</b>
<b>Tabela 38 – Município com TMM-S média de 41,1/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>176</b>
<b>Tabela 39 – Município com TMM-S média de 42,3/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>176</b>
<b>Tabela 40 – Município com TMM-S média de 44,6/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>176</b>
<b>Tabela 41 – Municípios com TMM-S média de 45,2 a 45,9/100.000 (2000-2010).....</b>	<b>177</b>

**Tabela 42 – Município com TMM-S média de 46,0/100.000 (2000-2010).....177**

**Tabela 43 – Município com TMM-S média de 61,3/100.000 (2000-2010).....177**

**Tabela 44 – TMM-S média do Estado do Rio Grande do Sul/100.000 (2000-2010).....177**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 AS MOIRAS: TECENDO OS FIOS DA VIDA E DA MORTE .....</b>	<b>20</b>
2.1 Cloto em perigo.....	20
2.2 Láquesis contrariada .....	29
2.3 Átropos na terra da Psicanálise .....	34
2.4 As três fiandeiras derrotadas .....	43
<b>3 ALICE NÃO MORA MAIS AQUI.....</b>	<b>59</b>
3.1 Para baixo, na toca do coelho.....	59
3.2 Procurando o que foi perdido: o leque e o par de luvas brancas .....	72
3.3 Quem roubou as tortas?.....	81
3.4 O perverso jogo de críquete .....	89
<b>4 AS DUAS TÍLIAS OU ONDE WERTHER QUER SER ENTERRADO.....</b>	<b>98</b>
4.1 Eu sofro, tu sofres, nós sofreremos .....	98
4.2 Sofrendo de outro modo: o sofrimento de origem social.....	104
4.3 Da perda dos objetos sociais à síndrome da auto exclusão.....	116
4.4 As sociopatologias do desenvolvimento e da incitação econômica .....	126
<b>5 AO DENSO DO ICEBERG .....</b>	<b>135</b>
5.1 Delineamento do estudo .....	136
5.2 Procedimentos de coleta de dados.....	137
5.2.1 A matriz de dados inicial .....	137
5.2.2 A pesquisa documental: os Inquéritos Policiais .....	138
5.2.3 A necropsia verbal .....	144
5.3 Procedimentos de análise de dados .....	148
5.3.1 Estatística descritiva: análise de distribuição de frequência .....	148
5.3.2 A Hermenêutica-dialética.....	149
5.3.3 História oral: a história de vida .....	150
<b>6 A MORTE NA SEGUNDA PESSOA .....</b>	<b>153</b>
6.1 Situando o trabalho de campo .....	153
6.2 As Taxas Municipais de Mortalidade-Suicídio (TMM-S) no estado .....	156
6.3 Os Inquéritos Policiais.....	179
6.4 A necropsia verbal ou a história de vida e morte <i>com sabor de vidro e corte</i> .....	191
6.4.1 Necropsia Verbal 01: <i>As cordas embaixo da cama</i> .....	191

6.4.2 Necropsia Verbal 02: <i>Um passarinho fora da gaiola</i> .....	193
6.4.3 Necropsia Verbal 03: <i>Ele só queria sair</i> .....	196
6.4.4 Necropsia Verbal 04: <i>A cortina vermelha ou quem vai ser louco para se matar por mulher?</i> .....	199
6.4.5 Necropsia Verbal 05: <i>A doença do Papa</i> .....	202
6.4.6 Necropsia Verbal 06: <i>Carolina decide morrer</i> .....	204
6.4.7 Necropsia Verbal 07: <i>No quarto de hóspedes, numa caminha</i> .....	207
6.4.8 Necropsia Verbal 08: <i>O homem dos cavalos</i> .....	209
6.4.9 Necropsia Verbal 09: <i>Dois anos e quatro dias</i> .....	214
<b>6.5 A análise dos dados</b> .....	<b>216</b>
6.5.1 O jogo de esconde-esconde .....	216
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	<b>225</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>230</b>
<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	<b>245</b>
<b>APÊNDICE B - Termo de consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>247</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Mas o que não podemos dizer podemos escrever. Porque a escrita é um fazer mudo, um trabalho da cabeça na mão. A boca é superada. Durante a ditadura, falei muito, em geral porque eu tinha me decidido a não tocar o trompete. Mas a escrita começou no silêncio, lá na escada da fábrica onde eu tinha de fazer mais do que era possível ser dito. O acontecido não podia mais ser articulado no falar. No máximo os acréscimos externos, mas não seu efeito. Isso eu podia apenas soletrar, muda, na cabeça, no círculo vicioso das palavras ao escrever. Eu reagi ao medo da morte com ânsia de viver. Tratava-se de uma ânsia de palavras. Só o torvelinho de palavras podia abarcar o meu estado. Ele soletrava aquilo que não podia ser dito com a boca.<sup>1</sup>*

*Estou num trabalho de ostra. A areia entrou-me na concha, na carne. Sangro.<sup>2</sup>*

*Hic sunt leones.* Esta expressão faz alusão aos mapas antigos. Quando havia terras desconhecidas, estas eram marcadas com a expressão: “aqui estão os leões”. A regra apontava o cuidado ao adentrá-las, na medida em que se constituíam em espaços ainda ignorados pelo conhecimento humano. Com esta expressão busca-se dar início a esta tese que tratou da questão do suicídio no meio rural, espaço social carregado de morbidez, na sua articulação com o sofrimento social. Tais espaços e relações daí derivadas fazem recordar o que o filósofo político italiano Giorgio Agamben chamou de zonas grises, em alusão ao termo utilizado por Primo Levi quando tratou da questão dos campos de extermínio e seus sobreviventes.<sup>3</sup> Outrossim, faz rememorar a narrativa de Salmen Lewental, sobrevivente que assistiu, durante uma pausa em seu “trabalho”, a uma partida de futebol entre a *Shutztaffel* nazista e alguns representantes dos *Sonderkomando*, grupo de judeus deportados encarregados das câmaras de gás e dos crematórios. Este grupo era responsável por conduzir os prisioneiros à morte nas câmaras de gás, lavá-los para retirar de seus corpos as manchas letíferas causadas pelo efeito do ácido cianídrico, verificar a existência de objetos preciosos que pudessem estar escondidos em seus corpos, arrancar os dentes de ouro que porventura ainda estivessem na boca dos cadáveres, cortar o cabelo das mulheres, lavá-los com amoníaco (para venda posterior), transportar os cadáveres até os crematórios e, por fim, como último trabalho, assegurar que a incineração fosse completa, através da remoção das cinzas dos fornos ainda quentes. Era preciso eliminar os vestígios, as marcas, os sinais. Tal relato e suas implicações

<sup>1</sup> MÜLLER, Herta. *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. São Paulo: Globo, 2012, p. 88. Todas as folhas de abertura das seções primárias desta tese contêm epígrafes, de acordo com o estabelecido na NBR 14724, item 4.1.8. Cf.: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos: Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002, p. 4.

<sup>2</sup> SANT'ANNA, Afonso Romano de. Ostra. In: BACCA, Ademir Antônio; GONÇALVES, Cláudia. *Poesia do Brasil*. Porto Alegre: Pacartes, 2012, p. 18.

<sup>3</sup> Cf.: AGAMBEN, Giorgio. *Quel che resta di Auschwitz: l'archivio e il testimone*. Homo sacer III. Torino: Bolatti Boringhieri, 2005.

carregam em seu bojo a questão concernente ao significado ético e político do extermínio/autoextermínio, assim como de sua atualidade. A partida de futebol, que para muitos pode representar breve pausa de humanidade, breve momento de normalidade em meio ao terror, constituía-se, em verdade, no verdadeiro horror do campo. Todavia, a partida de futebol, o horror, ainda não terminou e talvez não termine nunca, representando a “zona gris” que não respeita o tempo e encontra-se em toda a parte, em todo lugar. É deste espaço, desta zona, que provém a angústia e a vergonha daqueles que sobreviveram e, como bem aponta Agamben, a nossa própria vergonha quando assistimos, em nossos campos de extermínio/autoextermínio peculiares, às partidas de futebol veiculadas das mais diferentes formas. É a situação de normalidade e aceitação cotidiana que se constitui no horror, a falta de indignação ética que impede que práticas violentas sejam questionadas e, ademais, que tais práticas continuem sendo tratadas como normais, regulares, dentro do padrão, do “sempre foi assim” ou, então, banalizadas como bem afirma Arendt, sendo incorporadas à vida cotidiana.<sup>4</sup> Esta foi a “motivação” para a realização desta tese: o horror à omissão, ao “deixar assim”, à complacência, à própria indolência tencionada cuja ação/não ação blinda as mortes por suicídio que se instalam nos espaços rurais, mas que estão também em todas as partes. Tais mortes desassossegaram, perturbaram, constituindo-se nos leões, estes desconhecidos que se escondem nas sombras e que continuam nos enfrentando, medindo nossas almas, fitando nossos olhos na sua dimensão mais profunda.<sup>5</sup>

Morrem três pessoas ao dia por suicídio no Rio Grande do Sul.<sup>6</sup> É possível não se indignar, não se angustiar? Tratar do tema do autoextermínio através do suicídio é tratar do humano, da vida e de como esta vida tem sido posta em risco. A vida, em alguns espaços, tem sido duramente atacada. Todavia, a blindagem não nos permite reconhecer o que há nestas terras de ninguém, nestas zonas em que a morte chega de mansinho e vai levando um após outro. Esta questão também faz recordar Butler<sup>7</sup> quando questiona: o que é uma vida? O que faz com que uma vida conte como tal e outras não? Como algumas vidas são mais visíveis do que outras? Neste sentido, o problema de pesquisa que envolve este trabalho consiste na busca da compreensão do que segue: o suicídio pode se constituir em expressão do sofrimento social causado pelas transformações sociais e econômicas ocorridas no meio rural? Assim, o objetivo geral deste trabalho constitui-se em verificar os elementos constitutivos do

<sup>4</sup> Cf.: ARENDT, Hanna. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>5</sup> COUTO, Mia. *A confissão da leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 85.

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. Disponível em:

<<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205>> Acesso em 24 jun. 2011

<sup>7</sup> Cf.: BUTLER, Judith. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.

sofrimento social que podem, por hipótese, estar conduzindo à autodestruição. Para responder ao questionamento acima exposto, a ideia foi trabalhar com a triangulação metodológica. Não se imaginou, no início do processo de pesquisa, que tal procedimento levaria à imersão. Inicialmente pensou-se na horizontalidade e não na verticalidade do procedimento. Todavia, tal como na figura do *iceberg*, primeiro foi o topo e, abaixo, a parte densa, carregada, escura. Trabalhar desta forma foi, sem dúvida, um mergulho no denso.

Neste momento introdutório da tese, gostaria de falar na primeira pessoa. É preciso dizer o quanto me sinto “empoeirada” pelos caminhos percorridos. Foram muitas as idas e vindas para a realização deste estudo, especialmente no que se refere à realização da necropsia verbal. Foram caminhos e descaminhos. Mapear o suicídio no Estado foi o mais simples. Constituiu-se em etapa que se podia realizar de forma asséptica. Eu e os números. Tratava-se de criar espécie de cartografia: o mapa da autodestruição. Era trabalho limpo, onde, de certa maneira, “não se sujavam as mãos”. É pensamento, números, papel, descrição. Após esta etapa, avançou-se um degrau adentro, em direção ao denso do *iceberg*: ler e reler os inquéritos policiais. Nesta fase, tive o primeiro contato com a morte “mesmo”. Ela brotava da fala do outro, do invisível, daquele que a relatou. Morte asséptica e ordenada. A ordem parecia estar ali. Tudo a seu tempo e em escalada. Aqui aparecem as primeiras imagens da Imperatriz, como diria Saramago.<sup>8</sup> As imagens são de homens e mulheres que Ela levou para a sua gelada sala subterrânea. É neste momento que a morte por suicídio vai se desenhando. Há imagens de cordas, armas, receitas médicas, estrebarias, chiqueiros, cortinas, banheiros, galinheiros, lagos com corpos boiando. Há cavalos, vacas, cachorros, galinhas e porcos. Há rosários, veneno, copos, carteiras de identidade. Há sangue, pedaços do corpo, corpo sem corpo. Há também bilhetes, autos de necropsia, comidas e remédios encontrados nos estômagos das “vítimas”. Há cortes, arranhões, sulcos, Manchas de Tardieu. Há a fala primeira registrada pelo outro. O outro pelo outro. São relatos, narrativas, pensamentos que correm as páginas dos inquéritos. Aqui inicia o processo que eu ousaria chamar de permeabilização. Começo a ficar encharcada com este sangue.

A fase limpa, seca e sem manchas vai ficando para trás. Quem são estas pessoas? Por que estes homens e mulheres “preferiram” viver com a Imperatriz? Como são aqueles que falam nos depoimentos, nos termos de declarações? Os inquéritos trazem a inquietação, a umidade ao ambiente seco e seguro que a teoria, *per se*, não consegue trazer. Virgínia Woolf dizia que muitas coisas estão mapeadas, mas outras não possuem registro adequado. Nossos

---

<sup>8</sup> Cf.: SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

sentimentos não seriam como as ruas de Londres: o que vamos encontrar, ao dobrar a esquina? E depois, o que virá?<sup>9</sup> Depois vieram as entrevistas: a necropsia verbal. Era o encontro mais próximo com a morte: através da fala dos familiares. Esta foi, sem dúvida, a parte mais difícil deste estudo. Sentar e conversar, olho no olho, face a face, sobre a morte do pai, do filho, da mãe, do irmão, da esposa, do marido. Gerou angústia, desassossego. Em quase todas as andanças houve retornos, encontros e desencontros. Estou coberta pela poeira das estradas de chão que percorri, pela fala dos familiares. Penso muito neles e, quando escrevo, rememoro as passagens e fico entremeada de sentimentos diversos. Meu olhar para no tempo, naquele tempo não cronológico, tempo da duração como diria Bergson<sup>10</sup>, tempo que não é Chronos, mas é Kairós, tempo vivido. Lembro-me das frases ditas, das paradas do pensamento, das lágrimas e dos olhos que buscavam nos meus uma explicação: eu não sei por que ele (a) fez *isso*... Esta frase foi recorrente. Os que ficam estão sempre às voltas com esta inquietação.

Os caminhos da “colônia” não são fáceis para quem é de outro lugar. Tudo é simples para quem é de lá. Para nós é território estranho. Somos todos estrangeiros nestes locais. Foram dadas tantas voltas, foram feitos tantos retornos, tantas paradas, que a próxima entrevista sempre acabava sendo um novo desafio: para encontrar o local e para realizá-la. Como se chega a um lugar onde não há endereço, número de casa, placas, nada? O agendamento das entrevistas, por sua vez, nunca foi simples. Tratar deste tema sempre iniciava com a frase: *para que mexer nisso?* O suicídio é coisa para não se mexer. Em um primeiro momento ninguém quer tratar *disso*. *Isso* é tabu, *isso* é incomodo, *isso* altera o cotidiano. Ademais, *isso* invade um espaço tão privado e cheio de interrogações que as famílias querem deixar o *isso* enterrado lá mesmo. *Isso* é para ser enterrado. No entanto, depois que a conversa inicia é como se o *isso* tivesse acontecido naquele dia. As lembranças são tão vivas, tão claras e a reconstrução não exige que “se puxe” a memória. O dia da morte está aí para ser vivido de novo. O *isso* emerge e, não raras vezes, é seguido de alívio. Alguém escutou a minha dor.

Conheci pessoas que jamais conheceria sem o *isso*. Quando penso nesta questão, penso igualmente no tamanho do compromisso que tenho com quem envolvi nas minhas andanças. Neste momento penso também em como retornar. É preciso trabalhar de alguma forma com os que ficam para que estes possam elaborar o *isso* que continua vivo, desassossegando, empoeirando, encharcando as estradas, cozinhas e pátios.

<sup>9</sup> Cf.: WOOLF, Virgínia. *O quarto de Jacob*. São Paulo: Novo Século, 2008.

<sup>10</sup> Cf.: BERGSON, Henri. *O pensamento e o movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Neste estudo, a tese que se defende é a de que o avanço capitalista no meio rural tem desenvolvido novas formas de vida, notadamente, por meio de novas formas de trabalho, onde o ser e o fazer do pequeno agricultor se alteram. Tais transformações são geradoras de uma precariedade acentuada que acarreta a perda ou a possibilidade de perda dos objetos sociais, gerando sofrimento. Contudo, tal sofrimento configura-se em um sofrimento distinto: o sofrimento social. Este traz em seu âmago processos de autoexclusão, de autoalienação ou de alienação autogerada, causadores da autodestruição. Assim, o rural, cada vez mais “desruralizado”, converte-se em espaço propício à instalação do *isso* em seus diferentes matizes.

Ultimando a parte introdutória, cabe ressaltar que esta tese encontra-se dividida em três capítulos teóricos que tratam do suicídio, da gênese e da transformação dos espaços onde estas mortes encontram-se circunscritas e do sofrimento social, respectivamente. Posteriormente, estão descritos, em seções distintas, os procedimentos metodológicos utilizados e os resultados e discussões acerca da pesquisa realizada. Por fim, a conclusão deste estudo e as referências utilizadas.

## 2 AS MOIRAS: TECENDO OS FIOS DA VIDA E DA MORTE

*La creencia en la posibilidad de una muerte digna es un intento nuestro y de la sociedad de enfrentarnos a la realidad de lo que con demasiada frecuencia es una serie de sucesos destructivos que implican, por su propia naturaleza, la desintegración de la humanidad de la persona que muere [...] La dignidad que buscamos en la muerte solo puede hallarse en la dignidad con la que hemos vivido nuestra vida.<sup>1</sup>*

*Pedimos ao Governo e à Justiça Federal para não decretar a ordem de despejo/expulsão, mas decretar nossa morte coletiva e enterrar nós todos aqui. Pedimos, de uma vez por todas, para decretar nossa extinção/dizimação total, além de enviar vários tratores para cavar um grande buraco para jogar e enterrar nossos corpos. Este é o nosso pedido aos juízes federais.<sup>2</sup>*

As Moiras, de acordo com a mitologia grega, seriam velhas fiandeiras que tecem os fios da vida, determinando o tempo de duração da vida dos mortais. Cloto, a primeira, teria a tarefa de fiar. É aquela que dá a vida, que a tece na roca, na máquina de fiar. Láquesis, a segunda, teria tarefa diversa: enrolar e sortear o fio tecido, determinando quem vai morrer e quando. Por fim, Átropos, a terceira, corta o fio com sua tesoura afiada, dando cabo da vida humana. Átropos é irredutível em sua tarefa de tirar a vida daqueles escolhidos por Láquesis, sua irmã. O Destino dos homens seria, assim, prerrogativa das Moiras: são elas que o decidem. Todavia, em algum momento, as fiandeiras começam a ser afrontadas: os homens estariam decidindo a duração da própria vida, tramando contra o Destino, prerrogativa das Moiras. Decidem tecer, sortear e cortar os fios da própria vida. Esta é uma breve alusão à história desta trama, deste enfrentamento e seus desdobramentos até os tempos contemporâneos.

### 2.1 Cloto em perigo

Camus já alertava para o fato de que se existe um problema filosófico fundamental sobre o qual devemos nos debruçar, este seria o suicídio.

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder a questão fundamental da filosofia. O restante, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias,

<sup>1</sup> NULAND, Sherwin B. *Cómo morimos*. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 324.

<sup>2</sup> O trecho pertence à carta de um grupo de 170 indígenas que vivem à beira de um rio no município de Iguatemi, no Mato Grosso do Sul, cercados por pistoleiros. As palavras foram ditadas em 8 de outubro ao conselho Aty Guasu (assembleia dos Guaranis Caiovás), após receberem a notícia de que a Justiça Federal decretou sua expulsão da terra. São 50 homens, 50 mulheres e 70 crianças. Decidiram ficar. E morrer como ato de resistência – morrer com tudo o que são, na terra que lhes pertence. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/10/decretem-nossa-extincao-e-nos-entrem-aqui.html>> Acesso em 22 out. 2012.

vem a seguir. [...] o verme encontra-se no coração do homem. É lá que é preciso buscá-lo. É preciso compreender esse jogo mortal que leva da lucidez diante da existência à evasão para longe da luz.<sup>3</sup>

O autor supracitado discute essa questão através da similitude com outro mito, o de Sísifo. Tal mito conta a história de Sísifo que, por comportar-se mal, é condenado pelos deuses a um castigo colossal: deveria empurrar, dia e noite e sem descanso, uma pedra até o alto da montanha. De lá, a pedra deveria tombar para, em seguida, ser empurrada novamente ao cume da montanha. Para os deuses, esse castigo seria elucidativo de um trabalho sem esperança, inútil e que deveria ser repetido à exaustão. Carregar a pedra e deixá-la tombar para novamente empurrá-la. Que sentido haveria nessa punição? É neste contexto que se apresenta o dilema apontado por Camus: vale ou não vale a pena viver uma vida sem sentido? Se a vida (ou o trabalho nela inscrito) é sem sentido, de que vale viver? Por isso Sísifo sofria. Sofria por compreender a ordem divina. Estaria destinado não à morte propriamente dita, mas a uma “vida-morte” mísera, desditosa, infeliz. O tema do suicídio não é um tema novo, todavia ganha novas fronteiras conforme a sociedade e sua complexidade avançam. No entanto, permanece ainda a indagação acerca do caráter dessa atitude: somos ou não donos de nossa vida? Podemos dela dispor? Ao que parece, o movimento pendular que perseguiu a morte de maneira geral, também enalçou esta morte específica, tornando-a, na atualidade, expressão indelével de uma sociedade deletéria. Talvez a primeira morte por suicídio universalmente conhecida no mundo Ocidental seja a de Judas, o ímpio traidor habitante do inferno dantesco.

Judas ficou cheio de remorsos...: trouxe de novo as trinta moedas de prata aos chefes dos Sacerdotes e aos anciãos, dizendo: 'Pequei ao entregar à morte um inocente.' Eles replicaram: 'Que nos interessa isso? O problema é teu.' Lançando então por terra as moedas de prata, ele retirou-se e foi enforcar-se.<sup>4</sup>

Em *Fédão*, de Platão, encontrar-se-á o diálogo entre Cebetes e Sócrates, antes do suicídio infligido a este. Não é assunto específico do diálogo, mas tema transversal da conversa entre os companheiros, eis que Sócrates deveria morrer naquele dia. Cebetes pergunta a Sócrates: “Por que disseste, Sócrates, que não é permitido a ninguém empregar violência contra si próprio, se, ao mesmo tempo, afirmas que o filósofo deseja ir após de quem morre?”<sup>5</sup> Sócrates responderá:

Então, o que importa é não desanimares, disse; é possível que ainda venhas a ouvi-las. Talvez te pareça estranho que entre todos os casos seja este o único simples e

<sup>3</sup> CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 03.

<sup>4</sup> BÍBLIA SAGRADA. Mateus 27:3. Disponível em: <[http://www.diocesecruzeirodosul.org/data/impulso\\_mateus\\_27.pdf](http://www.diocesecruzeirodosul.org/data/impulso_mateus_27.pdf)> Acesso em: 15 fev. 2011.

<sup>5</sup> PLATÃO. *Fedão*. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>> Acesso em: 28 maio 2009, p. 33.

que não comporte como os demais, decisões arbitrárias, segundo as circunstâncias, a saber: que é melhor estar morto do que vivo. E havendo pessoas para quem a morte, de fato, é preferível, não saberás dar a razão de ser vedado aos homens procurarem para si mesmos semelhante benefício, mas precisarem esperar por benfeitor estranho.<sup>6</sup>

Sócrates é contrário à ideia de que se tire a própria vida. Todavia, para alguns isso poderia ser a redenção. Sócrates afirmará que se vive em espécie de cárcere de onde é impossível fugir, pois seríamos todos propriedade dos deuses. Estes seriam os verdadeiros guardiões da imensa prisão que é a vida e da qual não haveria como escapar. Para exemplificar, Sócrates pergunta para Cebetes se ele não ficaria aborrecido e puniria algum escravo seu que viesse a se matar sem o seu consentimento. Cebetes concorda com Sócrates afirmando que isso lhe causaria aborrecimento e diz: “Por conseguinte, não acho absurdo ninguém poder matar-se sem que a divindade o coloque nessa contingência, como é o nosso caso agora.”<sup>7</sup> Teria de haver a autorização divina para que pudesse haver a própria morte. A conversa entre Cebetes e Sócrates continua e o primeiro contestará a posição de Sócrates com relação à disposição do filósofo para morrer. Tal diálogo segue até a morte de Sócrates.

Depois de assim falar, levou a taça aos lábios e com toda a naturalidade, sem vacilar um nada, bebeu até à última gota. Até esse momento, quase todos tínhamos conseguido reter as lágrimas; porém quando o vimos beber e que havia bebido tudo, ninguém mais aguentou. Eu também não me contive: chorei à lágrima viva. Cobrindo a cabeça, lastimei o meu infortúnio; sim, não era por desgraça que eu chorava, mas a minha própria sorte, por ver de que espécie de amigo me veria privado. Critão levantou-se antes de mim, por não poder reter as lágrimas. Apolodoro, que desde o começo não havia parado de chorar, pôs se a urrar, comovendo seu pranto e lamentações até o íntimo todos os presentes, com exceção do próprio Sócrates.<sup>8</sup>

Em obra diversa, Platão abordará também a questão do suicídio:

O homem que mata aquilo que de todas as coisas lhe é mais familiar e, como se diz, mais amável, o que deve ele sofrer? Falo daquele que mata a si mesmo, aquele que com violência, priva-se da parte que recebeu do destino, sem ter sido ordenado pela justiça da cidade, sem ser forçado por uma grande dor inevitável que o atinja por acaso, sem que tenha parte em alguma vergonha sem saída e contrária à vida.<sup>9</sup>

Platão acredita que o suicida, salvo nas condições acima mencionadas, envolvendo a vergonha, determinação da justiça ou implicação involuntária da vítima, é um covarde e que, por indolência, se lhe imporia uma pena injusta. Assim, os parentes mais próximos deveriam consultar os conselheiros e as próprias leis para agir de acordo com as prescrições. Entre estas

<sup>6</sup> PLATÃO, op. cit., p. 34

<sup>7</sup> Ibidem, p.35.

<sup>8</sup> Ibidem, p.34

<sup>9</sup> PLATÃO. *Leis*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 873.

está a de que as sepulturas dos suicidas deveriam permanecer isoladas e de que estes deveriam ser enterrados sem glória, “na fronteira das doze regiões anônimas”<sup>10</sup>. Ainda, as sepulturas deveriam ficar sem lápide, sem indicação de nome ou qualquer referência que identificasse o morto como membro da comunidade. Desta forma, seria o suicida um nada, invisibilizado aos olhos da cidade. Aristóteles também abordará a temática do suicídio, considerando-o como um ato de fraqueza daqueles que querem fugir das “coisas da vida”. Quem se mata, portanto, vai contra as leis da natureza e da vida, cometendo dupla injustiça: contra si mesmo e contra a cidade, a *pólis*.

Pero el matarse uno a sí mismo, por salir de necesidad y pobreza, o por amores, o por otra cualquier cosa triste, no es hecho de hombre valeroso, sino antes de cobarde. Porque es gran flaqueza de ánimo el huir las cosas de trabajo y muerte, no por ser cosa honrosa el morir, sino por huir del mal. Es pues, la fortaleza de ánimo tal cual aquí la habemos dibujado.<sup>11</sup>

De forma complementar, quando trata da questão da punição e da disputa pela justiça, Aristóteles afirmará que quem se mata ou destrói a própria casa, faz danos não a si mesmo, eis que não haveria danos voluntários, mas provoca danos à República.<sup>12</sup> Como a lei não permitia a própria morte, aqueles que atentassem contra si mesmos ou que violassem essa lei deveriam ser rigorosamente punidos. Adiante, no medievo, será Santo Agostinho quem discutirá com profundidade maior este tema. O capítulo XVII da Cidade de Deus tratará da morte voluntária por medo da pena ou da desonra. Santo Agostinho parte do princípio de que a ninguém é outorgada a possibilidade de tirar a vida de outro. Isso se tornaria, portanto, válido àqueles que desejam sacrificar a própria vida e que podem ser considerados homicidas em potencial e, tanto mais será culpado o sujeito, quanto menos razão tiver para ter cometido o suicídio. Santo Agostinho colaciona seu pensamento à morte de Judas, a saber:

[...] porque si justamente abominamos de la acción de Judas y la misma verdad condena su deliberación, pues con ahorcarse más acrecentó que satisfizo el crimen de su traición ya que, desesperado ya de la divina misericordia y pesaroso de su pecado, no dio lugar a arrepentirse y hacer una saludable penitencia”, ¿cuánto más debe abstenerse de quitarse la vida el que con muerte tan infeliz nada tiene en sí que castigar? Y en esto hay notable diferencia, porque Judas, cuando se dio muerte, la dio a un hombre malvado, y, con todo, acabó esta vida no sólo culpado en la muerte del Redentor, sino en la suya propia, pues aunque se mató por un pecado suyo, en su muerte hizo otro pecado.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> PLATÃO, 2004, op. cit, p.873

<sup>11</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Disponível em:

<[http://www.4shared.com/get/32474424/dc6b93a9/Aristoteles\\_-\\_Etica\\_a\\_Nicomaco.html](http://www.4shared.com/get/32474424/dc6b93a9/Aristoteles_-_Etica_a_Nicomaco.html)> Acesso em: 24 maio 2009, p. 59.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>13</sup> SAN AGOSTÍN. *La ciudad de Dios*. Argentina: Libros Tauro, 1978, p. 35.

Após discutir o suicídio de Lucrecia<sup>14</sup>, onde descreve a ideia da morte por vergonha, afirma veementemente que não há autoridade nenhuma por parte dos cristãos para tirar a própria vida. Não haveria, em nenhum dos livros santos ou canônicos, qualquer menção sobre essa permissão, sequer para alcançar a imortalidade ou para que houvesse libertação de qualquer calamidade ou desventura. “A lei sai pura da boca de Moisés quando diz: não matarás”,<sup>15</sup> e isso implica dizer que não matarás nem a si mesmo, ainda que não esteja explicitamente colocado. Ademais, em momento algum a morte voluntária deverá ser chamada de grandeza ou, ainda que aquele que se mata seria possuidor de vasta coragem, não se pode chamar de grandeza ou coragem o fato de alguém, por não suportar adversidades ou pecados seus ou dos outros, vir a se matar. Para o autor, constitui-se o ato suicida em fraqueza daquele que não pode suportar as penalidades da vida, as adversidades. Estas estariam em todo lugar, fazendo parte da condição humana.

Santo Tomás de Aquino também discutirá a questão da morte e de suas implicações. Para o filósofo supracitado seria lícito matar plantas e animais, eis que se constituem em alimentos ou itens necessários à reprodução da vida humana. Todavia, a morte pela morte, sem objetivo maior, ao bel-prazer do homem, estaria condenada.<sup>16</sup> Da mesma forma, a pena capital poderia ser ordenada para aqueles que, por seus atos e atitudes, prejudicassem a comunidade de maneira geral. O exemplo utilizado por São Tomás de Aquino para aclarar suas convicções é o do corpo humano, tomado por algumas partes ou órgãos doentes: uma perna gangrenada pode comprometer o homem todo, assim, retirar esta parte do corpo, que seria prejudicial ao todo, é fundamental para que o homem possa sobreviver. “Por isso, se é útil e louvável à saúde de todo o corpo que se ampute um membro gangrenado, se capaz de contaminar os outros membros, tal amputação é louvável e salutar.”<sup>17</sup> Na reflexão do autor, a pessoa estaria para a comunidade como a parte para o todo, sendo elogiável extirpar do convívio humano, através da morte, aquele que representa, em si mesmo, o perigo para todos os demais. A morte, nesse caso, seria causada não por ódio, raiva ou vingança, mas se constituiria em ato benéfico para o corpo social. Aos clérigos não haveria a permissão para matar, mesmo nas condições acima mencionadas, posto que se configuram em representantes

---

<sup>14</sup> Fala-se aqui em Lucrecia, dama romana que optou por dar fim à própria vida do que sobreviver à vergonha de ter sido violentada pelo príncipe etrusco *Tarquinius Sextus*, antes da fundação da República Romana em 509 AC. Cf.: REYES, Luis. *La violación que derribó a la monarquía*. Disponível em: <http://www.tiempodehoy.com/cultura/historia/la-violacion-que-derribo-a-la-monarquia> Acesso em: 22 jan. 2013.

<sup>15</sup> SAN AGOSTÍN, op. cit., p. 38-39.

<sup>16</sup> TOMAS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, 64, 1, C. Disponível em: <http://sumateologica.permanencia.org.br/IaIIae/IIQ64.pdf> Acesso em: 01 jun. 2009.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

de Deus na terra e Este, por seu turno, jamais foi autor de violência de qualquer espécie. Por fim, ao tratar do suicídio, Santo Tomás de Aquino afirma que este é condenável da mesma forma que é condenável matar alguém de forma privada, sem a devida autorização. “Portanto, quem se mata vai contra toda a tendência da natureza e contra a caridade, pela qual deve amar-se a si mesmo.”<sup>18</sup> O homem é fruto divino e ir contra si mesmo implica, necessariamente, ir contra Deus, o criador. Além de pecar contra Deus peca contra a comunidade da qual faz parte, porquanto não se vive isoladamente, mas em comunidade. Tal afirmação é, em boa medida, caudatária daquelas feitas por Santo Agostinho que viu na morte voluntária a mesma afronta para com Deus e os seus.

Posteriormente, Hume, ao abordar a questão do suicídio, discutirá as questões de ordem filosófica e religiosa, retirando, em certa medida, o suicida do banco dos réus.<sup>19</sup> A Filosofia para ele, constituir-se-ia em poderoso antídoto contra as superstições e, também, contra as falsas religiões. Ademais, um homem supersticioso seria, por certo, um miserável que sequer teria coragem de tirar a própria vida, pondo um ponto final à miséria de sua existência. Ao enfatizar isso, inicia espécie de defesa daqueles que, pelas calamidades da vida, incorreram no caminho do suicídio. “Para provar que o suicídio não é uma transgressão de nosso dever para com deus talvez sejam suficientes as considerações a seguir.”<sup>20</sup> Para Hume, o criador estabeleceu leis com o intuito de governar o mundo material e estas seriam imutáveis e gerais, as quais todos os corpos, seres vivos e não-vivos estariam destinados. Deste modo, a vida humana estaria submetida a leis determinadas, da mesma maneira que os animais. No entanto, tais leis estariam sujeitas às leis mais gerais, constituintes da matéria e do movimento.

Assim, dado que a vida humana depende sempre de leis gerais da matéria e do movimento, é possível afirmar que um homem que dispõe da vida é um criminoso, por ser absolutamente criminoso transgredir os limites de tais leis ou por perturbar a operação? Isso parece absurdo [...] Assim, se reunirmos estas conclusões perceberemos que a vida humana depende das leis gerais da matéria e do movimento, e que não constitui nenhuma intromissão no domínio da providência se desviarmos ou alterarmos estas leis gerais.<sup>21</sup>

O ser humano para Hume teria a opção de tirar a própria vida quando se sentisse infeliz ou quando sua existência se tornasse insuportável, indesejável. Toda a argumentação do autor consiste em deixar explícito que a vida deve ser digna para que possa ser vivida em

<sup>18</sup> TOMAS DE AQUINO, op. cit.

<sup>19</sup> HUME, David. Do suicídio. In: HUME, David. *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2006.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 36-37.

toda a sua plenitude, independentemente da existência ou não das leis gerais que possam governar a vida humana. Afirma o autor: “acredito que nenhum homem ameaçou tirar a vida enquanto ela era digna de ser vivida.”<sup>22</sup> Assim, ninguém que reconhecesse que as doenças, a velhice ou a má sorte pudesse tornar a vida um verdadeiro fardo deveria duvidar que o suicídio, muitas vezes, constitui-se em uma saída para todos esses males. Com relação ao comprometimento para com a comunidade ou com a sociedade de maneira geral, Hume é categórico ao afirmar que ninguém é obrigado a fazer um bem para a sociedade à custa de um mal maior para si mesmo.<sup>23</sup> Para que insistir na duração de uma existência “miserável” em troca de pequenas vantagens que poderiam advir da convivência na comunidade? Assim, discorrerá também o autor sobre aqueles que, em melhor posição social, em melhor situação de saúde ou financeira teriam, efetivamente, melhores razões para afirmar e dizer que estão de bem com a vida e que esta deveria ser prolongada ao extremo. “A única maneira pela qual poderíamos ser úteis à sociedade seria dando um exemplo que, se fosse imitado, preservaria para toda a pessoa a oportunidade de felicidade na vida, e a libertaria eficazmente de todo o perigo e de toda a miséria.”<sup>24</sup> As conclusões as quais Hume chega são: o suicídio não é uma ofensa a Deus, uma vez que o homem pode utilizar de suas capacidades para assegurar o seu conforto, felicidade ou conservação; O suicídio não é prejudicial à sociedade na medida em que seu desaparecimento do social não causa nenhum mal, mas apenas deixa de fazer o bem, sendo este um erro dos menores; O suicídio não seria uma ofensa com relação a si mesmo, uma vez que nenhum homem rejeitaria a vida se esta valesse a pena ser mantida. Tais são suas principais conclusões.<sup>25</sup>

Assim, foram sendo forjadas algumas das diferentes concepções acerca do suicídio, considerando-se que os arranjos aqui apresentados são exemplificadores não da totalidade, mas das principais ideias delineadas acerca desse tema ao longo dos tempos e que ganhou novos contornos à medida que a sociedade avançou e se complexificou. Na Idade Média, a morte voluntária será definida como “tentação diabólica ou sintoma de loucura e o ato passa a ser considerado criminoso.”<sup>26</sup> Serão previstas punições para o cadáver, além do confisco dos bens do morto. Os corpos dos suicidas eram, muitas vezes, enterrados à noite, em encruzilhadas, sem qualquer serviço fúnebre ou, ainda, do lado de fora dos cemitérios, em repúdio ao ato praticado. Muitas vezes o corpo era arrastado pelas ruas e pendurado. A

---

<sup>22</sup> HUME, op. cit., p. 44.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Ibidem, p.45.

<sup>25</sup> MINOIS, Georges. *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 312-313.

<sup>26</sup> MINOIS, op. cit., p. 40.

profanação pública dos cadáveres dos suicidas era comum e buscava evitar “influências perniciosas sobre os vivos.”<sup>27</sup> Nesse período, o suicídio era considerado pecado mortal e as atrocidades cometidas contra os corpos dos suicidas eram praticadas com pompa eclesiástica e legal, aliadas também ao prazer.<sup>28</sup> O horror ao suicídio, que sobreviveu tanto tempo na Europa, era um horror ao sangue perversamente derramado. Na prática, isso significava que o suicídio era equiparado ao assassinato. Por isso, o costume da punição ao corpo do suicida, como se ele fosse culpado de um crime capital e não como o fim de uma longa experiência relacionada ao isolamento e à dor.<sup>29</sup> O que se percebe é que na Idade Média o tabu relacionado ao suicídio vinculava-se a toda uma preocupação atinente à morte: vermes, putrefação, transitoriedade da glória terrena, a impiedade da decadência e o julgamento selvagem de Deus.<sup>30</sup>

Com Dante surgirá um dos cantos mais tenebrosos dedicado aos suicidas e ao sofrimento no inferno: no sétimo círculo abaixo dos hereges que ardem no fogo e dos assassinos que cozinham num rio de sangue quente, haveria uma floresta escura e sem trilhas onde as almas dos suicidas crescem por toda a eternidade na forma de espinheiros tortos e venenosos. As harpias, monstros de asas imensas, barrigas emplumadas, rostos humanos e patas providas de garras, aninham-se nessas árvores atrofiadas e mordiscam suas folhas. Pela floresta inteira só se ouve o som de lamentos.<sup>31</sup> Quando a alma se desprende violentamente de seu próprio corpo, Minos a lança a esmo na terrível floresta, onde ela germina como um grão de trigo, transformando-se com o tempo numa árvore coberta de espinhos.<sup>32</sup> As harpias farão ninhos nos galhos da árvore coberta de espinhos e os arrancarão, lentamente, buscando reproduzir a violência praticada contra si mesmo. As punições consistiam em degradar o corpo do suicida para que servisse de modelo a todos aqueles que desejassem seguir este percurso. Essa ofensiva contra o corpo dos suicidas e também à sua família não durou para sempre. Gradualmente as sanções legais e religiosas foram sendo amenizadas.

Os cadáveres não eram mais enterrados nas encruzilhadas; gradualmente, em vez disso, eram sepultados ao lado norte dos cemitérios. Em vez de sofrerem o castigo em isolamento, os corpos dos suicidas, agora, mantêm a companhia geográfica de outros renegados da sociedade e não-cristãos: excomungados, bebês pagãos e criminosos executados.”<sup>33</sup>

<sup>27</sup> JAMISON, Kay Redfield. *Quando a noite cai: entendendo o suicídio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

<sup>28</sup> ALVAREZ, A. *O Deus selvagem: um estudo do suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 151.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>31</sup> ALIGUIERI, Dante. *Divina Comédia*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 78.

<sup>32</sup> ALVAREZ, op. cit., p. 152.

<sup>33</sup> JAMISON, op. cit., p. 11.

No período do Renascimento, o suicídio se populariza e chega-se a falar em epidemia de suicídios. Há um incremento dessa temática na literatura e “as obras literárias e o teatro tornam-se o lugar da abordagem da morte voluntária.”<sup>34</sup> A repressão ao suicida tenderá à diminuição a partir dos séculos XVI e XVII e a Revolução Francesa proibirá qualquer tipo de condenação.<sup>35</sup> Aos poucos, a Igreja vai tornando-se mais tolerante e as punições religiosas não mais serão aplicadas àqueles que realizaram o ato em um momento de loucura.

Alguns séculos foram privilegiados na reflexão acerca do suicídio e este se tornou, pouco a pouco, um mal mental, moral, físico e social. Com o advento da modernidade, tanto a sociedade quanto a Igreja vão se tornando mais condescendentes com o fenômeno e já se podia adquirir um certificado médico de suicídio “involuntário”, uma espécie de autorização para o enterro religioso.<sup>36</sup> Havia, ainda, algumas justificativas que poderiam perdoar o ato como, por exemplo, ter sofrido algum tipo de tortura, a preservação da castidade, a manutenção da honra, entre outras. O juízo prevalecente nesse momento é o de que a sociedade deve desaprovar a ideia do suicídio, desencorajando os indivíduos de cometê-lo. A punição serviria, então, de alerta para que não se buscasse essa alternativa. Desta forma, certa pressão social seria necessária, ajustando os atos individuais.<sup>37</sup> Todavia, essa questão foi polêmica, eis que o fato da desaprovação do suicídio levou-o a uma espécie de tabu e, enquanto tal, sua prevenção foi sendo comprometida. O debate travado na Europa nesse período apontava tanto para um ato de loucura momentânea, onde o autor seria irresponsável por seu ato, como também a morte voluntária continuava a ser tratada como nefasta e condenável.<sup>38</sup> As disposições movimentavam-se de forma oscilante: entre a loucura e a afronta a Deus. No entanto, a tendência, cada vez maior, foi a da não penalização formal do ato suicida. Se o contrato social acordado na modernidade exigia que cada um participasse da manutenção do Estado, este, por sua vez, deveria garantir o bem-estar de todos.<sup>39</sup> Desta forma, deveria a sociedade, efetivamente, envolver-se com os seus, garantindo-lhes vida digna de ser vivida. Entretanto, cabe ressaltar que o suicídio era visto de forma diversa, dependendo da classe social a que o suicida pertencesse.

Tanto no romance quanto na vida, o camponês que se enforca para escapar da miséria é um covarde e o seu corpo deve ser supliciado e sua alma ir para o inferno;

<sup>34</sup> KURCGANT, Daniela; WANG, Yuan Pang. Aspectos históricos do suicídio no Ocidente. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang (Coord.). *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 43.

<sup>35</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. *O que é suicídio*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 36.

<sup>36</sup> DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: testemunhos do adeus*. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 39.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>38</sup> KURCGANT; WANG, op. cit., p. 48

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 49.

o cavaleiro impetuoso que prefere a morte na batalha à rendição é um herói a quem se prestam honras civis e religiosas. Não encontramos um único caso de processo contra o cadáver de um nobre que na Idade Média tenha morrido de morte voluntária.<sup>40</sup>

Assim, o suicídio dos camponeses ou artesãos era considerado uma afronta social, enquanto àquele praticado pelos nobres teria toda uma natureza altruísta, de desprendimento, podendo ser provocado pelo amor excessivo, cólera ou loucura e, nesse sentido, seria desculpável. Já o suicídio “rústico” era considerado ato isolado, de covardia.<sup>41</sup> Era um ato isolado, praticado às escondidas, dissimulado, ocultado e, portanto, inspiração diabólica. Nesse contexto, emergirão novos estudos que tratarão da relação complexa entre indivíduo e sociedade: nessa intrincada relação poderia estar a solução para um mal que sempre castigou a humanidade.

## 2.2 Láquesis contrariada

Na perspectiva da análise social surge a preocupação em mensurar como o sistema social influenciaria, efetivamente, a prática do suicídio. Esta análise do alcance social na determinação do suicídio inicia pela Sociologia e, em 1897, Émile Durkheim definirá o suicídio, analisando-o exaustivamente.<sup>42</sup> O suicídio torna-se fenômeno social, diferentemente da análise empreendida nos períodos anteriores, ou seja, é expressão individual de uma crise que é, contudo, social. Nela, o autor se propõe a examinar o fenômeno do suicídio como um fenômeno social associado a alguns elementos: a) anomia ou sinomia relativa do grupo (normas aceitas e sentido de pertencer moralmente ao grupo) e b) ligações entre indivíduo e grupo. Para Durkheim, o suicídio estaria determinado pelos vínculos sociais estabelecidos entre indivíduo e grupo e a sociedade teria a faculdade de regular estas taxas de acordo com funcionamento próprio. Desta maneira coloca em questão a “liberdade” da prática do suicídio, afirmando que a força determinante desse ato é uma força de cunho social, mesmo admitindo a existência de certa predisposição psicológica. Durkheim principia sua obra definindo o suicídio como “todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima e que ela sabia que produziria este resultado.”<sup>43</sup> Afasta, portanto, a partir dessa definição, toda a tentativa que não resulte na morte propriamente dita.

<sup>40</sup> MINOIS, op. cit., p. 23.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Cf.: DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>43</sup> KURCGANT; WANG, op. cit., p.14.

Definido o conceito, versará sobre o imperativo de ver este fenômeno não mais como fenômeno singular, mas como acontecimento de caráter social, pois, para o autor, cada sociedade possui uma disposição própria para o suicídio. “Esta disposição pode ser observada através da taxa de mortalidade-suicídio que é medida através da razão entre o número total de mortes voluntárias e a população de todas as idades e todos os sexos.”<sup>44</sup> Percebe, então, a variabilidade nas taxas de mortalidade-suicídio em diferentes países e infere que em cada um destes existe um coeficiente de aceleração próprio. “Estes dados estatísticos expressam a tendência ao suicídio pela qual cada sociedade é coletivamente afligida.”<sup>45</sup> Cada sociedade está, desta maneira, predisposta a oferecer uma taxa, um certo contingente de mortes por suicídio e o estudo dessas taxas, desses conjuntos de mortes, poderia ser objeto de estudo da sociologia. Após a definição do suicídio, considera fatores extrassociais como raça, etnia, clima, hereditariedade, que foram analisados e contestados. Identifica algumas causas sociais do fenômeno e os tipos sociais, sopesando-os sob sua forma coletiva utilizando, para tanto, dados estatísticos. Ademais, constrói uma tipologia composta por três tipos fundamentais de suicídio: o egoísta, o altruísta e o anômico. Essas três modalidades se constituiriam na expressão do conflito existente entre indivíduo e sociedade, eis que cada sociedade gera, em seu próprio seio, correntes de egoísmo, altruísmo e anomia. Um quarto tipo de suicídio seria o suicídio fatalista, no entanto, Durkheim pouca atenção dá a esse tipo de suicídio, descrevendo-o apenas em nota de rodapé na sua obra maior.

O suicídio egoísta é caracterizado com base em três pressupostos: o suicídio varia em razão inversa ao grau de integração da sociedade religiosa. O suicídio varia em razão inversa ao grau de integração da sociedade doméstica. O suicídio varia em razão inversa ao grau de integração da sociedade política.<sup>46</sup>

O suicídio egoísta resultaria assim, de um excesso de individualismo e de um desinteresse do indivíduo pela sociedade a qual pertence, resultando em falta de integração. A sociedade, não estando integrada de forma suficiente, torna-se incapaz de gerir, de comandar e de colocar os seus membros sob a sua dependência. Desta forma, os indivíduos se lhe escapam. Com isso, Durkheim está abalizando a influência do grau de integração dos diferentes grupos sociais dos quais o indivíduo faz parte, na relação estreita com o suicídio. O que importa são os vínculos estabelecidos entre a sociedade e os indivíduos, porquanto os indivíduos estariam predispostos ao suicídio quando estivessem pensando essencialmente neles, quando não estivessem integrados em diferentes grupos sociais. Desta maneira, quanto

---

<sup>44</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 20.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 25.

mais integrado a grupos sociais religiosos, familiares, de trabalho, menor seria a perspectiva dos indivíduos incorrerem no suicídio. Os métodos estatísticos utilizados são simples: compara a frequência dos suicídios entre homens casados e solteiros da mesma idade, de modo a identificar o que chama de coeficiente de preservação, indicador da redução da frequência do suicídio em determinadas idades devido à situação familiar. Estabelece os coeficientes de preservação ou, adversamente, os coeficientes de agravamento, para mulheres celibatárias ou casadas, para viúvos e viúvas.<sup>47</sup>

O suicídio altruísta, no entanto, parecia ser causado por outro mal. O indivíduo encontra-se fortemente integrado ao grupo social, consome-se no todo, perde-se no grupo e sua identidade confunde-se com a dos demais. Desta forma, o indivíduo é

Indistinto de seus companheiros, por assim dizer, ele é apenas uma parte *aliquot* do todo, sem valor por si mesmo. Sua pessoa tem tão pouco valor [...] É natural então que ele esteja menos protegido contra as exigências coletivas e que a sociedade não hesite em lhe solicitar, pela menor razão, que dê fim a uma vida a que ela dá tão pouco valor.<sup>48</sup>

Esse tipo de suicídio seria característico das sociedades inferiores e são exemplificados através de três conjuntos de suicídio: o suicídio de homens na velhice ou comprometidos com doenças, o suicídio de mulheres pela morte do marido e o suicídio de servidores por ocasião da morte dos seus superiores. O indivíduo se autodestrói por imperativos sociais, matando-se por confundir-se com a sociedade a qual pertence, restando-lhe pouca autonomia. Suas vontades individuais, seus desejos, não têm mais sentido. Para Aron, haveria dois tipos básicos na corrente suicidógena: “aqueles que se afastam demais do grupo social e aqueles que estão demasiadamente presos a ele.”<sup>49</sup> Se no suicídio egoísta o indivíduo, pela falta de integração social, é desatado de sua existência, no suicídio de tipo altruísta o indivíduo se encontra em extrema dependência social. É um autossacrifício com finalidades sociais, onde a individuação é problemática, uma vez que o indivíduo se encontra absorvido pelo grupo. O suicídio anômico é o terceiro da tipologia durkheimiana. Ele apresenta como característica o vínculo que o autor perfaz entre o suicídio e as crises econômicas ou mesmo o crescimento e o desenvolvimento econômico. Esse tipo de suicídio estaria fortemente relacionado à vida moderna, ao advento da sociedade moderna, “à sociedade industrial” e poderia ser observado através da correlação entre a frequência de óbitos por suicídio e as diferentes fases do ciclo econômico.

<sup>47</sup> ARON, Raimond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 302.

<sup>48</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 275.

<sup>49</sup> ARON, op. cit., p. 303.

No estudo desenvolvido por Durkheim, há uma tendência ao aumento das taxas de suicídio em momentos de crise econômica, mas, também, em momentos de grande prosperidade. É característico dos estados definidos por Durkheim como anômicos, derivados da anomia, da ausência de regras que regulam o comportamento social dos indivíduos. Essa carência faz com que os indivíduos fiquem, por determinados períodos, sem regulação e a sociedade deixa de exercer seu efeito controlador abrindo, com isso, espaços anômicos, de descontrole, de desregulação, de desintegração. Para o autor, o suicídio anômico aumentaria com a elevação dos casos de divórcio e sua preocupação, que chega a obstiná-lo, é a crise que atravessa a sociedade moderna, definida pela desintegração social e pela debilidade dos laços que ligam o indivíduo ao grupo.<sup>50</sup> Em seu estudo, percebe que o homem divorciado se encontra mais vulnerável ao suicídio do que a mulher e parece encontrar no casamento a disciplina perdida no momento do divórcio. Esse tipo de suicídio atingiria os indivíduos no que concerne às suas condições de vida e à maneira como se vive na sociedade moderna, onde a ordem social estaria fragilizada e desregulamentada. As transformações sociais poderiam provocar, também, processos de anomia e, como consequência, haveria chances de “[...] as diferentes partes do organismo social não se coadunarem entre si.”<sup>51</sup> As regras que regulam os comportamentos não mais respondem às questões demandadas e pode não haver, em contrapartida, setores organizados que tratem da elaboração das novas regras ou normas de conduta. Destarte, a anomia seria um espaço desprovido de proteção e de regras, sem mecanismos de controle e preservação, favorecendo as condutas suicidas. Durkheim pontuará, ainda, que os suicídios egoísta e o anômico apresentam similitudes, na medida em que ambos provêm do fato de a sociedade não estar suficientemente incorporada nos indivíduos. No suicídio egoísta, a sociedade estaria ausente da atividade propriamente coletiva, deixando-a desprovida de objetivo e significado. Já no suicídio anômico faltariam freios para as paixões individuais, deixando-as assim sem limites.<sup>52</sup> A desregulação familiar proporcionada pela morte de um dos cônjuges, as separações ou divórcios, implicariam em um enfraquecimento da regulamentação social que rege os matrimônios e a vida doméstica, consumindo os vínculos sociais que ligam o indivíduo à sociedade, deixando as paixões individuais soltas e sem controle.

Esperanças novas são constantemente despertadas e frustradas, deixando atrás de si uma impressão de fadiga e desencanto. Como, aliás, o desejo poderia se fixar, uma vez que não tem certeza de poder conservar aquilo que atrai? Pois a anomia é dupla. Do mesmo modo como o indivíduo não se dá definitivamente, ele não possui nada

---

<sup>50</sup> ARON, op. cit., p. 304.

<sup>51</sup> DIAS, op. cit., p. 27.

<sup>52</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 329.

definitivamente. A incerteza do futuro aliada à sua própria indeterminação, condena-o, portanto, a uma eterna mobilidade. De tudo isso resulta um estado de agitação, perturbação e de insatisfação, que aumenta necessariamente as possibilidades de suicídio.<sup>53</sup>

Para Durkheim, a atividade do sociólogo distinguir-se-ia da atividade do clínico, que analisa casos individuais. O suicídio pode ser explicado sociologicamente através da taxa de mortalidade-suicídio: é a constituição moral da sociedade que estabelece, a cada instante, o contingente de mortes voluntárias. Existiria, portanto, “[...] para cada povo uma força coletiva, de energia determinada, que leva os homens a se matar.”<sup>54</sup> Essa predisposição que cada sociedade possui com relação ao suicídio é abordada por Durkheim ao apontar a existência dos suicidas enquanto minoria ínfima que se encontra dispersa no mundo. “Cada um deles realiza seu ato separadamente, sem saber que outros fazem o mesmo por seu lado; no entanto, enquanto a sociedade não muda, o número de suicidas é o mesmo.”<sup>55</sup> As causas legítimas do suicídio seriam então causas de ordem social. Seriam forças sociais que se alteram conforme os grupos em que se encontram. Essas forças derivariam do grupo e não dos indivíduos. “Os suicídios são fenômenos individuais, cujas causas são, contudo, essencialmente sociais.”<sup>56</sup> Na perspectiva de Durkheim, a sociedade moderna, que desponta à época de seu estudo, é uma sociedade que apresenta alguns indícios de patologias e entre estas estaria o incremento das taxas de suicídio. O homem, para ser feliz, precisaria estar integrado na sociedade à qual pertence e somente tal integração seria garantidora de felicidade, representando a execução, por parte do social, do controle das vidas e dos modos de vida humanos.

O homem, na visão durkheimiana, seria um homem de desejos que precisaria ser constantemente velado para não se desvanecer em volições. O que é certo, na perspectiva deste autor, é que o suicídio estaria determinado pelos vínculos sociais estabelecidos entre indivíduo e grupo e que a sociedade teria a possibilidade de regular as taxas de mortalidade-suicídio de acordo com funcionamento próprio. Coloca, desta maneira, sob suspeita a questão a “liberdade” da prática do suicídio, afirmando que a força determinante desse ato é uma força de cunho social. A sociedade, através de correntes suicidógenas de egoísmo, altruísmo e anomia, agenciaria os indivíduos à autodestruição. Tais correntes têm procedência social variável e se constituiriam na causa real dos suicídios. Derivariam da coletividade e não dos indivíduos, sendo fenômeno patológico que na sociedade moderna assume um caráter de

---

<sup>53</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 347.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 391.

<sup>56</sup> ARON, op. cit., p. 305.

normalidade. Indivíduo e sociedade formariam um “binômio indivisível”<sup>57</sup> e a cultura ocidental estaria revestida de um conteúdo mórbido, eis que conduz a níveis elevados de autodestruição.

### 2.3 Átropos na terra da psicanálise

De maneira diversa, as teorias vinculadas à psicanálise também abordam o suicídio. Nesta perspectiva, as principais contribuições vêm da psicanálise freudiana, na análise que desenvolve acerca do objeto amado internalizado. Em uma tentativa de preservação do objeto amado, a sua representação mental é internalizada e acaba por fazer parte do próprio ego do indivíduo que, em situação de raiva, ataca o objeto internalizado e contido no ego. O autor descreve os mecanismos psicológicos que entram em jogo quando o indivíduo decide dar fim a si mesmo. Importante salientar que existem algumas categorias desenhadas por Freud que é preciso compreender para alcançar o trabalho do autor com relação à vida e à morte. Uma das questões pontuais encontra-se na divisão do psíquico. Este se dividiria entre o que é consciente e o que é inconsciente. Tal divisão caracteriza a premissa maior da psicanálise. Descobre-se, com Freud, que o estado de consciência é um estado transitório apenas. Existem ideias ou processos mentais “muito poderosos que podem produzir na vida mental todos os efeitos que as ideias comuns produzem embora estes não se tornem conscientes.”<sup>58</sup> Para que algumas ideias não tenham a propriedade de se tornarem conscientes, há uma espécie de força que Freud chama de repressão e que é percebida como resistência, sendo que “a ideia de consciente e inconsciente é caudatária da teoria da repressão.”<sup>59</sup>

Neste sentido, o que está reprimido é o arquétipo do inconsciente que, por sua vez, divide-se entre um inconsciente que é latente e, portanto, capaz de em algum momento, tornar-se consciente e no reprimido, que é o inconsciente que não se tornará consciente. Diz o autor: “ao latente chamamos de pré-consciente e ao reprimido de inconsciente.”<sup>60</sup> Essa noção de consciente e inconsciente torna-se fundamental para a compreensão de outros conceitos postulados pelo autor: o conceito de id, ego e superego. Em cada indivíduo existiria uma organização dos processos ou dinâmicas mentais desenvolvidas pelo ego. A consciência se encontraria ligada ao ego e é ele que faz a mediação e o controle para com o mundo externo. “Ele é a instância mental que supervisiona todos os processos constituintes e que vai dormir à

<sup>57</sup> ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. *Suicídio: fragmentos de psicoterapia existencial*. São Paulo, Pioneira, 1997, p. 20.

<sup>58</sup> FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1997a, p. 12.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>60</sup> *Ibidem*, loc. cit.

noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos.”<sup>61</sup> O ego é elemento de mediação e, como nem sempre as necessidades podem ser satisfeitas imediatamente, faz-se necessário aguardar para que a demanda seja satisfeita. O ego obedece, então, ao “princípio da realidade”<sup>62</sup>, ou seja, a satisfação deve ser adiada. Ele decide quando e como as necessidades serão satisfeitas, quais são as ações apropriadas para a satisfação das necessidades, sempre mediando os desejos do id e as exigências do superego. O id, para Freud, seria a “parte mais primitiva da personalidade,”<sup>63</sup> a partir da qual o ego e o superego se desenvolvem. Consiste em impulsos biológicos básicos como, por exemplo, a necessidade de comer, beber, evitar a dor e obter prazer sexual. O id está sempre buscando a satisfação das necessidades e estas, de preferência, devem ser saciadas de maneira imediata. Ele opera sob o princípio do prazer, postulando o prazer em primeiro lugar e buscando evitar a dor e o sofrimento a todo custo, independentemente das circunstâncias externas que possam haver. O id é uma parte da mente que é também atravessada pelo ego. “Este não está necessariamente separado do id, sua parte inferior funde-se com o id, é uma parte dele.”<sup>64</sup> Na verdade o ego é uma parte do id que foi modificada, transformada pela influência do mundo externo e é, notadamente, um ego corporal, pois é do corpo que emergem as mais diferentes sensações, tanto externas como internas, de dor, alegria, frustração, sofrimento, melancolia.

Já o superego seria a “terceira parte da personalidade humana e julga se as ações estão corretas ou não.”<sup>65</sup> O superego representa a internalização dos valores, das normas e regras sociais, articulando a consciência individual e a imagem desta pessoa na sociedade, como pessoa moralmente ideal. O superego se desenvolve como resposta às recompensas e às punições parentais, forjando o seu comportamento. Assim, através do comportamento dos pais com relação a diferentes situações, o indivíduo vai aprendendo padrões de referência e a violação desses parâmetros pode levar à angústia. Enfim, o superego seria resultante das normas impostas ao ego representando, também, uma formação reativa a estas. Freud se reportava também ao “ideal do ego” como sendo aspirações da consciência que são adquiridas a partir dos pais, da religião, da educação e de outros modelos ideais. Algumas outras questões necessitam, todavia, de compreensão. Para Freud, o que decidiria o propósito da vida seria um princípio: o princípio do prazer. Esse princípio dominaria o processo de funcionamento do aparelho psíquico humano. A felicidade e sua busca incluir-se-iam nos

---

<sup>61</sup> FREUD, 1997a, op. cit., p. 15.

<sup>62</sup> ATKINSON, Rita L. *et al. Introdução à psicologia*. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 426.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 427.

<sup>64</sup> FREUD, 1997a, op. cit., p. 25.

<sup>65</sup> ATKINSON, op. cit., p. 427.

planos da criação humana e adviriam de necessidades represadas. No entanto, a felicidade não se encontra sozinha no mundo: parte da vida é felicidade, outra parte é sofrimento. Neste sentido, Freud procurará desenvolver uma concepção de natureza humana que funciona em termos de duas tendências essenciais: Eros (pulsão que conduz à vida) e Tanatos (pulsão que conduz à morte). Essas tendências correspondem a duas dimensões distintas. A pulsão vinculada à vida, por um lado, conduziria ao crescimento, à reprodução, à conexão com os outros. Por outro lado, a dimensão vinculada à morte ou à pulsão de morte buscaria destruir, danificar, desagregar e desconectar. O equilíbrio entre essas duas dimensões é fundamental e deveriam funcionar de forma paralela, onde a pulsão de morte deve estar a serviço da vida. O suicídio ocorre, então, quando há uma preponderância da pulsão de morte sobre a pulsão de vida, ou seja, seria a expressão máxima da pulsão de morte. O sofrimento faz parte da vida, assim como as duas pulsões que a norteiam. Todavia, o sofrimento sempre ameaça em três direções singulares: “(i) de nosso próprio corpo que está condenado à decadência e à dissolução; (ii) do mundo externo, que pode voltar-se contra nós, com forças esmagadoras e impiedosas; (iii) de nossos relacionamentos com outros homens.”<sup>66</sup> Este último seria, para Freud, o mais penoso de todos os sofrimentos.

Devido a essa possibilidade de sofrimento, os homens se acostumaram a moderar as suas reivindicações de felicidade e, neste sentido, a satisfação de todas as necessidades seria oferecida como proposta tentadora. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio do prazer é substituído pelo princípio de realidade. “Este princípio exige e efetua o adiamento das satisfações, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-las e a tolerância temporária do desprazer.”<sup>67</sup> Na medida em que se vive em sociedade e em função das ideias culturais que cada sociedade impõe como norma, os indivíduos tornam-se neuróticos, em maior ou menor grau, pois, segundo Freud, não haveria possibilidade da satisfação de tudo que reconhecemos como necessidades. Freud então postula: “de que vale uma vida longa se ela se revela tão difícil e estéril em alegrias e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como libertação?”<sup>68</sup> Destarte, deve-se voltar à atenção para a natureza da nossa civilização, onde algumas categorias ocupam lugar especial, notadamente a beleza, a ordem, que se colocam como exigências, além dos relacionamentos entre os homens que se tornam regrados e regulados. “Como primeira exigência da civilização encontra-se a justiça que se torna necessária na medida em que o grupo, a maioria, está à frente dos

---

<sup>66</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997b, p. 25.

<sup>67</sup> FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 12.

<sup>68</sup> FREUD, 1997b, op. cit., p. 40

indivíduos isolados.”<sup>69</sup> O poder do grupo é mais forte que o poder individual e o poder da comunidade é estabelecido como direito. Desta forma, a liberdade do indivíduo é sacrificada em nome da comunidade, em nome do que se chama civilização ou processo civilizatório. A civilização passa a constituir a restrição em contraponto à liberdade individual. Para Freud este processo coincide com outro que se chama sublimação (dos fins instintivos), cuja característica é a de possibilitar que se desenvolvam atividades psíquicas superiores, sejam elas artísticas, científicas ou ideológicas. “Neste sentido a renúncia dos instintos levaria à frustração cultural.”<sup>70</sup>

Outrossim, a análise da natureza da melancolia ocupou parte do trabalho de Freud,<sup>71</sup> comparando-a com o luto. Como luto, Freud definirá “a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.”<sup>72</sup> Neste ponto o autor procura demonstrar como a agressão do indivíduo pode voltar-se contra si mesmo, pois no luto normal o indivíduo acaba aceitando a perda podendo, posteriormente, investir em outros objetos. No entanto, no caso da melancolia, o indivíduo “abandonado” por seu objeto de amor não mais consegue investir sua libido em outro objeto. O indivíduo não consegue mais expressar a sua agressividade que se volta contra ele mesmo. Ao invés de luto, muitas pessoas produzem melancolia e haveria a suspeita de uma predisposição patológica para essa conformação. Como traços distintivos da melancolia Freud apresentará

[...] um desânimo profundamente penoso, a cessação do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envelhecimento, culminando numa expectativa delirante de punição.”<sup>73</sup>

No luto, a situação é semelhante, porém, a ausência da autoestima não está presente. Para Freud, no luto a realidade faz ver que o objeto amado não mais existe e passa a exigir que a libido desfça as ligações que possui com o objeto agora inexistente. Esse desprazer deve ser aceito de maneira natural e quando “o trabalho de luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido.”<sup>74</sup> Assim, na melancolia também poderá haver o caso da perda de um objeto amado, talvez não uma morte, mas a perda de um objeto de amor. No entanto, por

<sup>69</sup> FREUD, 1997b, op. cit., p. 50.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>71</sup> FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 275-291.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 277.

<sup>73</sup> Ibidem, p. 276.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 277.

vezes, não se sabe o que realmente foi perdido. Pode a pessoa saber quem perdeu, mas não necessariamente o que perdeu neste alguém. Esse fato faz com que a melancolia esteja atrelada, de alguma maneira, a uma perda não exatamente consciente, diferente do luto, onde se sabe quem ou o que foi perdido. Toda a questão consiste em conhecer, no melancólico, o que está faltando. “No luto o mundo se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego.”<sup>75</sup> Na melancolia, o indivíduo investe o potencial agressivo contra si mesmo, contra sua própria pessoa e acaba por reintrojetar o objeto perdido, identificando-se com o mesmo. A situação

[...] é ambivalente onde sua tendência à autodestruição seria o resultado da necessidade de destruir o objeto odiado (e amado) que toma parte do seu ego. Com isso, o desejo de suicídio viria também acompanhado do desejo inconsciente de matar outra pessoa ou a coisa que o incomoda. O indivíduo, no impulso de livrar-se do mal que o perturba, acaba por destruir-se por inteiro.<sup>76</sup>

Finalmente, pode-se dizer que há dois momentos em que Freud analisa a questão do suicídio: a) como resultado de um conflito psíquico, onde há a primazia da pulsão de morte ou autodestruição sobre a pulsão de vida; e b) como manifestação centrada no conceito de pulsão de morte, que se manifesta de diferentes formas, entre elas a melancolia. Neste sentido, quanto mais o indivíduo domina a agressão, mais severo e agressivo se torna o seu superego, fazendo com que a agressão se volte contra si mesmo.

De forma diversa, em seu estudo acerca do suicídio, Menninger apresenta a assertiva de que, ao cometer o suicídio, o homem realiza pelo menos três desejos: matar, morrer e ser morto.<sup>77</sup> Em cada suicídio estaria presente, em maior ou menor grau, um desses desejos. Desta forma, o suicídio renunciaria a existência de alguns elementos como, em primeiro lugar, o homicídio. “Na língua alemã é literalmente o homicídio *de si* próprio (*selbstmord*).”<sup>78</sup> Seria uma morte onde se encontrariam combinados, em uma só pessoa, em um único sujeito, o assassino e o assassinado. O autor assegura que “não há suicídio consumado a menos que a pessoa do suicida deseje também morrer.”<sup>79</sup> O desejo de matar faria parte do instinto destrutivo que acompanha o homem desde o seu nascimento e que pode ser observado nas reações da criança à aproximação de um rival, à ameaça de privação de satisfações. Eliminar as privações e as ameaças não significa, necessariamente, matar, na medida em que este desejo, no processo de socialização, passa a ser inibido. Todavia, pode significar negociar, ceder, cooperar e mesmo juntar-se à. No entanto, esse desejo, quando privado de certos

<sup>75</sup> FREUD, 1998, op. cit., p. 278.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 291.

<sup>77</sup> MENNINGER, Karl. *Eros e Tânatos: o homem contra si próprio*. São Paulo: Ibrasa, 1970.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 37.

objetos externos de satisfação inconsciente, pode voltar-se para a própria pessoa. Para Menninger, o suicídio estaria dividido em: a) o ato suicida, caracterizado por manifestações repentinas de autodestruição; b) suicídio crônico ou lento, como por exemplo, por alcoolismo; e c) suicídios focais, onde a atividade autodestrutiva se concentraria em uma parte do corpo, como por exemplo, os casos de automutilação. Estaria presente, neste caso, não somente a autodestruição realizada de forma inesperada, mas também pequenos “assassinatos” cotidianos de si, seja através de drogas, bebidas e mesmo da automutilação, quando muitas vezes haveria o privilégio de morte para algumas partes específicas do corpo. Neste sentido, descreve as tendências autodestrutivas que podem ser encontradas em uma série de atos que não são considerados como atos suicidas, pois a autodestruição vai se dando de forma lenta e gradual. Assim, como forma de *suicídio crônico* descreve o alcoolismo e a conduta antissocial e como *suicídio localizado* aponta as automutilações e os acidentes ocorridos de forma intencional.

Em outra perspectiva, Marcuse afirmará que alguns princípios fundamentais da teoria freudiana se tornaram obsoletos: “[...] afirmo que eles se tornaram obsoletos na medida em que seu objeto, o ‘indivíduo’ enquanto encarnação do id, do ego e do superego, se tornou obsoleto na realidade social.”<sup>80</sup> Para o autor supracitado, o estágio atual de desenvolvimento da sociedade apresenta mudanças qualitativas com relação aos princípios postulados por Freud. Tais mudanças se relacionariam aos conceitos psicanalíticos fundamentais e ao conteúdo social e político dos mesmos. Os conceitos psicanalíticos utilizados por Freud, notadamente aqueles vinculados às pulsões e satisfação dessas pulsões, para Marcuse serviriam como instrumentos ou mecanismos de controle social e político. O indivíduo, para Freud, seria o lócus onde se desenvolvem as lutas entre o id e o ego, entre o ego e o superego, entre o princípio da realidade e o princípio do prazer. “Esta luta é decidida, em última instância, no indivíduo e através do indivíduo, no seu corpo e na sua alma, através do seu corpo e da sua alma.”<sup>81</sup> Na busca pela razão, o indivíduo deveria renunciar ao princípio do prazer e submeter-se ao princípio da realidade, equilibrando a vida individual e a vida social. Assim, alguns pressupostos estão dados: há uma possibilidade de equilíbrio entre indivíduo e sociedade e, em caso de conflito, há sempre a possibilidade de conciliação. Ademais, este conflito teria sua gênese não apenas “na história patológica privada do paciente”<sup>82</sup>, mas na dinâmica da situação edípica, na relação pai-filho que contém o segredo da opressão do

---

<sup>80</sup> MARCUSE, Herbert. A obsolescência da psicanálise. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 91.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 93.

homem pelo homem. Para Marcuse, é nessa situação edipiana que se abrigam as raízes individuais, pulsionais do princípio de realidade. Desta maneira, através da terapia, o indivíduo deve reconhecer e aceitar esta situação, reconhecer o amor pelo progenitor/a e assim encontrar-se-á “libertado”. No entanto, não estará necessariamente feliz. “Os vínculos libidinais garantem, assim, a sujeição do indivíduo à sua sociedade.”<sup>83</sup> A obsolescência de que fala Marcuse vincula-se à concepção de Freud de que o conflito entre indivíduo e sociedade é decidido na confrontação com o pai, local da luta entre Eros e Tanatos, entre o princípio da realidade e o princípio do prazer. Assim, a primeira socialização do indivíduo seria através da família, na esfera do privado. Que problema vê Marcuse aqui? O problema estaria neste mesmo modelo. Esta situação, para o autor, deixaria de existir na sociedade “industrial” que surge. Entre os pressupostos marcuseanos estaria a impossibilidade de a família dominada pelo pai ser, na sociedade moderna, vetor de socialização. Hoje, predominaria um modelo de sociedade que dirige e constitui o ego dos indivíduos através dos “*mass media*”. Essa situação articula-se ao processo de erosão pelo qual passa a família, onde os filhos estão cada vez mais dissociados dos pais.

Em olhar complementar haveria, também, abordagens interdisciplinares que contribuem para a compreensão do fenômeno. Resmini analisará as tentativas de suicídio entre os adolescentes, buscando explicações na intersecção entre a sociologia, a psicologia e a psiquiatria, subsidiando a compreensão geral do fenômeno.<sup>84</sup> Para o autor, haveria uma influência social relativa aos grupos familiares e de iguais no funcionamento psíquico do adolescente, aliado ao reflexo do comportamento deste no grupo. O autor apresenta alguns fatores que podem interferir na conduta adolescente com relação ao suicídio. Mesmo referindo-se ao comportamento adolescente, cabe observar algumas dimensões que podem se ajustar ao comportamento suicida de maneira geral. São elas: a dinâmica familiar, a transmissão familiar, os estilos cognitivos e os fatores biológicos. A dinâmica familiar diz respeito a perturbações na estrutura familiar, incluindo a troca, a inversão dos papéis familiares, a perda de nitidez das fronteiras entre gerações, as alianças entre os membros da mesma família, a rigidez na assimilação de mudanças, a inabilidade para tolerar crises. A conclusão do estudo é que os pacientes suicidas apresentam deficiência na habilidade para resolver problemas, falham na percepção de alternativas e focalizam o suicídio como a única possibilidade, a única saída para o seu problema. Sinaliza para estudos que apontam que as

---

<sup>83</sup> MARCUSE, op. cit., p.93

<sup>84</sup> RESMINI, Enio. *Tentativa de Suicídio: um prisma para a compreensão da adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004, p. 79.

maiores taxas de suicídio encontram-se entre idosos, divorciados, viúvos, recém-casados e entre “grupos culturais que perdem sua identidade e tradições.”<sup>85</sup> Fatores sociais e individuais, por certo, teriam ascendência sobre o fenômeno do suicídio, visto que é fenômeno complexo, com distintas determinações. Destarte, o estudo acerca dos fatores de risco para o suicídio foi e é fonte de pesquisa para a área das ciências sociais e também para a área da saúde, no sentido de compreender as disposições associadas a este comportamento. Os fatores de risco poderiam ser definidos através do resgate da causa de morte por suicídios registrados oficialmente.

Um fator de risco, basicamente um conceito estatístico, é definido como uma associação entre alguma característica ou atributo do indivíduo, grupo ou ambiente, que aumenta a chance de se desenvolver um resultado adverso e mensurável, que precede o resultado, isto é, a probabilidade de ocorrência de uma condição particular relacionada ou não à doença. Entre estes fatores pode-se ainda destacar fatores demográficos, fatores psiquiátricos, fatores médicos, fatores familiares, fatores relacionados ao comportamento suicida e fatores relacionados à internação hospitalar e contatos com tratamentos médicos.<sup>86</sup>

Entre os fatores demográficos encontram-se, de acordo com os autores supracitados, a idade, com o predomínio da morte por suicídio entre idosos e adolescentes, o gênero masculino, a raça branca. Com relação ao estado civil, são apontados os viúvos, divorciados e separados como aqueles com maior risco com relação ao suicídio. Ainda, no que diz respeito à orientação sexual, os homossexuais e os bissexuais estariam mais predispostos que os heterossexuais, e o desemprego e os problemas financeiros também são apontados como fatores de risco. Além disso, a solidão e o isolamento são considerados fatores importantes e que podem conduzir ao suicídio. Entre os fatores psiquiátricos podem ser destacados os transtornos de humor, a dependência ou o abuso de álcool e drogas, transtornos alimentares e transtornos de personalidade. Com relação aos fatores médicos, os riscos aumentam para os portadores de HIV, câncer, epilepsia e esclerose múltipla.<sup>87</sup> Entre os fatores familiares, destacam-se uma história familiar de suicídio, história familiar de doença psiquiátrica, abuso sexual e violência no ambiente familiar. A desesperança e as tentativas de suicídios prévios são considerados fatores de risco relacionados ao comportamento suicida. Destacam-se ainda, alguns “fatores de proteção”<sup>88</sup> como a presença de crianças na família, o que parece trazer efeitos protetivos aos pais e senso de responsabilidade para com a família. Por fim, para a compreensão do suicídio haveria também que se entender o que causa o sofrimento e a “dor

<sup>85</sup> RESMINI, op. cit. p.106.

<sup>86</sup> MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung. Fatores de risco de suicídio. In: MELEIRO, Daniela; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang, op. cit., p. 109.

<sup>87</sup> MELEIRO, op. cit., p. 125.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 127.

psicológica” eis que o debate contemporâneo acerca do suicídio tem se desenvolvido, cada vez mais, através de discussão acerca da contribuição da sociedade no aumento da pobreza, da degradação social, na desesperança, condições estas que têm atuado sobre os comportamentos que, por sua vez, têm produzido mortes e vontade de morrer.<sup>89</sup> Tal questão é apontada também por Marx quando afirma que estaria na natureza da sociedade gerar muitos suicídios, não sendo um fenômeno antinatural.<sup>90</sup> Assevera o autor que as instituições sociais dispõem do sangue e da vida das pessoas, distribuem de forma desigual a justiça, os castigos e os instrumentos de suplício e a miséria das classes sociais. Assim, não seria de se espantar que a morte fosse preferida em detrimento de uma vida que é espezinhada em todas as suas dimensões. Desta forma, os tipos de suicídios classificados deveriam ser equiparados aos defeitos da sociedade. Em tabela divulgada por Peuchet, consta que de 1817 a 1824 foram cometidos 2808 suicídios, com causas diversas: paixão, brigas e desgostos domésticos, doenças, depressão, fraqueza de espírito, má conduta, jogo, loteria, medo de censuras, castigos, miséria, necessidade ou perda de emprego, mudança de posto de trabalho.<sup>91</sup> Com relação aos tipos de morte são apontados: queda voluntária, queda de cavalo, por instrumentos cortantes, por arma de fogo, por envenenamento, asfixia por carvão e afogamento voluntário. Enfim, a ideia principal deste estudo seria a crítica à sociedade. É uma crítica a uma sociedade doente onde o suicídio seria a sua mais profunda expressão. Há solidão, isolamento, hostilidade, competição. Este seria o contexto onde se daria o suicídio, manifestação do desespero em meio a uma sociedade deletéria. “Assim, o valor do texto de Peuchet, como o próprio Marx nos explica na introdução de seu ensaio, é que, ao estudar casos de suicídio, Peuchet nos apresenta a crítica francesa da sociedade com respeito às condições modernas de vida.”<sup>92</sup> Em verdade trata-se de crítica social acerca da vida privada, da vida dos suicidas, vidas estas que se encontram circunscritas em um contexto social hostil e que leva as pessoas ao desespero. É a miséria humana, o salário degradante, a injustiça social em todas as suas manifestações que levaria as pessoas a desistir da vida. É a crítica à organização social pautada no patriarcado, na opressão da família burguesa que avança sem piedade sobre as mulheres. É, enfim, uma crítica social que parte do cerne da vida privada para atingir toda uma configuração social que ataca o ser humano em sua dignidade.

---

<sup>89</sup> SHNEIDMAN, Edwin S. *The suicidal mind*. New York: Oxford University Press, 1996, p. 66.

<sup>90</sup> MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 25.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 51-52.

<sup>92</sup> RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, 2009, p. 704.

## 2.4 As três fiandeiras derrotadas

De acordo com as estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>93</sup>, 815.000 pessoas cometeram suicídio no ano de 2000 em todo o mundo, e dez ou vinte vezes mais pessoas tentaram o suicídio. Isso implica dizer que a cada 40 segundos uma pessoa morre por suicídio no mundo e a cada três segundos, em média, há uma tentativa de suicídio. Esse fato indica, também, que morrem mais pessoas através do suicídio do que, por exemplo, nos conflitos armados, acidentes de trânsito e outras mortes violentas.<sup>94</sup> As taxas nos diferentes países do mundo variam muito e as mais elevadas podem ser encontradas nos países do Leste Europeu.<sup>95</sup> Com relação à idade das vítimas, tanto nos casos fatais como nas tentativas, o quadro que se apresenta é o de uma precocidade na idade que, em países como o Canadá, se encontra na faixa dos 15 aos 24 anos de idade. Observa-se o crescimento das taxas mundiais tanto nos indivíduos do sexo masculino quanto nos do sexo feminino, variando de país para país e havendo, ainda, semelhança nas taxas onde se encontram grupos étnicos análogos.<sup>96</sup> As taxas de suicídio, em termos mundiais, parecem ascender em grupos indígenas ao redor do mundo como, por exemplo, no caso de grupos indígenas australianos, chineses e da América do Norte.

O suicídio entre populações indígenas, conforme pesquisa realizada pela OMS, encontra-se associado, entre outros pontos, à pobreza e à dependência de bebidas alcoólicas. No entanto, as estatísticas são elaboradas de forma diversa nos países analisados e não é raro encontrar estimativas distintas com relação ao suicídio dependendo das agências que executam o levantamento e o cadastramento dos dados.<sup>97</sup> As maiores taxas de suicídio

<sup>93</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization, 2002, p. 07. Disponível em: <<http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/9241545615.pdf>> Acesso em: 11 fev. 2011.

<sup>94</sup> A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o suicídio como o ato de pôr fim à própria vida com a intenção de fazê-lo diferenciando-se das tentativas, quando o ato não será consumado. Conforme o *World Report on Violence and Health* no ano de 2000 morreram mundialmente por suicídio 815 mil pessoas, por homicídio 520 mil pessoas e em guerras 310 mil. As taxas foram respectivamente de 14,5; 8,8 e 5,2 por cem mil habitantes. Da mesma forma, a proporção de mortes consideradas como mortes violentas aponta que 49,1 % foram por suicídio, ou seja, quase metade das mortes no mundo consideradas com violentas são mortes por suicídio, 31,3 % são mortes por homicídio e, por fim, 18,6 % do total das mortes violentas são mortes causadas pela guerra.

<sup>95</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde, a Estônia apresentou uma taxa de mortes por suicídio de 37,9 por 100.000 habitantes, Lituânia 51,6 e a Rússia 43,1. De acordo com a OMS, a América Latina apresentou as taxas mais baixas (Paraguai 4,2; Colômbia 4,5) se comparada a alguns países da Ásia (Filipinas 2,1; Tailândia 5,6).

<sup>96</sup> Taxas semelhantes foram encontradas na Estônia, Finlândia e Hungria, mesmo se considerando a distância em termos geográficos.

<sup>97</sup> Na China, por exemplo, as taxas de mortalidade por suicídio variam de 18,3/100.000 a 30,0/100.000, conforme a agência coletora dos dados. Assim, para a OMS, a taxa de suicídios na China é de 18,3, para o

concentram-se em países europeus, especialmente no Leste Europeu, naqueles países que compartilham um passado histórico similar e características socioeconômicas semelhantes: Estônia, Letônia e Lituânia. Outros países com altas taxas de suicídio são: Rússia, Hungria e Finlândia. Curiosamente, quando se exclui a Europa, altas taxas foram observadas em países insulares, tais como: Cuba, Japão e Ilhas Maurício.<sup>98</sup>

A OMS faz referência a uma série de fatores de risco que podem levar ao suicídio e mesmo às tentativas, consideradas como comportamentos suicidas não fatais. O comportamento suicida teria, então, um amplo número de causas que foram classificadas como fatores psiquiátricos, biológicos, eventos na vida do indivíduo que podem ter precipitado o ato suicida e, ainda, fatores caracterizados como ambientais e sociais. Entre estes últimos estão: a perda do emprego, os vínculos religiosos e as condições socioeconômicas. No Relatório Mundial sobre a Violência da OMS foram encontradas disparidades nas taxas de suicídio com relação às áreas consideradas rurais ou urbanas. O Relatório indica que as taxas são maiores nas áreas consideradas rurais sendo que taxas elevadas foram encontradas entre os agricultores.<sup>99</sup> Além das taxas de suicídio se diferenciarem nas áreas urbanas e rurais, o Relatório aponta variações significativas com relação aos métodos utilizados para a realização do ato suicida.<sup>100</sup> Entre os fatores apontados como condicionantes para o aumento das taxas de suicídio entre as populações que vivem em áreas rurais, o Relatório descreveu o isolamento e, portanto, a dificuldade em se detectar sinais de alerta para o fenômeno. Ainda, acesso limitado aos recursos relativos à saúde e também baixos níveis educacionais foram apontados como fatores condicionantes.<sup>101</sup>

O Relatório apresenta dados que sinalizam o crescimento das taxas de suicídio em diferentes países europeus, especialmente na Alemanha, em períodos marcados pela recessão econômica e pelo desemprego. As taxas tendem a aumentar na mesma proporção em que aumentam as taxas de desintegração social, observáveis através da elevação das taxas de desemprego, ou quando há baixas taxas de proteção social e crises econômicas. Assim sendo,

---

Ministério da Saúde daquele país a taxa é de 22,0 e, ainda, a taxa é de 30,0/100.000 para a Academia Chinesa de Medicina Preventiva.

<sup>98</sup> WANG, Yuan Pang, MELLO-SANTOS, Carolina de; BERTOLOTE, José Manuel. Epidemiologia do suicídio. In: MELEIRO, Alexandrina, TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang, op. cit., p. 98.

<sup>99</sup> A OMS apontou a existência de diferenças consideráveis nas taxas de suicídio entre áreas rurais e urbanas: o Estado de Nevada, considerado como um Estado rural que vive de atividades vinculadas à agricultura, apresentou a taxa mais alta dos Estados Unidos, ou seja, 24,5/100.000. Já Nova Iorque, por exemplo, apresentou uma taxa de 7,6.

<sup>100</sup> Métodos diferentes para cometer o suicídio são selecionados em todo o mundo. Nos Estados Unidos dois terços do total de suicídios são executados utilizando-se armas de fogo, enquanto no restante do mundo o método eleito é o enforcamento.

<sup>101</sup> Cf.: WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World Report on Violence and Health. Loc Cit.*

o comportamento suicida parece ser mais frequente entre os indivíduos desempregados do que entre aqueles que se encontram empregados, especialmente entre aqueles que perderam o emprego de forma repentina. Todas as informações acima apresentadas foram extraídas de estudos empreendidos pela OMS que, em 2002, fez ampla divulgação e problematizou a questão, considerando-a um problema de saúde pública, exposto através de relatório sobre saúde mental. O suicídio é também analisado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), organismo internacional de saúde pública que atua como Escritório Regional da OMS para a saúde nas Américas. As taxas são calculadas também por 100.000 e os anos da coleta foram de 2003 a 2005. Assim, para a referida organização, no Brasil a taxa de mortalidade por suicídio é de 5,7, na Argentina a taxa é de 8,2, Chile 7,1, Paraguai 6,2 e Uruguai 16. Observe-se que o Uruguai apresenta uma taxa bastante alta se comparado aos demais países. Ademais, para os países do Cone Sul a taxa de suicídios extraída pela referida organização foi de 8,1.<sup>102</sup>

A OMS, no ano de 2000, publicou o Manual de Prevenção do Suicídio destinado aos profissionais da saúde. O documento fez parte dos recursos destinados a grupos sociais e profissionais específicos e especialmente relevantes para a prevenção do suicídio. Ele foi preparado como parte do *Suicide Prevention* (SUPRE), a iniciativa mundial da OMS para a prevenção do suicídio.<sup>103</sup> Neste Manual encontram-se dispostas diversas questões que tratam do suicídio, entre estas, a dimensão mundial do fenômeno, a relação entre o suicídio e as doenças físicas e mentais, os fatores sociodemográficos e ambientais, a abordagem, a identificação da pessoa com risco de suicídio, os encaminhamentos, entre outros. O objetivo foi disseminar a discussão sobre esta importante questão e adaptar, de acordo com as condições locais, o próprio Manual e os encaminhamentos nele previstos alinhando-se, desta forma, às políticas de prevenção do suicídio da OMS e realizando o enfrentamento a esta questão em termos nacionais.

Ainda no mesmo período, foi realizado o I Seminário Nacional de Prevenção do Suicídio em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, espaço onde as estratégias de prevenção foram discutidas. Entre as principais estratégias, apontou-se o acesso da população ao tratamento psiquiátrico por meio das unidades de atenção básica do Sistema Único de Saúde (SUS), do

---

<sup>102</sup> Todas as informações aqui apresentadas foram obtidas junto à Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <[http://new.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&task=view&id=885&Itemid=672](http://new.paho.org/bra/index.php?option=com_content&task=view&id=885&Itemid=672)> Acesso em: 16 fev. 2010.

<sup>103</sup> Cf.: WORLD HEALTH ORGANIZATION. Disponível em: <[http://whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO\\_MNH\\_MBD\\_00.4\\_por.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO_MNH_MBD_00.4_por.pdf)> Acesso em: 10 jun.2010.

Programa Saúde da Família (PSF), dos serviços especializados em saúde mental e, por fim, das unidades de atendimento de urgências e emergências.<sup>104</sup>

De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, a taxa de mortalidade por suicídios no país é de 4,5 por 100.000 habitantes, mas os Estados do sul chegam a ter taxas duas vezes superiores, como é o caso do Rio Grande do Sul, cuja taxa é de 9,8 por 100.000 habitantes.<sup>105</sup> Para contribuir com a redução das taxas e também com as tentativas de suicídio, além dos danos associados ao comportamento suicida (impacto traumático do suicídio na família, nas comunidades, escolas, locais de trabalho) a Coordenação de Saúde Mental apresentou a Estratégia Nacional para Prevenção do Suicídio. Assim, através da Portaria 1.876, foram apresentadas as diretrizes desta política cujo objetivo, além da redução das taxas de mortalidade-suicídio, foi também trabalhar na capacitação dos profissionais da saúde, acompanhando os sobreviventes e aquelas pessoas que fizeram a tentativa.<sup>106</sup> Para tanto, algumas ações se encontram em andamento, tais como: a criação de grupos de trabalho compostos por representantes de algumas secretarias do Ministério da Saúde, Universidades e organizações civis; a publicação de Diretrizes Nacionais para a prevenção do suicídio; a criação da logomarca Amigos da Vida, identificando a Estratégia Nacional; a realização do I Seminário de Prevenção do Suicídio (2006); o lançamento do Projeto Comviver (2006) no Rio de Janeiro; o lançamento da publicação Referências Bibliográficas Comentadas Sobre Suicídio<sup>107</sup>; e, por fim, o lançamento do DVD do I Seminário de Prevenção do Suicídio. Posteriormente, as ações se encaminharam para a regulamentação das Diretrizes e a elaboração do Plano Nacional para Prevenção do Suicídio. As Diretrizes que orientarão o Plano Nacional já foram elaboradas e discutidas, todavia, o Plano ainda não está disponível.

As Diretrizes foram criadas através da Portaria nº 1.876 de 14 de agosto de 2006 instituindo, desta forma, a prevenção do suicídio nacionalmente, conforme já referido, em todas as unidades federadas, respeitando-se as competências das três esferas de gestão.<sup>108</sup> Por fim, a Organização Mundial da Saúde publica, a partir de 2006, vários documentos que tratam

<sup>104</sup> BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=25605](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=25605)> Acesso em: 14 maio 2010.

<sup>105</sup> Ibidem.

<sup>106</sup> BRASIL. Portaria 1.876 de 14 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-1876.htm>> Acesso em: 23 abr. 2011.

<sup>107</sup> BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/levantamentobibliografico.pdf>> Acesso em: 20 maio 2010.

<sup>108</sup> BRASIL. Portaria nº 1.876 de 14 de agosto de 2006. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/p1876.pdf>> Acesso em: 24 jan. 2011. Na referida portaria encontram-se expressas considerações a respeito do fenômeno do suicídio, considerando-o um fenômeno grave de saúde pública que afeta toda a sociedade e que pode ser prevenido.

da prevenção do suicídio em alguns espaços, vinculados ou não a determinadas categorias profissionais. São espécies de guias ou manuais de orientação para serem utilizados preventivamente no ambiente de trabalho por agentes prisionais, médicos e clínicos gerais, imprensa de maneira geral, profissionais do ensino médio e fundamental, grupos de sobreviventes, profissionais de aconselhamento e para os trabalhadores.<sup>109</sup> O suicídio é um problema sério de saúde pública, estando o Brasil entre os dez países com maior número absoluto de mortes e, ademais, as alterações socioeconômicas em desenvolvimento resultam na expectativa de aumento substancial das taxas de mortalidade por suicídio nos próximos anos.<sup>110</sup>

Estes breves apontamentos servem para ilustrar quão perto está a questão do suicídio de todos nós e em todas as partes do mundo. No Brasil, a taxa média de suicídio, como já referido anteriormente, varia de 4 a 6 óbitos por 100.000 habitantes. No entanto, no Rio Grande do Sul, a taxa anual é de 8 a 10 mortes por 100.000 habitantes.<sup>111</sup> Na situação profissional dos suicidas, por sua vez, ressalta-se a profissão dos agricultores, posto que essa categoria profissional apresenta altas taxas de suicídio e a depressão é apontada como o transtorno psiquiátrico mais observado entre as vítimas, somado à esquizofrenia e aos transtornos de personalidade.<sup>112</sup> Ainda, há a prevalência do enforcamento como o método predominante no que concerne à prática suicida, notadamente nos Estados do sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Em estudo similar, Lovisi *et al* perfazem análise epidemiológica do suicídio no Brasil de 1980 a 2006.<sup>113</sup> No estudo em tela registrou-se que de 1980 a 2006 o Brasil contou com 158.952 casos de suicídio. As taxas médias de mortalidade-suicídio nacionais estariam em crescimento, aumentando de 4,4 para 5,7 mortes por 100.000 habitantes, importando em um crescimento de 29% nos anos analisados. As adversidades socioeconômicas e a ausência de apoio social aumentariam os riscos de suicídio em populações vulneráveis. Tal seria o caso de pessoas com histórico de suicídios anteriores, transtornos mentais (notadamente a depressão) e ansiedade, e comorbidades como abuso e/ou

<sup>109</sup> BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=25605](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=25605)> Acesso em: 14 jun. 2010.

<sup>110</sup> ROCHA, Felipe Filardi da *et al*. Suicídio em Belo Horizonte entre 2004 e 2006, *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 29, n. 2, 2007, p. 190.

<sup>111</sup> VIANA *et al*. Prevalência de suicídio no Sul do Brasil, 2001-2005, Rio de Janeiro, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 57, n.1, p.38-43, 2008, p. 40.

<sup>112</sup> *Ibidem.*, p. 42.

<sup>113</sup> LOVISI, Giovanni Marcos *et al*. Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006, *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462009000600007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462009000600007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 07 set. 2011.

dependência de álcool ou drogas.<sup>114</sup> Todavia, para além dos já conhecidos fatores como os transtornos depressivos e o abuso/dependência de álcool ou drogas, haveria a necessidade de serem realizadas investigações aprofundadas no que condiz aos aspectos sociais, econômicos e culturais. Tais aspectos podem influenciar o comportamento suicida e a prevenção precisaria, ademais, ser mais abrangente e multissetorial, incluindo setores relacionados e não relacionados à saúde, levando-se em consideração a diversidade e as especificidades das diferentes populações.<sup>115</sup> Esta tese procura, em boa medida e, ademais, em nova perspectiva, dar continuidade ao estudo realizado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, no ano de 2003. O trabalho realizado naquele momento tratou das variações das taxas de mortalidade-suicídio no Rio Grande do Sul, a partir de uma análise causal do fenômeno.<sup>116</sup> A análise realizada partiu, primeiramente, da construção de um modelo teórico, posteriormente testado através de análise de regressão multivariada.

O Rio Grande do Sul (RS) foi de especial interesse, eis que é o Estado brasileiro que apresenta as taxas mais altas de mortalidade por suicídio, se comparado aos demais Estados brasileiros.<sup>117</sup> A indagação inicial, e que resultou na pesquisa realizada, foi investigar que fator singular poderia responder por essa primeira posição do Estado no que se refere às taxas de mortalidade-suicídio. A atenção voltou-se então para a análise de algumas condições específicas do Estado, ou seja, algumas condições que diziam respeito ao setor rural. Esse fato pareceu, naquele momento, um ponto de partida interessante para se estudar a posição relevante das Taxas Municipais de Mortalidade-Suicídio (TMM-S) no RS. Tal orientação sustentou-se quando se observaram as TMM-S em municípios com componente rural expressivo.<sup>118</sup> O trabalho empírico de mensuração do peso relativo das variáveis foi desenvolvido com base na técnica estatística de regressão multivariada, possibilitando a interpretação do poder e da potência causal de cada uma das variáveis selecionadas no modelo. Para tanto, foram utilizados os dados oficiais existentes, notadamente, aqueles

---

<sup>114</sup> LOVISI *et al.* op. cit.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>116</sup> Cf: WERLANG, Rosângela. Suicídio: uma análise causal das taxas de mortalidade-suicídio no Rio Grande do Sul. In: TESKE, Ottmar. (Org.) *Sociologia: textos e contextos*. Canoas: Editora da Ulbra, 2005, p. 45-72.

<sup>117</sup> Em setembro de 2010, a secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul confirmou que o número de suicídio no Estado está crescendo. De 1.015 mortes para o ano de 2000 tem-se hoje 1.151 mortes por suicídio. Isso implica dizer que a cada dia, três pessoas se matam no Rio Grande do Sul. Também, a referida secretaria informa que o agricultor, sem dúvida, carece de atenção, eis que as taxas são maiores no meio rural. Neste sentido, propõe o incremento no número de palestras sobre o assunto, reduzindo o tabu que margeia esta questão.

<sup>118</sup> As taxas mais altas de mortalidade por suicídio no Rio Grande do Sul encontram-se entre aqueles municípios que possuem a população rural maior do que a urbana. Em geral são municípios pequenos e voltados, fundamentalmente, à produção agrícola.

provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério da Saúde do Brasil (DATASUS). O estudo abrangeu um espaço temporal de seis anos e analisou a relação entre as TMM-S em um conjunto de variáveis independentes, latentes e observadas, articuladas em um modelo causal. A atividade agrícola nos municípios gaúchos e as transformações nesse tipo de atividade produtiva modificaram a paisagem do campo, especialmente a partir dos últimos vinte anos. A redução nos postos de trabalho, a alteração nas formas de produção e trabalho, através do uso sistemático de máquinas e produtos químicos de toda ordem, alteraram a estrutura rural gaúcha. Assim, a existência em cada município de um número significativo de estabelecimentos agropecuários faz com que as TMM-S se elevem, implicando em coeficientes positivos com relação ao suicídio. Apontou o estudo, neste sentido, indícios importantes na relação do fenômeno com a vida rural, de maneira geral. Além da pesquisa acima relatada, pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, apresentaram estudo que, de certa forma, corroboram a ideia do meio rural como problemático com relação ao suicídio.<sup>119</sup> Conclui o referido estudo que as pessoas ligadas à ocupação agropecuária apresentam maiores coeficientes de mortalidade por suicídio. Assim sendo, a mortalidade proporcional das pessoas ligadas às ocupações agrícolas representativa de quase 30% dos óbitos, caracterizando, de tal modo, o perfil do suicídio no Rio Grande do Sul. Tal é também a constatação feita por Heck quando da análise da questão do suicídio no Rio Grande do Sul entre indivíduos pertencentes ao meio rural e descendentes de imigrantes alemães.<sup>120</sup> Através da etnografia e de abordagem na área da antropologia da saúde, a autora procurou, pelo meio de narrativas, destacar a categoria de risco de suicídio. O suicídio, conforme estudo realizado, teria na “fraqueza dos nervos” uma explicação que, para o grupo investigado, constituir-se-ia em perigo. Seria expressão da fragilidade, da aflição de toda uma categoria socioprofissional que demandaria assistência.<sup>121</sup>

Na contemporaneidade são muitos os estudos que tratam da questão envolvendo o suicídio nos seus mais diferentes aspectos.<sup>122</sup> O suicídio se manifesta como um fenômeno

---

<sup>119</sup> Cf.: MENEGHEL, Stela Nazareth, VICTORA, Cesar Gomes, FARIA, Neice Müller Xavier *et al.* Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul, *Revista de Saúde Pública*, dez. 2004, vol.38, nº.6, p. 804-810.

<sup>120</sup> HECK, Rita Maria. Percepção social sobre categorias de risco do suicídio entre colonos alemães do noroeste do Rio Grande do Sul, *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 13, n.4, 2004, p. 559.

<sup>121</sup> HECK, Rita Maria, *Op. Cit.*, p. 566.

<sup>122</sup> Na *Scientific Electronic Library Online* foram encontradas, em busca regional, 466 publicações quando o descritor suicídio foi inserido no processo de busca. Do total dessas publicações, 370 encontram-se na área das Ciências da Saúde, 48 na área das Ciências Humanas e apenas 07 publicações encontram-se na área das Ciências Sociais Aplicadas. Não há publicações sobre o suicídio para as áreas das Ciências Sociais e das Ciências Jurídicas. Assim, os Cadernos de Saúde Pública contam com 50 publicações, a Revista Brasileira de Psiquiatria com 32, a Revista de Saúde Pública também com 32 publicações, a Revista Colombiana de

inegável e profundamente significativo em todas as sociedades. É um sintoma claro da luta entre as paixões do homem, sua base biológica e as forças sociais de seu entorno.<sup>123</sup> As novas teorias e perspectivas que procuram dar conta da questão envolvendo o suicídio na atualidade propõem que o estudo do ato suicida deva incorporar múltiplos fatores que, durante muito tempo, passaram despercebidos, buscando-se compreender e prevenir o fenômeno. Assim, dois aportes teriam sido fundamentais: primeiramente a descrença no pressuposto de que unicamente os pacientes psiquiátricos seriam suscetíveis de atentar contra a própria vida. Destarte, a ideia em tela é a de que nem todo suicida seria psicótico, assim como nem todo psicótico seria suicida.<sup>124</sup> Outra questão diz respeito à diferenciação entre os suicídios efetivamente consumados e as tentativas de suicídio. Esse pressuposto implicaria em compreender que o estudo do suicídio não deveria se centrar apenas na morte do sujeito, mas também, no momento de seu planejamento, de sua ideação, nos rastros materiais e textuais que este deixa.<sup>125</sup> Como bem afirma Bastos, analisar os fatores presentes no ato suicida de forma isolada seria tão inverossímil como defender que o ar que se respira continue a ser o ar caso separássemos o oxigênio da composição que alimenta os pulmões.<sup>126</sup> O suicídio seria, assim, um acontecimento complexo que se dá entre a vida pessoal e a coletiva.

Porém, a relação desse fenômeno com o trabalho somente contemporaneamente tem sido estudada, ainda de forma incipiente, notadamente a partir dos anos 90, quando na Europa essa questão abala a comunidade. Tal é o caso dos estudos de Dejours e Bègue, em obra dedicada à discussão acerca do suicídio em seu estreito vínculo com o trabalho. Apontam os

---

Psiquiatria com 26, Ciências da Saúde Coletiva com 20 publicações, a Revista Cubana de Medicina Geral Integrada conta com 18 publicações, Saúde Pública do México 17 publicações, Cadernos de Medicina Forense 14 publicações, Jornal Brasileiro de Psiquiatria 13 publicações, Revista de Psiquiatria Clínica 12 publicações, Revista de Saúde Mental 12 publicações, Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul 11 publicações, Medicina Legal da Costa Rica 9 publicações e, por fim, a Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria com 9 publicações. Quando se insere os descritores suicídio e agricultura não aparece nenhuma publicação. Para os descritores suicídio e meio rural aparecem 2 publicações: uma referente ao suicídio entre os colonos da região noroeste do Rio Grande do Sul e outro sobre os aspectos epidemiológicos do suicídio em Limeira, Estado de São Paulo. Por fim, quando os descritores utilizados foram suicídio e trabalho tem-se 53 publicações. No entanto, quando verificadas uma a uma, observa-se que não tratam efetivamente do trabalho, de categorias profissionais ou da ocupação, mas são gerais (suicídio entre adolescentes, pessoas idosas, transtornos mentais, alcoolismo, etc.). Apenas 5 podem ser destacados para fins deste estudo (e que serão utilizados na nossa tese), eis que tratam de resenha da obra Trabalho e Suicídio: que fazer?, de Dejours e Bègue, obra esta já incluída neste documento. As demais tratam do suicídio entre os bancários, com uma réplica e uma tréplica (publicadas todas na Revista da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Administração) e, por fim, dois artigos que tratam do suicídio entre os policiais militares. Esta breve revisão é importante na medida em que nos traz breve cenário sobre os poucos estudos tratando da questão específica do suicídio na sua relação com o trabalho.

<sup>123</sup> CHÁVEZ-HERNÁNDEZ, Ana-Maria; LEENAARS, Antoon A. Edwin S. Shneidman y la suicidología moderna, *Salud Mental*, México, v. 33, n. 4, julio-agosto, 2010, p. 356.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 357.

<sup>125</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>126</sup> BASTOS, Rogério Lustosa. Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial, *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, 2009, p. 68.

autores que os suicídios no local de trabalho despontaram, em sua maioria, a partir dos anos 1990, inscrevendo-se em um quadro de sofrimento humano e de deterioração das relações de trabalho.<sup>127</sup> De acordo com os referidos autores, os suicídios, sempre encobertos por um manto de silêncio, passaram, na França, a serem divulgados em espaços públicos, alertando para essa importante questão, com especial destaque àqueles realizados em grandes empresas como *Renault, Peugeot e Électricité de France*.<sup>128</sup> Na agricultura, os suicídios já haviam sido observados, identificando essa categoria socioprofissional como vulnerável e inspiradora de cuidados. Para Dejours e Bègue haveria, ainda, certa dificuldade na determinação dos suicídios no meio rural no seu vínculo com o trabalho, vez que se trata de um setor da economia onde os espaços de trabalho e da vida se confundem.<sup>129</sup> Neste sentido, afirmam que, em que pese às dificuldades estatísticas do problema do suicídio, “um único caso de suicídio já seria gravíssimo, apontando a profunda degradação do conjunto do tecido humano e social do trabalho.”<sup>130</sup> Destarte, haveria de serem urgentemente adequadas as políticas públicas, contemplando este novo flagelo, eis que apenas um suicídio no local de trabalho já indicaria que as condutas de ajuda mútua e de solidariedade estariam sendo banidas dos costumes e da rotina da vida de trabalho, instalando-se a fórmula de *cada-um-por-si*. A desagregação ou a desestruturação da solidariedade ou dos vínculos sociais no trabalho é de especial interesse, pois quando um trabalhador se mata por razões relacionadas ao trabalho, significa que toda a comunidade de trabalho já se encontraria em estado de sofrimento.

Tal degradação, para os autores, poderia ser dimensionada através do “[...] privilégio concedido à gestão, em detrimento do trabalho”<sup>131</sup>, onde o processo de gestão parece não mais depender do trabalho propriamente dito. Os novos métodos de gestão estariam desestruturando os coletivos, estimulando a busca de objetivos individuais. Desta maneira, as pessoas estariam sozinhas, pois a reestruturação produtiva deixa cada um à mercê de si mesmo. Essa mesma relação é apontada por Santos, Siqueira e Mendes, ao discutir as tentativas de suicídio entre os bancários no contexto das relações produtivas contemporâneas.<sup>132</sup> Para os autores supracitados, a análise do suicídio na contemporaneidade

<sup>127</sup> DEJOURS, Cristophe; BÈGUE, Florence. *Suicídio e trabalho: o que fazer?* Brasília: Paralelo 15, 2010.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>130</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>131</sup> DEJOURS; BÈGUE, op. cit., p. 34.

<sup>132</sup> SANTOS, Marcelo Augusto Fonazzi; SIQUEIRA, Marcos Vinícius Soares; MENDES, Ana Magnólia. Tentativas de suicídio de bancários no contexto das reestruturações produtivas, *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 14, n. 5, out. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-6552010000500010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552010000500010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 set. 2011.

instiga cada vez mais o debate sobre a interveniência da organização do trabalho na decisão do trabalhador acerca do cometimento do suicídio. Isso implica dizer que as práticas administrativas, cada vez mais perversas, empregadas na organização contemporânea do trabalho, podem estar afetando a subjetividade do trabalhador fornecendo indícios cada vez mais intensos de que é preciso humanização nas relações de trabalho. O suicídio constitui-se, neste sentido, em “grave e contundente denúncia do vivido no local de trabalho: competitividade, pressões, humilhações, ameaças e agressões, individualismo imposto, solidão, falta de companheirismo, medo e sofrimento solitário.”<sup>133</sup> Para as autoras, o trabalho tanto estrutura quanto desestrutura os indivíduos, causa danos e agravos à saúde. Tais danos, não raras vezes, seriam irreversíveis, pois “impõe sofrimento psíquico explicitado em desespero, agonias, desesperança, queda de rendimento no trabalho, falta de liberdade, desprazer, sentimento de nulidade e inutilidade, ideações suicidas e posterior morte por suicídio.”<sup>134</sup>

Tal análise é também realizada por Orellano, quando do estudo da relação entre o suicídio e o trabalho ou, mais precisamente, a ausência deste. A Argentina é o cenário escolhido e o processo de reestruturação produtiva é o marco.<sup>135</sup> A crise dos anos oitenta, a fase de internacionalização da economia caracterizada pelo processo de globalização, a desregulação dos mercados financeiros, causaram uma série de efeitos indesejáveis. Entre tais efeitos encontra-se a redução da qualidade de vida da população de maneira geral, a redução do bem-estar econômico. Ademais, a saúde coletiva da população foi afetada com o aparecimento de novos quadros físicos e mentais, delineando todo um perfil de vulnerabilidades individuais. No estudo empreendido, observou-se uma relação entre os acontecimentos sociais de diversas magnitudes que acabam imprimindo nos sujeitos ações específicas relacionadas às suas constituições subjetivas. Entre tais ações se encontra o suicídio, visto enquanto patologia social. No entanto, haveria também a perspectiva de que as instituições sociais poderiam dar conta do processo de desagregação social que se encontraria em curso, notadamente, denunciando os novos métodos empresariais que culminam na degradação humana. Os indivíduos, cada vez mais, tornam-se apenas números, sendo descartáveis a qualquer momento, mesmo alcançando as metas propostas pelas

---

<sup>133</sup> BARRETO, Margarida; VENCO, Selma. Da violência ao suicídio no trabalho. In: BARRETO, Margarida; BEREHEIM NETTO, Nilson; PEREIRA, Lourival Batista. *Do assédio moral à morte de si: significados sociais do suicídio no trabalho*. São Paulo: Gráfica e Editora Matsunaga, 2011, p. 223.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 229.

<sup>135</sup> Cf.: ORELLANO, Miguel H. *Trabajo, desocupación y suicidio: efectos psicosociales del desempleo*. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, 2005.

organizações.<sup>136</sup> Pode-se afirmar que há uma estreita relação entre a desordem mental, o adoecimento e a história ocupacional do indivíduo. Isto quer dizer que as formas de gerenciamento da organização do trabalho são passíveis de serem identificadas como vetores do adoecimento, da depressão e das tentativas de suicídio. As dificuldades vivenciadas no ambiente de trabalho acabam tornando-se um fardo na vida do indivíduo, povoando o universo pessoal. “Em suma, o trabalho se transforma em prisão, dominando por completo a psique do sujeito.”<sup>137</sup> O fenômeno do suicídio, antes restrito ao mundo rural na França, parece agora ampliar suas fronteiras, atingindo também os setores terciário, industriais e de serviços.<sup>138</sup> Tal é também a percepção de Merlo quando afirma que o sofrimento psíquico derivado do trabalho pode aparecer de várias maneiras, inclusive na forma do suicídio.<sup>139</sup> Observa o autor que o perfil dos diagnósticos realizados por ocasião do atendimento de pacientes no *Ambulatório de Doenças do Trabalho do Serviço de Medicina Ocupacional do Hospital de Clínicas de Porto Alegre* vem se alterando. Cada vez mais se encontra presente a questão envolvendo o sofrimento psíquico. Assim, os suicídios no local de trabalho se constituem em questão relativamente nova, notadamente devido às dificuldades no estabelecimento da relação entre esse fenômeno e o trabalho: “o suicídio que ocorre no local de trabalho deixa poucas dúvidas. O que se vive hoje nos ambientes de trabalho são patologias da solidão.”<sup>140</sup> Ademais, a juíza Merlo que no caso brasileiro há que se fazer um esforço para conseguir tornar este problema visível, eis que representa a falência das defesas do indivíduo para resistir ao sofrimento.<sup>141</sup>

Enfim, acredita-se que o suicídio não pode ser explicado apenas pelas motivações individuais.<sup>142</sup> Estas seriam importantes, no entanto, encontrar-se-iam articuladas a fatores sociais que transcenderiam a esfera da vida pessoal e dependeriam de forças que seriam exteriores aos indivíduos como os valores e mesmo os padrões da cultura de determinada sociedade, buscando-se uma compreensão mais interacional, mais dialética do fenômeno do

<sup>136</sup> SANTOS; SIQUEIRA; MENDES, 2010, op. cit., p. 927.

<sup>137</sup> SANTOS, Marcelo Augusto Finazzi; SIQUEIRA, Marcus Vinícius Soares; MENDES, Ana Magnólia. Sofrimento no trabalho e imaginário organizacional: ideação suicida de trabalhadora bancária, *Psicologia Social*, Florianópolis, v. 23, n. 2, Agosto, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 Jun. 2011,

<sup>138</sup> DEJOURS, Christophe. Novas formas de servidão e suicídio. In: Mendes, Ana. Magnólia. (Org.) *Trabalho e Saúde: o sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba: Juruá, 2008, p. 26-39.

<sup>139</sup> MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Entrevista 1. In: BARRETO, Margarida; BERECHTEIN NETTO, Nilson; PEREIRA, Lourival Batista (Org.). *Do assédio moral à morte de si: significados sociais do suicídio no trabalho*. São Paulo: Gráfica e Editora Matsunaga, 2011, p. 30-36.

<sup>140</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>141</sup> MERLO, op. cit, p 34.

<sup>142</sup> DIAS, Maria Luíza. O suicida e suas mensagens de adeus. In: CASSORLA, Roosevelt M.S.(Coord.). *Do suicídio: estudos brasileiros*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991, p. 91.

suicídio. Esta questão implicaria, por sua vez, em uma análise estrutural dos princípios e mecanismos sobre os quais se alicerça a sociedade hodierna. Neste sentido, o suicídio seria multideterminado por fatores que somente podem ser apreendidos a partir do foco em um indivíduo que se encontra inserido no social, estabelecendo um intercâmbio.<sup>143</sup> Desta forma, fatores psicológicos, biológicos, sociais, culturais e econômicos fazem do suicídio um fenômeno complexo e que tem sido a quarta causa de morte de pessoas entre 15 e 44 anos de idade ao redor do mundo.<sup>144</sup> Ainda, estima-se que até o ano de 2020 cerca de um milhão e meio de pessoas cometerão o suicídio e que de 15 a 30 milhões de pessoas farão a tentativa.<sup>145</sup> Assim, a violência autoinfligida ocupa lugar de destaque nos problemas sociais que provocam impacto sobre a saúde pública no mundo e as taxas de suicídio atuam como indicadores para análise de mudanças sociais, principalmente àquelas desestabilizadoras e que repercutem em alguns indivíduos, fazendo-os desistirem da vida.<sup>146</sup> O suicídio pode ser considerado como um ato autoagressivo global, realizado pelo próprio autor, de uma maneira consciente, quando acredita que tal escolha deverá causar de modo eficiente e suficiente o efeito esperado.<sup>147</sup> Mesmo assim, as mortes por suicídio certamente não englobam o conjunto dos óbitos que decorrem de processos autodestrutivos, vez que além dos atos suicidas, há referências aos equivalentes suicidas que incluiriam certas mortes por acidentes e homicídios, além dos processos autodestrutivos crônicos que poderiam terminar como mortes por causas naturais.<sup>148</sup> Neste sentido, há as dificuldades inerentes ao próprio processo da autodestruição e vários estudos têm apontado a hipótese de que processos geradores e desencadeantes comuns poderiam existir na base das mortes violentas, incluindo os óbitos por suicídio, homicídio e acidente e mesmo em mortes naturais, tais como as neoplasias, infarto do miocárdio e cirrose hepática.<sup>149</sup> Em verdade, a sociedade hoje enfrenta um período histórico caracterizado por uma transformação intensa de valores e costumes e as pessoas confrontam-se diariamente

---

<sup>143</sup> DIAS, loc. cit.

<sup>144</sup> BRZOZOWSKI et al. Suicide time trends in Brazil from 1980 to 2005, *Cadernos de saúde pública*, Rio de Janeiro, n. 26, 2010, p. 1293.

<sup>145</sup> Ibidem.

<sup>146</sup> CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Organizadores psíquicos e suicídio. In: PRADO; Maria do Carmo Cintra de Almeida (Coord.). *O mosaico da violência: a perversão na vida cotidiana*. São Paulo: Vetor, 2004, p. 374.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 375.

<sup>148</sup> BARROS, Marilisa B. A. As mortes por suicídio no Brasil. In: CASSORLA, Roosevelt M.S, *Do suicídio: estudos brasileiros*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1991,

<sup>149</sup> Barros, op. cit.

com situações envolvendo a violência.<sup>150</sup> Entre essas situações encontrar-se-iam a violência autoinfligida, a violência interpessoal e coletiva, de natureza física, sexual, psíquica ou ainda de privações e as negligências que estão a denunciar que as medidas contra a violência são cada vez mais urgentes.<sup>151</sup>

Como bem afirma Minois hoje cada vez menos os intelectuais se debruçam sobre o tema do suicídio e quando o fazem é sob a pressão das estatísticas.<sup>152</sup> “O suicídio mata muito mais do que na estrada: há uma vítima em cada cinquenta minutos e esse número está em constante progressão.”<sup>153</sup> Como afirma o autor, os reflexos do suicídio não mudaram ao longo dos tempos, sugerindo que este é um fenômeno que acusa a organização social, a qual se censura pela incapacidade de assegurar a felicidade aos seus membros. Ademais, no decorrer da história que trata do suicídio, observa-se que ele é também um fenômeno de classe: há meios mais ou menos nobres para se morrer. As sevícias arranjadas sobre os cadáveres foram sempre para aqueles menos favorecidos. Aos bem nascidos havia a tolerância, mas para o “povo”, “apenas com raras exceções,”<sup>154</sup> a maioria dos casos envolvendo o suicídio relacionava-se ao excesso de sofrimento tanto físico quanto moral ou sentimental. Seria em função do sofrimento que as pessoas se matariam. A punição, a “selvageria judiciária”, aos poucos vai sendo rechaçada: não é possível que pelo ato de um membro a família toda fosse castigada. É assim que a loucura entra em cena como espécie de escamoteamento. Cala-se, e este calar, por sua vez, transforma o suicídio em tabu.<sup>155</sup>

Por fim, resta a questão relativa à despenalização do indivíduo que, de certa forma, é alcançada, ficando à mercê da lei apenas aqueles que auxiliam no processo do suicídio. A contribuição que o Direito traz acerca do suicídio não amplia a sua compreensão. No Código Penal brasileiro esse fenômeno, assim como nos Códigos Penais de vários países da América Latina, é visto sob o ângulo da punição àqueles que contribuem à sua execução. No artigo 122 do Código Penal brasileiro encontra-se:

Art. 122. Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça: Pena: reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave. Parágrafo único: I – A pena é duplicada: I – se o crime é praticado por motivo egoístico; II – se a vítima é menor ou tem diminuída, por

<sup>150</sup> WERLANG, Blanca Susana Guevara. Comportamentos Violentos. In: WERLANG, Blanca Susana Guevara; OLIVEIRA, Margareth da Silva (Org.). *Temas de Psicologia Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 55.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 55-56.

<sup>152</sup> MINOIS, op. cit, p. 404.

<sup>153</sup> *Ibidem*.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 405.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 406.

qualquer causa, a capacidade de resistência.<sup>156</sup>

Neste artigo encontram-se presentes três verbos nucleares<sup>157</sup>: induzir, instigar e prestar auxílio. No induzimento “o agente faz germinar, nascer, cria na mente, no espírito e ânimo da vítima, a ideia, o desejo do suicídio, quando esta nem sequer havia pensado em cometê-lo, convencendo-a então a realizá-lo.”<sup>158</sup> No induzimento se pressupõe a iniciativa na formação da vontade do outro e na instigação já existia a ideia na mente da vítima e o agente revigora esta vontade.<sup>159</sup> Auxiliar, por sua vez, é facilitar, favorecer a vítima para que se mate. Neste sentido, “aquele que presta auxílio a alguém para que se suicide não lhe influi no espírito ou ânimo, apenas cooperando na ação que a vítima pretende executar.”<sup>160</sup> Não há, portanto, perspectiva de punição ao autor do suicídio, mas para terceiros que possam estar envolvidos no evento. De maneira assemelhada pode-se encontrar em diferentes países latino-americanos uma leitura similar deste fenômeno, conforme quadro abaixo:

País	Criminalização no Código Penal	Pena
Argentina	Crime para a instigação ou ajuda ao suicídio. Artigo 83 do CP.	Prisão de um a quatro anos
Chile	Crime para a conduta daquele que, com conhecimento de causa, prestar auxílio a outro para que se suicide, desde que a morte da vítima se efetue. Artigo 393.	-
Colômbia	Crime para o induzimento ao suicídio. Artigo 367 do CP.	Três meses a dois anos de detenção
Costa Rica	Medida de segurança para aquele que tentar suicidar-se (tratamento psiquiátrico). Crime para instigação ou ajuda ao suicídio. Artigo 114 do CP.	Prisão de um a cinco anos
Cuba	Crime para as condutas de indução e auxílio executivo ao suicídio. Artigo 437 do CP.	Privação de liberdade de três a seis anos
Paraguai	Crime para a excitação ou ajuda ao suicídio. Artigo 339 do CP.	Um a quatro anos de prisão
Peru	Crime para a instigação ou ajuda ao suicídio. Artigo 113 do CP.	Pena privativa de liberdade não menor de um, nem maior do que quatro anos
Uruguai	Crime contra as condutas de determinação ou ajuda ao suicídio. Artigo 315 do CP.	Seis meses a seis anos de prisão
Venezuela	Crime para o induzimento e o auxílio ao suicídio. Artigo 414 do CP.	Sete a dez anos de prisão

Fonte: Construção da autora a partir de FIGUEIREDO, Ricardo Vergueiro, op. cit., p. 21-36.

### **Quadro 1 - Criminalização com relação à participação em suicídio em alguns países latino-americanos**

<sup>156</sup> BRASIL. *Código Penal*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 137.

<sup>157</sup> ÁVILA, Enir Madruga de. *Induzimento, instigação e auxílio ao suicídio*: considerações sobre o artigo 122 do Código Penal. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998, p. 40.

<sup>158</sup> FIGUEIREDO, Ricardo Vergueiro. *Da participação em suicídio*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001, p. 47.

<sup>159</sup> HUNGRIA, Nelson. *Comentários ao Código Penal*. 33.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998, p. 67.

<sup>160</sup> FIGUEIREDO, op. cit. p. 50.

Como se pode verificar, poucos são os instrumentos existentes no sentido do tratamento do problema. Na verdade, trabalha-se, ainda que de forma velada, com a perspectiva da punição onde, apenas na Costa Rica é oferecido tratamento ao sobrevivente, previsto no Código Penal. A ausência de preocupação do Direito com este tema, *per se*, encontra guarida em Jakobs<sup>161</sup> que, contemporaneamente, discute o tema a partir de uma posição, no mínimo interessante, que busca a impunibilidade daqueles que auxiliam o suicida na edificação do ato final. Para o autor, o que deve ser discutido é a impunibilidade da contribuição de outros no suicídio de alguém. De acordo com Jakobs, o suicida jamais deve ser punido. Ao tratar esta questão com referência à Alemanha, ele afirma que “a ordenação judicial penal de Carlos V, a Carolina, já tratou o suicídio como um fato não constitutivo de delito.”<sup>162</sup> Todavia, os bens do suicida deveriam ser confiscados quando o suicida estivesse sendo julgado, em vida, por um crime que tivesse como punição o confisco de bens. Caso o indivíduo se matasse, por este fato, seus bens seriam confiscados da mesma maneira que em vida. Esta ilação diz mais: o que estava em jogo não era o suicídio, mas o fato anterior. Na análise que Jakobs faz de diferentes autores, não aponta a preocupação estatal com o suicídio, mas sempre análises que colocam a vida como dom divino e que, portanto, os homens não teriam domínio sobre ela, nada temeriam e estariam revelando a sua autonomia, rompendo com uma existência moral, a exemplo do que se viu de forma breve anteriormente, quando da análise do suicídio na Antiguidade e na Idade Média. Enfim, parece haver até o século XIX, para explicar a impunibilidade do suicídio, a falta de uma lesão jurídica e, ainda, a descriminalização do suicídio deveria caminhar paralelamente à descriminalização da participação no suicídio<sup>163</sup>, na medida em que, para o autor, “não há nenhum dever de viver.” O suicídio seria então considerado como ato justo em termos do direito, que garante a ordem externa entre as diferentes pessoas, tanto para aquele que o realiza por própria mão como com a participação de outro. Portanto, vê-se a preocupação do Direito pelo Direito e não pela vida humana e suas condições concretas. A questão pensa-se, não está na existência de um dever de viver ou mesmo de punir ou não punir o suicida ou aquele que contribui para o seu fim, mas na existência de condições dignas de vida que permitam a esta vida valer a pena ser vivida. A vida humana não interessa ao homem porque ele pode dispor dela como melhor lhe aprouver, mas lhe interessaria sobremaneira porque valeria a pena viver, se encontradas as condições para que a vida se faça. Tal conjectura serve também de norte a esta tese e é assim

---

<sup>161</sup> JAKOBS, Günther. *Suicídio, eutanásia e Direito Penal*. São Paulo: Manole, 2003.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 05.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p. 15.

que na próxima seção busca-se articular a questão do suicídio com a vida vivida no meio rural, procurando compreender o que pode estar impelindo à autodestruição, deixando de valer a pena o viver. Assim sofrem as Moiras, vitimadas na tarefa única de ofertar e extrair a vida humana, tarefa esta que parece não mais lhes pertencer.

### 3 ALICE NÃO MORA MAIS AQUI

*Lagarta Azul: Quem é você? Alice: Eu já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então, mas o que sei é que tudo isso parece muito estranho para mim.<sup>1</sup>*

*Un golem nos persigue. Intenta decirnos algo.<sup>2</sup>*

Esta seção trata da configuração produtiva do Estado do Rio Grande do Sul, notadamente no que condiz à estrutura da produção agrícola e das transformações do espaço rural nas últimas décadas. Da ocupação pelos colonos estrangeiros ao comércio e à industrialização de produtos agrícolas, muito tempo se passou e as mudanças não foram brandas. A alusão a Alice é o jogo: Alice é sempre questionada no que se refere à sua identidade. Seria você a Alice certa? A ausência de referências que auxiliem no processo de construção da identidade em um mundo em constante transformação é situação complexa, vez que esta não se restringe à aparência física. Não basta crescer ou encolher, mas importa a relação estabelecida com o concreto, com a totalidade que nos faz sermos aquilo que somos. As nossas “*muitisses*” como bem diria Carroll. O rural hodierno não é mais o mesmo, alterou-se. São algumas destas transformações que serão tratadas de forma breve nesta seção, buscando avistar para onde se está indo: *que caminho, que caminho?* perguntaria Alice.

#### 3.1 Para baixo, na toca do coelho

No sul do Rio Grande do Sul, o domínio das terras concentrou-se, desde o início de sua povoação, na forma de latifúndio, na grande propriedade rural com atividades pastoris. O norte do Estado, então, acabou se tornando a opção primeira para os imigrantes europeus que aqui chegavam ao final do século XIX. Os imigrantes, responsáveis pelo povoamento e desenvolvimento do Estado, inicialmente praticavam a policultura e também criavam pequena quantidade de animais, necessários ao consumo. Assim, “a produção familiar tem início a partir da colonização”<sup>3</sup>, com a chegada dos imigrantes que se dedicaram à agricultura. Antes disso,

até o final do século XIX, a dinâmica agrária sul riograndense estava estreitamente relacionada às áreas de campo, mais ao sul do estado do Rio Grande do Sul. A exclusividade na atividade pecuária foi uma característica na formação econômica do Rio Grande do Sul desde a sua origem, em meados do século XVIII. No entanto,

<sup>1</sup> CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2002, p. 45.

<sup>2</sup> HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multitud: guerra y democracia en la era del Imperio*. Barcelona: Debate, 2004, p. 31.

<sup>3</sup> BRUMER, Anita. Transformações e estratégias produtivas na produção familiar na agricultura gaúcha. *Cadernos de Sociologia*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, 1994, p. 90.

uma metamorfose no contexto ambiental, social e econômico no Rio Grande do Sul teve início a partir da segunda metade do século XIX, com a chegada de imigrantes, predominantemente alemães e italianos, para ocupar de forma mais sistemática, a parte norte do Estado.<sup>4</sup>

Dentre os produtos mais importantes cultivados pelos colonos até meados dos anos cinquenta, estavam o milho, o trigo e a mandioca. Desde a chegada dos imigrantes até por volta de 1840, estes “apenas sobreviveram às custas de uma agricultura de subsistência”<sup>5</sup>. No entanto, no início do século XX, a agricultura colonial gaúcha começa a enfrentar problemas como a concorrência com outras regiões brasileiras que se dedicavam até então à cafeicultura e, também, devido ao próprio esgotamento do solo e ao fracionamento das terras, impulsionadas pelas heranças e partilhas. “O fracionamento do minifúndio era levado até o momento em que se tornava impraticável nova divisão, com o que se verificava o processo de ‘enxamagem’ ou migração dos descendentes para novas áreas, dilatando a fronteira agrícola gaúcha.”<sup>6</sup> A atividade nas colônias, inicialmente apenas de sobrevivência, buscou, em seguida, atingir o mercado regional para, posteriormente, alcançar o mercado nacional. Através do trabalho familiar, os colonos levavam para outras regiões produtos como o vinho, a banha, o toucinho e a farinha. Nesse processo, podiam adquirir distintos produtos no mercado dos quais tinham necessidade.

Todavia, é a partir de meados do século XIX que esta condição parece modificar-se com a penetração gradativa do capital no campo, seja através do capital comercial ou, posteriormente, do capital industrial. Tanto a agricultura quanto a indústria “correspondem a momentos através dos quais se deu a internalização do capitalismo no Brasil”<sup>7</sup>. Assim, parte dos agricultores familiares se rendeu ao comando dos comerciantes e industriais no plano do mercado. Na dinâmica de articulação com a indústria, o colono fornece um trabalho excedente que é apropriado pelo capital industrial fora da propriedade agrária, no momento da entrega da matéria-prima para a fábrica. O industrial, por sua vez, passa a ter uma fonte dupla de acumulação: sobre a força-trabalho, no interior da empresa capitalista, e sobre o colono proprietário da pequena propriedade. Destarte, parece ter sido assim com vários produtos que passaram a ser industrializados como, por exemplo, o vinho, que deixou para trás a produção doméstica, assim como a banha e a farinha de trigo entre outros gêneros. Muitos produtos

---

<sup>4</sup> ANDREATTA, Tanice *et al.* Origens da formação agrária sul rio-grandense no contexto brasileiro. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 47, 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: SOBER, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/678.pdf>> Acesso em: 28 dez. 2012, p. 04.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra. *História do Rio Grande do Sul*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 47.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 76.

característicos da produção familiar colonial fabricados de forma artesanal subsumiram-se ao capital. Não foi diferente com outras culturas que, posteriormente, passaram a ser determinadas pelo mercado internacional.

A vinda dos imigrantes estrangeiros ao país insere-se em um processo mais amplo que diz respeito à expansão do capitalismo em nível mundial.<sup>8</sup> No tocante ao processo de colonização do Rio Grande do Sul haveria, neste sentido, dois momentos importantes: aquele que diz respeito à vinda dos imigrantes alemães e o outro referente à vinda dos imigrantes italianos.<sup>9</sup> A vinda dos imigrantes alemães teria relação com os interesses de povoamento e colonização das áreas virgens e, ademais, com a organização dos colonos em pequenos núcleos que poderiam, em certa medida, neutralizar o peso da oligarquia regional. Também, relacionar-se-ia à perspectiva da diversificação da estrutura produtiva, contribuindo, desta forma, com o abastecimento interno do país e amenizando o desnível da balança comercial causada pela importação de produtos industrializados.

Já a vinda dos italianos, por sua vez, teria outros interesses tais como a promoção do abastecimento do mercado interno brasileiro gerado pelo complexo cafeeiro e a formação de núcleos coloniais bem sucedidos, que pudessem servir de estímulo às novas imigrações.<sup>10</sup> De toda forma, pode-se dizer que até a metade do século XIX os imigrantes apenas puderam sobreviver à custa de uma agricultura de subsistência, praticamente sem auxílio algum por parte do Estado. Até quase o final do século XIX, lentamente vai se desenvolvendo uma agricultura comercial de gêneros produzidos para a subsistência e que são levados para a capital da província. Assim, na virada do século, a agricultura alemã atingirá o centro do país, abastecendo o mercado interno gerado pela economia cafeeira. Os comerciantes vão se destacando no cenário econômico do Rio Grande do Sul e, paralelamente, há o surgimento da indústria justaposta “à presença da acumulação de capital via comércio”<sup>11</sup>. Os italianos que chegaram cerca de cinquenta anos após a chegada dos alemães no Estado, encontraram as melhores terras já ocupadas e receberam lotes menores de terra. Esses imigrantes acabaram se especializando em um tipo de artigo: o vinho, que encontrou um amplo mercado. Outros núcleos italianos se dedicaram à criação de suínos e ao plantio do milho.

Pode-se dizer que a industrialização constituiu-se em processo fundamental para a compreensão do século XX no Brasil e também no Estado, vez que o capitalismo, enquanto modo de produção, tenderia a se identificar com o surgimento das fábricas. Desta forma, a

---

<sup>8</sup> PESAVENTO, op. cit., p. 46.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 49.

indústria assinalaria o estágio final da subsunção do trabalho ao capital.<sup>12</sup> No Estado e no processo de industrialização aqui desenvolvido, faz-se importante destacar as relações estabelecidas entre uma agropecuária colonial e a indústria emergente. A expropriação do colono foi fundamental para a acumulação de capital, dando-se fora da unidade fabril. A articulação com a indústria e igualmente com o mercado internacional marcou, assim, a agricultura do século XX.

É nesta contextura que, em meados do século XX, o cultivo da soja entrará em ciclo de expansão, com a redução da área plantada de alguns produtos como o trigo e o milho. O cultivo da soja ocupou o lugar de várias outras culturas praticadas, especialmente na região norte do Estado, uma região baseada na “agricultura familiar”, cujos principais produtos cultivados são a soja e o trigo.<sup>13</sup> A dinâmica do crescimento através da economia fundada na pecuária, assim como os limites alcançados de expansão da lavoura colonial, fez despontar a lavoura moderna e a indústria como formas privilegiadas de alcance do desenvolvimento econômico.<sup>14</sup> A configuração territorial será marcada pela indústria na região nordeste, pela agricultura ao norte e pela economia da estância pastoril ao sul.<sup>15</sup> O sul do Estado apresentará as características de predominância da atividade pastoril, a concentração da propriedade fundiária, índices baixos de densidade demográfica e urbanização marcada pelo distanciamento entre as cidades.<sup>16</sup> Já o norte será caracterizado por uma economia de base agrícola, sendo uma região que sofreu profundas transformações na sua estrutura agrária, evoluindo para a formação de granjas e o predomínio de pequenos e médios estabelecimentos agrícolas.<sup>17</sup> O período que inicia após a década de 1960, foi um período de expansão das atividades econômicas, marcando a intensificação da modernização do espaço agrário no Brasil. Tal intensificação esteve associada a políticas de crédito agrícola que, por sua vez, aliavam-se ao desenvolvimento das primeiras indústrias de insumos agrícolas (tratores, máquinas e equipamentos, defensivos químicos e medicamentos veterinários).

---

<sup>12</sup> PESAVENTO, Sandra. *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 8-9.

<sup>13</sup> Como agricultura familiar são designados os estabelecimentos que têm a direção dos trabalhos na propriedade e/ou estabelecimento, exercido pelo produtor, onde o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado. Cf.: GUANZIROLI, Carlos *et al. Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 50.

<sup>14</sup> HEIDRICH, Álvaro Luiz. *Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho*. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 104.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 106.

A partir desse período, em função do crescimento acelerado das cidades e, conseqüentemente, do aumento do mercado interno da demanda por carnes, ocorreu a construção de frigoríficos nacionais empregando tecnologias de refrigeração, mais modernos que as antigas plantas de capital estrangeiro. O início da década de 1960 foi marcado pelo surgimento da indústria automobilística no país, que proporcionou o transporte de animais vivos por distâncias mais longas, aproximando mais as zonas criadoras dos frigoríficos, e estas das zonas urbanas de consumo. O mesmo crédito subsidiado que permitiu a modernização da agricultura sul-riograndense, também possibilitou a expansão das plantas frigoríficas nacionais que abatiam e processavam bovinos de corte, principalmente, para atender os mercados dos Estados Unidos da América (EUA) e da Comunidade Econômica Européia.<sup>18</sup>

Todavia, esse ciclo de crescimento passa a sofrer instabilidades quando os preços internacionais e o crédito para investimentos alimentados pelo governo tiveram redução. Para os agricultores que haviam investido no cultivo de grãos, a crise foi incansável com a redução de recursos para os financiamentos agrícolas. No entanto, parte dos agricultores que estavam organizados e capitalizados deu continuidade ao caminho rumo a uma agricultura “moderna e tecnificada.”<sup>19</sup> Por sua vez, os pequenos agricultores vinculados à agricultura familiar não tiveram tanta sorte. Sem os recursos disponíveis e sem as garantias exigidas para a obtenção de financiamentos, os pequenos agricultores ficaram praticamente à margem de todo o processo que serviu àqueles bem estabelecidos e capitalizados. Assim, a saída foi retornar à diversificação da produção, com especial atenção ao aumento da produção de leite. Complementarmente, pode-se afirmar que o processo de modernização pertinente à segunda metade do século XX delinea-se por meio de três mudanças importantes: a mudança na base técnica da produção, a mudança na composição das culturas e a mudança na concentração fundiária e na utilização das terras.<sup>20</sup> Com relação à mudança na base técnica, houve a “tecnificação” do espaço agrário notadamente através de dois elementos: a quimificação e a mecanização. A quimificação se deu principalmente através do uso de fertilizantes e defensivos químicos. Já a mecanização deu-se especialmente através da utilização dos tratores nas atividades agropecuárias.<sup>21</sup> O crescimento do uso de fertilizantes químicos se deu de forma imponente, assim como a utilização dos defensivos químicos. São inseticidas, fungicidas, herbicidas que terão incremento em sua utilização, aliados ao uso de tratores nas áreas dedicadas à lavoura. Neste sentido, com relação às modificações da base técnica da agricultura, pode-se dizer que tal processo de tecnificação baseou-se, resumidamente, no uso de insumos químicos e na tratorização, podendo também se destacar neste contexto as

<sup>18</sup> ANDREATTA *et al*, op. cit., p. 15.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> SOUSA FILHO, Francisco Romualdo. As transformações no espaço agrário sul-riograndense pós 60. *Cadernos de Sociologia*, Número Especial: A pesquisa social na agricultura do sul do Brasil. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1994, p. 74.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 79.

inovações por produto, como as sementes selecionadas e o uso de técnicas específicas para conservação do solo e de irrigação.<sup>22</sup> A modificação na composição das culturas também é elemento importante na análise. A partir dos anos 1970, há um incremento muito pequeno ou mesmo negativo dos produtos tecnologicamente tradicionais ou destinados ao mercado interno. Por outro lado, crescem as culturas de exportação como a soja, com forte articulação à agroindústria.<sup>23</sup> Destarte, houve a expansão dessa cultura aliada a toda uma política comercial e de incentivos, especialmente àqueles atrelados aos preços internacionais que estimulavam o plantio de produtos destinados à exportação. Por fim, com relação às modificações do espaço agrário articuladas à concentração fundiária e ao uso da terra, percebe-se um aumento do grau de concentração da propriedade da terra, mesmo considerando-se que, historicamente, a estrutura fundiária brasileira (e gaúcha) sempre tenha sido bastante concentrada.<sup>24</sup> Há, assim, espécie de reconcentração fundiária, impedindo o acesso à terra para a produção agrícola de boa parte da população.

No entanto, há que se considerar, também, o processo de reestruturação das relações estabelecidas no processo produtivo rural, especialmente dos pequenos produtores, a partir das implicações estabelecidas através da produção agroindustrial.<sup>25</sup> A tendência à modernização na agricultura aprofundou as relações entre indústria e agricultura, como já referido anteriormente, na tentativa de transformar a produção agrícola em um processo de cunho industrial, promovendo a divisão social do trabalho numa complexidade de relações sociais de produção entre o rural e o urbano, desconsiderando, neste interim, fatores históricos culturais de produção e de contato com a terra, atinente aos pequenos agricultores.<sup>26</sup> As relações sociais estabelecidas no processo de integração entre os pequenos agricultores e a indústria, notadamente no caso da produção integrada de aves e suínos, seria parte inerente da estratégia modernizante da agricultura, objetivando diversificar a produção e promover a acumulação do capital industrial.<sup>27</sup> Assim, a produção de aves, por exemplo, entrou, definitivamente, no processo de internacionalização da economia do setor agropecuário.<sup>28</sup> Deste modo, principalmente o colono italiano foi seduzido, uma vez que as empresas conhecem bem o universo referencial, tanto do ponto de vista econômico como cultural, dos pequenos agricultores que habitam a região e, assim, adotam estratégias simbólicas que se

---

<sup>22</sup> SOUSA FILHO, op. cit., p. 83.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 84-85.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>25</sup> TEDESCO, João Carlos. O produtor familiar e a agroindústria, *Cadernos de Sociologia*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 6, Porto Alegre, 1994, p. 112.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>28</sup> Ibidem.

amoldam ao desejo, aos ideais da cultura econômica do imaginário do pequeno agricultor: concepção de trabalho, assalariamento, individualismo, parcimônia, entre outros. É desta forma que se desenvolverá o mito do trabalho, da ascensão econômica pelo viés do trabalho, da autossuperação pelo esforço, dedicação sem medidas, sacrifício, etc.<sup>29</sup>

Mesmo que o processo de penetração do capitalismo no campo gaúcho não tenha se dado de forma generalizada, pois boa parte da agricultura praticada no Estado continua sendo realizada com base na mão de obra familiar, sem vínculos estabelecidos com a indústria, a relação entre os agricultores familiares e as indústrias acusam esta percepção.<sup>30</sup> O vínculo entre agricultura e indústria é a tendência da modernização capitalista na agricultura, “tornando a primeira subordinada à segunda.”<sup>31</sup> A integração da agricultura familiar à indústria se apresentará como uma das formas do desenvolvimento do capital na agricultura. Assim, pode-se dizer que a substituição das atividades agrícolas ditas “naturais” vem sendo aos poucos ocupada por atividades integradas à indústria que, cada vez mais, intensifica a divisão do trabalho e especializa a produção agrícola.

[...] uma das principais transformações vividas pela agricultura nas últimas décadas é a de que, pouco a pouco e um após o outro, diferentes tipos de transformação de matérias-primas são engendrados e vão se formando ramos industriais com existência própria e que trocam seus produtos (que agora já são mercadorias) por produtos da agricultura.<sup>32</sup>

O fato acima mencionado atesta que, para além do vínculo da agricultura com a indústria, esta também vai se especializando. O capitalismo, quando entra no campo, faz com que se aprofunde a divisão do trabalho e, também, com que o camponês ou o pequeno agricultor tenha a sua economia natural destruída. A partir deste ponto podem ser criadas as bases para o desenvolvimento do capitalismo, onde este não se encontra ainda implantado. Ao destruir as bases da economia natural, criam-se as condições necessárias para que o capitalismo se expanda. Esta tese é sustentada por Marx quando afirma que:

o fundamental de toda divisão do trabalho desenvolvida e processada através da troca de mercadorias é a separação entre cidade e campo. Pode-se dizer que toda história econômica da sociedade se resume na dinâmica dessa antítese [...] o modo de

<sup>29</sup> TEDESCO, op.cit.

<sup>30</sup> Atualmente esse setor é responsável por 27% do Produto Interno Bruto (PIB) no Estado e produz 89% do leite, 74% do milho, 58% da soja, 74% das aves, 71% dos suínos, 38% dos bovinos de corte, e 97% do fumo. Cf.: BRIXIUS, Leandro; AGUIAR, Raquel; MORAES, Vanessa Almeida de. A força da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Disponível em:

<<http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/publicacoes/vol2/n3/reportagem7-15.pdf>>

Acesso em: 09 jan. 2013.

<sup>31</sup> TEDESCO, op. cit., p. 112.

<sup>32</sup> GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: IE/UNICAMP, 1998, p. 3-4.

produção capitalista completa a ruptura dos laços primitivos que no começo uniam a agricultura e a manufatura. Mas, ao mesmo tempo cria as condições materiais para uma síntese nova, superior, para a união da agricultura e da indústria, na base das estruturas que se desenvolveram em mútua oposição.<sup>33</sup>

Para Marx, a história antiga seria a história das cidades, todavia, das cidades que tiveram a sua base econômica assentada na agricultura e na propriedade rural. Já a história asiática seria uma espécie de unidade indiferente entre cidade e campo. Na Idade Média, por sua vez, a área rural seria o cenário da história, cujo desenvolvimento posterior dar-se-ia através da discrepância entre cidade e campo. “A história moderna seria, então, o processo de urbanização da área rural e não a ruralização da cidade”.<sup>34</sup> O processo de “industrialização do campo” ou mesmo de “urbanização da área rural” somente estaria completo quando a indústria se mudasse para o campo. Entretanto, observa-se que a tendência está em o próprio campo se transformar em indústria, em fábrica, com o advento da agroindústria, do “agronegócio”. Destarte, a agricultura como ramo natural vai tendendo à transformação, aspirando converter-se, cada vez mais, em um dos ramos da indústria. A agricultura modifica-se com uma ênfase industrial, constituindo-se em um setor que se encontra subordinado ao capital. É neste sentido que se pode asseverar que “o espaço rural tem sofrido fortes impactos” causados por mudanças estruturais na economia relacionados, em boa parte, aos processos de integração econômica.<sup>35</sup> Entre tais processos encontra-se a queda nas condições de sustentabilidade das unidades de produção agrária, decorrente da redução de sua sustentabilidade, onde o vínculo com a indústria seria a pretensa alternativa à sustentabilidade das pequenas propriedades agrícolas.<sup>36</sup>

Como já apontado por Marx, o processo de destruição da economia natural camponesa inicia com a revolução agrícola, consumando-se com o desenvolvimento capitalista de produção. Assim, a destruição desta economia levou à separação entre cidade e campo, ficando o campo com o desenvolvimento e prática das atividades relativas à agricultura. Ocorre, portanto, a separação entre manufatura e agricultura, onde a primeira das atividades passa a ser exercida em outro espaço: aquele destinado às atividades ditas “urbanas,” relativas à cidade. Essa separação teria se iniciado no período manufatureiro, sendo completada no modo de produção capitalista. Desta maneira, o desenvolvimento do capitalismo no campo

<sup>33</sup> MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. v.1. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 404.

<sup>34</sup> Idem. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 74-75.

<sup>35</sup> FERNANDES FILHO, J. F.; CAMPOS, Flávia Rezende. A indústria rural no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, vol. 41, n. 4, nov-dez, 2003, p. 859.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 860.

levou também à destruição da indústria rural.<sup>37</sup> Houve um deslocamento das atividades de manufatura, antes realizadas nas unidades de produção agrícolas, sendo que estas passaram a ser desenvolvidas nas cidades. Todavia, a distinção entre campo e cidade fica, contemporaneamente, cada vez mais difícil de ser caracterizada. “Está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano.”<sup>38</sup> Do ponto de vista espacial e da atividade econômica desenvolvida, cada vez menos os espaços rural e urbano se distinguem. Hodiernamente, as cidades já não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, da mesma forma que o campo não pode mais ser identificado somente com as atividades relacionadas à agricultura e à pecuária.<sup>39</sup> Deve-se observar, entretanto, que no Brasil, o desenvolvimento do capitalismo na agricultura foi lento, iniciando “com o desenvolvimento da economia cafeeira em São Paulo”<sup>40</sup> e não se deu com a mesma magnitude e intensidade que na Europa, quando da análise realizada por Marx: não houve uma completa destruição da chamada indústria rural.<sup>41</sup>

Lênin afirmará, por sua vez, que o indicador essencial do capitalismo na agricultura seria o trabalho assalariado. Este seria o indicador maior que apontaria para o desenvolvimento do capitalismo no campo.<sup>42</sup> Na análise empreendida acerca da agricultura nos Estados Unidos, afirma o autor que, em se confrontando os dados de uma mesma natureza e de uma mesma época relativos à indústria e à agricultura, esta última aparecerá sempre com um atraso significativo, se comparada à primeira. Ademais, observou uma vasta possibilidade de eliminação da pequena produção tanto na agricultura quanto na indústria. Para o autor, os pequenos agricultores “independentes e ainda cheios de ingênuas ilusões sobre a possibilidade de viverem do trabalho de suas próprias mãos”<sup>43</sup> parecem, de fato, em vias de aniquilamento. Lênin concluirá seu estudo afirmando que:

- a) Na agricultura o trabalho manual predomina ainda sobre as máquinas mais do que na indústria, no entanto, está em constante avanço melhorando as técnicas de

<sup>37</sup> FERNANDES FILHO; CAMPOS, op. cit., p. 862.

<sup>38</sup> GRAZIANO DA SILVA, José. *O novo rural brasileiro*. 2. ed. rev. Campinas, SP: IE/UNICAMP, 2002, p. 1.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> FERNANDES FILHO; CAMPOS, op. cit., p. 863.

<sup>41</sup> Ibidem. Para Marx indústria rural significa todas as atividades de manufatura realizadas nas unidades de produção camponesas e que depois, com a intensificação do processo de divisão social do trabalho, passaram a ser desenvolvidas nas cidades.

<sup>42</sup> Cf: LENIN, Vladimir Ilich Ulianov. *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América*: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. São Paulo: Editora Brasil Debates, 1980. Seria possível avistar aqui a questão do assalariamento do pequeno agricultor fora de sua propriedade, não necessariamente no âmbito da pequena propriedade agrícola camponesa, como asseverado pelo autor, mas em trabalho diverso visando a complementação de renda, como será visto na próxima subseção.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 62.

- cultivo, ampliando as escalas de exploração e tornando-as cada vez mais capitalistas;
- b) O indicador essencial do desenvolvimento do capitalismo na agricultura é o assalariamento, bem como o emprego de máquinas em todos os ramos da agricultura;
  - c) O aumento do número de trabalhadores assalariados tenderá a superar o da população rural;
  - d) A eliminação da pequena produção pela grande produção avança na agricultura, mas essa eliminação é minimizada e a situação dos pequenos agricultores é “embelezada”, vez que os investigadores, não raras vezes, classificam as explorações segundo a superfície, escondendo a sua intensidade;
  - e) O capitalismo não se expande apenas pela aceleração do desenvolvimento das explorações de grande extensão nas regiões de agricultura extensiva, mas também pela criação de explorações maiores quanto ao volume de sua produção, de caráter capitalista mais acentuado e em lotes de terra de menor dimensão, nas regiões de agricultura intensiva;
  - f) Enfim, a concentração da produção nas grandes explorações seria efetivamente mais forte e a eliminação da pequena produção seria efetivamente mais profunda e progressiva do que os dados indicam, ou seja, a expropriação da pequena agricultura prosseguiria.

Em obra diversa, Lênin também abordará a questão relativa ao fim do campesinato na sua articulação com o avanço do capitalismo na Rússia. Para o autor, haveria espécie de diferenciação social dos camponeses, apontando à decomposição destes em patrões e operários agrícolas, sendo estes últimos a maioria.<sup>44</sup> O processo de desintegração do campesinato seria, desta forma, um processo irreversível por meio do avanço capitalista. Utilizando-se de diferentes dados estatísticos, Lênin antevê o processo de expansão capitalista rumo ao campo. Este traria consigo a transformação do camponês que se converteria em empresário rural ou em trabalhador assalariado. O camponês vinculado às atividades da terra e produzindo para a sua sobrevivência e da família estaria em vias de extinção, como já aludido anteriormente. Todavia, cabe ressaltar que o camponês tenderia a ficar subordinado ao mercado tanto no que condiz à sua sobrevivência em termos de consumo, quanto em termos da atividade agrícola propriamente dita. Tal transformação serviria bem ao

---

<sup>44</sup> LÊNIN, Valdimir Ilich Ulianov. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 67.

desenvolvimento do capitalismo na medida em que seriam criados novos espaços para este se expandir, ampliando as fronteiras já abarcadas pelas cidades. É assim que o campesinato, considerado por Lênin como “antigo”, “tradicional”, deixará de existir, sendo substituído por novos tipos de população rural que entrariam no círculo de uma sociedade dominada pela economia mercantil e pela produção de caráter capitalista.<sup>45</sup>

Também Kautsky analisará a questão camponesa na Alemanha, buscando compreender os efeitos da entrada do capitalismo no espaço rural.<sup>46</sup> Neste sentido, descreve diferentes formas através das quais o capital expropria o camponês, deteriorando as relações sociais, destruindo as pequenas propriedades e sujeitando o camponês à adesão de novas formas de produção, proletarizando-o. Para o autor, a grande propriedade agrícola seria superior em termos técnicos se comparada à pequena propriedade e, com o avanço capitalista no campo, a pequena propriedade tenderia ao desaparecimento. Outro fator importante destacado refere-se ao processo de vinculação da agricultura com a indústria, tendência capitalista e de destruição das bases agrícolas da economia.<sup>47</sup> As pequenas propriedades agrícolas familiares tenderiam ao desaparecimento na relação direta com o aumento da grande propriedade rural. As pequenas propriedades que sobrevivessem teriam uma integração forte com as maiores, uma relação que remeteria ao processo de subordinação: a grande e a pequena propriedade teriam uma relação como a do burguês e do proletariado.

Dessa maneira, Kautsky conclamava a supressão da pequena exploração, por entender que a mesma resistia tão somente por estar assentada no sobre-trabalho e na subalimentação dos camponeses, condição mais aviltante, em sua ótica, do que o próprio assalariamento. Em suma, advogava a inviabilidade da agricultura camponesa e a viabilidade da grande exploração capitalista, tomando para si a tarefa política de apregoar suas fragilidades e, assim, abreviar o tempo necessário ao desaparecimento da primeira e a emergência do proletariado.<sup>48</sup>

Assim, a destruição da pequena propriedade rural obrigaria o camponês a buscar trabalho adicional, uma vez que a pequena propriedade, tecnicamente improdutiva para fornecer excedente e desprovida de boa produção, não possibilitaria as condições dignas de sobrevivência. Dessa forma, o trabalho adicional seria quase que compulsório. O “trabalho acessório”, como se refere Kautsky, seria imperativo na medida em que “poucas horas do dia seriam dedicadas às tarefas na propriedade rural, possuindo o camponês tempo sobrando para

---

<sup>45</sup> LÊNIN, 1985, p. 114.

<sup>46</sup> KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Laemmer, 1968.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 182.

<sup>48</sup> ALMEIDA, Rosemeire Aparecida; PAULINO, Eliane Tomiasi. Fundamentos teóricos para entendimento da questão agrária: breves considerações, *Geografia*, Londrina, v.9, n. 2, 2000, p. 115.

o exercício de atividades diferenciadas e complementares de sua renda”.<sup>49</sup> Enfim, a agricultura se desenvolveria da mesma forma que a indústria: de forma concentrada e expropriadora em essência. A pequena produção seria espécie de estágio a ser superado, na medida em que a inferioridade técnica desta inevitavelmente a levaria à dissipação. Ademais, a pequena propriedade traria mal maior: seria responsável pela formação, à margem da sociedade, de toda uma classe social “rude”, sobre a qual pairariam todas as misérias e infortúnios.<sup>50</sup> O processo de articulação da agricultura e da indústria também foi estudado por Chayanov, apondo referência à singularidade do trabalho e da organização camponesa.<sup>51</sup> Para o autor, o camponês encontrar-se-ia limitado pelo objetivo fundamental de satisfazer as necessidades familiares. Estas, por sua vez, não se equiparariam às necessidades de uma empresa.<sup>52</sup> A forma de organização camponesa chayanoviana pressupõe a família como unidade social em torno da qual se organiza o trabalho. O que determina o comportamento camponês não se encontra nos desejos individuais de cada indivíduo componente da unidade familiar, mas nas necessidades decorrentes da reprodução de todo o conjunto familiar.<sup>53</sup> Além disso, o volume da atividade familiar dependeria, fundamentalmente, do número de consumidores presentes na mesma família. A estrutura da família camponesa encontraria suporte nesses consumidores e não no número de trabalhadores que perfazem o trabalho propriamente dito. “A renda familiar seria, conseqüentemente, um todo indivisível”.<sup>54</sup> Na medida em que a decisão de produzir, como produzir e de que forma produzir seria inerente à esfera interna da família, Abramovay abalizará algumas considerações sobre o comportamento camponês com base nos estudos chayanovianos:<sup>55</sup>

- a) Mesmo produzindo para a própria sobrevivência, a família camponesa chayanoviana não se encontra apartada do mercado, dos financiamentos e mesmo do progresso técnico. É da relação entre a penosidade do trabalho e a satisfação das necessidades familiares que dependeria em grande medida, a escolha da família com relação, por exemplo, à venda das safras, financiamentos e uso de tecnologia ou insumos de origem industrial;

---

<sup>49</sup> KAUTSKY, op. cit., p. 149.

<sup>50</sup> Ibidem.

<sup>51</sup> Cf.: CHAYANOV, Alexander Vasilevitch. *The Theory of peasant economy*. Homewood, Illinois: The American Economic Association, 1966.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>53</sup> CHAYANOV, op. cit., p. 62.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Cf.: ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. 2. ed. Campinas: Hucitec, 1998.

- b) Contrariamente ao pensamento leninista de que o pequeno produtor camponês fatalmente desvanecer-se-ia, transformando-se em proletário ou burguesia, percebe-se que com o avanço do capitalismo no campo, avança, paralelamente, a área dos pequenos estabelecimentos e diminui a área dos grandes estabelecimentos; e, por fim,
- c) Haveria uma integração entre os estabelecimentos familiares e a agroindústria que se daria de forma verticalizada.<sup>56</sup>

No momento em que Chayanov faz esses apontamentos, a Rússia se encontra em processo de modernização da agricultura e o que parecia acontecer era, não a extinção dos camponeses pela penetração do capitalismo no campo, mas justamente o desenvolvimento de uma articulação entre os produtores familiares (camponeses) com a agroindústria, sob o comando desta. Assim, os laços comerciais que converteriam a unidade familiar natural, isolada em uma pequena produtora de mercadorias, seria sempre o primeiro caminho para a penetração do capitalismo no interior do país. Através dessas conexões, cada pequeno empreendimento camponês tornar-se-ia parte orgânica da economia mundial, experimentando os efeitos da vida econômica geral do mundo, dirigindo-se poderosamente em sua organização pela demanda do mundo econômico capitalista e, por sua vez, junto com milhões de unidades semelhantes, que afetariam o conjunto do sistema da economia mundial.<sup>57</sup> No entanto, a integração com a agroindústria somente seria possível se o camponês seguisse os padrões impostos por esta, através das suas diferentes determinações e isso, por si só, transformaria a produção camponesa assentada na família. Para Chayanov não seria necessariamente o capital privado que arranjaría esta nova forma de organização da agricultura, mas o cooperativismo. Este seria capaz de conformar a relação estabelecida entre camponês e agroindústria. Enfim, a ideia geral é também de que o camponês e sua pequena produção familiar haveriam de se alterar por meio da penetração gradual do capitalismo no campo. Essa transformação causada pela inserção do camponês nas relações mais amplas engendradas pelo mercado, por sua vez, subverteria as peculiaridades da constituição da produção familiar: a relação entre trabalho e consumo, a relação entre o trabalho e a satisfação das necessidades. Entretanto, os camponeses não estariam necessariamente condenados ao aniquilamento, mas estariam cada vez mais sujeitos às injunções da agroindústria capitalista ou, ainda, de caráter cooperativo. Isso implica dizer que o camponês tenderia

---

<sup>56</sup> ABRAMOVAY, Ricardo (Org.) *et al. Laços financeiros na luta contra a pobreza*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 70.

<sup>57</sup> CHAYANOV, *op. cit.*, p. 69.

irremediavelmente à transformação, mas apenas em uma situação limite é que estaria condicionado à extinção. Por sua vez, a família, como escopo da atividade agrícola, conforme proposição chayanoviana, encontrar-se-ia em vias de desaparecimento, cedendo lugar a uma agricultura onde o agricultor comporta-se mais como um microempresário, atendendo a demandas não somente do mercado no qual se encontra inserido, mas também tecendo estratégias baseadas na diversificação, para fazer o enfrentamento em períodos de crise. Do acima disposto pode-se questionar: estariam mesmo os camponeses ou pequenos agricultores tendendo ao desaparecimento? Que outras mudanças podem ser avistadas?

### **3.2 Procurando o que foi perdido: o leque e o par de luvas brancas**

O advento do capitalismo e sua inserção no campo, notadamente nos países desenvolvidos, trouxe consigo algumas características específicas, quais sejam: o desmonte das atividades produtivas em função da possibilidade de externalização de várias outras atividades que antes tinham que ser realizadas no campo, por meio da contratação de serviços externos; a especialização produtiva crescente, permitindo o aparecimento de novos produtos e de mercados secundários; a formação de redes, vinculando fornecedores de insumos, prestadores de serviço, agricultores, agroindústrias e empresas de distribuição comercial; o crescimento do emprego qualificado no meio rural, notadamente das profissões técnicas e administrativas de conteúdo tipicamente urbano, como motoristas, mecânicos, digitadores e profissionais liberais vinculados às atividades rurais não agrícolas; e melhorias da infraestrutura social e de lazer, com maior facilidade no transporte e meios de comunicação, possibilitando, com isso, maior acesso aos bens públicos.<sup>58</sup> Mas há também altos níveis de pobreza e miséria nas regiões rurais, uma vez que a realidade dos países centrais ou desenvolvidos difere daquela vivida nos países subdesenvolvidos ou periféricos. Hobsbawm asseverará que “a mudança social mais impressionante e de mais longo alcance da segunda metade deste século, e que nos isola para sempre do mundo do passado, é a morte do campesinato”<sup>59</sup>. Por morte do campesinato o autor compreende a drástica mudança social que se está ainda atravessando, com a redução da população vinculada ao trabalho agrícola. Segundo o autor, no início da década de 1980, menos de três em cada cem britânicos ou belgas trabalhavam na agricultura. A população agrícola nos Estados Unidos também caiu para essa proporção.

<sup>58</sup> ABRAMOVAY, Ricardo (Org.), *et al*, 2004, op. cit., p. 8-9.

<sup>59</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 284.

Nenhum país do Leste Europeu tinha mais de 10% da população ocupada na atividade agrícola, salvo algumas raras exceções. No Japão os camponeses, que compreendiam 52,4% da população em 1947, já não passavam de 9% em 1985. Na América Latina, a porcentagem de camponeses se reduziu pela metade na Colômbia, no México e também no Brasil.<sup>60</sup>

Aliado às inovações tecnológicas, tanto em termos de maquinaria como em termos de produtos químicos de combate às pragas, a agricultura passa, cada vez mais, a não necessitar da mão de obra dos inúmeros trabalhadores que eram, até então, responsáveis pela colheita das diferentes safras agrícolas. O aumento, em termos de produtividade, resultante da Revolução Verde<sup>61</sup>, tem sido tão importante que tem sobrepujado outros setores da economia como a indústria e mesmo os serviços.<sup>62</sup> Como consequência, os preços dos produtos agrícolas têm aumentado de forma muito mais lenta do que outros produtos. Como visto anteriormente, nos anos 60 e 70, muitos países considerados desenvolvidos viveram a chamada Revolução Verde, cujo objetivo centrava-se no plantio de produtos agrícolas voltados ao mercado exportador como o trigo, a soja, o milho, inclusive com a utilização de novas linhagens desses produtos, garantindo boa produtividade.<sup>63</sup> A produção aumentou, todavia, não reduziu a fome e a desnutrição, percebendo-se que a chamada Revolução não possuía vínculo algum com as necessidades de boa parte da população que possui, ainda, necessidades de consumo para fins da própria sobrevivência, do desenvolvimento e da reprodução da vida.

Nos Estados Unidos, as sementes melhoradas ou geneticamente modificadas combinadas com fertilizantes específicos permitiram colheitas maiores e fizeram baixar os preços dos produtos agrícolas. Não obstante, tal produtividade foi acompanhada pela alta nos custos da produção agrícola, diminuindo as margens de lucro.<sup>64</sup> Observa-se atualmente que há todo um investimento em marketing financiado por grandes empresas do setor agrícola como a Monsanto, Novartis, AgrEvo, DuPont, entre outras, que apoiam os melhoramentos genéticos através da transgenia, ao mesmo tempo em que defendem a adoção de legislações mais

---

<sup>60</sup> HOBBSAWM, op. cit., p. 286.

<sup>61</sup> “O processo de modernização da agricultura, difundido internacionalmente pelos USA implicou, ao mesmo tempo, na difusão de um modelo de agroindustrialização da agricultura, com a utilização de tecnologias mecânicas e agroquímicas e de inovações biogenéticas conhecidas, em seu conjunto, como Revolução Verde.” Cf.: SCHNEIDER, Sérgio. O desenvolvimento agrícola e as transformações da estrutura agrária nos países do capitalismo avançado: a pluriatividade. *Revista Reforma Agrária*, ABRA, Campinas, v. 24, n. 03, p.106-132, 1994, p. 08.

<sup>62</sup> MAZOYER, Marcel. *Mundialización liberal y pobreza campesina: ¿qué alternativa?* In: HOUTARD, François (Comp.). *Globalización, agricultura y pobreza*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2004, p. 18.

<sup>63</sup> CAVALCANTE, David. *Globalización y agricultura: las nuevas necesidades de la acumulación capitalista en el sector agrícola*. In: HOUTARD, François (Comp.). *Globalización, agricultura y pobreza*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2004. p. 217.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 218.

flexíveis para a garantia do livre mercado como forma de superar a fome no planeta.<sup>65</sup> Essa agenda é também defendida por todos aqueles que possuem interesse nessa questão, como Organização Mundial do Comércio (OMC) onde a agricultura, nas diferentes rodadas de negociação da referida organização, vem sendo vista como um dos grandes espaços para acesso aos mercados mundiais. Tudo isso devido aos excedentes de produção da agricultura capitalista que, para sobreviver, necessita cada vez mais arruinar a pequena agricultura camponesa e controlar, de modo monopolizado e padronizado, o uso de sementes e agrotóxicos de toda ordem.<sup>66</sup> Por fim, cabe ressaltar, em que pese à redução da população rural como um todo e o processo de urbanização do mundo rural, que os camponeses ou pequenos agricultores ainda representam quase metade da humanidade.<sup>67</sup> Como bem afirma Oliveira, o mercado é implacável e cada vez menos se regula pelo nacional. “*Mundializado él mundializa al nacional.*”<sup>68</sup> Destrói, desta maneira, as suas bases, lançando o país nas tramas da rede capitalista mundial.

É neste contexto que a agricultura familiar passa por metamorfoses que engendram novos processos agrários, novas relações de trabalho e novas estratégias de reprodução. São estabelecidas relações de assalariamento produzidas pela aproximação “[...] do pequeno agricultor com a indústria e também pelo advento da sojicultura”<sup>69</sup>, vetores da modernização capitalista no Estado. A emergência dos novos assalariados ou “colonos-operários”<sup>70</sup> decompõe a forma de organização da agricultura familiar, anunciando que já não se faz o trabalho no meio rural da mesma maneira, podendo-se induzir que o rural já não é mais sinônimo de essencialmente agrícola. Esse “novo rural” que surge pressupõe

[...] uma agropecuária moderna, ligada à agroindústria que vem sendo chamada de *agribusiness* brasileiro; um conjunto de atividades de subsistência que gira em torno da agricultura rudimentar e da criação de pequenos animais e que visa manter uma determinada população no campo e um exército de trabalhadores rurais sem-terra, sem emprego fixo, sem qualificação e que foram excluídos pelo mesmo processo de modernização que gerou o *agribusiness*; um conjunto de atividades não-agrícolas ligadas à moradia, lazer e várias atividades industriais e de prestação de serviços e, ainda, todo um conjunto de atividades agropecuárias localizadas em ‘nichos’ específicos de mercado.<sup>71</sup>

Esta é a situação da agricultura brasileira de maneira geral e do mundo rural gaúcho

<sup>65</sup> CAVALCANTE, loc.cit.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 219-220.

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Los mitos del agronegocio en Brasil. In: HOUTARD, François (Comp.). op. cit., p. 226.

<sup>69</sup> SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 86.

<sup>70</sup> Ibidem., p. 153.

<sup>71</sup> GRAZIANO DA SILVA, 2002, op. cit., p. 67.

em particular. Vive-se em processo de “desruralização.” Cada vez mais o pequeno agricultor encontra-se despojado dos laços que o ligam à terra e aos seus meios de produção. Trata-se de uma expropriação lenta e vil.<sup>72</sup> Esse processo que se chamou acima de desruralização<sup>73</sup> relaciona-se também a um movimento de desconcentração da produção industrial que inicia por volta dos anos 1970.<sup>74</sup> É também entre os anos de 1970 e 1980 que houve um crescimento dos estabelecimentos industriais no Brasil de cerca de 184%. No entanto, a partir dos anos 1980 haverá um decréscimo no número de estabelecimentos industriais derivado, em boa medida, do processo de concentração da propriedade industrial que avança.<sup>75</sup> Há um movimento de desconcentração das indústrias que passam a exercer suas atividades fora dos grandes centros urbanos.

Resta importante salientar que “em virtude da modernização dos equipamentos e da remodelação dos arcabouços normativos (impostos, isenções, sindicatos, etc.), dados técnicos e dados políticos articulam-se para determinar a instalação das fábricas [...]”<sup>76</sup>. Antes disso, pode-se dizer que houve algumas transformações importantes que dizem respeito ao próprio desenvolvimento inicial do capitalismo no campo brasileiro e que se relacionariam à lenta decomposição do complexo rural iniciada em 1850, com a Lei de Terras e a proibição do tráfico de escravos.<sup>77</sup> Até 1960, a sociedade rural brasileira teria passado por três etapas distintas. A primeira delas seria o período compreendido entre 1850 e 1890 que se caracterizou pela gradativa redução do trabalho escravo e a introdução do trabalho livre nas fazendas de café do oeste paulista. Nasceria aqui o complexo cafeeiro que manteria internalizada a produção dos meios de produção para as fazendas de café e de parte da força de trabalho. No entanto, algumas atividades estariam neste momento já se separando do complexo cafeeiro, tais como alguns pequenos produtores de alimentos e pequenas indústrias rurais para o abastecimento de cidades e vilas que se formavam neste período.<sup>78</sup> Nesta época tem-se o nascimento da indústria têxtil e criam-se algumas atividades manufatureiras nas cidades como louças, chapéus e demais bens de consumo não duráveis. O segundo período

<sup>72</sup> MACHADO, Antônio Macile Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária, *Revista Nera*, v.13, n. 17, 2010, p. 72.

<sup>73</sup> Alguns autores como Graziano da Silva chamam este processo de urbanização do meio rural. Prefere-se, neste estudo, a utilização do termo desruralização, uma vez que caracteriza melhor o processo de erosão dos modos de vida aí instalados, assim como as transformações implementadas pelo avanço do modo capitalista de produção no campo.

<sup>74</sup> SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 106.

<sup>75</sup> SANTOS; SILVEIRA, loc. cit.

<sup>76</sup> SANTOS; SILVEIRA, op. cit., p. 108.

<sup>77</sup> GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2. ed. rev. Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 1998, p. 11.

<sup>78</sup> *Ibidem*.

analisado por Graziano da Silva data de 1890 até 1930. Essa época constituiria o auge do complexo cafeeiro antes da crise. As atividades urbanas expandem-se e outros setores começam a emergir, derivando do próprio complexo cafeeiro como o setor de máquinas e equipamentos agrícolas que se localizam, neste período, fora das fazendas e se estabelecem as primeiras agroindústrias como as de óleos vegetais, açúcar e álcool. Por fim, o terceiro e último período traria a integração dos mercados nacionais (de alimento, matérias-primas, e de trabalho) finalizando a constituição do setor industrial produtor de bens de capital e de insumos básicos. É neste período que se completará o processo geral de industrialização e, ademais, inicia um processo específico: o de industrialização da agricultura. É o período da nova configuração agrícola e do surgimento do proletariado rural e que darão conta da nova dinâmica de acumulação do capital no campo.<sup>79</sup> O café teria sido responsável pelo financiamento desse processo por meio dos mecanismos de diferenciação cambial que davam proteção às indústrias nascentes à custa de um confisco sobre o preço da saca de café exportada.<sup>80</sup> Assim, de 1930 a 1970, vai se consolidando no país um novo padrão de desenvolvimento, cuja base seriam os setores urbanos e industriais da economia, buscando atender o mercado interno que se encontrava em expansão.<sup>81</sup> Se até a década de 1920 a economia brasileira era predominantemente rural correspondendo ao modelo primário exportador, agora se encontra sob o comando de uma economia urbanizada e industrializada, onde o setor agropecuário deixa de ser o segmento dominante.<sup>82</sup> Esse processo vivido na economia afetou o mundo rural: começam a ser estabelecidos vínculos entre a indústria que se consolida e a agricultura, dando início a um processo que se pode chamar de “industrialização da agricultura”<sup>83</sup>, ou seja, a adaptação dos processos produtivos da indústria aos processos produtivos agrícolas.

Todas as sociedades anteriores ao capitalismo foram sociedades camponesas dedicadas à agricultura e regidas por lógicas diversas.<sup>84</sup> No entanto, é preciso destacar que na contemporaneidade os pequenos agricultores ou camponeses têm sido duramente sacrificados seja pela modificação na base técnica de suas atividades, seja através da utilização massiva da química nos cultivos, uso de máquinas e equipamentos e mesmo a diversificação das culturas atendendo às demandas internacionais, não raras vezes associadas às políticas e incentivos de

<sup>79</sup> GRAZIANO DA SILVA, 1998, op. cit., p. 05.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>81</sup> SZMRECSÁNYI, Tamás. *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 71.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 72.

<sup>84</sup> AMIN, Samir. Três millones de campesinos amenazados. In: AMIN, Samir (Org.) *Las luchas campesinas y obreras frente a los desafíos del siglo XXI: el porvenir de las sociedades campesinas y la reconstrucción del frente unido de los trabajadores*. Espanha: El viejo Topo, 2005, p. 11

caráter nacional e/ou internacional. Em verdade, pode-se dizer que *par i passo* a essas alterações o conjunto do conceito da agricultura tem mudado. De um modo integral de vida passa a constituir-se em um modo integral de obtenção de lucros.<sup>85</sup>

La agricultura capitalista, representada por una clase de nuevos campesinos ricos y hasta por latifundistas modernizados, o por grandes extensiones explotadas por las transnacionales del *agrobusiness*, se apresta a apoderarse de la agricultura campesina.<sup>86</sup>

O mundo rural ou agrário já se encontra tecido e emaranhado pela atuação das empresas, corporações e conglomerados industriais.<sup>87</sup> De acordo com Ianni, são núcleos ativos e predominantes que articulam as atividades produtivas e os mercados, geopolíticas mercantis, marketings, modalidades de produtos, fazendo com que o rural seja subsumido ao grande capital. Cabe ainda ressaltar as atividades das transnacionais que modificam a utilização do solo e a orientação das atividades agrícolas gerando, inclusive, tendências no emprego capitalista da terra agrícola no que se refere à produção de proteínas, substituindo, não raras vezes, as dietas tradicionais da população em geral. Assim, em quase todos os setores agropecuários está a ocorrer a racionalização dos processos produtivos, de organização social e técnica do trabalho, de modo a acelerar a produtividade e ampliar as condições de produção de excedentes, lucro, mais-valia.<sup>88</sup> Os processos de concentração e de centralização do capital, por sua vez, tratam de revolucionar as condições de vida e de trabalho no campo, trazendo o urbano como estilo de vida e o “modo de localizar-se no mundo.”<sup>89</sup> Todavia, ainda subsiste a pequena produção, a pequena propriedade rural de tipo familiar, conforme já observado. A pequena produção parece, em geral, determinada pela grande produção e “de modo direto ou indireto pode estar “satelizada” pela dinâmica da grande empresa”<sup>90</sup>. Para ilustrar a violência dos procedimentos capitalistas, cita-se Houtart que, ao analisar a situação dos pequenos agricultores que se dedicam ao cultivo do arroz no Sri Lanka, apresenta circunstância bastante complexa relativa àqueles agricultores.<sup>91</sup> Explica que há mais de 2.500 anos o Sri Lanka foi uma sociedade que girou em torno do cultivo do arroz e este representava 75% do consumo de cereais.

Cerca de 80% de los pequeños productores agrícolas cultivan arroz. La sociedad se forjó por el control del agua como factor clave de la producción agrícola básica y no

<sup>85</sup> SWAMINATHAN, Srilata. Desafíos y luchas en agricultura de la India hoy. In: Amin, Samir (Org.), op. cit., p. 28.

<sup>86</sup> Ibidem.

<sup>87</sup> IANNI, Octávio. Agricultura e mundialização, *Cadernos de sociologia*, A pesquisa social na agricultura do sul do Brasil. Número especial. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, 1994, p. 13.

<sup>88</sup> IANNI, op. cit., p. 14.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 14

<sup>90</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>91</sup> HOUTART, François. ¿Por qué los pequeños cultivadores de arroz deben desaparecer de Sri Lanka? In: AMIN, Samir, op. cit., p. 55.

por la propiedad del suelo como en Europa. El poder político se erigió en torno del dominio de la irrigación desde la época de los pequeños reinos del primero milenio antes de J. C. Hasta la unificación de la isla, 500 años antes de nuestra era, bajo un poder único capaz de organizar un sistema integrado de irrigación. Inmediatamente después de instalada, la monarquía introdujo el budismo como expresión simbólica del nuevo estatus.<sup>92</sup>

O que aconteceu foi que, depois da independência, os primeiros governos ainda mantiveram a propriedade da terra, que era coletiva, e desenvolveram políticas de apoio aos pequenos agricultores. No entanto, a partir de 1977 o governo passou a orientar a economia de acordo com as políticas desenhadas pelo Consenso de Washington, ou seja, produzir para a exportação, liberalizar os mercados, efetuar trabalhos de infraestrutura para gerar a atração de investimentos estrangeiros no país e, por fim, dismantelar os sistemas de proteção econômica e social.<sup>93</sup> Neste contexto, o país ingressa em uma conjuntura onde predomina a desigualdade e a vida no meio rural vai se tornando inviável. Há um decréscimo no preço dos produtos agrícolas, a renda familiar é reduzida, a pobreza avança e os camponeses entram em estado de desespero. Entre as várias reformas realizadas com o aval do Banco Mundial naquele país, encontra-se a privatização. Seria necessário acelerar os processos de privatização, introduzir uma maior flexibilidade no trabalho, outorgar aos pequenos proprietários agrícolas títulos de propriedade, vez que estes ainda não contavam com tal documento, eliminar todos os obstáculos para a aquisição de terras por estrangeiros e, finalmente, suprimir as proteções e introduzir o setor privado na educação e na saúde.<sup>94</sup> Por fim, conforme afirmará o autor, *“la desesperación se instala, sobre todo entre los pequeños campesinos. La tasa de suicidios se eleva a un nivel tal que coloca el país en el primer lugar mundial por esta causa a principios de la década de 1990.”*<sup>95</sup> Infelizmente, semelhante situação também é percebida na Índia, onde cada vez mais o camponês se encontra depauperado e marginalizado e, como afirma Swaminathan, ao abordar os diversos desafios que se colocam à questão da agricultura, o mais importante estaria em *“[...] la forma de salvar nuestra agricultura y a nuestro campesinato de la total destrucción”*.<sup>96</sup> O autor aborda o tema do endividamento dos pequenos agricultores através da compra de pesticidas, sementes, eletricidade, como tangenciados aos casos de suicídio: *“caso por caso, se ha demostrado que estos propietarios se suicidaron con*

<sup>92</sup> HOUTART, op.cit.

<sup>93</sup> Ibidem., p. 56.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>95</sup> Ibidem.

<sup>96</sup> SWAMINATHAN, Srilata. Desafíos y luchas en la agricultura de la India hoy. In: AMIN, Samir. *Op. Cit.*, p. 27.

*posterioridad a recolecciones infructuosas.*”<sup>97</sup> É também Shiva quem alertará para a questão envolvendo a pequena agricultura e a morte dos camponeses:

Small farms of the world provide 70 per cent of the food, yet are being destroyed in the name of low "yields". Eighty eight per cent of the food is consumed within the same eco-region or country where it is grown. Industrialisation and globalisation is the exception, not the norm. And where industrialisation has not destroyed small farms and local food economies, biodiversity and food are bringing sustenance to people. The biodiversity of agriculture is being maintained by small farmers.<sup>98</sup>

A autora aponta ainda que, de acordo com a *FAO International Technical Conference on Plant Genetic Resources* realizada em Leipzig em 1995, a agricultura de grandes extensões, ou agricultura industrial como a autora nomeia, seria responsável por 75% da erosão da biodiversidade, 75% da poluição da água e de sua redução, 75% da degradação da terra e 45% responsável pela poluição do ar. Outrossim, afirma o perigo que representa a agricultura na forma capitalista para as vidas humanas e que a Índia contou com 270.000 suicídios de agricultores desde 1997.<sup>99</sup> “*Farmers' suicides are the most tragic and dramatic symptom of the crisis of survival faced by Indian peasants.*”<sup>100</sup> A autora acrescenta que em algumas regiões da Índia o suicídio entre os agricultores tornou-se uma epidemia e chegam a ocorrer dez suicídios ao dia. A questão envolve o grupo Monsanto e as sementes geneticamente modificadas, vez que as sementes passam a não ser mais recursos renováveis, impondo altos custos para os pequenos agricultores. A Monsanto teria criado uma “economia do suicídio” nesse país por meio de sementes estéreis, novas doenças que atacam as plantações, pesticidas e o controle das pestes que chega a custar treze vezes mais do que era em tempos anteriores. É o agronegócio se desenvolvendo à custa das vidas humanas em todos os espaços onde há possibilidade de lucro. Hardt e Negri, por sua vez, compactuam com a ideia do fim ou do crepúsculo do mundo camponês.<sup>101</sup> Para compreender a categoria de camponês, os autores afirmam que o campesinato seria, primordialmente, um conceito econômico que designa uma posição específica dentro das relações de produção e de intercâmbio. Em uma primeira aproximação, pode-se definir os camponeses como aqueles indivíduos que trabalham a terra, produzem especialmente para o autoconsumo, estão

<sup>97</sup> SWAMINATHAN, op. cit., p. 34.

<sup>98</sup> SHIVA, Vandana. Myths About Industrial Agriculture. The Blog. Disponível em: < <http://www.zcommunications.org/myths-about-industrial-agriculture-by-vandana-shiva-1>> Acesso em: 23 jan. 2013.

<sup>99</sup> SHIVA, op. cit.

<sup>100</sup> SHIVA, Vandana. From Seeds of Suicide to Seeds of Hope: Why Are Indian Farmers Committing Suicide and How Can We Stop This Tragedy? *The Blog*. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/vandana-shiva/from-seeds-of-suicide-to\\_b\\_192419.html](http://www.huffingtonpost.com/vandana-shiva/from-seeds-of-suicide-to_b_192419.html) Acesso em: 23 jan. 2013.

<sup>101</sup> HARDT; NEGRI, op. cit., p. 145.

parcialmente integrados e subordinados dentro de um sistema econômico mais amplo e são proprietários de, ou têm acesso à terra.<sup>102</sup> Os pequenos proprietários agrícolas ou pequenos agricultores tenderiam ao desaparecimento, pois as pequenas propriedades seriam de forma constante alvo de arrebatoamento por parte dos grandes latifúndios. O desaparecimento da figura do camponês parece estar previsto tanto em termos econômicos como do ponto de vista cultural. Os camponeses seriam

[...] labradores y ganaderos rurales; es decir, recogen sus cosechas y crían sus ganados en el campo, no en invernáculos situados en medio de ciudades ni en macetas dispuestas en terrazas o antepechos de ventana. Tampoco se trata de grajeros, esto es, de empresarios agrícolas, tal cual existen en Estados Unidos. La granja norteamericana es, ante todo, un negocio, que combina factores de producción adquiridos en el mercado para obtener provecho con la venta de los productos que dan un rendimiento. El campesino, en cambio, no opera como una empresa en el sentido económico; imprime desarrollo a una casa y no a un negocio.<sup>103</sup>

Como já referido, tal categoria de trabalhadores parece estar em vias de extinção, vítimas que são das estratégias desenhadas por parte dos governos nacionais e estrangeiros, corporações agrárias multinacionais e transnacionais, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, que visam a modernização capitalista e a integração econômica global. Essa modernização traz uma forte tendência à especialização agrícola e, segundo essa ideologia econômica, a agricultura de subsistência a cargo dos pequenos proprietários representaria o atraso e a ineficácia do ponto de vista econômico, não apenas por suas limitações tecnológicas, mas especialmente por suas relações de troca.<sup>104</sup>

Atualmente, mais de 80% das unidades de produção agrícola no Estado do Rio Grande do Sul são consideradas minifúndios. Para que se tenha uma ideia das transformações ocorridas, o minifúndio tinha, em 1920, uma área média de 24 hectares. Em 1967, essa área caiu para 14,2 hectares, e, em 1976, caiu novamente para 13,7 hectares.<sup>105</sup> O minifúndio é um imóvel de extensão inferior a um módulo e um módulo rural é o imóvel rural “que, é direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorve toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalho com ajuda de terceiros.”<sup>106</sup> Em pesquisa recente acerca da estratificação dos imóveis rurais no Rio Grande do Sul, observa-se que os estabelecimentos rurais ocupam 35,5% da área do Estado, todavia, os

<sup>102</sup> HARDT; NEGRI, op. cit., p. 146.

<sup>103</sup> WOLF, Eric R. *Los campesinos*. Barcelona: Editorial Labor, 1971, p. 9-10.

<sup>104</sup> WOLF, loc. cit.

<sup>105</sup> MOREIRA, Igor A.G.; COSTA, Rogério H. da. *Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul*. 4.ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995, p. 76.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 77.

minifúndios somam 63,9% dos imóveis rurais com uma superfície de 15,6%. No entanto, é a empresa rural que se encontra em expansão explicada, em parte, pelos estímulos às exportações. Em 1950, apenas 10% da produção agrícola gaúcha se destinava ao mercado externo, mas a empresa rural tem se firmado, notadamente graças ao seu poder de modernização, o que implica em acesso às novas tecnologias e, também, à mecanização.<sup>107</sup> Para os pequenos agricultores descapitalizados, essa tarefa, como já se afirmou anteriormente, não se torna possível. Deste modo, a produção familiar não pode ser compreendida fora do quadro de formação e organização capitalista, fora do conjunto em que se encontra circunscrita.<sup>108</sup> Quando interligada a uma formação capitalista, a forma de produção familiar se encontraria esvaziada de conteúdo, sendo dominada pelo capital, com consequências para os pequenos produtores: estes são despojados da propriedade real do solo, ficando apenas com a propriedade formal do mesmo.<sup>109</sup>

A pequena produção familiar ou camponesa, do ponto de vista econômico, pode ser definida, sobretudo, por quatro características que aqui se ressaltam: acesso estável à terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto; trabalho predominantemente familiar, o que não exclui, em certos casos, o recurso a uma força de trabalho adicional, externa ao núcleo familiar; economia fundamentalmente de subsistência sem excluir, por isto, a vinculação eventual ou permanente com o mercado; e, por fim, certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões essenciais sobre o que plantar e de que maneira, como dispor do excedente, etc.<sup>110</sup>

### 3.3 Quem roubou as tortas?

Há aspectos das transformações na agricultura e do mundo rural que merecem ser destacados, especialmente aqueles relativos às mudanças nas formas de ocupação e de emprego, pois parece haver uma tendência cada vez maior ao crescimento de atividades não agrícolas no meio rural, conforme aludido anteriormente. Há transformações no trabalho realizado e, ademais, redução dos postos de trabalho no campo, e o setor primário vem, “desde os anos trinta, reduzindo a sua participação no total das diferentes ocupações.”<sup>111</sup>

<sup>107</sup> MOREIRA, Igor A. G.; COSTA, Rogério H. da, op. cit., p. 78.

<sup>108</sup> ARAUJO, Maria Paula Nascimento. A questão camponesa na teoria marxista clássica. In: CHEVITARESE, André Leonardo (Org). *O campesinato na História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 70.

<sup>109</sup> AMIN, Samir; VERGOPOULUS, Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 35.

<sup>110</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion S. Camponês, campesinato: questões acadêmicas, questões políticas. In: CHEVITARESE, André Leonardo (Org), op.cit., p. 20.

<sup>111</sup> POCHMANN, Márcio. *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo, Boitempo, 2001, p. 86.

Assim, a participação relativa dos empregos no setor agropecuário tem sido contrabalançada, em parte, pela evolução das ocupações no setor de serviços.<sup>112</sup> Castells apontará em “verificação empírica nos países do G-7 a eliminação gradual do emprego no campo”<sup>113</sup> como uma das características marcantes pelas quais passa o mundo do trabalho. O que isso efetivamente quer dizer? Cabe lembrar que uma questão importante refere-se a que no cenário da modernidade emergem novas relações sociais de produção, além de novas forças produtivas compostas, notadamente, pela burguesia e pela classe operária. A burguesia surge como classe dominante e o proletariado representa a sua contradição, a sua negação. Como consequência, o trabalho assume forma diversa sob estas relações capitalistas de produção. Marx assim definirá o trabalho:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põem em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado para vender sua força de trabalho, é imensa a distância histórica que medeia entre sua condição e a do homem primitivo com sua força ainda instintiva de trabalho. Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana.<sup>114</sup>

Seriam três condições básicas fundamentais à análise do sistema capitalista que se tornam generalizadas na sociedade que surge: a separação dos trabalhadores dos meios de produção, possibilitando que estes vendam a sua força de trabalho; os trabalhadores, a partir deste momento, tornam-se livres das constrições legais (servidão, escravidão); e também, o objetivo do emprego do trabalhador neste processo torna-se a expansão de uma unidade de capital pertencente ao empregador, que estará atuando como um capitalista.<sup>115</sup> Esse fenômeno é histórico e, portanto, o trabalho, tal como se conhece e se pratica na atualidade, enquanto eixo da vida social e individual é, certamente, uma invenção da modernidade que se generalizou, homogeneizando as diferentes relações que até então eram estabelecidas. Tendo sido obrigados a vender a sua força de trabalho para outros, os trabalhadores também

<sup>112</sup> Em alguns países analisados pelo autor supracitado, tal redução tem se dado quase que de forma homogênea, assim a Alemanha, por exemplo, apresentou uma redução nos postos de serviço no setor agropecuário de 33,5% em 1920 para 4,1% em 1990; os EUA de 28,9% para 3,5%; a França de 43,6% para 6,4%; a Inglaterra de 14,2% para 3,3%; o Japão de 56,4% para 7,2%; e o Brasil de 66,7% para 20,9%, respectivamente.

<sup>113</sup> CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação*. Economia, sociedade e cultura. v.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 176.

<sup>114</sup> MARX, Karl. *O Capital*, op. cit., p. 202.

<sup>115</sup> BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1974, p.55.

“entregam seu interesse de trabalho que é agora alienado.”<sup>116</sup> No entanto, ficará nas mãos do capitalista o controle do processo de trabalho que, pouco a pouco, será tratado como um problema da ordem da gerência. É preciso gerenciar o processo para que o controle se torne efetivo. O trabalho nas sociedades tribais, por exemplo, não tinha a importância que adquire na modernidade. Atividades vinculadas à produção nas sociedades tribais estavam associadas aos ritos e mitos, ao sistema de parentesco, às festas, às artes, enfim, a toda a vida social, econômica, política e religiosa. O trabalho não tinha um valor em si, separado das outras coisas.<sup>117</sup> Sabe-se que as sociedades tribais não são iguais, contudo, o tempo dedicado ao trabalho é sempre menor, de maneira geral, ao tempo dedicado ao trabalho nas culturas ditas ocidentais. A explicação para essa questão pode ser buscada na forma como se relacionam com a natureza. “A terra é, além do lugar onde se vive, um valor cultural.”<sup>118</sup> Além dos frutos que garantem a sobrevivência, fazem da terra objeto do conhecimento, retirando dela não apenas os alimentos necessários, mas os remédios para os diferentes males.

O trabalho tomará significado distinto também na Grécia. O verbo trabalhar tinha “sentido pejorativo” e era considerado “um conjunto dos esforços necessários para reproduzir a força física, para simplesmente prover as necessidades da vida”<sup>119</sup>. Para os gregos, a vocação do homem não estava limitada a prover as necessidades da vida, mas “a verdadeira dignidade”<sup>120</sup> consistiria na participação na gestão dos negócios da cidade, graças à palavra. Assim, o trabalho se opõe à liberdade. É campo onde impera a sujeição, destinando-se a uma classe especial, qual seja: os escravos que deveriam se encarregar da manutenção da vida. Portanto, o trabalho que busca dar conta das necessidades da vida, seria uma atividade servil e rebaixaria o homem à condição de animal, preocupado apenas com a reprodução da vida material. O trabalho não é realização pessoal e também não é sinônimo de vínculo social. Esse vínculo seria dado através da comunidade política. Importante contribuição traz Arendt que, oportunamente distingue diferentes atividades que, para os gregos, constituem atividades pertencentes à *vita activa*.<sup>121</sup> Essa distinção permite verificar que para os gregos havia mais do que o trabalho. Além deste há o labor e a ação. O labor diz respeito à luta pela sobrevivência física, no sentido da manutenção do corpo propriamente dito. É uma atividade que busca a manutenção da vida no sentido biológico: “tudo que é produzido pelo labor é destinado ao

<sup>116</sup> BRAVERMAN, op. cit., p. 59.

<sup>117</sup> TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993, p. 39.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>119</sup> BOISSONAT, Jean. 2015: Horizontes do trabalho e do emprego. São Paulo: LTR, 1998, p. 271.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p.271

<sup>121</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 15.

consumo imediato, motivo pelo qual não deixa nada atrás de si.”<sup>122</sup> O labor é menosprezado, pertencendo à esfera do privado e não é considerado trabalho. Como trabalho, compreende a autora, dimensões artificiais que se interpõe à existência humana:

o trabalho produz um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita a vida de cada indivíduo, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.<sup>123</sup>

O trabalho é também chamado de *poiésis*, não estando a serviço da satisfação das necessidades, por isso vincula-se à criação, à realização, à expressão. Já como ação, percebe a atividade que é exercida unicamente pelos homens sem mediação das coisas ou da matéria: “corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens e não o Homem vivam na Terra e habitam o mundo”<sup>124</sup>. Contrariamente ao labor e ao trabalho, a ação não pressupõe a mediação material, sendo uma *práxis* que pode ser exercida somente entre as pessoas. A ação diferencia-se do trabalho e do labor, entre outras características, por ser exercida na esfera pública e não na vida privada e a práxis não produz objetos, mas acima de tudo reflexões, ensinamentos, relações. Refere-se à produção de sentido, à produção do humano nas pessoas e entre elas. Por isso a insistência de que “só a ação é prerrogativa exclusiva do homem”<sup>125</sup>. No período feudal, o trabalho reestrutura-se e traz consigo algumas características predominantes. Entre estas, encontram-se a terra como principal meio de produção, uma economia predominantemente agrícola e relações sociais engendradas a partir da terra.<sup>126</sup> A terra é propriedade dos senhores feudais e caberia aos servos apenas o usufruto e a ocupação, mas jamais a propriedade. Estabelece-se uma rede de direitos e deveres entre os senhores e os servos.

O feudalismo surge como resultado da combinação de dois eventos significativos: a decadência da sociedade escravista e a fragmentação da sociedade gentílica dominante entre os povos nórdicos da Europa e tratava-se de uma sociedade estamental, fundada na posse da terra e na produção econômica agrária, marcada por relações sociais de servidão e por hierarquias de privilégios.<sup>127</sup>

Se no mundo antigo, pré-moderno ou pré-capitalista, a noção de trabalho aparecia diretamente ligada ao trabalho servil dos escravos ou camponeses<sup>128</sup>, que se encontravam submetidos aos imperativos das necessidades mais prementes e confinados na esfera privada,

<sup>122</sup> ARENDT, op. cit., p. 21.

<sup>123</sup> Ibidem, p.15.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>125</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>126</sup> TOMAZI, op. cit., p. 45.

<sup>127</sup> WOLKMER, Antonio Carlos. *Pluralismo Jurídico: fundamentos de uma nova cultura no Direito*. 3. ed. São Paulo: Alfa Omega, 2001, p. 27.

<sup>128</sup> ORELLANO, op. cit., p. 34.

com o capitalismo, no entanto, surge um novo significado. Com o advento do capitalismo e da “sociedade salarial”<sup>129</sup>, o trabalho caracterizado como penoso e degradante passa a ser visto como o criador de toda a riqueza e elemento central que articula e organiza a vida cotidiana. O trabalho torna-se, então, a partir do final do século XVII, fundamento da organização social, ou seja, o elemento por excelência da organização social, econômica, política, social. No entanto, para que as sociedades chegassem a se constituir (ou serem constituídas) como “sociedades do trabalho”, fez-se necessário uma transformação na sua natureza, como visto anteriormente. O trabalho hoje se constitui em forma particular, permitindo a alguns indivíduos terem as suas necessidades satisfeitas através dele. É uma forma de trabalho pago que é conhecida como emprego. Atualmente, muitos têm sido os debates acerca do trabalho e, principalmente, as análises que buscam descrever e explicar as profundas transformações que estão ocorrendo neste mundo tão específico e tão geral ao mesmo tempo.

Tem-se hoje altas taxas de desemprego, presença do desemprego estrutural, intensificação do ritmo do trabalho, crescimento do trabalho temporário e de tempo parcial, polarização em termos de qualificação e para os que permanecem no emprego, a chamada “síndrome dos sobreviventes”, angústia e medo, sentimentos que acompanham os não demitidos.<sup>130</sup>

Antunes afirma que o trabalho organizado foi “solapado” e indica algumas teses que permitem caracterizar o atual momento, notadamente a década de 1980. Para o autor, tal período trouxe muitas transformações no mundo do trabalho, nas questões que dizem respeito aos sindicatos e ao processo de sindicalização dos trabalhadores. Esta teria sido, de acordo com o autor, uma época de inovações tecnológicas, da automação, robótica e microeletrônica que invadem o universo fabril, permeando as relações de trabalho.<sup>131</sup> A organização do trabalho fordista e taylorista mescla-se com outros processos produtivos. O fordismo caracteriza-se como prática de gestão na qual se observa a separação entre concepção e execução, baseando-se no “trabalho fragmentado e simplificado, com ciclos operatórios mais curtos, requerendo pouco tempo para formação e treinamento dos trabalhadores.”<sup>132</sup> O processo de produção fordista fundamenta-se na linha de montagem acoplada à esteira rolante, evitando o deslocamento dos trabalhadores e mantendo um fluxo contínuo e progressivo das peças e partes, “permitindo a redução dos tempos mortos e, portanto, da

<sup>129</sup> Cf.: CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

<sup>130</sup> LARANJEIRA, Sônia Maria Guimarães. As transformações do trabalho num mundo globalizado. *Sociologias*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Editora da UFRGS, n.4, 2002, p. 14.

<sup>131</sup> ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Um ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 83-101.

<sup>132</sup> CATTANI, Antônio David. *Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 67.

porosidade ou dos tempos mortos no trabalho”<sup>133</sup>. O trabalho, sob tais condições, torna-se repetitivo e monótono, sendo sua velocidade e ritmo estabelecidos independentemente do trabalhador, que o executa através de uma rígida disciplina. O trabalhador perde suas qualificações, as quais seriam incorporadas à máquina.

Ao contrário do trabalho de execução, o de concepção torna-se altamente qualificado, estando encarregado do desenho dos produtos, da programação da produção, das tarefas de manutenção e de reparação, sendo realizado isoladamente, fora da linha de montagem. O método fordista de produção alcançou surpreendente crescimento da produtividade: “a produção anual de carros na fábrica de Detroit passou de 300 mil em 1913 para 2 milhões em 1923”<sup>134</sup>. O fordismo constitui-se em estratégia mais abrangente de organização da produção, que envolve extensa mecanização, com utilização de máquinas-ferramentas especializadas, linhas de montagem, esteira rolante e crescente divisão do trabalho. Enquanto o taylorismo pode ser aplicado em firmas médias e pequenas, o fordismo difunde-se, “[...] principalmente, em grandes empresas produtoras de bens de consumo duráveis, tendo em vista a produção de produtos padronizados, para consumo de massa”<sup>135</sup>. No entanto, o trabalho no prisma fordista, caracterizado pela produção em série e em massa vai sendo, pouco a pouco, deixado de lado, mostrando-se ineficiente.

Mais recentemente, surge o “toyotismo ou modelo japonês”<sup>136</sup>, que promove uma revolução técnica voltada e conduzida pela demanda, diferentemente do modelo fordista. A ideia é não haver estoque ou, pelo menos, um estoque mínimo, garantido pelo *just in time*.<sup>137</sup> O trabalho deixa de ser fragmentado para se constituir em trabalho “polivalente (cada empregado chega a operar cinco máquinas), integrado em equipe de oito trabalhadores, com ritmo intenso, flexível e estressante.”<sup>138</sup> Essas transformações importantes e profundas estão relacionadas ao que tem sido chamado de Terceira Revolução Industrial ou Revolução da Tecnologia. Essa nova Revolução estaria centrada, de acordo com Castells, nas novas tecnologias de informação de base microeletrônica que movimentou a base material da

---

<sup>133</sup> CATTANI, op. cit., p. 68.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 272.

<sup>136</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>137</sup> *Just-in-time* é a forma de administração da produção industrializada e de seus materiais, segundo a qual a matéria-prima e os estoques intermediários necessários ao processo produtivo são supridos no tempo certo e na quantidade exata. Consiste na redução dos estoques de matéria-prima e peças intermediárias, conseguida através da linearização do fluxo da produção e de sistemas visuais de informação (kanban). Através dela, busca-se chegar a um estoque zero. Cf.: CATTANI, op. cit., p. 85.

<sup>138</sup> MELLO, Prudente José Silveira. Globalização e reestruturação produtiva do fordismo ao toyotismo. In: ARRUDA JÚNIOR, Edmundo Lima; RAMOS, Alexandre (Org.) *Globalização, Neoliberalismo e o Mundo do Trabalho*. Curitiba: Editora IBEJ, 1998, p 56.

sociedade transformando, também, as relações entre economia, sociedade e Estado. Para Castells “o sistema social permaneceria capitalista, mas diversamente de seus predecessores históricos, esse tipo de capitalismo [...] é global e está estruturado em grande medida em uma rede de fluxos financeiros.”<sup>139</sup> Desta forma, as metamorfoses na forma de organizar e produzir do trabalho, se constituem em estratégias pelas quais o sistema ou o modelo capitalista busca sobrepujar a crise no padrão de acumulação, notadamente após a II Guerra Mundial. O fordismo, enquanto forma de organização do processo de trabalho não mais responde às necessidades do capital. Torna-se necessária então, uma nova organização que tenha como escopo:

aprofundar a lógica capitalista de busca de lucro nas relações capital-trabalho; aumentar a produtividade do trabalho e do capital; globalizar a produção, circulação e mercados, aproveitando a oportunidade das condições mais vantajosas para a realização dos lucros em todos os lugares; e direcionar o apoio estatal para ganhos de produtividade e competitividade das economias nacionais, frequentemente em detrimento da proteção social das normas de interesse público.<sup>140</sup>

As mutações pelas quais passa o trabalho situam-se, na visão de Hardt, “[...] em uma sucessão de paradigmas econômicos dominantes desde a Idade Média”<sup>141</sup>, e que implicaram, primeiramente, na agricultura e na extração de matérias-primas como dominantes na economia. Posteriormente, conduziram a indústria para uma posição preponderante, principalmente no que se refere à produção de bens duráveis e, por fim, no paradigma atual, no qual preponderam a prestação de serviços e o processamento de informações, que são considerados como a essência da produção econômica. Passa-se então, segundo o autor, de uma produção primária para uma secundária e desta para uma produção terciária. Desta maneira, os postos de trabalho na agricultura, e mesmo na extração ou mineração, deslocam-se para a indústria, sinalizando para um período conhecido como “período de modernização econômica”<sup>142</sup>. Após, nos processos de “pós-modernização ou informatização”<sup>143</sup>, há um deslocamento dos postos de trabalho da indústria para o setor de serviços. Todavia, a passagem para essa última fase transformou, também, a qualidade e a natureza do trabalho e dos processos de trabalho. Passa-se de um modelo fordista, como visto anteriormente, para um modelo toyotista com o incremento dos setores de serviço na economia e isso não resulta,

---

<sup>139</sup> CASTELLS, op. cit., p. 499.

<sup>140</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>141</sup> HARDT, Michael. O trabalho afetivo. In: ROLNIK, Suely *et al.* *O reencantamento do concreto*, Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, São Paulo, Hucitec, 2003, p. 148.

<sup>142</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>143</sup> Ibidem.

ao final, em bens materiais duráveis e é definido como “trabalho imaterial”<sup>144</sup>, ou seja, um trabalho que produz um bem que é imaterial como, por exemplo, serviços, conhecimento ou comunicação.

Os autores afirmam que o cenário contemporâneo do trabalho e da produção está sendo transformado sob a hegemonia do trabalho imaterial. Esse trabalho “*produce bienes inmateriales tales como información, conocimientos, ideas, imágenes, relaciones y afectos.*”<sup>145</sup> Ademais, noticiam que a classe operária industrial não irá desaparecer, mas que as características da produção imaterial tendem a transformar as demais formas de trabalho, além da sociedade de maneira geral. Assim, as formas de trabalho imaterial tendem a precarizar ainda mais as relações de trabalho fazendo, por exemplo, com que os horários de trabalho não sejam mais tão distintos e se trabalhe cada vez mais, não havendo mais contratos estáveis. As transformações no mundo do trabalho, por certo, modificam a maneira de ser e de fazer das pessoas. Como proceder diante do novo, de uma nova configuração, de uma nova articulação onde o ser/ fazer não são mais os mesmos? De acordo com Herrera Flores:

en el proceso cultural que se despliega en Occidente desde el siglo XVI hasta nuestros días, el trabajo- entendido como la posibilidad de hacer tanto en el ámbito público como en el privado- ha representado no sólo la forma de acción a partir de la cual se producen mercancías o se prestan servicios, sino también el modelo hegemónico de subjetivación humana. Trabajar o hacer otorgan, en nuestras coordenadas culturales, identidad, sentido de pertenencia y de utilidad social. De ahí los problemas psicológicos que arrastran las situaciones de desempleo o de empleo precario y, asimismo, la consideración de no-trabajo (no-hacer) que, para el capitalismo (apoyado, en este caso, en el patriarcalismo, supone la realización de las tareas llevadas a cabo en el ámbito privado [...]<sup>146</sup>

Destarte, o trabalho “*no solo crea el valor objetivo o económico, sino también la sensación de plenitud psicológica individual,*”<sup>147</sup> aponto valor a qualquer produto surgido da atividade humana. Cabe ressaltar que as transformações no trabalho hoje se apresentam como transformações que se apropriam não mais somente da força de trabalho, mas de toda a capacidade produtiva humana, incluindo o pensar. Essas transformações no mundo do trabalho afetam também a “ruralidade”<sup>148</sup>, ou seja, alteram o contato dos habitantes locais com o meio natural. Por fim, resta destacar que como parte das transformações que assolam o campo, fora aquelas já destacadas neste estudo, começam a despontar atividades não necessariamente agrícolas no espaço rural, matizando com novas cores o cenário das

<sup>144</sup> HARDT, op. cit., p. 158.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 92-93.

<sup>146</sup> HERRERA FLORES, Joaquín. *Los derechos humanos como productos culturales*. Madrid: Catarata, 2005b, p. 148.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>148</sup> Cf.: ABRAMOVAY, Ricardo. *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 25.

transformações no mundo rural. Emerge a pluriatividade ou a *part-time farming* que deteriora a organização do espaço rural, mesclando o rural com o urbano de forma inigualável. Ao mesmo tempo em que as atividades não agrícolas se constituem em novas fontes de renda para as famílias, devasta o rural naquilo que foi sempre a sua característica fundante: o trabalho com a terra, visando a produção de alimentos.

### 3.4 O perverso jogo de críquete

Estimuladas pelo desenvolvimento das telecomunicações e das demais tecnologias, novas indústrias e serviços auxiliares da produção têm também marcado presença no campo. Assim, o campo passa a ser local da “pluriatividade”, ou seja, de atividades múltiplas que não são necessariamente aquelas vinculadas à agricultura ou à pecuária. O debate acerca da pluriatividade no país teve início através do trabalho de Sacco dos Anjos, quando atestou que em apenas um conceito poderiam ser condensadas duas outras noções fundamentais, quais sejam: a de agricultura de tempo parcial e a diversificação econômica e produtiva.<sup>149</sup> Todavia, para o autor, no âmbito acadêmico brasileiro, tal noção ganhará importância apenas na metade dos anos 1980, enquanto na Europa, notadamente na França, era utilizado desde os anos 1970. Até então, as alusões ao fenômeno de desenvolvimento de atividades não necessariamente agrícolas no meio rural eram chamadas de agricultura de tempo parcial (*part time farming*) procurando dar conta dos processos de industrialização e os processos a esta correlatos e que avançavam sobre as regiões rurais.<sup>150</sup>

O uso do termo “pluriatividade” marca uma profunda transição tanto do ponto de vista do marco político e institucional e do modo como até então tal noção vinha sendo valorada, como também no plano da percepção levada a cabo pelos cientistas sociais em seus estudos sobre a evolução das estruturas agrárias contemporâneas.[...] O certo é que praticamente em todos os idiomas há palavras para designar esta figura, amplamente identificada no cenário social europeu pós-Segunda Guerra Mundial, tais como: *campesino obrero*, *worker peasant*, *ouvrier-paysan*, *arbeiterbauer*, *operai-contadini*, *camponês operário* etc, destacando-se, neste plano, o crescente grau de unificação entre os mercados de trabalho urbano e rural.<sup>151</sup>

Adiante, em meados dos anos 1980, a utilização do termo pluriatividade, como identificador de um fenômeno semelhante à agricultura de tempo parcial, começou a ser utilizado, refletindo, desta forma, alterações nos debates acerca dos rumos da agricultura, do desenvolvimento agrário e do papel da agricultura familiar. Ademais, a pluriatividade seria

<sup>149</sup> SACCO DOS ANJOS, Flavio. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas. *Estudos sociedade e agricultura*, n. 17, out. 2001, p. 55.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>151</sup> Ibidem, p. 58.

espécie de estratégia de ajustamento, ou seja, forma encontrada por algumas famílias rurais no sentido de enfrentar um contexto social adverso, marcado por incertezas.<sup>152</sup> Essa discussão inseria-se, nesta época e na Europa, no cerne de toda uma mutação no tratamento das questões voltadas à agricultura, notadamente pelos governos de alguns países e pela Comissão Europeia. Hervieu, na obra *Los campos del Futuro*, estimula a discussão acerca do futuro das populações rurais no século XXI.<sup>153</sup> No documento acima nominado, desdobram-se elementos para a compreensão das transformações radicais das funções da agricultura no mundo rural francês e espanhol e, ademais, do entorno comunitário. O que foi posto em questão foi o modelo de desenvolvimento e as relações estabelecidas no pós-guerra que, aplicando recursos e esforços no meio urbano-industrial, provocaram alterações importantes no papel desempenhado pelas áreas rurais. Também foram postos em xeque os conceitos de agrário e rural, em apoio ao que viria a seguir: a tentativa de aniquilamento supervisionado pelo Estado dos camponeses e de sua agricultura familiar. Embora trazendo o contexto dos países europeus, é preciso levar em conta que muito do dito e propalado naquele continente serviu e serve de modelo aos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, vez que é parte de toda uma estratégia de destruição de toda uma classe social. Assim, para Hervieu, haveria rupturas que seriam essenciais para explicar a crise da agricultura e do mundo rural.<sup>154</sup> Primeiramente a tomada de consciência dos agricultores de que se constituem na sociedade moderna em uma minoria entre outras tantas. Só uma minoria da população rural francesa teria se transformado em população agrícola. A segunda questão diz respeito ao esgotamento do paradigma da produção familiar. Aqui se abre a discussão acerca do processo de assalariamento das mulheres do campo, das esposas dos agricultores, afirmando-se que o rural não é mais o mesmo. Também, o rural é tido como um território desenraizado, extirpado, com mobilidade de atividades produtivas e tendência à concentração e especialização das atividades produtivas. O documento também questiona a tradicional função da agricultura no que condiz à produção de alimentos. Diz Hervieu: “*El famoso slogan: Nuestro oficio consiste en alimentar a la humanidad ya no funciona.*”<sup>155</sup> Por fim, o autor ainda afirma que a agricultura seria responsável por preocupantes problemas ambientais que fariam o planeta padecer. A ideia é pensar a agricultura de outro modo, destruir suas bases e preparar ideologicamente a mudança para novo avanço do capitalismo no campo, ampliando o seu

---

<sup>152</sup> MACHADO; CASALINHO, op. cit., p. 66.

<sup>153</sup> Cf.: HERVIEU, Bertrand. *Los campos del futuro*. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 1996. (Serie Estudios, 118)

<sup>154</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>155</sup> HERVIEU, op. cit., p. 95.

poder de lucro. O documento definirá, finalmente, as linhas mestras para uma nova política rural. Tais princípios trariam o fundamento de que em primeiro lugar deve-se produzir com qualidade para se produzir melhor; que seria fundamental a integração territorial, afirmando a diferença crescente entre desenvolvimento rural e agrário; e, por fim, a definição de um novo ofício para o homem do campo “*que va mucho más alla del rol tradicional del agricultor.*”<sup>156</sup> Ademais, busca o documento colocar abaixo alguns conceitos, arremetendo contra o camponês, a agricultura familiar, a alma camponesa, entre outros. A ideia é a de que o agricultor e o mundo rural não teriam mais saída senão assimilar as orientações gerais da sociedade e que a sua gestão não pode nem deve se dar em separado do resto do espaço e da sociedade. Propõe um “*contracto de sociedad*” entre agricultores, mundo rural e sociedade inteira, buscando novas funções econômicas, territoriais e sociais para a agricultura.

Talvez essa seja a história da destruição do camponês e da agricultura familiar planejada e incitada pelos governos dos países desenvolvidos, primeiramente. É a morte planejada, a possibilidade da destruição completa. Ao se engajar em um trabalho fora de sua unidade de produção, mantendo-se vinculado à terra em regime de pluriatividade, a família toda sofre, vez que estão, de forma lenta e gradual, se despojando dos laços que os ligam à terra e aos meios de produção.<sup>157</sup> “É uma expropriação lenta, inicialmente dos meios de produção, e, mais tarde da expropriação completa com a venda da terra.”<sup>158</sup> Assim, pode-se dizer que a pluriatividade constitui-se em uma forma de acentuação da exploração capitalista nos interstícios da vida rural, uma vez que faz parte de um conjunto de transformações em curso que apontam para a flexibilização e a precarização das relações de trabalho e para a reestruturação produtiva, cujos efeitos incluem o aumento da exploração do trabalho e a ampliação da margem de lucro por parte dos capitalistas.<sup>159</sup> A pluriatividade pode, assim, ser definida como a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas no interior da propriedade rural. Para Schneider, as pesquisas sobre a questão envolvendo a pluriatividade no Brasil seriam ainda recentes.<sup>160</sup> Os primeiros estudos sobre a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas no Brasil teriam começado tratando das formas complementares de trabalho e renda, uma vez que em algumas regiões do país os membros das famílias de pequenos agricultores eram levados à busca de trabalho e da ampliação de sua renda fora da propriedade

<sup>156</sup> HERVIEU, op. cit., p. 99.

<sup>157</sup> MACHADO; CASALINHO, op. cit., p. 72.

<sup>158</sup> Ibidem.

<sup>159</sup> ALENTEJANO, Paulo R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira? In: TEDESCO, João C. (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 1999, p. 149.

<sup>160</sup> SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. *Revista Redes*, Santa Cruz do Sul, v.9, n.3, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/384.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2013.

rural, configurando-se em dupla ocupação. Ocupavam-se com o trabalho na propriedade e fora dela. Posteriormente, de acordo com Schneider, entraram em cena algumas noções importantes na análise da pluriatividade: as noções de *part-time farming* e *multiple-job holding*, já utilizadas na Europa e outros países desenvolvidos.<sup>161</sup> Tais noções teriam possibilitado dar conta de parcela significativa da população rural que estava dedicando apenas uma parte do seu tempo às atividades necessariamente agrícolas. Por fim, a partir dos anos 1990 até a atualidade, desenvolve-se a noção de pluriatividade, entendida como elemento de diversificação, uma estratégia produzida no interior da unidade familiar ou mesmo a partir de seu exterior e que funcionaria como espécie de estratégia que se altera de acordo com a dinâmica das famílias e, ademais, com a relação das famílias e a estrutura agrária.<sup>162</sup> De toda sorte, pode-se dizer que se encontra em curso a expansão de atividades não necessariamente agrícolas no meio rural.<sup>163</sup> A conciliação de atividades agrícolas e não agrícolas, as formas de trabalho assalariadas caracterizadas como urbano-industriais cada vez mais passam a fazer parte do “mundo rural” alterando a estrutura econômica e social. O exercício de atividades remuneradas fora da propriedade rural por membros da família passa a constituir-se em realidade, transformando a estrutura do espaço que sempre se denominou rural em função das atividades ali desenvolvidas: o trabalho com a terra e a criação de animais.

Assim, é a partir da década de 1970 que começa a ser observado um processo de diferenciação no campo atribuída às transformações tecnológicas e, também, às formas de reprodução da agricultura familiar em algumas regiões do Estado. Enquanto determinadas regiões se tecnificaram e se especializaram, outras, dedicadas à produção agrícola familiar, estagnaram e, de forma lenta, o sistema produtivo familiar colonial foi sendo desarticulado pela emergência da *part-time farming* e da pluriatividade.<sup>164</sup> A sojicultura, como já tratado anteriormente, foi uma das formas através das quais se deu o processo de modernização. Essa forma se tornou possível graças à ocupação de determinados nichos de mercado, no entanto, essa adesão à cultura da soja não foi homogênea. Outras estratégias de reprodução da agricultura também se desenvolveram, causando impactos. “A seletividade do processo de modernização da agricultura e as distorções sociais dela decorrentes, como a expulsão de milhares de pequenos agricultores do campo, alteraram, sobremaneira, o modo de vida das

---

<sup>161</sup> SCHNEIDER, 1994, op. cit., p. 06.

<sup>162</sup> Ibidem.

<sup>163</sup> SCHNEIDER, 2004, op. cit., p. 112.

<sup>164</sup> Ibidem, p. 84

populações rurais.”<sup>165</sup> As facilidades no transporte e mesmo a proximidade existente entre os pequenos agricultores e as indústrias que vão se instalando em locais mais distantes do urbano e mais próximos do rural permitiram a combinação do trabalho agrícola e não agrícola. Ou seja, o rural é também local de vínculo com a indústria, não apenas através da produção, que naturalmente tem sido entregue à indústria para fins de transformação, mas cada vez mais o pequeno agricultor, para conseguir viver, tem-se utilizado do expediente do trabalho fora da agricultura. Assim, o assalariamento constitui-se em uma estratégia às dificuldades enfrentadas pelos colonos, visando a própria sobrevivência. Neste sentido, há a possibilidade de se obter ganhos fora da propriedade tornando possível viver e continuar vivendo na propriedade rural, plantando e consumindo os produtos básicos que a pequena agricultura torna possível.

Deste modo, essa nova forma de garantir renda transformou a estrutura produtiva familiar de várias regiões do Estado e o conjunto dessas alterações transformou, por seu turno, a própria caracterização da agricultura familiar que, paulatinamente, assume traços de uma pluriatividade. A principal característica desta forma de trabalho seria a dissociação de alguns membros da família rural do trabalho agrícola no interior da propriedade. Assim, a busca de atividades não agrícolas constitui-se, cada vez mais, em uma estratégia para a obtenção e renda.<sup>166</sup> É assim que a pluriatividade ou a *part-time farming* vai ganhando contornos e alterando a configuração do rural.

Assim como a entendemos, a pluriatividade que ocorre no meio rural refere-se a um fenômeno que pressupõem a combinação de pelo menos duas atividades, sendo uma delas a agricultura. Estas atividades são exercidas por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco e consangüinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consangüíneos (adoção), que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família.<sup>167</sup>

Entre os fatores que podem estimular a pluriatividade, destaca o autor supracitado os seguintes: a própria modernização técnico-produtiva da agricultura, uma vez que, em razão do intenso processo de modernização tecnológica experimentado pelas atividades agropecuárias e a crescente externalização das etapas de produção, os processos de trabalho se tornaram mais individualizados, gerando redução significativa dos ativos rurais, ou seja, da própria mão de obra existente no núcleo das famílias. Outro fator seria a terceirização e o crescimento da prestação de serviços no meio rural. Neste sentido, encontrar-se-iam em crescimento a

---

<sup>165</sup> SCHNEIDER, 2004, op. cit., p. 86.

<sup>166</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>167</sup> SCHNEIDER, 2005, op. cit., p. 03.

subcontratação ou o aluguel de máquinas e equipamentos e, ainda, a contratação de serviços de terceiros para a execução de tarefas antes realizadas no interior da propriedade. Como terceiro fator importante e incentivador da pluriatividade, encontra-se a queda crescente das rendas provenientes da agropecuária. Uma vez inserida em padrões internacionais, os agricultores tendem a sofrer os efeitos da dependência tecnológica, implicando no aumento efetivo dos custos relativos à produção agrícola. De acordo com Schneider, os agricultores seriam compelidos a acompanhar de forma incessante os avanços dos índices de produtividade da terra e do trabalho, potencialmente, através do incremento do capital imobilizado, maquinários e benfeitorias e pelo aumento da utilização dos insumos industriais como os defensivos, combustíveis etc.<sup>168</sup> O quarto fator apontado pelo autor relaciona-se às mudanças nos mercados de trabalho. Tais mudanças teriam sua origem no processo de descentralização das indústrias, como já referido, para espaços antes considerados estritamente rurais, resultando em impactos no que se refere à geração de empregos. Como exemplo cita a região da Encosta Inferior e Superior da Serra do Nordeste do Rio Grande do Sul,<sup>169</sup> onde houve processos de industrialização relativamente descentrados, pois as indústrias foram para essas regiões buscar vantagens relacionadas ao custo da força de trabalho, logística e outros. Em quinto lugar, no que condiz ao estímulo à pluriatividade, se podem evocar as políticas de desenvolvimento rural que têm estimulado o desenvolvimento de atividades não agrícolas no meio rural, tais como o turismo, as pequenas e médias indústrias, a preservação ambiental, entre outras. Essas políticas, que seriam mais comuns nos países desenvolvidos, teriam como objetivo buscar alternativas ao abandono em que se encontram algumas áreas rurais e também à redução dos impactos ambientais causados pelas formas intensivas de produção agrícola. Tais políticas visam, assim, gerar empregos, estimular a diversificação das rendas e oferecer alternativas econômicas aos pequenos agricultores, visando não o aumento da produção agrícola de maneira geral, mas que estes possam oxigenar as atividades com novas práticas não agrícolas às regiões pouco competitivas nesses termos. Por fim, Schneider apontará que a pluriatividade é uma característica intrínseca da agricultura familiar, uma vez que várias atividades exercidas na mesma unidade familiar não seriam um sinal de fraqueza ou definhamento da própria agricultura familiar, mas um modo de funcionamento destas unidades que se organizam em torno do trabalho da família na terra e

---

<sup>168</sup> SCHNEIDER, 2005, op. cit., p. 06.

<sup>169</sup> Os municípios de Garibaldi e Boa Vista do Sul, onde foi realizada a pesquisa de campo desta tese, pertencem à região acima citada.

tendem à diversificação.<sup>170</sup> Neste sentido, a pluriatividade passou a ser percebida como uma estratégia de reprodução da agricultura familiar e de adaptação às transformações econômicas que a agricultura familiar vem sofrendo.

Em que pese à pluriatividade constituir-se em alternativa à complementação da renda familiar, traz, em seu bojo, sua própria contradição, qual seja, a de que as ocupações ou as atividades não agrícolas exercidas em meio rural pelo chefe da família ou pelos membros da família, ao mesmo tempo em que podem ser vistas como estratégias de sobrevivência, indicam também a perda progressiva da condição e da identidade do agricultor.<sup>171</sup> Ademais, as atividades não agrícolas não raras vezes são atividades de baixa qualificação e de baixa remuneração, existindo grandes diferenças conforme a região em que estas são exercidas. Para Lopes, mais ao sul do país a pluriatividade tem um grande peso no que condiz à complementação de renda das famílias que se dedicam às atividades relativas à agricultura familiar. Já na região Nordeste tais atividades são consideradas precárias.<sup>172</sup> Na análise da pluriatividade na região de Sergipe, Lopes concluirá que a pluriatividade na agricultura familiar naquele Estado é bastante significativa, pois mais da metade das famílias (53%) analisadas eram constituídas por agricultores pluriativos. No entanto, as atividades não agrícolas eram geralmente ocupações de baixa qualificação (pedreiro, ambulante, pintor) no caso dos autônomos ou de empregados no setor público (merendeira, professor, servente, vigilante, motorista) e de baixa remuneração.<sup>173</sup> De acordo com o autor, a venda da força de trabalho pode se dar tanto em atividades agrícolas como não agrícolas, entretanto, aqueles que mais vendem a sua força de trabalho são os agricultores cujas propriedades são inferiores a 10 hectares e que, devido a pouca disponibilidade de recursos, necessitam do assalariamento ou de outra atividade para complementar a renda. O estudo em tela também detectou o engajamento de pessoas residentes na zona rural em ocupações vinculadas ao setor industrial, principalmente no setor calçadista e têxtil ou, ainda, que trabalham por conta própria na confecção de redes e bordados. Por fim, assevera o autor que há um novo fator que desponta no meio rural: as famílias pluriativas, ou seja, aquelas que têm pelo menos um membro da família com outra fonte de renda fora da agricultura, exceção às transferências de renda, aposentadorias e pensões.<sup>174</sup>

---

<sup>170</sup> SCHNEIDER, 2005, op. cit., p. 14.

<sup>171</sup> LOPES, Eliano Sérgio de Azevedo. *A pluriatividade na agricultura familiar do estado de Sergipe*. Disponível em: < <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/eliano3.pdf> > Acesso em: 23 jan. 2013, p. 02.

<sup>172</sup> Ibidem.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 44

<sup>174</sup> Ibidem, p. 45.

Como visto, a pluriatividade pode ter um papel decisivo na promoção do desenvolvimento rural sustentável, colocando-se como alternativa às populações rurais através da geração de emprego, a melhoria da renda familiar, a redução da vulnerabilidade social e produtiva, o êxodo dos membros mais jovens da unidade familiar.<sup>175</sup> No entanto, torna-se imperioso refletir acerca deste novo elemento que entra em cena e as transformações que pode acarretar nos modos de vida e nas relações sociais estabelecidas no espaço onde as famílias dos agricultores familiares se inserem. Schneider e Mattos buscaram, em estudo que aprofunda a questão relativa à pluriatividade no Rio Grande do Sul, compreender melhor a presença da pluriatividade na agricultura familiar gaúcha, através de sua ocorrência em distintas regiões do Estado. A pesquisa foi amostral aleatória e sistemática por comunidade rural, representando 11% das unidades agrícolas familiares em cada um dos municípios analisados. A escolha das regiões feita pelos autores se deveu ao fato de estas expressarem a diversidade das dinâmicas familiares presentes no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, as regiões analisadas foram a Serra, o Sul do Rio Grande do Sul, as Missões e o Alto Uruguai. O estudo demonstrou que a pluriatividade encontra-se presente em cerca de 44% das famílias dos agricultores familiares nas quatro regiões do Estado analisadas. A predominância é, ainda, das famílias monoativas, ocupadas exclusivamente com a agricultura. Estas representam 56% do total. De toda forma, esse achado é fundamental para que se vislumbrem as alterações que ocorrem nos interstícios da vida rural, vez que é um movimento que parece estar em plena ascensão. A região da Serra gaúcha mereceu destaque no estudo citado, pois nela quase 60% das famílias são pluriativas. Esse número varia de região para região, sendo a Serra a região com o índice mais alto de famílias pluriativas.<sup>176</sup>

Em verdade, o modelo de desenvolvimento ou de modernização da agricultura imprimiu à agricultura familiar mudanças significativas, na medida em que um grande número de famílias de pequenos agricultores perdeu ou está em vias de perder o seu papel na produção agrícola, ficando o espaço rural apenas como local de moradia.<sup>177</sup> De outro lado, tem-se aqueles pequenos agricultores que se integraram aos complexos agroindustriais, aliando um patrimônio imobilizado cada vez maior a menores níveis de organização de seu

---

<sup>175</sup> SCHNEIDER, Sérgio; MATTOS, Ely Jose de. A Pluriatividade no Meio Rural Gaúcho: caracterização e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. *Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável*, Porto Alegre, v.2, n.1/2, jan./ago. 2006. Disponível em: <[http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/publicacoes/vol2/n1\\_2/pag6.pdf](http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/publicacoes/vol2/n1_2/pag6.pdf)> Acesso em: 07 jan. 2013.

<sup>176</sup> Ibidem, p. 6-7.

<sup>177</sup> Ibidem, p. 69.

próprio processo produtivo.<sup>178</sup> É neste sentido que se pode abordar a questão envolvendo um processo de proletarização rural e mesmo do desaparecimento do pequeno agricultor ou camponês. Essa questão da integração do pequeno agricultor à indústria ou às outras atividades diversas daquelas tidas como agrícolas pode ser relacionada ao processo de acumulação capitalista no campo: o pequeno produtor perde a função da produção de alimentos quando não inserido nesta articulação com a indústria ou com outra atividade.<sup>179</sup> Assim, pode-se dizer que ser pequeno agricultor, camponês ou agricultor familiar e viver desse trabalho não é uma tarefa fácil. As relações econômicas e sociais que estão sendo estabelecidas no campo encontram-se, sem sombra de dúvidas, submetidas às exigências do capital, porquanto, a emergência da pluriatividade pode ser vista como uma forma de acentuação da exploração capitalista no campo e que flexibiliza e precariza as relações de trabalho visando a reestruturação produtiva: é preciso ampliar a margem de lucro e explorar cada vez mais o trabalho no mais longínquo dos espaços, seja este qual for.

A pluriatividade constitui-se em espelho da exploração capitalista no campo, constituindo-se em expressão indelével dos tempos neoliberais. Estratégia do capital para continuar o seu processo de acumulação, abre fogo contra um espaço ótimo, um viveiro de mão de obra barata. Assim, a emergência da pluriatividade separa a produção da reprodução e aproxima a família, cada vez mais, de uma realidade de proletarização cuja tendência seria a própria destruição enquanto unidade camponesa.<sup>180</sup> Para além de se constituir em opção para o incremento da renda familiar, tal configuração é nociva no que condiz a tornar-se o trabalho agrícola apêndice do trabalho industrial ou, ainda, do trabalho não industrial precário e mal remunerado. Ademais, esta transformação adia, prejudica, protela toda a discussão acerca da Reforma Agrária, tão necessária no país. Tal é a situação que assola as regiões rurais e é neste espaço que se busca reencontrar o que está sendo perdido: a função de agricultor, o ser e fazer do agricultor que é imperativo resgatar. À continuação, na próxima seção, discutem-se as transformações aqui abalizadas e a sua implicação com o sofrimento dos pequenos agricultores.

---

<sup>178</sup> SCHNEIDER;MATTOS, loc.cit.

<sup>179</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 77.

## 4 AS DUAS TÍLIAS OU ONDE WERTHER QUER SER ENTERRADO

*La tierra del oeste, nerviosa, ante el cambio que se avecina. Los estados del oeste, nerviosos igual que los caballos antes de la tormenta. Los grandes propietarios, nerviosos, sintiendo el cambio, pero sin saber nada acerca de su naturaleza. Los grandes propietarios, dirigiendo sus esfuerzos contra lo inmediato, el gobierno en expansión, la creciente unidad de los trabajadores; atacando los nuevos impuestos, los proyectos; sin darse cuenta de que estas cosas son resultados y no causas. Resultados, no causas. Las causas yacen en lo más hondo y son sencillas: las causas son el hambre en un estómago, multiplicado por un millón; el hambre de una sola alma, hambre de felicidad y un poco de seguridad, multiplicada por un millón. La función última del hombre, clara y definitiva: músculos que buscan trabajar, mentes que pugnan por crear algo más allá de la mera necesidad: esto es el hombre.<sup>1</sup>*

*O século II interessa-me porque foi, durante muito tempo, o século dos últimos homens livres. Pelo que nos diz respeito, já estamos talvez muito distantes desse tempo.<sup>2</sup>*

Como visto anteriormente, as transformações verificadas no meio rural nos últimos tempos têm modificado a sua estrutura em diferentes dimensões. Tais modificações não se dão apenas no plano econômico, mas atravessam o mundo social, físico e psíquico dos indivíduos e das famílias. Ademais, geram sofrimento, instigam para o não mais viver, tornando-se o rural um campo frágil, precário, contingente. Como diria o jovem Werther, a natureza humana é limitada: suporta a alegria, a tristeza, a dor, mas até certo ponto. Caso se ultrapasse tal limite, sucumbe-se.<sup>3</sup>

### 4.1 Eu sofro, tu sofres, nós sofremos

Não é nova a discussão acerca do sofrimento, todavia, ganha contornos diversos conforme avança o tempo. A dificuldade maior consiste na sua definição, uma vez que o sofrimento aparece de distintas formas. Embora a questão do sofrimento, não raras vezes, apareça envolvendo elementos de dor física, a maioria dos autores que trata dessa temática enfatiza que seria muito mais do que isso.<sup>4</sup> O sofrimento estaria presente nos sentimentos de isolamento social, de perda, de sentimentos aliados à depressão, ansiedade, culpa, humilhação e estresse. As pessoas sofrem quando há estados de privação material, com a perpetuação da injustiça social e com a perda da liberdade em todas as suas formas e expressões.<sup>5</sup> Conquanto o sofrimento tenha sido estabelecido em contradição à dor, esta seria uma sensação fisiológica e o sofrimento, por sua vez, seria espécie de resposta psicológica, subjetiva à dor.<sup>6</sup> O

<sup>1</sup> STEINBECK, John. *Las uvas de la ira*. Madrid: Alianza Editorial, 2006, p. 526.

<sup>2</sup> YOURCENAR, Margherite. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Record, 1974, p. 311.

<sup>3</sup> Cf.: GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: LPM, 2004.

<sup>4</sup> WILKINSON, Ian. *Suffering: a sociological introduction*. Cambridge, UK: Polity Press, 2005, p. 16.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 21.

sofrimento não teria um local específico de manifestação no corpo, como a dor, mas se estenderia a todo o ser. Nos últimos anos tem-se entendido que a dor não pode ser apenas explicada através da dimensão física, assim, a dicotomia entre dor e sofrimento tenderia a ficar com as fronteiras obscurecidas,<sup>7</sup> contestando, em boa medida, a divisão cartesiana estabelecida entre corpo e mente. Cada vez mais, aspectos físicos, afetivos e culturais estariam vinculados à dor e ao sofrimento humano, borrando fronteiras e demarcações, e o sofrimento poderia, desta forma, ser elucidado como uma experiência incorporada, encarnada através de um contexto social e cultural determinado.<sup>8</sup> De acordo com Vergely, haveria um “convencionalismo arraigado” que consistiria em afirmar que o sofrimento teria algum sentido. Esta questão centrar-se-ia em quatro ideias fundamentais, a saber: a ideia do sofrimento como um sinal, como um saber, como um salário e, por fim, como salvação.<sup>9</sup> A ideia do sofrimento como sinal relacionar-se-ia à constatação de que a dor física seria um mal revelador de uma crise interna, mas, também, de certa agressão externa que o corpo pode sofrer. Neste sentido, a existência do sofrimento seria uma coisa boa, uma vez que se constitui em aviso, em advertência sem a qual não haveria a possibilidade de se reconhecer doenças escondidas que poderiam afetar o corpo em silêncio. Assim, a dor seria espécie de anúncio, contribuindo para a descoberta de enfermidades ou de que algo não estaria bem no corpo. Seria um grito da sensibilidade humana, alertando acerca do perigo.

O sofrimento como um saber, por sua vez, estaria fundado em uma abordagem pedagógica: a dor seria a primeira escola da vida, cabendo a ela desasnar os espíritos novos e ingênuos, ensinando aquilo que é inerente ao humano. Através do sofrimento estariam presentes os primeiros vestígios da maturidade que ensinaria o viver. O sofrimento educaria e seria sinal de que se está chegando à maturidade. Como afirma o autor, seria uma pedagogia do desasnamento que se encontraria, de forma frutífera, com uma pedagogia do adestramento.<sup>10</sup> Seriam a dor e o sofrimento uma pedagogia de antes da pedagogia e, também, para além da mesma. Já o sofrimento como salário consistiria em afirmar a necessidade do sofrimento por razões morais e sociais, ou seja, é preciso sofrer para que sejam reparadas as faltas, para compensar uma dívida. Quando se transgride uma regra, pratica-se espécie de crime que causa prejuízo a outrem. Sofrer, então, seria a única forma de reparação do dano causado. Infligindo-se o sofrimento haveria sempre a lembrança e, portanto, o ato seria sempre lembrado. Ademais, já que não se pode fazer tudo quando se vive em sociedade, o

---

<sup>7</sup> WILKINSON, op. cit., p. 22.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>9</sup> VERGELY, Bertrand. *O Sofrimento*. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p. 43-48.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 45.

sofrimento remeteria, também, a uma ideia de justiça, de busca da equidade, do equilíbrio social. O sofrimento permitiria não apenas reparar uma dívida, mas comprá-la, uma vez que as coisas deveriam ser obtidas através de outras coisas: “Esta lei é a que quer que não se obtenha nada sem nada.”<sup>11</sup> Destarte, por haver equivalência entre trabalho e salário, o trabalho e o sofrimento trazem a noção de que existe um crédito e um direito naqueles que sofrem. Tal pensamento teria acarretado, como consequência, uma vontade de sofrer para adquirir esse crédito e esse direito. “Resgatador, comprador, meio de pagamento, meio de desconto, o sofrimento é definitivamente uma moeda.”<sup>12</sup> Por fim, o sofrimento como salvação traria em si um sentido que seria tanto social quanto econômico, mas, ainda mais, teria um sentido metafísico. O sofrimento seria a prova mais dura na sucessão de provas da vida: é necessário para que o homem se supere, se transfigure, se preserve. Também, seria através do sofrimento que os homens dariam conta do valor das coisas, do valor da própria vida. O sofrimento engrandeceria o ser humano podendo conduzi-lo à virtude. Assim, tais ideias conformaram o pensamento acerca do sofrimento de maneira geral. Todavia, a ideia do sentido do sofrimento não estaria isenta de problemas. Para o autor, as dimensões apontadas do sofrimento como sinal, saber, salário e salvação podem remeter à ausência de sentido do próprio sofrimento.<sup>13</sup> A dor física seria um signo que traduziria a capacidade do corpo de advertir através de grito, lágrimas, ou outra forma, o que ele é capaz de suportar ou está suportando, entretanto não se constituiria em sentido. “O signo é o suporte do sentido.”<sup>14</sup> Assim, seria uma espécie de ferramenta que remeteria a algo que não a ele próprio, não possuindo sentido enquanto tal. Já o sentido não é um suporte, mas intenção manifesta em forma de discurso. Desta forma, o sofrimento seria sempre signo e raramente sentido. Também o sofrimento teria um caráter intraduzível:

Pois sabemos doravante que uma doença do corpo acaba sempre por ter a longo prazo consequências psicológicas e sociais, e, inversamente, que uma desordem psicológica e social acaba sempre por se metaforizar no corpo de uma forma ou de outra.<sup>15</sup>

Em não se dominando nem a origem do sofrimento nem o seu destino, a ideia é que apenas se poderá conhecer as consequências e os intervalos pela leitura dos signos. Destarte, o sofrimento seria difícil de traduzir em razão de sua complexidade inerente. Ademais, uma das dificuldades de sua tradução residiria no próprio sujeito sofredor, nas dificuldades em

---

<sup>11</sup> VERGELY, op. cit., p. 46.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 51.

compreendê-lo. Restaria, por fim, no sofrimento, algo que escaparia do sentido, que resistiria à tradução devido à distância que separaria um saber seguro do outro, do corpo e da vida.<sup>16</sup>

A questão do sofrimento encontra-se presente em vários autores da sociologia clássica, como Durkheim, Marx e Engels e Weber, no entanto, sempre tratado como inspiração, como influência em seus estudos e não como o fundamento *per se*. Em que pese à forte distinção entre as abordagens clássicas supracitadas, vale perpassar, ainda que de forma breve, as principais questões relativas ao sofrimento presentes em tais matrizes teóricas.<sup>17</sup> Em Friedrich Engels, por exemplo, tem-se a questão da degradação social, do tormento físico e da miséria gerada pelo trabalho realizado nas fábricas. O autor aborda a guerra social que se estabelece na Inglaterra a partir do advento do capitalismo, a guerra de todos contra todos que se torna declarada. “As pessoas não mais se consideram reciprocamente senão como sujeitos utilizáveis, onde cada um explora o próximo.”<sup>18</sup> Quando se reporta às condições de vida da classe operária na Inglaterra, ele trata da questão da morte pela fome, das péssimas condições de habitação e de moradia da classe trabalhadora, da pobreza extremada, da sujidade e das péssimas condições de saúde dos operários. Por cerca de vinte meses examina os interstícios da vida operária sob as injunções do modelo capitalista de produção que se desenvolve no Ocidente. As ruelas sujas e infectadas, as casas minúsculas e sem ventilação, o ambiente físico e moral, a alimentação deficiente, as roupas precárias que denunciavam a situação de sofrimento físico, moral e social de toda uma classe trabalhadora que se encontrava (e se encontra) à mercê de condições brutais de vida impostas pela classe dominante. Também analisa a constituição da família na estreita relação com a constituição do Estado e da propriedade privada, além da contradição presente na exploração de uma classe sobre a outra. Assim, constata que os males sociais que a civilização traz consigo não podem ser encobertos com o “manto da caridade que os enfeitaria”, mas tal hipocrisia convencional deveria ser

---

<sup>16</sup> VERGELY, op. cit., p. 52-53.

<sup>17</sup> Antes mesmo dos clássicos mencionados, Ramazzini, no exercício de sua profissão de médico, observou o sofrimento de homens e mulheres através das doenças típicas da função profissional exercida: são sapateiros, tintureiros, lavadeiras, curtidores, bronzeadores, oleiros, que se encontram em situação de sofrimento físico. O autor visitou as “sujas” oficinas de trabalho buscando observar as diferentes atividades, buscando refletir acerca das prescrições preventivas ou curativas, “contra as doenças dos operários”. De acordo com o autor, o médico não deveria “se limitar a por a mão no pulso do operário, com pressa, sem se informar acerca das condições de trabalho”. A obra, escrita em 1700, traz espécie de inventário sobre as doenças que acometiam os trabalhadores, apontando o excesso de trabalho sobre os “corpos calejados”, a alimentação deficitária e as péssimas condições dos ambientes de trabalho que, não raras vezes, eram sujos, mal cheirosos, “com cadáveres de animais e outras podridões”. Esta visão traduz, em boa medida, o que já vinha sendo observado: o sofrimento de boa parte da parcela da população que se encontrava em situação de miséria e infortúnio devido a um modo de vida que é abarcado por um sistema econômico, político e social que se instala no cerne da sociedade. Cf.: RAMAZZINI, Bernardino. *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: Fundacentro, 1988.

<sup>18</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 36.

severamente combatida.<sup>19</sup> Esta situação de sofrimento da classe trabalhadora foi também objeto de estudo de Karl Marx, notadamente, no processo de aplicação do questionário de 1880, quando buscou conhecer a situação da classe trabalhadora, conforme segue:

Confiemos contar, para isso, com a ajuda de todos os operários da cidade e do campo, conscientes de que apenas eles podem descrever, com todo conhecimento de causa, os males que suportam, e de que só eles, e não salvadores providenciais, podem energeticamente remediar as misérias sociais que sofrem.<sup>20</sup>

É também Marx que apresenta a denúncia do sofrimento: o desenvolvimento de toda uma “ralé” nas cidades a partir da fuga dos servos da área rural.<sup>21</sup> Ressalta igualmente o aumento do grupo de trabalhadores supérfluos, lançados à rua pelo capital adicional que eles mesmos criaram,<sup>22</sup> a sujeição de homens, mulheres e crianças ao domínio do capital, constituindo-se em meros objetos do trabalho. Enfim, a degradação física e moral a que os trabalhadores estão expostos a partir do avanço capitalista.<sup>23</sup> Esta concepção é compartilhada por Paul Lafargue quando, em 1883, denuncia a situação de homens e mulheres “com cores pálidas, sangue sem brilho, estômago devastado, membros enfraquecidos.”<sup>24</sup> Para o autor supracitado, a época que se diz do trabalho é, em verdade, a época da miséria, da dor e da corrupção. A denúncia é também relacionada a um novo modo de vida que surge quando a indústria emerge: os operários eram filhos da terra, moravam nos vilarejos e nas cidades próximas e quase todos tinham casa própria e um pequeno pedaço de terra. No entanto, passado um tempo, Lafargue enfatiza a chegada desses trabalhadores na cidade a cada manhã e fim da tarde.

Há entre eles uma multidão de mulheres pálidas, magras, andando descalças no meio da lama. Quando chove ou neva, não tendo guarda-chuva, colocam seus aventais ou anáguas sobre a cabeça para proteger o rosto e o pescoço. Há um número ainda maior de crianças igualmente sujas e magras, cobertas por trapos, cheias do óleo das máquinas que cai sobre elas enquanto trabalham. Estas mais protegidas da chuva pela impermeabilidade de suas roupas, nem mesmo carregam, como as mulheres que mencionamos uma cesta com a comida do dia. Trazem nas mãos ou escondem sob suas roupas ou onde puderem o pedaço de pão que lhes servirá de alimento até voltarem para casa.<sup>25</sup>

<sup>19</sup> ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo, Global, 1984, p. 235-236.

<sup>20</sup> MARX, Karl. O questionário de 1880. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo: Pólis, 1982, p. 249.

<sup>21</sup> Idem. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 120.

<sup>22</sup> Idem. *O Capital: crítica da economia política*. v.1. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 737.

<sup>23</sup> Idem. *Manifesto do Partido Comunista*. 97. ed. São Paulo: Global, 1988, p. 83.

<sup>24</sup> LAFARGUE, Paul. O direito ao ócio. In: DE MASI, Domenico (Org.). *A Economia do Ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 149.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 151.

A denúncia continua através do cotejo entre o trabalho realizado pelos operários das fábricas e o trabalho realizado por prisioneiros: os operários trabalhavam em média mais que aqueles que realizavam trabalhos forçados nas prisões.

Seria melhor disseminar a peste e envenenar a água do que construir uma fábrica no meio da população rústica. Introduza o trabalho nas fábricas e você terá perdido a felicidade, a saúde, a liberdade - terá perdido tudo aquilo que torna a vida bela e digna de ser vivida.<sup>26</sup>

Por fim, a revelação das precárias condições de vida e de trabalho de boa parte da população cujo trabalho constitui-se em flagelo e sofrimento. Em Émile Durkheim, a questão do sofrimento ou, ainda, a ausência da felicidade social, estaria vinculada à questão atinente à moralidade, à qualidade das relações estabelecidas entre indivíduo e sociedade. Esta seria a medida do sofrimento: isolamento, solidão e afastamento do grupo social gerariam sentimentos negativos. Ademais, tem-se em Durkheim a questão relativa à fonte da solidariedade social, na qual o tema da divisão do trabalho social ganha contornos importantes. O esmaecimento da solidariedade seria um fenômeno mórbido, ameaçador da coesão social, dos laços que unem os indivíduos à sociedade, uma vez que violariam a segurança, a felicidade, a solidez.<sup>27</sup> Também, a ampliação do mercado e da grande indústria presentes na sociedade industrial, transformariam as relações entre patrões e operários, situação em que estes últimos estariam sujeitos a uma maior fadiga do sistema nervoso, somada à influência contagiosa das grandes aglomerações. Assim, o operário é retirado de sua família o dia inteiro, vivendo cada vez mais próximo daquele que o emprega.<sup>28</sup> O mal-estar social que se estabelece a partir do avanço da civilização seria resultado da anomia que seria preciso fazer cessar, atenuando as desigualdades, fonte de todo o mal. Desta forma, criar uma moral seria a garantia de uma sociedade mais igualitária, com relações mais justas, na qual os números de crimes, violências, suicídios, marcas da imoralidade de uma dada sociedade, das relações fracas entre indivíduo e sociedade, seria a solução para todos os males. Enfim, o sofrimento seria a consequência imediata da ausência de solidariedade social. Onde houvesse solidariedade e moral social forte, o sofrimento seria amainado.

Por sua vez, Max Weber apresentará o processo de racionalização que tende a tomar conta de vários aspectos da vida humana. Neste sentido, a “nova servidão”, o processo de burocratização, expressão da racionalização do mundo ocidental, estaria avançando e esta marcha seria a verdadeira ditadura a que todos estariam submetidos, subjugados. Tal marcha

---

<sup>26</sup> LAFARGUE, op. cit., p. 152.

<sup>27</sup> DURKHEIM, Émile. *Da divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 386-387.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 387.

da racionalização expressar-se-ia através do progresso científico, ao processo de intelectualização que, por seu turno, traria engastada a previsão.<sup>29</sup> Esta permitiria dominar tudo, despojando o mundo da magia que lhe seria peculiar. Assim, o homem sofreria porque, apesar da previsão, sabe que vive no provisório, no incerto. Sofre porque a felicidade é para amanhã ou adiante e porque se encontra situado em um movimento “que não cessa de lhe maravilhar e de decepcionar com novas promessas.”<sup>30</sup> Ademais, tais processos de racionalização e de intelectualização crescentes teriam o poder, como já referido, de desencantar o mundo. Os progressos derivados da ciência e da técnica fariam com que o homem desacreditasse nos poderes mágicos, nos espíritos e, neste contexto, perder-se-ia o sentido do sagrado. Destarte, o real vai se tornando aborrecido, vazio, cansativo, e a vida vai deixando de ter sentido. O vazio vai sendo preenchido com artifícios. “A racionalização e a intelectualização despojaram o mundo de um encanto [...]”<sup>31</sup>. O Estado, por sua vez, é visto como o resultado do movimento de racionalização da civilização moderna e que reivindicaria o monopólio do constrangimento físico legítimo agregado à racionalização do Direito. Conformaria a instituição de uma política encarregada da segurança dos indivíduos e de assegurar a ordem pública, permitindo a intervenção em vários aspectos da vida, desde a educação até a saúde, a economia e a cultura. No entanto, ao lado da economia estatal, Weber observará a estrutura das Igrejas que, como qualquer outro poder, recorrem ao constrangimento psíquico e reivindicam o monopólio desse constrangimento sob a forma de uma instituição que concederá ou recusará os bens espirituais da salvação.<sup>32</sup> Trata-se, desta forma, do domínio espiritual. Enfim, a humanidade estaria cercada por processos que dominariam todas as dimensões da vida. Esta seria a tristeza, o sofrimento, o dar-se conta de que se está em uma cávea da qual é quase impossível sair.

#### **4.2 Sofrendo de outro modo: o sofrimento ampliado**

Como visto, o sofrimento tem se manifestado ao longo dos tempos e em diferentes formações sociais, todavia, ganha força quando iniciam os escritos que denunciam a situação dos trabalhadores nos locais de trabalho. No entanto, o uso deste conceito ainda é recente, especialmente no que se refere às Ciências Sociais de maneira geral. Dejours procurou examinar a questão envolvendo a saúde dos trabalhadores e o sofrimento a que estes se encontram expostos. Trata-se do sofrimento daqueles que perderam o emprego ou não

<sup>29</sup> WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 37.

<sup>30</sup> FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1987, p. 22.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 160.

conseguiriam empregar-se novamente, recolocar-se no mercado de trabalho. Esse fato, de acordo com o autor, tem levado à doença mental ou física. Há, em contraponto, o sofrimento daqueles que trabalham e que se encontram submetidos a riscos de toda ordem.<sup>33</sup> São riscos concretos, articulados à radiação, vírus, fungos, amianto, inclusive aqueles ligados aos horários de trabalho e aqueles que, por sua vez, atingem o trabalhador na sua relação com o grupo, com o coletivo de trabalho. Os trabalhadores tenderiam, em escala crescente, a se tornarem competitivos, desafiando os colegas de trabalho e o grupo, que, aos poucos, vai tendendo à dissolução, ao arrefecimento. Destarte, traz o autor a ideia de que os trabalhadores que estão efetivamente trabalhando não se encontram necessariamente felizes, plenamente realizados. Emerge, desta forma, a questão do sofrimento no trabalho. Tal ideia ganha sustentação através de densa descrição do autor, na qual a questão de sentir-se culpado pelo próprio sofrimento, a maneira como os trabalhadores suportam o fato de se sentirem culpados por expressar e sentir o próprio sofrimento no trabalho, e, também, mobilizar as defesas que podem conduzir ao processo de identificação do sofrimento, além das formas de sofrimento, ganham corpo e são fortemente discutidas.<sup>34</sup> O sofrimento aparecerá, assim, como produzido dentro de um contexto determinado, constituído por novas relações estabelecidas no espaço específico do trabalho e, ademais, por novos dispositivos ideológicos que fazem interiorizar o processo de dominação tanto daqueles que estão fora do ambiente de trabalho quanto daqueles que estão em seu centro.<sup>35</sup>

Nos espaços de trabalho, as condutas adotadas, de cariz individualista, têm levado a dificuldades no que se refere ao sofrimento ordinário dos trabalhadores, fazendo-os, com o passar do tempo, perder a esperança e estagnar algumas possibilidades de ação. Neste sentido, o sofrimento gerado pelo trabalho repercute de maneira direta na saúde física e psíquica do trabalhador. É neste encadeamento que podem emergir estratégias para que o sofrimento seja amainado. Tais estratégias podem se dar no plano individual, mas, também, no plano coletivo. “A participação nestas estratégias defensivas torna-se necessária para evitar o risco de que o sofrimento leve o sujeito à crise psíquica e à doença mental”.<sup>36</sup> A cautela está no processo de “cristalização” que pode tornar o trabalhador insensível àquilo que justamente traz o sofrimento. Desta forma, pode-se negar o sofrimento do outro e, ao mesmo tempo, negar o sofrimento próprio, calando-se. O trabalho como gerador de sofrimento (e ao mesmo tempo

---

<sup>33</sup> DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 27-28.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 50 et seq.

<sup>35</sup> RENAULT, Emmanuel. *Souffrances sociales: philosophie, psychologie et politique*. Paris: La Découverte, 2008, p. 154.

<sup>36</sup> DEJOURS, 2006, op. cit., p. 141.

de prazer) é analisado por Dejours na relação com a saúde, como já apontado, uma vez que na execução das tarefas relativas à profissão e nas vivências subjetivas do trabalho há uma luta constante pelas melhorias das condições de trabalho e de saúde. Assim, o objeto de estudo analisado é o sofrimento em uma dimensão específica: o sofrimento no trabalho.<sup>37</sup> A história da luta dos trabalhadores pela saúde teria, desta maneira, três dimensões ou fases que configurariam, primeiramente, a luta pela própria sobrevivência, posteriormente, a proteção do corpo e, por fim, a preocupação com a saúde mental e o sofrimento psíquico gerado pelo trabalho. Na primeira dimensão, mesma dimensão tratada pelos clássicos da sociologia como Marx, Engels, Durkheim e Weber, está presente a questão envolvendo as condições desumanas de trabalho, o péssimo ambiente de trabalho ajustado no sentido do esgotamento físico, da falta de higiene dos ambientes de trabalho, da alimentação deficiente, das mortes ocorridas em função do descaso, dos acidentes de trabalho. Enfim, é um período de miséria, no qual os trabalhadores são duramente atacados. A luta dos trabalhadores, neste sentido, demandou respostas e estas trataram da questão da insalubridade, da assepsia dos ambientes de trabalho, da higienização de tais ambientes. A ordem a ser estabelecida era também moral, “colonizando”<sup>38</sup> não apenas aqueles que estão confinados aos espaços de trabalho, mas também aqueles que estão mais soltos no sistema: os vagabundos, as prostitutas, os mendigos, os nômades, os delinquentes.<sup>39</sup> Após este primeiro período, Dejours trará a proteção ao corpo<sup>40</sup>: é preciso salvar os corpos dos acidentes, das doenças que acometem os trabalhadores, das intoxicações causadas pela exposição constante aos produtos químicos. Taylorismo e fordismo ganham destaque nas análises enquanto tecnologias de submissão.

O trabalho, sob estas condições, torna-se repetitivo e monótono, sendo sua velocidade e ritmo estabelecidos independentemente do trabalhador que os executa através de rígida disciplina. O trabalhador perde suas qualificações, as quais são incorporadas à máquina. Neste sentido, aquilo que se está exigindo nos espaços de trabalho contém novos matizes e o corpo desponta como dimensão principal no qual o impacto do trabalho terá seu alicerce: é o corpo dócil, que aparecerá como objeto da perversão instalada no núcleo dos procedimentos relativos ao trabalho. Corpo frágil, corpo objeto de exploração.

---

<sup>37</sup> Cf. : DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 1992.

<sup>38</sup> CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 115.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

Por fim, como terceiro período, etapa, fase ou dimensão na história da saúde do trabalhador, tem-se, segundo Dejours, uma preocupação com a saúde mental: o taylorismo e as demais formas de gestão da força de trabalho seriam geradores de sofrimento psíquico. Tem-se ainda o sofrimento físico que agora se encontra articulado ao sofrimento psíquico. A sociedade, os modos de vida, o consumo e os processos de alienação são postos em xeque. Isso implica dizer que a organização do trabalho gera sofrimento e, assim, há a sentença: o trabalho, ao mesmo tempo em que pode constituir-se em vetor de prazer, carrega em seu bojo o sofrimento. Este pode ser encontrado em duas dimensões (separadas ou articuladas), a saber: sofrimento físico e sofrimento psíquico. Neste sentido, insatisfação e ansiedade (ou medo) seriam sintomas do sofrimento.<sup>41</sup>

Os trabalhadores estariam expostos a toda uma série de atividades inúteis, desinteressantes e sem conteúdo. Por isso, os sentimentos vividos são de cansaço, que advém tanto do esforço físico quanto da ausência de conteúdo presente no próprio trabalho. Enfim, para Dejours o trabalho exerce um impacto sobre o aparelho psíquico humano gerando sofrimento, eis que não é possível, na maioria das vezes, exercer modificações nas tarefas que se executa, dotando-a de conteúdo e de sentido, de acordo com os desejos e necessidades daquele que o realiza. Ou seja, isto se daria quando a interação efetiva entre o homem e o trabalho é dificultada. Há, neste sentido, insatisfação e, também, medo quando a tarefa realizada encontra-se cercada de riscos. Contra a angústia ou a insatisfação são criadas estratégias defensivas. Tais estratégias não são identificadas de imediato, todavia, ficam invisibilizadas ou revestidas na forma de ideologia defensiva. Assim, para que a relação de trabalho seja favorável ao trabalhador, faz-se necessário, entre outros elementos, que as exigências da tarefa a ser realizada, tanto aquelas intelectuais, motoras ou psicossensoriais, estejam de acordo com as necessidades do trabalhador, gerando prazer ao invés de desprazer.<sup>42</sup> Ademais, faz-se necessário que o conteúdo do trabalho seja fonte de satisfação e que a “desalienação” seja elemento de transformação social.

Bourdieu também trará contribuições importantes ao estudo da questão envolvendo o sofrimento, notadamente através de estudo em que trata da reestruturação produtiva ou industrial e da “nova pobreza” que surge ancorada neste processo.<sup>43</sup> Destaca, outrossim, um sistema social que tem feito recuar o que o autor chama de “a grande miséria”, mas que, ao mesmo tempo e diferenciando-se, tem multiplicado espaços sociais que têm oferecido as

---

<sup>41</sup> DEJOURS, 1992, op. cit., p.119.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>43</sup> Cf.: BOURDIEU, Pierre. (Coord.) *A miséria do mundo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

condições favoráveis para o desenvolvimento, sem precedentes, de todas as formas de “pequenas misérias”. No campo das Ciências Sociais, seria difícil, segundo o autor, reconhecer os sinais sociais do mal-estar que se vive no mundo contemporâneo, visto que, assim como as doenças, o mal-estar não está necessariamente evidente. Bourdieu refere-se às violências nas mais diferentes expressões, notadamente à violência inerte das estruturas econômicas e sociais protagonistas de muitas “pequenas misérias” e às violências da vida cotidiana. Assim, os inúmeros sofrimentos a que se está exposto na contemporaneidade seriam oriundos do choque de interesses, de disposições, de estilos de vida diferentes que a coabitação apresenta, destacando-se, neste contexto, os locais de moradia e trabalho. Para Bordieu, é no interior dos grupos sociais que as experiências são vividas e percebidas. É dentro dos grupos que podem ser percebidas as distinções em termos de estilos de vida que apartariam classes sociais, gerações ou etnias.

Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-las; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas.<sup>44</sup>

Basal, nesta análise, é o vínculo estabelecido entre o social e as questões individuais. Ademais, insta adjazer que aquilo que é armado socialmente pode também ser desfeito, desarmado, a exemplo do que Marx já afirmara previamente em suas obras. Para Bordieu, a maioria dos mecanismos econômicos e sociais que está na origem dos sofrimentos mais cruéis não é fácil de ser descontinuada ou transformada. A realidade social é tensa e densa, complexa e geradora de situações de pobreza, miséria, frustração. A realidade social seria, assim, vista como atroz com todos aqueles que desconhecem suas regras de funcionamento. Seria perversa com todos aqueles que chegaram tarde, que não se empenharam, uma vez que o espaço dos vitoriosos é estreito, fechado, estando sob vigilância e exigindo sacrifícios daqueles que ali desejam estar. Entre este sacrifício encontrar-se-ia, inclusive, a possibilidade da autodestruição.<sup>45</sup>

Assim, com as mudanças engendradas pelo capitalismo, novas realidades sociais são apresentadas, sendo preciso cautela para compreendê-las, uma vez que não se apresentam como são. A realidade social muda e, com esta, as expressões das desigualdades e contradições que ganham contornos difíceis de serem delineados, conformando espaços de

---

<sup>44</sup> BOURDIEU, 1997, op. cit., p. 735.

<sup>45</sup> Ibidem.

exclusão e afetando a vida das pessoas em todas as suas faces. O sofrimento vai ganhando forma: a forma das estruturas sociais violentas, geradoras da precariedade em todas as suas dimensões.<sup>46</sup> Aos efeitos da precariedade sobre aqueles por ela afetados acrescentam-se os efeitos sobre todos que parecem ser poupados. “Ela nunca se deixa esquecer; está presente em todos os momentos, em todos os cérebros. Ela atormenta as consciências e os inconscientes”<sup>47</sup>. O autor faz também alusão à lei da conservação da violência, afirmando que toda violência se paga: a violência estrutural exercida pelos mercados financeiros, sob a forma de desemprego, de precarização, tem sua contrapartida, em maior ou menor prazo, sob a forma de suicídios, delinquência, crimes, drogas, de pequenas ou grandes violências cotidianas.<sup>48</sup> Neste sentido, reforça o vínculo das estruturas econômicas e sociais com os comportamentos individuais, comportamentos cada vez mais carregados de desesperança e sofrimento. Esta correspondência entre o indivíduo e o social é a unidade de análise de Bourdieu: as relações sociais se articulam em uma totalidade, deixando sem sentido os fenômenos parcelados, isolados em fronteiras incomunicáveis. Daí que o sofrimento também aparecerá incrustado nas estruturas sociais, gerando angústia, padecimento, consternação.

A história do sofrimento social entre os séculos XVII e XX, não é uma história da dor, da exploração, nem a história da comiserção. A história do sofrimento social é a história da “dor das dores”, aludindo ao proferido por Jaques Rancière quando trata da fala dos trabalhadores no período de 1830 a 1851.<sup>49</sup> Neste sentido, o sofrimento social seria a experiência dolorosa de homens e mulheres que vivem no mundo social, um mundo permeado por sintomas da doença das sociedades atuais: expressão de exclusão daqueles que não têm moradia, trabalho, recursos ou mesmo daqueles que, trabalhando, encontram-se submetidos à fadiga nervosa no trabalho. A intersecção entre indivíduo e sociedade, assim como a articulação entre o social e o psíquico são elementos que não são apreendidos de imediato, todavia, não apenas a literatura trouxe e tem trazido elementos para análise, mas outras áreas correlatas. Tal é, por exemplo, a análise do sofrimento social amplamente retratado através da representação da realidade cotidiana em gravuras francesas do século XVII: os corpos dos trabalhadores e o sofrimento a que estão expostos são representados através da arte muito

---

<sup>46</sup> BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 120.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>49</sup> CHAUVAUD, Frédéric. *Histoires de la souffrance sociale*. Introduction. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007, p. 09. Cf.: RANCIERE, Jacques. *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

mais do que se pode imaginar.<sup>50</sup> São camponeses, pobres, vagabundos, vítimas da pobreza de maneira geral. Como bem afirma Chauvaud, a história do sofrimento social concerne a indivíduos e a grupos, revelando uma experiência dolorosa de homens e mulheres inseridos no mundo social.<sup>51</sup> Seria também uma experiência limitadora da condição humana e, como experiência social, poderia ser vista em pelo menos dois modos: como experiências coletivas apropriadas individualmente através de percepções e expressões e, também, como interações sociais trazidas através de experiências vinculadas a doenças que sugeririam relações e interações, ocupando, não raras vezes, lugar central na experiência do sofrimento.<sup>52</sup>

Por sua vez, Castel buscará compreender a questão do sofrimento na estreita relação com os vínculos sociais, a integração social ou, ainda, a partir dos processos de dissociação, de desfiliação, da “anomia” dos grupos sociais.<sup>53</sup> Nesta discussão encontra-se presente a questão envolvendo indivíduos que “flutuam” na estrutura social sem encontrar local de aconchego. Apresenta o autor a relação próxima entre a ausência da atividade produtiva e a coesão social. A falta do trabalho gera isolamento e esse fato, por sua vez, poderia produzir processos de exclusão, de desfiliação. Para Castel, a vulnerabilidade social traria em seu bojo a precariedade do trabalho e, ao mesmo tempo, a ausência dos suportes de proximidade, dos suportes sociais geradores de confiança. Desta forma, a questão social seria caracterizada por uma inquietação quanto à capacidade de manutenção da coesão social. A ameaça da ruptura seria apresentada por grupos cuja existência poderia abalar a coesão do conjunto da sociedade.<sup>54</sup> Observa o autor, neste sentido, alguns perfis que comporiam tais grupos acima referenciados. Entre estes estariam os indigentes, as crianças sem pais, os cegos, os paralíticos e os estropiados de toda ordem. Em comum, apresentam a questão de não conseguirem, por si mesmos, suprir as suas necessidades básicas, uma vez que não podem trabalhar. Outro grupo, segundo Castel, encontrar-se-ia composto por aqueles que seriam capazes de trabalhar, entretanto, não o fazem. Entra nesta descrição a figura do indigente válido.<sup>55</sup>

Tais grupos estariam à mercê do que o autor chamará de advento do livre acesso ao trabalho, do advento dos contratos e da liberdade para empreender. Tais dispositivos remeteriam, por seu turno, a um “lado obscuro” que seria a “individualidade negativa”,

<sup>50</sup> MEYER, Véronique. La représentation de la souffrance social dans la gravure parisienne (1635-1660). In : CHAUVAUD, Frédéric, op. cit., p. 19.

<sup>51</sup> CHAUVAUD, Frédéric, op. cit., p. 10.

<sup>52</sup> KLEINMAN, Arthur; KLEINMAN, Joan. The appeal of experience; The dismay of images: cultural appropriations of suffering in our times. In: KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena; LOCK, Margareth. *Social Suffering*. Berkeley: University of California Press, p. 02-03.

<sup>53</sup> CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

relativa a todos aqueles que se encontram sem suporte, sem vínculos, sem qualquer reconhecimento e, ademais, privados de proteção social. As vulnerabilidades sociais que nasciam do excesso de coerções nas sociedades pré-industriais passam agora a dar-se a partir do enfraquecimento das proteções. Com as novas exigências do trabalho tem-se a desestabilização dos trabalhadores estáveis, a instalação da precariedade do trabalho, o desemprego, o emprego precário. Ademais, o “*no man’s land*” social, os “supranumerários” que não estão integrados nem são integráveis ao sistema.<sup>56</sup> Não há mais pertencimento e, paralelamente, surge a questão da inutilidade social de boa parte da população. Esse fator afeta a identidade de todos aqueles que a tiveram forjada sobre a questão do trabalho, gerando sofrimento e, ainda, a possibilidade de autodestruição. Enfim, para o autor, haveria produção de vulnerabilidades sociais cuja gênese dar-se-ia a partir da perda do lugar de trabalhador de alguns grupos sociais. O trabalho assalariado gera vínculos sociais, todavia, a falta de espaço na organização da divisão do trabalho gera, por sua vez, indivíduos despregados da tessitura social, que não conseguem acessar lugares estáveis. Tal seria a “nova questão social”, ou seja, a crise do caráter integrador que o trabalho pode proporcionar, ocasionando a perda da coesão social e sofrimento dos indivíduos que não acessam mais um lugar na organização social através do trabalho. Desta forma, desemprego e precarização seriam as marcas da nova questão social. Como já mencionado, três processos marcariam o quadro no qual essa nova questão social se desenvolve: a desestabilização dos estáveis, a instalação da precariedade e o déficit de lugares. Os atingidos por esses elementos ficam alheios ao que o autor chama de “circuito das trocas produtivas”, tornando-se inúteis e é aí que se instalaria uma crise de identidade pelo trabalho. É aí também que se instalaria o processo de desfiliação,<sup>57</sup> ou seja, a ausência de “inscrição do sujeito em estruturas portadoras de sentido”<sup>58</sup>. O desfiliado não está completamente sem vínculos, não é um excluído, mas está distante do centro de coesão social. Por fim, resta versar que para Castel haveria duas dimensões de acoplamento dos indivíduos no social: uma econômica e uma social. Na econômica estaria o emprego em suas diferentes formas, até se chegar à situação de desemprego. Na dimensão social estariam outras formas de inserção do indivíduo, como a família, a vizinhança e a comunidade, que podem se tornar retraídas. Nas dimensões de acoplamento ou inserção, os indivíduos poderiam situar-se em quatro tipos de zonas: zonas de integração, vulnerabilidade, assistência e desfiliação. Na primeira zona, de integração, os indivíduos estariam de posse de um emprego estável,

---

<sup>56</sup> CASTEL, op. cit., p. 530.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 536.

<sup>58</sup> Ibidem.

possuindo relações sociais também sólidas. Estão, como o próprio nome já diz, integrados. Já na zona de vulnerabilidade, o indivíduo sente-se ameaçado pela precariedade do trabalho e dos laços sociais que vão aos poucos sendo enfraquecidos. Na terceira zona, de assistência, encontra-se o público que garantirá (ou deveria garantir) o não desligamento do indivíduo do social, vez que este se encontra enfraquecido pela ação da precarização e também pelos laços familiares que tendem à decomposição. Por fim, a zona de desfiliação, na qual os indivíduos não apenas são atingidos pelo desemprego, mas também perdem relações anteriormente estabelecidas, que dizem respeito ao bairro, à vizinhança, à família. São relações que vão se deteriorando com o tempo, produzindo insegurança e sofrimento.<sup>59</sup> Ainda, no processo de desfiliação pode haver zonas de cristalização, espaços específicos em que se cristalizam vários problemas cuja origem encontra-se vinculada ao funcionamento da sociedade salarial. Nesses espaços podem ser encontradas “taxas elevadas de desemprego, instalação da precariedade, ruptura da solidariedade de classes e falência dos modos de transmissão familiar, escolar e cultural e ausência de perspectivas de projeto para controlar o futuro, etc.”<sup>60</sup>

Castel afirma que o indivíduo hoje é vulnerável, uma vulnerabilidade gerada pelo afrouxamento dos mecanismos de proteção social. Tal afrouxamento articula-se, por sua vez, a toda uma ideia subjacente de se chegar a uma situação de autonomia: a promessa de autonomia do indivíduo não se cumpre, em verdade.<sup>61</sup> Para o autor, a questão envolvendo a vulnerabilidade é central na análise das transformações sociais em curso e que remetem a uma emergência de uma vulnerabilidade acentuada. Estaria em curso uma incerteza com relação ao desejo de viver “o fardo de cada dia”. A construção ou a emergência do indivíduo, de acordo com o autor, começa a se delinear nos séculos XVII e XVIII, notadamente na Europa ocidental, seguindo até as configurações atuais. Assim, a propriedade privada delineou o acesso à propriedade social, o acesso aos direitos e ao status de cidadão. Este teria sido o primeiro suporte que poderia afirmar um mínimo de independência e autonomia ao indivíduo quando de sua constituição na moldura da modernidade. É o “individualismo possessivo” tão bem desenhado por John Locke.<sup>62</sup> O homem seria o proprietário de si, de seu corpo e das ações e do trabalho que ele mesmo realiza. Através do trabalho poderia aceder à

---

<sup>59</sup> CASTEL, op. cit., p. 549.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 550.

<sup>61</sup> Cf.: CASTEL, Robert. Des individus sans supports. In: CHÂTEL, Vivianne; SOULET, Marc-Henry. *Agir en situation de vulnérabilité*. Québec : Les Presses de L'Université Laval, 2003, p. 51-62.

<sup>62</sup> Cf.: LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

independência material e social. É a propriedade de si matizada pela propriedade privada.<sup>63</sup> A propriedade de si seria o mote da existência, da autonomia, da independência. E aqueles indivíduos não proprietários? Estes não se apropriariam por si mesmo de algumas coisas, como o trabalho, mas sua apropriação dar-se-ia através do outro, daquele que lhe proporciona o trabalho. Ou seja, o caminho não se daria de maneira direta. A autonomia, a independência seria permeada pela presença do outro, percurso necessário à sua própria constituição. Neste sentido, seria o não proprietário um indivíduo, uma vez que o status de indivíduo funda-se na questão relativa à propriedade privada?<sup>64</sup> A divisão, a separação entre propriedade e trabalho encerraria uma clivagem: haveria duas maneiras, duas formas de ser de um indivíduo. Os dotados de capacidade para serem independentes, autônomos, e os subordinados que se encontrariam em condições indignas de vida. Tal indignidade seria própria de uma classe considerada perigosa, bárbara, imoral que, paradoxalmente, através do trabalho teria algumas garantias através do direito ao trabalho. Assim, o trabalhador construirá sua própria segurança a partir do trabalho, um equivalente à propriedade privada. Um direito à segurança inscrita na lei e garantida pelo Estado. É o que Castel chamará de “homólogo da propriedade privada” para os indivíduos não proprietários, dando suporte à sua independência.<sup>65</sup>

Tal equivalente seria um novo tipo de recurso ou garantia do Estado, que Castel chama de propriedade social, diferente da propriedade privada, mas que asseguraria uma propriedade através da segurança, assegurando uma “reabilitação social dos não proprietários”<sup>66</sup>. Neste sentido, haveria um indivíduo que se constituiria a partir de uma ausência: um modelo de indivíduo positivo construído a partir da proteção salarial, da proteção do trabalhador na sociedade assalariada que nasce com a modernidade. Todavia, a liberdade, a segurança, a autonomia do indivíduo constituída a partir das proteções sociais, encontra-se em colapso. A pretensa “invulnerabilidade” construída encontra-se ameaçada: não há mais estabilidade, reduzem-se os direitos e as proteções derivadas da propriedade social. Assim, a “grande transformação” remonta à vulnerabilidade, à incerteza, à instabilidade das posições profissionais.<sup>67</sup> É este indivíduo que entra em sofrimento devido à sua fragilidade, uma vez que paralelamente à perda ou enfraquecimento das proteções que dão o direito à existência, tem-se um processo de descoletivização ou o que Castel chamará de reindividualização das relações de trabalho. Neste processo, em que os indivíduos são interpelados, não haveria os

---

<sup>63</sup> LOCKE, op. cit., p. 55.

<sup>64</sup> CASTEL, 2003, op. cit., p. 55.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> Ibidem.

recursos necessários para se entrar no jogo. Alguns, com mais recursos, aderem ao discurso neoliberal empreendendo, colaborando. Os demais, que não atendem ao discurso do novo processo de individualização, perdem: perdem status, retornam à situação de vulnerabilidade inicial, entrando em processo de desfiliação, uma vez que há, paralelamente, um processo de descoletivização dos coletivos de trabalho.<sup>68</sup> Enfim, para Castel é preciso refiliar os indivíduos vulneráveis, seja através dos suportes clássicos da propriedade social, seja através da criação de novos suportes sociais. Todavia, esta posição é ainda abstrata e geral e sobre a qual se faz necessário debruçar a fim de torná-la mais precisa. A nova conjuntura apresentaria situações novas, inéditas que seria preciso enfrentar.<sup>69</sup>

Como visto, a discussão acerca do sofrimento tem ganhado contribuições importantes, ou seja, cada vez mais entra em pauta a discussão de que existe, de fato, um sofrimento que resulta do que o poder político, econômico e institucional produz nas pessoas e, ademais, como essas formas de poder influenciam as respostas às questões sociais.<sup>70</sup> Assim, há o poder político, econômico e institucional produzindo sofrimento e, também, quando do interesse, a resposta a este mesmo sofrimento. Neste sentido, os autores supracitados apontam que na categoria de sofrimento social encontram-se incluídas dimensões normalmente vistas como pertencentes a campos distintos, situações que envolvem questões morais, religiosas, de saúde, bem-estar, legais, etc. O desafio estaria em vincular campos diversos, em enlaçar problemas individuais e sociais, visto que estes, de fato, não raras vezes estariam conectados. Desta forma, questões como o suicídio, a depressão, as doenças sexualmente transmissíveis, estariam agrupadas em uma dimensão maior que a do grupo ou do indivíduo: seriam frutos da experiência social.<sup>71</sup> Tal experiência teria sua gênese nas contradições sociais que se incorporam nos indivíduos. Estas, por seu turno, relacionar-se-iam a uma vulnerabilidade estrutural nascida da autonomização da existência individual enquanto norma social e, ademais, com a dessocialização das proteções que cercam os indivíduos em sociedade. Nesta perspectiva, as formas contemporâneas de sofrimento social seriam expressão das fragilidades individuais nascidas da exigência social de autonomia e de realização em uma configuração social que não oferece, em contrapartida, garantias institucionais e de proteção formais. Nesta concepção, a vulnerabilidade ganha contornos de uma vulnerabilidade que, nas transformações societárias contemporâneas, acomete os espaços profissionais, transformando a condição salarial e, ademais, vem acompanhada de uma privatização das “biografias

---

<sup>68</sup> CASTEL, op. cit., p. 60.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>70</sup> KLEINMAN; DAS; LOCK, op. cit., p. 09.

<sup>71</sup> Ibidem.

profissionais”. Tais transformações não raras vezes fazem com que o indivíduo seja responsabilizado pelo seu destino, por sua própria sobrevivência. Pode-se dizer que se encontra em curso um movimento de descoletivização das proteções e das perspectivas e, paralelamente, de responsabilização do indivíduo no que concerne, especificamente, ao trabalho.<sup>72</sup>

Desta maneira, o sofrimento social deve ser pensado na sua estreita relação com a vulnerabilidade estrutural de uma sociedade de propriedade de si, ou seja, relaciona-se à autonomização da existência enquanto norma social de uma sociedade que não oferece as garantias para que esta mesma autonomização se dê. Não há mais suportes institucionais, não há proteções formais. Assim, as fragilidades individuais, nascidas das exigências sociais de autonomia e de realização, se dariam em uma configuração social que, paradoxalmente, desinstitucionaliza e privatiza a atividade social de maneira geral. É neste contexto que o indivíduo deve permear, se localizar, viver e sobreviver. Contudo, este contexto traz implicações, uma vez que a modernidade trouxe ao centro o indivíduo e lhe diz: és livre, és autônomo, és responsável,<sup>73</sup> mas, ao mesmo tempo, retira as sustentações sociais e os dispositivos de formação desse mesmo indivíduo. Configura-se, assim, um contexto de vulnerabilidade, uma vulnerabilidade endógena, inerente à própria configuração social. É aí que o sofrimento social brota, dessa situação paradoxal, resultante de uma autonomia obrigada ao indivíduo, sem suportes socialmente disponíveis. Como bem afirma Soulet, ao referir-se às expressões de sofrimento social, não importa se as formas extremas de sofrimento social, como o suicídio, se manifestam dentro dos teatros ou se exacerbam em um agir sobre o mundo, dentro da família ou no espaço do trabalho: ele se constitui em um efeito de nossa configuração social.<sup>74</sup> Então, a origem do sofrimento social estaria articulada a uma configuração social determinada. Tal configuração, por sua vez, geraria patologias sociais determinadas, medradas nos indivíduos. Ainda que em posição distinta, Soulet acompanhará outros autores já tratados nesta seção no que condiz ao processo de dessocialização que se encontra em curso e que se caracteriza pela centralidade do indivíduo e, ao mesmo tempo, na invalidação dos dispositivos de formação e sustentação destes indivíduos no contexto social. Destarte, o sofrimento social teria sua gênese ou, ainda, seria resultante de uma situação produzida pela injunção paradoxal de uma autonomia obrigada sem os suportes socialmente disponíveis, sem os “amortecedores sociais” (coletivos de trabalho, proteções sociais,

---

<sup>72</sup> SOULET, Marc-Henry. La souffrance sociale, pathologie des sociétés contemporaines. *Étique publique*, v. 11, n.2, 2009, p. 72.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p 76.

<sup>74</sup> *Ibidem*.

instituições reguladoras) que possibilitariam reduzir os efeitos negativos desta “autonomia-responsável”<sup>75</sup>. Em que pese às diferentes abordagens acerca do sofrimento social, o centro da discussão concentra-se na perspectiva de que está em curso uma deterioração das relações sociais, um processo de precarização das relações sociais da qual o sofrimento decorre. A precarização se dá de diferentes formas. Para Stéphane, em análise acerca da precarização do trabalho e do sofrimento entre operários, haveria a hipótese de que o sofrimento social acompanha o processo de precarização salarial.<sup>76</sup> Observou, durante seus estudos, a existência de um sofrimento importante entre os membros das classes trabalhadoras e, como já referido, tal sofrimento acompanharia o processo de precarização salarial de duas maneiras distintas. De um lado, o sofrimento decorreria diretamente do processo de precarização, especialmente no que condiz à questão do emprego. A ausência deste geraria negação, dor, ausência de reconhecimento, sentimento de rejeição e de inutilidade e, ainda, um sentimento de rebaixamento, uma vez que o sofrimento introduziria um hiato importante entre a percepção de si e as normas sociais que o suportam. Para aqueles que trabalham, por sua vez, o estudo aponta a pressão extrema a que estão submetidos os trabalhadores, notadamente uma pressão produtiva que apela à produção, ao mesmo tempo em que a situação de degradação das condições de trabalho avança. Neste contexto, haveria um aumento das doenças profissionais que se tornam uma tendência inquietante entre os trabalhadores, sendo geradora de sofrimento.

### 4.3 Da perda dos objetos sociais à síndrome da autoexclusão

Buscando ampliar o esquema de Castel exposto anteriormente e que remete aos processos de integração, vulnerabilidade, assistência e desfiliação, Prévost, a partir de estudo de Furtos, inclui nesta configuração teórica a questão relativa à desilusão e à dor, incluindo em tais dimensões a perda do objeto social.<sup>77</sup> Um objeto social seria uma forma de segurança, é um status e é também um vínculo social. Tais objetos permitem o relacionamento com os demais membros do grupo social, o reconhecimento da própria existência, e se poderia jogar com tais objetos durante a vida toda (a exemplo de uma partida de futebol, como alude

<sup>75</sup> SOULET, Op. Cit., p. 72.

<sup>76</sup> STÉPHANE, Le Lay. Précarisation salariale et souffrance sociale : une transformation de la gouvernamentalité des classes populaires. *Interrogations?* Revue pluridisciplinaire de l’homme et de la société. n. 4. Formes et figures de la precarité, 2007, p. 80.

<sup>77</sup> Cf.: PRÉVOST, Marianne. La souffrance psycho-sociale: regards de Jean Furtos. *Santé Conjuguée*, n.48, 2009.

comparativamente o autor).<sup>78</sup> Neste sentido, a perda dos objetos sociais pode significar a perda da capacidade de jogar, a capacidade de interação com outros sujeitos, entrando-se em processo de exclusão. Ainda, um objeto social seria qualquer coisa idealizada dentro de uma dada sociedade em resposta a um sistema de valores: permite determinado status social, reconhecimento da existência e autoriza relações. A questão é que a manutenção ou a perda de alguns objetos não dependem apenas da pessoa, de si mesmo, ainda mais dentro de uma sociedade “pós-salarial” em cujo seio a precarização é crescente.<sup>79</sup> O esquema de Castel é, então, revisitado através da experiência clínica de Furtos, aliando, aos processos delineados por Castel, a desilusão, o luto, as perdas. Assim, os processos psíquicos seriam dependentes do social, todavia, não seriam mecanicamente determinados. Neste sentido, as zonas descritas por Castel são, de certa forma, complementadas.

Integração pelo trabalho		
	+	-
+	<p style="text-align: center;"><b>Integração</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precariedade “normal”;</li> <li>- Desilusão e melancolia não catastrófica;</li> <li>- Antecipação da perda sem comprometer o futuro.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><i>Sufrimento que permite viver</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>Assistência</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precariedade compensada por objetos sociais substitutivos;</li> <li>- Sintomas psíquicos reversíveis;</li> <li>- Antecipação aberta.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><i>Sufrimento que permite viver</i></p>
-	<p style="text-align: center;"><b>Vulnerabilidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precariedade exacerbada;</li> <li>- Desilusão e melancolia problemáticas;</li> <li>- Antecipação catastrófica da perda, desabamento;</li> <li>- Estresse, melancolia.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><i>Sufrimento que impede viver</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>Desfiliação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Autoexclusão de si mesmo;</li> <li>- Dessubjetivação;</li> <li>- Problemas de comportamento;</li> <li>- Reversibilidade problemática;</li> <li>- Narcisismo negativo.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><i>Sufrimento que impede sofrer</i></p>
		<b>Inserção social</b>

Fonte: Adaptação da autora a partir de Prévost, *op. cit.*, p. 78.

### Quadro 2 – As quatro zonas de perda do objeto social

No quadro acima se pode observar a zona de integração, na qual a perda do objeto social está pensada dentro do escopo da “normalidade”, sendo ordinária dentro de uma sociedade salarial que se fragiliza e, também, onde o individualismo é acentuado. Há a consciência da precariedade, mas há a conservação do lugar social, dos vínculos sociais e,

<sup>78</sup> FURTOS, Jean. Les effets cliniques de la souffrance psychique d’origine sociale. *Mentalidées*, n.11, 2007, p. 26.

<sup>79</sup> FURTOS, 2007, loc. cit.

sobretudo, há a possibilidade de encontrar auxílio ou cuidado, quando da perda ou do sofrimento infligido. Há, ademais, a possibilidade de encontrar apoio social no caso da tristeza e da melancolia, de decepção, de desilusão e de novas ilusões criadoras também.<sup>80</sup> Neste sentido, a questão está em que os indivíduos localizados neste espaço ou zona de integração sofrem também, todavia, o sofrimento a que estão expostos lhes permite viver: as desilusões não são catastróficas, não há o sofrimento por antecipação da perda e o futuro não se encontra ainda comprometido: é possível viver.

Por sua vez, a zona da vulnerabilidade apresentada por Castel é ultimada: tem-se neste espaço vulnerabilidades também psíquicas.<sup>81</sup> As perdas no plano econômico, de posição social ou de classe geram sofrimento, desesperança e falta de confiança. O amanhã não mais aparecerá nesta zona de vulnerabilidade de maneira clara e definida. É a perda que Furtos chamará de perda da *antecipação do amanhã*, do futuro e, articuladamente, a perda da visão de um futuro vivido que passa a ser visto como desastroso. É uma zona de estresse, na qual a depressão tende a se instalar com descompensação somática e/ou psíquica.<sup>82</sup> O sofrimento, nesta zona de degradação e vulnerabilidade, começa a dar sinais de impedimento de viver, alterando a qualidade de vida e conformando um processo de melancolização com forte sentimento de culpabilização. Nas duas zonas acima descritas, de integração e vulnerabilidade, os objetos sociais ainda são conservados, todavia, não mais se encontram presentes nas duas zonas que serão descritas a seguir.

Na zona de assistência, certos objetos sociais são perdidos, como o trabalho, o dinheiro, a posição social. Nesta zona podem ser encontrados alguns efeitos psíquicos, ainda reversíveis, todavia, constituem-se em processos gerados por uma vulnerabilidade bastante acentuada. A vergonha entra em cena encontrando-se fortemente presente e impedindo que muitas das ações individuais na direção da busca de alternativas a esta situação sejam realizadas. Essa situação inibe a ação podendo conduzir, inclusive, ao suicídio.<sup>83</sup>

Na quarta zona, tudo ou quase tudo é perdido, é a precariedade absoluta, a exclusão. Há sentimentos que exacerbam como o terror, o desespero, a agonia psíquica.<sup>84</sup> Não há mais autoestima, a estima de si. Nesta zona, o estado de exclusão social se duplica para um estado de autoexclusão psíquica, de uma alienação, de uma anestesia do corpo. Assim, as rupturas dos vínculos sociais são acompanhadas por problemas graves de saúde, sobretudo, no plano

---

<sup>80</sup> PRÉVOST, Marianne, op. cit., p. 78.

<sup>81</sup> PRÉVOST, loc. cit.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 48.

somático e comportamental. Aponta Furtos, neste sentido, para a discussão de uma clínica da desfiliação, da precariedade para que se possa compreender, efetivamente, o que se passa com os indivíduos nestas condições.<sup>85</sup> Através da ampliação do esquema de Castel, é possível, considerar os efeitos do sofrimento psicológico de origem social no indivíduo em um contexto de precariedade. Assim, a precariedade psíquica corresponde a uma vulnerabilidade psíquica devido ao enfraquecimento “do mundo” e, também, das dificuldades de reconhecimento de si mesmo como digno de existência dentro de um grupo ou coletivo humano. Como mundo, o autor identifica uma totalidade e, ao mesmo tempo, um pertencimento: uma totalidade de pertencimento.<sup>86</sup> De acordo com o autor, pode-se pensar no mundo-universo, no mundo da mundialização, no mundo do *show-biz*, no mundo do bebê, no mundo do trabalho, etc. A questão concentra-se no fato de que tal mundo deveria constituir-se em um modelo de integração, visando diminuir o sofrimento daqueles que o habitam.<sup>87</sup> Neste sentido, a questão do sofrimento reenvia à precariedade essencial do ser humano e à dependência do outro, que se encontraria alojado em sua constituição. A necessidade de reconhecimento como digno de existência dentro de um mundo precário traz em si o risco do não reconhecimento, da exclusão como uma forma de condenação social. Assim, o risco pode advir de condições objetivas, todavia, o medo de sofrer e a impossibilidade de sofrer o próprio sofrimento podem conduzir a situações de autoexclusão ou, como afirma Furtos, a dessubjetivação de si mesmo.<sup>88</sup> Assim, a precariedade social conduziria à necessidade de mudanças nos objetivos da organização de um mundo assentado na precariedade das relações de toda ordem. Uma sociedade precária é definida por Furtos como aquela marcada pela obsessão, pela angústia gerada pela possibilidade da perda dos objetos sociais, tais como o emprego, o dinheiro, a moradia, o status social, a saúde, gerando sofrimento. Sofrer não seria, neste sentido, uma doença, nem o sofrimento psíquico uma doença mental, no entanto, seria preciso observar que esse mesmo sofrimento pode impedir o sujeito de viver, de querer viver, de se manter vivo.

Cabe ressaltar que a precariedade social não deve ser confundida com a pobreza, uma vez que é possível viver sem precariedade dentro de uma sociedade “pobre” e, da mesma maneira, se poderia viver precariamente dentro de uma sociedade considerada “rica”. A precariedade social traz consigo uma questão referenciada ao status social precário que, por

---

<sup>85</sup> Cf. : FURTOS, Jean. Les effets cliniques de la souffrance psychique d'origine sociale, *Mental Idées* n° 11, Dossier Souffrance et société, 2007.

<sup>86</sup> FURTOS, loc. cit.

<sup>87</sup> FURTOS, Jean. Précarité du monde et souffrance psychique. Dossier La souffrance psychique. *Rhizome*. Bulletin national santé mentale et précarité, n.5, 2001, p. 5-6.

<sup>88</sup> Ibidem.

sua vez, é diferente da precariedade psicológica, existencial. Embora haja certa correlação entre a precariedade social e a precariedade psíquica, esta não se dá de forma reflexa. Assim, para Furtos, seria importante distinguir uma precariedade considerada “normal”, que se encontra na vertente de uma vulnerabilidade ordinária, significando que as pessoas não podem viver sós, sem a companhia de outros para que seja possível dar conta da própria vida, de uma precariedade exacerbada, exasperada em que hoje a sociedade se encontra.<sup>89</sup> A “precariedade normal” seria constitutiva do ser humano e teria como paradigma o bebê e os adultos que o cercam de cuidados garantindo a sua sobrevivência. Essa sobrevivência, por sua vez, não se encontra articulada apenas às necessidades fisiológicas, mas, também, àquelas emocionais, resultantes das angústias que apelam ao outro, ao vínculo estabelecido com o outro. Este pertencimento primeiro traria em si uma exigência de reconhecimento mútuo, ou seja, inicialmente o sujeito deve ser considerado digno de existir no grupo primeiro, a família que, por sua vez, também se encontra inserida em outros grupos de pertencimento e, posteriormente, de pertencer ao mundo, de existir na humanidade.<sup>90</sup> O autor afirma que esta vulnerabilidade normal, ordinária, acompanha o ser humano ao longo da vida. Tal vulnerabilidade humana essencial estaria sempre vinculada ao fato de ser reconhecido ou não e da possibilidade contínua de exclusão. Todavia, quando funciona bem, levaria a uma tripla confiança: a confiança no outro que estaria lá quando se precisasse dele, a confiança em si mesmo como um ser dotado de valor e, por fim, a confiança no futuro, uma vez que em situações semelhantes de risco, o resultado seria o mesmo, ou seja, a confiança nos vínculos sociais carregaria em si a possibilidade do futuro da própria sociedade.

Destarte, no contexto hodierno caberia destacar que a história de cada um, esta história ordinária, a história da precariedade primeira, “a precariedade normal”, encontra-se deformada: há uma insegurança exacerbada que pode levar à perda da tripla confiança de que se falou acima: a perda da confiança em si mesmo, a perda da dignidade de existir e a perda da confiança no futuro que acaba se tornando ameaçador ou, ainda, que tende ao desaparecimento.<sup>91</sup> É neste contexto de deformação e mesmo de insegurança que surgirá a possibilidade da perda dos objetos sociais, das coisas concretas como o emprego, o dinheiro, a aposentadoria, a habitação, a formação, os bens, etc.<sup>92</sup> Assim, haveria três modalidades clínicas do sofrimento psíquico de origem social no contexto de precariedade. A primeira delas seria a do sofrimento “normal”, articulado à existência do outro que pode também, de

---

<sup>89</sup> FURTOS, 2007, op. cit.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>91</sup> Ibidem.

<sup>92</sup> Ibidem.

forma contraditória, estimular, ajudar a viver. Há a consciência da precariedade “original” e, neste sentido, a luta delinea-se à preservação, à conservação dos laços sociais e, ademais, à possibilidade de ser auxiliado no caso da perda ou do sofrimento, através dos mecanismos da própria estrutura do sujeito, como a capacidade da tristeza, da decepção, da desilusão, mas também do pensamento em um futuro melhor. Esta posição não repousa na ideia da responsabilização do sujeito, mas na retomada de sua história e de seus liames sociais.<sup>93</sup> Trata-se de um sofrimento não patológico, uma vez que permite, ainda, agir, pensar, falar, amar e se sentir pertencendo ao conjunto social.

O segundo tipo de sofrimento indica que se começa a evitar a vida, se começa a evitar o viver. Este sofrimento tem sido descrito por meio do sofrimento no trabalho e, também, através dos registros de precariedade social e das questões envolvendo a perda de diferentes objetos sociais. Neste caso, haveria uma dissociação entre a conservação dos objetos e a perda do objeto psíquico: algo psicologicamente é perdido. Aqui haveria certa proximidade com a melancolia, uma melancolia social, todavia, sem a morbidade psiquiátrica.<sup>94</sup> O liame com o social dá-se a partir de uma situação em que se está em perigo, se está em apuros, uma vez que a vida vai se tornando difícil de suportar em função do processo de sofrimento e desilusão que se encontra em andamento. Da mesma maneira, se encontram tensionadas as capacidades de pensar, agir, falar, amar e de ser e estar em um mundo de relações. As relações sociais, nesta dimensão, são duramente atacadas.

Por fim, o terceiro tipo de sofrimento seria o mais implacável e estaria acompanhado, ademais, por efeitos psicológicos debilitantes. É um sofrimento que impede de sofrer o próprio sofrimento<sup>95</sup>, que dá a ideia de “querer desaparecer”, sumir, no qual tudo está ruim e vai de mal a pior. Em quase todos os espaços sociais se está submetido a processos de exclusão, com ataque aos vínculos sociais. No entanto, nesta dimensão, há a síndrome da autoexclusão, uma síndrome gerada nos interstícios da precariedade social. Essa síndrome está pensada a partir de Freud em *O mal estar na civilização*.<sup>96</sup> Para Freud, este seria o pior entre os sofrimentos. A origem social do sofrimento relacionar-se-ia, neste sentido, com a questão de uma precariedade social exacerbada. Tal conceito, embora muito próximo da noção de vulnerabilidade, apresenta diferenças importantes, uma vez que em sua dimensão negativa significa insegurança social, insegurança pela ausência de suportes sociais e, assim, constitui-se em um estado de precariedade continuada. Tal precariedade, como já descrito,

---

<sup>93</sup> FURTOS, 2007, op. cit., p. 28.

<sup>94</sup> Ibidem.

<sup>95</sup> Ibidem.

<sup>96</sup> FREUD, Sigmund. *Mal estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

não se confunde com a pobreza, mas com a insegurança, uma insegurança relativa à perda: perda da confiança em si mesmo, perda da confiança nos outros, perda de confiança no futuro, ou seja, a precariedade que ataca a tripla confiança de que se falou acima.

Pobreza e insegurança podem estar articuladas também. No entanto, a precariedade teria em sua constituição uma parte positiva também, vinculada à necessidade do ser humano de estar conectado aos outros, acreditando, sobretudo, nos laços ou vínculos sociais e emocionais estabelecidos. Contudo, é no lado negativo da precariedade que se encontram os efeitos psicossociais.<sup>97</sup> Tais efeitos compreendem o “bom estresse”, porém, pode acionar processos de individualismo excessivo, de isolamento, de doenças psicossomáticas, depressão e desmoralização. Entretanto, o impacto mais perigoso seria o da paranoia social, em que as pessoas ou grupos passam a ser considerados inimigos, e o processo de isolamento social ganha corpo, às vezes articulado a componentes violentos. A dignidade humana, nesta zona é atingida no seu cerne. Há desmoralização, vergonha, desespero e os mecanismos que operam neste tipo de paranoia seriam espécie de alienação do ego, cuja reversibilidade seria justamente o processo de desalienação.<sup>98</sup>

Esta síndrome da autoexclusão foi analisada por Furtos a partir de observações clínicas que destacaram aspectos psicossociais em uma equipe multidisciplinar de trabalho em saúde. A partir de uma precariedade exacerbada, seria possível se chegar ao limiar do processo de exclusão, com a perda dos sentimentos que fazem com que o sujeito se reconheça como ser humano, podendo levar à desagregação familiar. A pessoa não mais se sente incluída e o processo de autoexclusão se dá objetivando não mais sofrer, não mais sentir sofrimentos considerados extremos como aqueles ligados à agonia psíquica, ao desespero. Assim, a pessoa exclui-se utilizando mecanismos de dessubjetivação extrema, como a negação, a projeção, etc. Nesta fase, a exclusão social funcionará como uma exclusão psíquica, que pode ser considerada como um “narcisismo negativo”. O narcisismo, neste caso, seria submetido à pulsão de morte com desinvestimento nas representações. Assim, a ruptura dos vínculos sociais não seria acompanhada apenas por problemas graves de saúde no plano somático, mas também comportamental, e o sofrimento gerado não seria assumido pelo sujeito.<sup>99</sup> Para o autor, tal situação seria o último resquício de liberdade antes do suicídio.

---

<sup>97</sup> FURTOS, Jean. *An introduction to the pathologies of the precarity: the self exclusion syndrome*. Program IGP, 2012. AMRITA Institute of medical sciences Cochin Kerala, Índia. January, 17, 2012.

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> FURTOS, Jean. *Epistémologie de la clinique psychosociale : la scène sociale et la place des psy. Pratiques en santé mentale*, n. 1, 2000, p.07.

Originalmente tais sofrimentos foram descritos a partir das observações das relações sociais das pessoas em situação de vulnerabilidade social, daquelas desprovidas de moradia, jovens em situação de risco e pessoas com doenças mentais. No entanto, gradualmente tais mecanismos foram sendo encontrados em vários grupos sociais, expressos como *burn out* ou mesmo o sofrimento no trabalho. A síndrome da autoexclusão tratada por Furtos pode ser descrita como uma patologia contemporânea conectada à atmosfera especulativa do processo de mundialização do capital que se encontra em curso e que tem trazido, segundo o autor, a precariedade negativa em sua pior forma.<sup>100</sup> Daí à necessidade de uma clínica da desfiliação, de uma clínica da precariedade que possa fazer crescer a precariedade positiva, aquela dos vínculos sociais que unem os sujeitos em diferentes esferas da vida em comunidade.<sup>101</sup>

O termo autoexclusão, neste sentido, articularia uma psicogênese e, ao mesmo tempo uma sociogênese. A exclusão significa o lado externo da comunidade humana, de não ser reconhecido como membro da comunidade ou um grupo social determinado. No plano social, implicaria estar excluído do trabalho, da habitação, da cultura, da cidadania, das relações sociais.<sup>102</sup> No plano psíquico, dá o sentido do sentir-se excluído das comunidades de pertencimento, de não se estar inscrito em um grupo social ou societal determinado. O termo auto, por sua vez, traz a atividade psíquica interna que subjaz à situação da exclusão que o sujeito perde a capacidade de exercer sobre si mesmo, uma atividade psíquica que mude a situação para não sofrer. Essa atividade psíquica responde ao ambiente social e, simultaneamente, responde à história do sujeito, ao processo de dessocialização.<sup>103</sup> A síndrome da autoexclusão possui uma dinâmica pautada pelo desencorajamento do sujeito, uma lógica de vida duramente articulada à submissão ao princípio da realidade e não necessariamente ao princípio do prazer. Como sinais, haveria a anestesia, a hipostesia, a inibição do pensamento, a reação terapêutica negativa, a vergonha, as rupturas e, por fim, a morte. Haveria um processo de dessubjetivação que consistiria em uma desabilitação de si mesmo, agindo sobre o corpo e o pensamento. Os sinais seriam uma espécie de embotamento afetivo ou, ao revés, uma hipomania, uma excitabilidade permanente e, também, uma inibição intelectual.<sup>104</sup>

Para Furtos, a sociedade precária é uma sociedade que possui obsessão pela perda e é neste contexto que há o processo de autoexclusão ou autoalienação. “*Le syndrome d’auto-*

---

<sup>100</sup> FURTOS, 2000, op. cit., p.7

<sup>101</sup> FURTOS, 2012, op. cit., p. ?

<sup>102</sup> FURTOS, Jean (Org.). *Les cliniques de la précarité* : contexte social, psychopathologie et dispositifs. Elsevier Masson, 2008a, p. 108.

<sup>103</sup> Ibidem.

<sup>104</sup> Ibidem.

*exclusion est une forme d'auto-aliénation.*”<sup>105</sup> O sujeito humano, em algumas situações seria capaz de abandonar parte de sua liberdade e se autoalienar. Este seria um fenômeno moderno que se separa, descola da emergência do indivíduo enquanto sujeito capaz de se considerar como uma entidade separada e independente do grupo social. Assim, para Furtos, o termo exclusão remete a um contexto, a um ambiente social que é excludente, uma vez que dentro das sociedades há forças de exclusão quase objetivas. A exclusão seria um sentimento terrível dando a impressão de que algumas pessoas não fazem parte do mesmo “planeta” ou do grupo humano. Uma pessoa se autoalienaria no interior de si mesma, se ocuparia apenas de si mesma desconsiderando o mundo a sua volta e haveria uma recusa de si mesma como se o eu estivesse “congelado”. Haveria, assim, três importantes sinais do processo de desaparecimento do sujeito. O primeiro deles seria uma anestesia do corpo, já não haveria mais dor nem a preocupação com o corpo. O segundo sinal seria uma espécie de embotamento das emoções e o terceiro a inibição de parte do pensamento.<sup>106</sup> Esses três sinais remeteriam à espécie de autoanestesia que, por sua vez, estariam relacionados a dois outros sinais paradoxais, quais sejam: a reação terapêutica negativa e a ruptura ativa. No primeiro caso, o cuidado de si não é aceito, não se permite que o outro tenha preocupação com o sujeito que sofre. Há a recusa do cuidado. Já no segundo sinal, a ruptura ativa, as relações familiares, de amizade dos laços, dos vínculos, de auxílio e da ajuda são rompidas. Há, assim, uma negligência consigo mesmo em vários aspectos. Enfim, os sinais acima descritos levariam todos a um mesmo lugar: são sinais do desaparecimento de si mesmo, do congelamento do eu, da anistia da vida. É assim que se dá o sofrimento psíquico cuja origem é social, é assim que “*on peut parler d'une souffrance psychique d'origine sociale*”<sup>107</sup>. A palavra sofrimento é sugerida uma vez que parece não indicar, como a dor, uma localização específica no corpo, uma localização anatômica como uma dor orgânica, mas se trata de uma dor da existência, de um sofrimento que até pode vir acompanhado de uma dor orgânica, mas também da humilhação e do menosprezo social e, como regra geral, certa insuficiência de regulação social. É um sofrimento psíquico, todavia sua origem social encontrar-se-ia no fato de que não existiriam indivíduos isolados, como já afirmado anteriormente, e encontra-se acompanhado de avanço das transformações sociais.

<sup>105</sup> FURTOS, Jean. *De la précarité à l'auto-exclusion: une conférence-débat de L'Association Emmaüs*. 8 avril 2009. Paris : Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École normale superior, p. 24.

<sup>106</sup> Ibidem, p 30-31.

<sup>107</sup> FURTOS, Jean. *L'apparition du sujet sur la scène sociale et sa fragilité: la précarité de la confiance*. In: FURTOS, Jean. *Les cliniques de la précarité. : contexte social, psychopathologie et dispositifs*. London : Elsevier Masson, 2008b. p.14

Retomando, a dinâmica geral da síndrome da autoexclusão prevê ainda uma perda da coragem, um desencorajamento presente na fala do sujeito, aliado a todo um processo do desaparecimento do poder da ação, tanto sobre o presente quanto sobre o futuro.<sup>108</sup> Tal desencorajamento do sujeito vincula-se a uma lógica de vida que afeta duramente o princípio da realidade. No processo de autoexclusão, o sujeito desaparece, todavia, não necessariamente de forma total, havendo uma clivagem do eu: uma desconexão do sensorial e do pensamento, em espécie de anestesia, conforme já relatado acima. A anestesia corporal seria um dos sinais, impedindo de sentir dores cutâneas e orgânicas, mas, sobretudo, a finalidade desta anestesia é o congelamento dos afetos que transitam pelo corpo. O sofrimento é, assim, negado, desconectado do pensamento que se apoia no sensorial.<sup>109</sup> A anestesia, por sua vez, conduz novo processo: o embotamento das emoções dos sentimentos ou o seu contrário, uma agitação ou excitabilidade permanente. Por fim, a síndrome delineada por Furtos traz a inibição intelectual como uma de suas características, assentando a inteligência fora de circuito.<sup>110</sup>

A questão do sofrimento social vincula-se, portanto, às várias dimensões da vida, como as relações familiares, o trabalho e a saúde, resultando de processo social. De uma parte, os problemas de saúde, por exemplo, são funções da realidade social, uma vez que as relações sociais entre indivíduos, grupos ou estados, produzem, de forma desigual, repartição das doenças e patologias e, portanto, disparidades também no que condiz à mortalidade, morbidade e esperança de vida.<sup>111</sup> De outra parte, no que condiz à ação pública, espaços sociais diferentes conduzirão a práticas diversas e os problemas de saúde também variarão de época para época assim como o objeto da ação da própria saúde pública. Assim, não raras vezes, há uma questão envolvendo a ocultação de tais desigualdades e que afetam a sociedade contemporânea. Há contradições sociais que são, muitas vezes, ocultadas através de agendas políticas: excluídos, nova pobreza, desemprego de longa duração, jovens em conflito com a lei, usuários de drogas, mulheres vítimas de violência, moradores de rua, estrangeiros em situação irregular.<sup>112</sup> Neste contexto, tem-se o sofrimento social e que, para Jacques, apoiando-se em Furtos, significa a total ausência do reconhecimento do outro. A questão estaria, assim, estreitamente vinculada a uma precariedade psíquica, a uma vulnerabilidade psíquica e às dificuldades do reconhecimento de si e do outro como digno da existência dentro

---

<sup>108</sup> FURTOS, Jean. Le syndrome d'auto-exclusion. In: FURTOS, Jean. *Les cliniques de la précarité. : contexte social, psychopathologie et dispositifs*. London : Elsevier Masson, 2008c. p.119

<sup>109</sup> Ibidem, p.121.

<sup>110</sup> Ibidem, p. 122.

<sup>111</sup> JACQUES, Paul. Souffrance psychique et souffrance sociale. *Pensé Plurielle*, n.8, 2004, p. 23.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 23.

de um grupo determinado.<sup>113</sup> Destarte, a precariedade psíquica seria como a morte social e o sofrimento psíquico seria um indicador dessa mesma precariedade. Com o termo sofrimento psíquico, Jacques define a articulação do psíquico, do somático e do social ou, ainda, como as diferenças sociais se inscrevem nos corpos das pessoas excluídas. Enfim, ao sistematizar o esquema de Castel, o percurso da vulnerabilidade e da desfiliação, Furtos traz à cena a questão da perda real, como do emprego, dinheiro ou bens, mas também apresenta outro tipo de perda que é o sentimento de perda ou o medo da perda. Em ambos os casos os indivíduos vivem a questão relativa à perda, tanto real quanto antecipada, no plano da interioridade. Esta seria talvez a maior contribuição: a articulação entre a precariedade e a interioridade, entre o concreto social e a vida psíquica.<sup>114</sup> Para Furtos a clínica psicossocial, ou a clínica da precariedade, cada vez mais se coloca na realidade contemporânea, indicando a dimensão do sujeito e de seu sofrimento psíquico vinculado a situações sociais particulares que afrontam o indivíduo em todas as suas dimensões.<sup>115</sup> Diferentemente da clínica tradicional, para o autor, esta clínica se estenderia a todos aqueles que desejam conduzir e desenvolver a escuta clínica, tendo como objetivo o reconhecimento do sofrimento psíquico do outro. Ademais, faz-se necessário distinguir que o sofrimento psíquico emerge, fundamentalmente, do campo social.<sup>116</sup> Esse campo social, como já apontado, é o contexto da precariedade, não de uma “precariedade normal”, mas de uma precariedade que remeteria à perda possível ou imaginada dos objetos sociais. Tal perda, por sua vez, remeteria à insegurança, à falta de confiança em si mesmo e no outro e, finalizaria com a falta de cuidado de si, pela ausência de confiança e pelo “congelamento” de si, dimensões do processo de autoexclusão apresentado.

#### **4.4 As sociopatologias do desenvolvimento e da incitação econômica**

É neste espaço de precariedade social que se articula o sujeito onde também se encontram as sociopatologias desencadeadas pela violência dos procedimentos econômicos e técnicos impostos às famílias rurais em processo de modernização. As sociopatologias do desenvolvimento constituem-se em manifestações de doenças mentais, depressão e suicídios, alavancadas por um modelo de desenvolvimento imposto ao meio rural através da incitação econômica e, ademais, por todo um discurso econômico portador de um projeto de

---

<sup>113</sup> JACQUES, op. cit.

<sup>114</sup> LAVALL, Christian. *Précarité et interiorité: L'esprit du temps*. In : FURTOS, Jean. *Les cliniques de la précarité*, op. cit., p. 29.

<sup>115</sup> FURTOS, Jean; COLIN, Valérie. *La clinique psychosociale au regard de la souffrance psychique contemporaine*. In : JOUBERT, Michel ; LOUZON, Claude. *Répondre à la souffrance sociale*. Paris : Éditions érès, 2005, p. 100.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 105.

esperança.<sup>117</sup> Neste sentido, estaria em curso, além dos processos autodestrutivos articulados ao social, conforme visto acima, também um processo de pauperização da cultura e da técnica. Estes, por sua vez, não seriam inofensivos. Quais seriam os custos humanos do processo de modernização dos pequenos empreendimentos familiares? Como a modernização ou a intensificação do trabalho é suportada pelas famílias, pelos grupos sociais? Essas são algumas perguntas traçadas pela autora acima referida, objetivando conhecer os custos sociais que poderiam estar vinculados a uma incitação econômica, produtora de patologias do corpo, da mente, da família e do grupo familiar, em um sentido mais amplo. Tais questões, relativas aos custos humanos e sociais, já foram observadas em diferentes períodos de transformação econômica e tecnológica: são acidentes de trabalho, adoecimentos, afastamentos do trabalho, depressão, estados de pré-suicídio, que demarcariam o tempo da incitação econômica, ou, ainda, de uma própria história da incitação.<sup>118</sup> Os custos humanos, por sua vez, relacionar-se-iam às perdas concernentes às pessoas: perdas psíquicas, perdas relacionais, perdas sociais e de identidade.<sup>119</sup> Assim, haveria custos humanos derivados dos processos de desenvolvimento e incitação econômica que poderiam ser classificados em três tipos: custos psicofisiológicos, custos relacionais e familiares, e os custos humanos de origem estrutural.<sup>120</sup>

Entre os custos psicofisiológicos cabe destacar, primeiramente, a questão envolvendo as doenças físicas e psíquicas e os acidentes vinculados ao tipo de trabalho realizado. Estes estariam articulados, por sua vez, ao aumento do tempo e do volume de trabalho executado. Entretanto, observa-se um aumento da fadiga nervosa, provocada pelos processos de gestão que se inserem sorrateiramente nos espaços rurais e, ainda, por uma ansiedade e preocupação, concernentes às novas formas de gestão dos negócios agrícolas. No núcleo deste grupo, em que se encontram destacados os custos psicofisiológicos do processo de incitação econômica, haveria um processo de pauperização da identidade pessoal que se desdobraria em sintomas de uma clivagem dessa identidade. Tal clivagem se manifestaria através de estruturas específicas de discursos, nas quais o trabalhador ver-se-ia como um estrangeiro em seu próprio mundo.<sup>121</sup> Haveria, ainda, uma autonomia da imagem de si, uma autonomia da representação de si, em que o trabalhador se representaria como um ser desdobrado, clivado, uma vez que o trabalho realizado encontrar-se-ia além das suas forças. Por fim, nesta mesma dimensão, haveria um processo de alienação autogerada, no qual os agricultores se fechariam

<sup>117</sup> Cf.: SALMONA, Michèle. *Souffrances et résistances des paysans français : violences des politiques publiques de modernisation économique et culturelle*. Paris : Editions L'Harmattan, 1994.

<sup>118</sup> SALMONA, *op. cit.*, p 31.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 34 *et seq.*

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 35.

no silêncio e na solidão, não mais expressando sua agressividade, seus sentimentos. Neste contexto é que pode ser encontrado um processo de dessocialização adstrito a uma forte carga de trabalho e a um desejo intenso de autodestruição, em um movimento chamado de alienação autogerada.<sup>122</sup> Este movimento de dessocialização seria produzido mesmo com a presença da família e dos vizinhos. Tais mecanismos de alienação encontrar-se-iam vinculados a diferentes elementos de um trabalho que se torna cada vez mais insuportável, a uma carga psíquica e física forte, ao isolamento, às enfermidades e, por fim, a um forte desejo de se destruir. A presença da família e mesmo dos vizinhos não amainaria, não frearia tal fenômeno patológico.

Além dos custos psicofisiológicos, haveria, como já ressaltado, os custos relativos às relações familiares. Não raras vezes, há mais de uma geração envolvida no mesmo grupo de agricultores familiares. Assim, por vezes, os familiares entram em situação de exploração dos próprios membros da unidade familiar, do coletivo de trabalho, sobretudo nos períodos em que há a troca dos métodos de trabalho e/ou gestão, além disso, do próprio ritmo de trabalho desenvolvido na propriedade. O aumento da carga de trabalho, a pressão e mesmo o constrangimento, acentuam os conflitos preexistentes dentro do grupo de trabalho, provocando novos conflitos geradores de fadiga física e nervosa.<sup>123</sup> Nos grupos analisados pela autora, os conflitos entre gerações são acentuados quando há processos de modernização ou de reestruturação da atividade no meio rural. Neste contexto, há toda uma série de provações que vão desde o aumento do tempo dedicado ao trabalho até o sacrifício dos feriados, finais de semana e mesmo as férias, havendo o incremento de casos envolvendo a depressão e a agressividade entre os membros do grupo familiar. É nesta tessitura que se desenvolve a pauperização das relações familiares, além do processo de dessocialização já referido anteriormente.<sup>124</sup> No desenvolvimento do processo de modernização e de incitação econômica, há um incremento da carga psíquica e física vinculada ao trabalho e, sobretudo, um aumento exorbitante da fadiga nervosa ligada à transformação do trabalho, à divisão sexual do trabalho, ao aumento das taxas de vigilância, controle e gestão do empreendimento rural. Assim, os mecanismos de dessocialização se desenvolvem no interior do grupo familiar ou do coletivo de trabalho e de vida: deterioram-se as relações entre os pais e os filhos, as relações entre os familiares da mesma geração, como entre irmãos e irmãs, e os casais, que

---

<sup>122</sup> SALMONA, op. cit.

<sup>123</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 37.

veem arruinar a sua vida privada em função do trabalho.<sup>125</sup> É também no núcleo da família que Tabary observará o crescimento do número de separações entre casais, as crises vividas que têm levado cada vez mais a esta prática. Ou seja, as dificuldades sociais e econômicas estariam levando à crise da família, dos casais que vivem da pequena agricultura.<sup>126</sup> A fragilidade entre os casais avança na mesma medida em que vão se cristalizando os projetos de vida: continuar a vida no campo ou sair, mudar? O custo familiar é, não raras vezes, o rompimento dos vínculos afetivos e amorosos.<sup>127</sup>

Por fim, há os custos humanos de origem estrutural, ou seja, os efeitos patogênicos produzidos nos grupos familiares que se engajam nos projetos de desenvolvimento individual ou coletivo. Tais efeitos seriam provocados tanto pelo funcionamento do aparelho burocrático agrícola quanto pelo próprio processo de modernização, pelas injunções sofridas através da regulação dos grupos ou famílias e, ademais, pelo contato brutal com um saber algoritmizado<sup>128</sup> veiculado pela estrutura econômica, notadamente aquela que se refere à organização e à divulgação das atividades a serem realizadas pelos agricultores quando da adesão aos processos de modernização. Os efeitos produzidos seriam cumulativos traduzindo-se em fadiga nervosa, ansiedade, conflitos. Assim, a depressão e as ondas de suicídio seriam as principais implicações do emprego de políticas de desenvolvimento modernizantes e da alteração nas condições de trabalho.<sup>129</sup> A autora enfatiza que os processos de incitação econômica induzem a certo número de efeitos negativos culturais, relacionais, físicos e psíquicos, e que produzem, por sua vez, mensagens paradoxais, produzindo situações de duplo constrangimento. As causas desses efeitos negativos poderiam ser evitadas, uma vez que os mecanismos de pauperização e deterioração seriam passíveis de observação em situações de mudanças ou transformações rápidas do contexto econômico.

---

<sup>125</sup> SALMONA, Op. Cit., p. 38.

<sup>126</sup> TABARY, Jean-Jacques. Néo-ruralité et souffrance psychosociale. *Rhizome*, n. 28, 2007, p. 6.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 07.

<sup>128</sup> Esta expressão é utilizada por Salmona para designar uma situação na qual os agricultores são expostos à atualização dos seus conhecimentos. É transmitido aos agricultores em processo de modernização um saber ou um saber-fazer diferente dos seus, havendo uma desapropriação do saber experiencial. Assim, algoritmizar remete à generalização, a uma simplificação, a uma predeterminação. O que caracterizaria um algoritmo seria que quando se decompõe um fenômeno em elementos distintos, não mais se conhece o fenômeno pela soma de seus elementos que se encontram parcelados. Haveria perda de saberes neste processo, decomposição. A algoritmização, por sua vez, articula-se ao processo que Salmona chama de pauperização do conhecimento do agricultor, uma vez que é reducionista em essência. Ademais, haveria uma ligação entre o processo de algoritmização do conhecimento e a culpabilização, pois quando o agricultor erra, há um sentimento de incapacidade, de incompetência. Não haveria mais o direito de errar. SALMONA, Michèle. SALMONA, Michèle. Souffrances et résistances des paysans français. *Op. Cit.*, p. 24-25.

<sup>129</sup> SALMONA, Michèle. Les champs de la souffrance. Agriculture: entre contrats & contrôles. *Agrobiosciences*. 8<sup>Ème</sup> Université D'été de L'innovation Rurale, 2002, p. 13.

A incitação econômica seria, desta forma, o vetor dos processos de modernização que são conduzidos pelo Estado. É a condução dos processos de modernização. Observando-se o processo de modernização durante os anos 1960 na França, consegue-se visualizar os efeitos que tal processo produziu e que, também, podem ser encontrados nos dias atuais: fadiga nervosa crescente e certa redução da fadiga física.<sup>130</sup> Tais fatores, introduzidos pelos novos modos de gestão do trabalho rural, se encontram articulados a todo um processo de difusão de novas tecnologias ou inovações tecnológicas no meio agrícola, permitindo-se verificar os custos humanos que o processo de modernização deixou atrás de si: a completa destruição das células familiares, as doenças físicas e psíquicas, as enfermidades familiares, a clivagem da personalidade. Essas questões se tornaram dominantes entre as famílias.<sup>131</sup> O trabalho de pesquisa realizado por Salmona permitiu a construção de um diagnóstico da situação de fragilidade psicológica dos pequenos agricultores franceses, tanto do ponto de vista pessoal quanto familiar. Enfim, conclui a autora que o processo de modernização na agricultura trouxe perdas humanas imponderáveis e que devem ser objeto de reflexão, na medida em que não são isentos, contendo forte carga ideológica.

Assim, a desesperança ganha corpo e a depressão e os suicídios seriam as principais consequências das políticas de desenvolvimento e das condições de trabalho que se encontram em curso. Os processos de modernização trazem implicações, notadamente, no meio rural que se está a analisar. O trabalho realizado, as condições de trabalho e as transformações geram sofrimento e têm afetado, sobremaneira, a saúde mental da população rural, produzindo morbidade. Esse processo traz consigo outro processo em desdobramento: o de aculturação brutal que afeta, inclusive, as populações jovens que vivem no campo e que têm sido determinantes no que se refere à depressão e ao suicídio no meio rural nos últimos vinte anos.<sup>132</sup> Desta forma, o desenvolvimento econômico além das transformações nas várias dimensões da vida pessoal e familiar, acarreta mudanças no forma de ser, ver e pensar o mundo, e tais circunstâncias têm gerado sofrimento. As políticas incitativas lideradas pelo Estado, notadamente no caso francês, têm levado a um desgaste: o desgaste do progresso. O processo de modernização a que os pequenos agricultores estão expostos, a marcha forçada a que são submetidos, tem levado a questionar fortemente o tipo de “desenvolvimento” que se está a gestionar. O que acontece no mundo rural é uma grande transformação através da mecanização, da utilização massiva de produtos químicos, da informatização. Todas essas

---

<sup>130</sup> SALMONA, 1994, op. cit., p. 43.

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 48.

“revoluções” dentro do mundo do trabalho agrícola têm contribuído para o aumento dos acidentes de trabalho, das doenças, da depressão, de questões de saúde em geral, mas, especialmente, de saúde mental.<sup>133</sup> A questão que se coloca, então, é a de que o mundo rural tem favorecido a produção de morbidade. Observa Salmona que a saúde mental e a produção de morbidade são pouco estudadas, não sendo tratadas devidamente. As dimensões do avanço capitalista dos últimos cinquenta anos teriam trazido certa “opacidade” sobre as sociedades rurais, se comparadas ao mundo urbano. As novas formas de produção agrícola têm alterado o mundo rural, no entanto, os impactos na saúde da população não teriam sido estudados com a mesma intensidade que no meio urbano.<sup>134</sup> A penetração do capitalismo no espaço privado das famílias camponesas seria um dos elementos de disfunção da própria família, como se pode ver:

Si une souffrance pèse lourdement sur les salariés dans leur relation à l’organisation à laquelle ils sont rattachés, la souffrance des travailleurs indépendants est multipliée par le nombre d’agents de développement qui interviennent à l’intérieur même de ces groupes de travail/familles où ils se rendent régulièrement pour encadrer la préparation et la réalisation de l’incitation, et particulièrement par leur pénétration à l’intérieur de l’espace privé, familial, domestique.

A penetração regular no espaço privado das famílias, no espaço doméstico, é uma das características da ação do próprio capitalismo no campo, atuando sobre os grupos familiares de trabalho e causando o seu aniquilamento.<sup>135</sup> Os assalariados urbanos não são invadidos diretamente no núcleo familiar pelos agentes do desenvolvimento, todavia, no que se refere aos agricultores familiares, essa penetração se dá diretamente e, não raras vezes, com supervisão e acompanhamento. O espaço privado é, então, invadido, preenchido, e esta entrada intensa no domínio privado marca uma das diferenças entre trabalhadores rurais e urbanos. Esta é uma questão importante a se observar, uma vez que é ainda no rural que boa parte dos suicídios ocorre. De forma a ilustrar a questão do suicídio entre os agricultores, Salmona cita o trabalho realizado por Serge Wachter, buscando identificar uma etiologia do suicídio e de deslocamento do “mapa” dessas mortes em algumas zonas da França.<sup>136</sup> Observa Wachter a existência de certas zonas suicidógenas que possuem uma variedade particular de estrutura familiar: são famílias marginalizadas e relegadas socialmente, estando seus membros isolados. Tais grupos geram, em seu interior, sentimentos de solidão e desespero, favorecendo a gênese de algumas “patologias da autodestruição”, tais como o alcoolismo e o suicídio. No

<sup>133</sup> SALMONA, Michèle. Dépressions et suicides dans le monde des petite paysans. *Rhizome*, n. 28, out.2007, p. 09-10.

<sup>134</sup> SALMONA, 2007, loc. cit.

<sup>135</sup> SALMONA, 1994, op. cit., p.50.

<sup>136</sup> WACHTER, Serge. État. Décentralisation et territoire. Paris, L’Harmattan, 1987. In : SALMONA, Michèle. Souffrances et résistances des paysans français, op. cit., p. 21-23.

entanto, haveria mais. Na fase contemporânea do percurso territorial e social do suicídio, observa o autor que este se encontra circunscrito em alguns pontos de fixação: nos níveis mais baixos da hierarquia social, entre trabalhadores, agricultores, assalariados, categorias sociais nas quais os membros têm pouca ou quase nenhuma chance de mobilidade social. Assim, tal ausência de mobilidade se confunde com a inércia territorial ou mesmo residencial e a perpetuação desta condição social pode gerar dispositivos afetivos, mas, ao mesmo tempo, pode gerar sentimentos de decepção, de desespero, de ressentimento, de frustração. A intensidade de tais sentimentos pode se manifestar de forma violenta. Assim, para Wachter, no contexto de inércia social e com o caráter ordinário dos modos de vida, estes passam a ser apreendidos como perdas sociais. A percepção da relegação social e espacial se duplica em uma dimensão trágica, uma vez que as instituições familiares fragilizadas não mais exercem sua função de segurança e proteção. Assim, para poder escapar desta situação, da perpetuação desta situação social, uma das possibilidades é a autodestruição. Desta forma, o suicídio seria uma patologia do enraizamento e, ao mesmo tempo, do desenraizamento que afeta grupos que estão em situação de ausência de perspectivas.

Como visto, tratar das questões envolvendo o sofrimento, notadamente o suicídio, implica na aceitação da imbricação entre o individual e o social. O conceito de sofrimento social designa uma imbricação complexa do psíquico e do social, do biográfico e do contextual, do estrutural e do ocasional. É somente à luz desta imbricação que a ideia de fatores sociais do sofrimento ganha sentido.<sup>137</sup> É assim, também, que os três sofrimentos apontados por Furtos (o sofrimento que permite viver, o sofrimento que impede viver, e o sofrimento que impede sofrer) comportam que seja estabelecido um *continuum* entre um sofrimento patógeno e um sofrimento de caráter patológico, vinculados à questão da precariedade exacerbada presente no social contemporâneo.<sup>138</sup> Ainda, importante destacar que o sofrimento é, de fato, parte constituinte da existência humana, todavia, hodiernamente, seus contornos têm impedido de viver e, ademais, de agir contra tudo aquilo que desmantela a vida. O sofrimento tem vindo acompanhado de um retraimento das relações sociais e de uma falta de perspectivas acerca do futuro. O horizonte fica opaco e a não possibilidade de ação carrega, por sua vez, um sentimento de inutilidade social, vergonha e culpabilização de si.<sup>139</sup> É assim que a questão do sofrimento social pode também ser colocada: aqueles que sofrem estão impedidos de agir contra aquilo que os fazem sofrer: são “congelados”, autoexcluídos,

---

<sup>137</sup> RENAULT, op. cit., p. 333.

<sup>138</sup> Ibidem.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 383.

não sentem mais o corpo, os pensamentos. Perdem ou temem a perda dos objetos sociais, se autoalienam, autoanestesia, recusam cuidados, recusam relações, se desabitam. São dessubjetivados, excluídos psicicamente, buscando apenas sua própria “desabitação” e a morte de si. Tudo isso não vêm do céu: vêm da organização social e econômica que invade corpos, mentes, relações familiares, relações comunitárias. É o sistema social e econômico o gerador da precariedade, dos custos humanos, familiares, psicofisiológicos, dos processos de dessocialização, de alienação autogerada, de clivagem de si. É neste sentido que a questão do sofrimento social é atual e, como bem afirma Renault, é de uma atualidade política paradoxal, uma vez que traz à cena a crítica social.<sup>140</sup> Ademais, esta articulação do social e do individual pode contribuir para destacar as situações de violência, dominação e injustiça a que se está submetido. Trazer esta articulação tão cara entre o social e o individual através do sofrimento significa trazer um pouco de luz à invisibilidade de alguns processos psíquicos que, não raras vezes, são obscurecidos. Permite, outrossim, denunciar as ofensivas dos processos de modernização, especialmente aqueles relativos ao “desenvolvimento” do mundo rural que se procurou evidenciar nesta tese. Permite denunciar, ademais, as situações de perda da esperança, dos sonhos, da confiança provocados por um modelo político, social e econômico cuja dinâmica tem levado a diferentes processos de autodestruição.

---

<sup>140</sup> RENAULT, op. cit., p. 5.

## 5 AO DENSO DO ICEBERG

*Cortez compreende relativamente bem o mundo asteca que se descobre diante de seus olhos, certamente melhor que Montezuma compreende as realidades espanholas. E, contudo, essa compreensão não impede os conquistadores de destruir a civilização e a sociedade mexicanas; muito pelo contrário, tem-se a impressão de que é justamente graças a ela que a destruição se torna possível.*<sup>494</sup>

*É curioso as pessoas acharem que arrumar uma cama é exatamente a mesma coisa que arrumar uma cama, que estender a mão é sempre a mesma coisa que estender a mão, que abrir uma lata de sardinhas é abrir até o infinito a mesma lata de sardinhas.*<sup>495</sup>

Tornar aparente o inaparente é trabalho árduo, posto que os fenômenos, de maneira geral, não são claros nem precisos. Para compreender como se desenvolve esse processo, faz-se necessário explorar os “fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana”<sup>496</sup>, na medida em que estes penetram fundo na consciência humana, naturalizando-os e construindo o que se pode chamar de mundo da “pseudoconcreticidade”<sup>497</sup>. Este mundo encontra-se formado por fenômenos externos, pelo mundo das representações comuns (ideologias), e pelo mundo dos objetos pré-estabelecidos que, muitas vezes, dão a impressão de serem naturais e, por isso mesmo, não são reconhecíveis de imediato como resultado da ação social, da prática humana. Muitos fenômenos aparecem como naturais, invisibilizados, reduzidos em sua complexidade, não permitindo que, de imediato, se possa reconhecê-los como produtos das relações sociais, das relações de produção, da maneira como se organiza a sociedade para viver/sobreviver/reproduzir.<sup>498</sup> Captar o fenômeno significa, assim, “indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno e como ao mesmo tempo nele se esconde”.<sup>499</sup> Para tanto, há a necessidade de métodos que permitam que se conheçam os fenômenos, que permitam (re)construir a realidade, a partir de uma concepção crítica de mundo, lutando contra o processo de naturalização, da blindagem ideológica dos fenômenos. “A naturalização significa a tentativa de justificação, através da eternização e da universalização de uma determinada realidade.”<sup>500</sup> Neste sentido, buscando enfrentar a compreensão da realidade, a opção metodológica deste estudo estabeleceu-se conforme segue.

<sup>494</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 183.

<sup>495</sup> CORTÁZAR, Julio. *As armas secretas*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2012, p. 132.

<sup>496</sup> KOSIK, Karl. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 11.

<sup>497</sup> *Ibidem*.

<sup>498</sup> Cf. HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

<sup>499</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>500</sup> DUARTE, Newton. A crítica de Marx à naturalização do histórico. *Revista Princípios*, n. 71. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/principios/anteriores.asp?edição=71&cod=229>> Acesso em: 10 jun. 2010.

## 5.1 Delineamento do estudo

Optou-se, neste estudo, pela triangulação de métodos ou, de acordo com Denzin, pela combinação de metodologias no estudo de um mesmo fenômeno, possibilitando examinar um problema sob diversos ângulos ou perspectivas.<sup>501</sup> Consiste, assim, na conciliação de duas ou mais fontes de dados, pesquisadores, metodologias, perspectivas teóricas ou métodos de análise no mesmo estudo. A triangulação é uma das possibilidades da “*pesquisa multimétodo*”, encontrando-se articulada à ideia de “*unobtrusive methods*”.<sup>502</sup> Nesta pesquisa, foi utilizada a triangulação múltipla, articulando-se a triangulação de dados e, também, a triangulação metodológica de tipo *between-method* ou *across-method*. A triangulação *between-method* ou *across-method* envolve métodos contrastantes como a observação e a aplicação de questionários, ou seja, a possibilidade de uso de métodos ou técnicas quantitativas e qualitativas no mesmo estudo. Permite ainda que as falhas de um método sejam, de certa forma, compensadas pelo outro. Ademais, a combinação de métodos pode trazer ao pesquisador o melhor de cada método escolhido.<sup>503</sup> Minayo apresenta, em estudo sobre triangulação de métodos, a possibilidade de articulação entre métodos quantitativos e qualitativos, buscando superar as dicotomias e os desencontros entre essas duas perspectivas.<sup>504</sup> Para a autora, a triangulação pode ser compreendida como uma dinâmica de investigação que integra a análise das estruturas, dos processos e dos resultados, a compreensão das relações envolvidas na implementação das ações e a visão que os atores diferenciados constroem sobre todo o projeto.<sup>505</sup> Propõe, neste sentido, espécie de roteiro a ser seguido para o trabalho de triangulação. Estes estariam divididos em sete fases, a saber:

- a) formulação do objeto ou da pergunta referencial que guiará todo o processo;

<sup>501</sup> DENZIN, Norman K. *The Research Act: a theoretical introduction to sociological methods*. 2. ed. New York: McGraw-Hill Book Company, 1978, p. 291.

<sup>502</sup> A discussão acerca da utilização de “*unobtrusive methods*” relaciona-se à questão envolvendo as Ciências Sociais de maneira geral, onde existiria a perspectiva de que o conhecimento sobre as pessoas é válido simplesmente perguntando-se a elas. Pergunta-se às pessoas e elas nos respondem, todavia, as respostas derivariam da relação entre o pesquisador e o pesquisado, entre o pesquisador e seus sujeitos de pesquisa, tornando difíceis e incertos os resultados. Assim, os “*unobtrusive methods*” ou “*unobtrusive measures*” referem-se à obtenção de dados que não envolvam diretamente as pessoas ou sujeitos, pelo menos inicialmente, evitando provocá-las (*elicitation*), evitando reações nos sujeitos de pesquisa. Cf: WEBB *et al.* *Unobtrusive measures: nonreactive research in the social sciences*. Chicago, EUA: Rand McNally College Publishing Company, 1966.

<sup>503</sup> BRYMAN, Alan. *Triangulation and measurement*. Department of Social Sciences, Loughborough University . Loughborough, Leicestershire, United Kingdom. Disponível em: <<http://referenceworld.com/sage/socialscience/triangulation.pdf>> Acesso em: 15 set. 2011, p. 03.

<sup>504</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 361.

<sup>505</sup> *Ibidem*.

- b) elaboração de indicadores;
- c) escolha da bibliografia de referência e das fontes de informação;
- d) construção dos instrumentos para a coleta de dados;
- e) organização e realização do trabalho de campo;
- f) análise das informações coletadas;
- g) elaboração do informe ou relatório final.<sup>506</sup>

Assim, este estudo pode ser considerado como quantitativo e também qualitativo (quanti-qualitativo), de tipo misto e sequencial,<sup>507</sup> por triangulação múltipla de métodos, conforme detalhamento abaixo.

## 5.2 Procedimentos de coleta de dados

### 5.2.1 A matriz de dados inicial

Primeiramente, foi realizada a coleta de dados sobre o suicídio junto ao Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde (MS) para todos os municípios do Rio Grande do Sul. O período de coleta foi de 2000 a 2009, último ano disponível no sistema para coleta. Foram coletados todos os casos da CID -10, Capítulo XX (X-60 a X-84)<sup>508</sup>. Tais dados foram organizados em matriz específica, juntamente com informações sobre o tamanho da população total, urbana e rural dos municípios analisados, de acordo com o censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesta etapa, foram extraídas as taxas médias de mortalidade-suicídio para tais períodos. Posteriormente, foi selecionado intencionalmente um município cuja taxa média de suicídios fosse equivalente à taxa média de suicídios do Estado do Rio Grande do Sul. O município escolhido, então, foi Garibaldi, todavia, outros indicativos para a escolha foram levados em consideração na escolha, quais sejam:

- a) acesso aos Inquéritos Policiais, complementando, junto aos demais instrumentos de coleta, a pesquisa em sua totalidade;
- b) acesso desta pesquisadora aos locais e às famílias pesquisadas;

<sup>506</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza, op. cit., p. 367.

<sup>507</sup> CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa : métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 39.

<sup>508</sup> Na CID 10<sup>a</sup> revisão, o capítulo XX referente às Causas Externas de morbidade e mortalidade apresenta a seguinte classificação: Acidentes de transporte: V01 a V99; Lesões autoprovocadas intencionalmente: X60 a X84; Agressões: X85 a Y09; Intervenções legais e operações de guerra: Y35 e Y36. Disponível em: < [http://www.inss.gov.br/arquivos/office/3\\_081014-104022-377.pdf](http://www.inss.gov.br/arquivos/office/3_081014-104022-377.pdf)> Acesso em: 03 mar. 2011.

- c) menor custo e tempo com o deslocamento da pesquisadora para as entrevistas.

### 5.2.2 A pesquisa documental: os Inquéritos Policiais

Após a escolha do município para análise, utilizou-se a pesquisa documental, que possui o documento como objeto de investigação.<sup>509</sup> Esta teve como referência os Inquéritos Policiais (IPs) abertos por ocasião da morte por suicídio. O Inquérito Policial constitui-se em procedimento preparatório da ação penal, de caráter administrativo, e é conduzido pela polícia judiciária e voltado à coleta preliminar de provas para apurar a prática de uma infração penal e da sua autoria.<sup>510</sup> O objetivo do IP é a formação da convicção do representante do Ministério Público, mas também a coleta de provas urgentes que podem, com o tempo, desaparecer após o cometimento do crime, assim como a composição das indispensáveis provas pré-constituídas que servem de base à vítima, em alguns casos, para a propositura de ação privada.<sup>511</sup> A presidência do Inquérito Policial cabe à autoridade policial que atende a *notitia criminis*<sup>512</sup> ou a *delatio criminis*<sup>513</sup>. De acordo com o Art. 6º do Código de Processo Penal em vigor, assim que se tiver conhecimento da prática da infração penal, a autoridade policial deverá dirigir-se ao local, providenciando que não se alterem o estado e a conservação das coisas, até a chegada dos peritos criminais. Deve, ainda, apreender os objetos que tiverem relação com o fato, após liberados pelos peritos, e colher todas as provas que servirem para o esclarecimento do fato e as suas circunstâncias. Posteriormente, deve ouvir o ofendido, o indiciado, proceder o reconhecimento das pessoas e coisas, e as acareações, determinar o exame de corpo de delito, se for o caso, e quaisquer outras perícias que sejam necessárias à elucidação dos fatos. Por fim, o indiciado deve realizar o exame datiloscópico, se possível, e fazer juntar aos autos sua folha de antecedentes.<sup>514</sup> A vida pregressa deve ser averiguada sob o ponto de vista individual, familiar e social, além de sua condição econômica, sua atitude e estado de ânimo antes e depois do crime e durante ele, e quaisquer outros elementos que contribuam para a apreciação de seu temperamento e caráter.<sup>515</sup> A investigação tem o prazo regular de trinta dias e a autoridade policial deve produzir um relatório ao encerrar as

---

<sup>509</sup> Cf.: FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de (Org.). *Método e Metodologia na Pesquisa Científica*. 3.ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2008.

<sup>510</sup> NUCCI, Guilherme de Souza. *Código de Processo Penal Comentado*. 2.ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003, p. 59.

<sup>511</sup> *Ibidem*.

<sup>512</sup> *Ibidem*, p. 48. Para o autor, *notitia criminis* é a ciência da autoridade policial da ocorrência de um fato criminoso, podendo ser direta e indireta.

<sup>513</sup> *Ibidem*, p. 71. De acordo com Nucci a *delatio criminis* trata-se da denúncia da ocorrência de uma infração penal e, se possível, de seu autor, à autoridade policial, feita por qualquer do povo.

<sup>514</sup> *Ibidem*.

<sup>515</sup> *Ibidem*, p. 72.

investigações, de modo a apurar ou não a materialidade e a autoria da infração penal. Neste sentido, o IP constitui-se no primeiro documento produzido por ocasião da morte por suicídio, eis que é preciso elucidar a veracidade dos fatos relacionados à morte em questão. Torna-se, assim, material fundamental para análise, eis que produzido na data da morte da pessoa ou, ainda, muito próximo desta, contendo o contexto primeiro de sua produção. Destarte, após a escolha do município, o passo seguinte foi a busca da liberação dos Inquéritos Policiais junto à Delegacia de Polícia. Em tratativas com as autoridades locais, foi protocolada a retirada de 37 Inquéritos Policiais dos anos que estavam disponíveis para consulta e que foram encontrados, eis que a Delegacia estava em reforma e os documentos estavam em lugar de difícil acesso. Uma funcionária da Delegacia foi destacada para auxiliar na busca do material e esse processo demorou cerca de um mês e meio. Após esse período, os IPs foram buscados na Delegacia e iniciou-se o processo de organização e catalogação dos mesmos. Nem todos os IPs estavam fechados, concluídos, com todas as informações presentes. Isto implica dizer que os mais antigos já estavam encerrados e os mais novos ainda se encontram em andamento, em função da própria lentidão dos processos na justiça. Em muitos deles há levantamento fotográfico e em outros não. Em alguns, se tem o Auto de Necropsia e o Termo de Declarações, em outros não. Enfim, algumas descrições são mais detalhadas e outras menos, como se observará adiante. Os IPs que estavam soltos em uma caixa de papelão foram colocados em sacos plásticos para a preservação e organizados em duas pastas-arquivo. Após, foram etiquetados e cotejados com a lista protocolada na Delegacia. Observou-se que dois IPs não correspondiam à numeração descrita no protocolo de entrega. Fez-se nova conferência e o que se obteve foi o quadro que segue:

Número	Ano	Identificação do IP	Local
1	2006	0499\2006	Garibaldi
2	2006	481\2006	Garibaldi
3	2006	122\2006	Garibaldi
4	2006	1028\2006	Garibaldi
5	2006	0022\2006	Garibaldi
6	2006	0420\2006	Garibaldi
7	2006	0767\2006	Linha Brasília, Coronel Pilar
8	2007	1036\2007	Garibaldi
9	2007	0508\2007	Garibaldi

10	2007	1193\2007	Garibaldi
11	2007	1140\2007	Linha Tamandaré, Garibaldi
12	2007	522\2007	Linha São Luiz de Castro, Boa Vista do Sul
13	2008	177\2008	Estrada São Gabriel, Garibaldi
14	2008	64\2008	Garibaldi
15	2008	0281\2008	Garibaldi
16	2009	0422\2009	Linha Carolina Alta, Boa Vista do Sul.
17	2009	106\2009	Linha Santo Antônio, Coronel Pilar
18	2009	0510\2009	Garibaldi
19	2009	0379\2009	Boa Vista do Sul
20	2009	085/2009	Garibaldi
21	2009	211\2009	Garibaldi
22	2010	142\2010	Garibaldi
23	2010	0172\2010	Garibaldi
24	2010	489\2010	Garibaldi
25	2010	0572\2010	Garibaldi
26	2010	425\2010	Linha São Roque, Garibaldi
27	2010	0010\2010	Linha São Miguel, Garibaldi
28	2010	216\2010	Linha São Roque, Garibaldi
29	2010	230\2010	Linha Carolina Baixa, Boa Vista do Sul
30	2010	570\2010	Costa Real, Garibaldi
31	2010	426\2010	Garibaldi
32	2010	0062\2010	Linha Santo Antônio, Coronel Pilar
33	2011	449\2011	Garibaldi
34	2011	378\2011	Garibaldi
35	2011	607/2011	Linha Bom Jardim, Boa Vista do Sul
36	2012	23/2012	Linha Carolina Baixa, Boa Vista do Sul
37	2012	108/2012	Garibaldi

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos Inquéritos Policiais.

### Quadro 3 – Os Inquéritos Policiais

Após, foi realizada uma breve leitura, procurando estabelecer certa “intimidade” com a documentação e produzir um breve resumo em planilhas específicas de todos os IPs, identificando a vítima e um breve relato do conteúdo do IP para que se pudesse conhecer um pouco mais sobre as vítimas e o próprio processo em que a morte ocorreu, antes do processo de descrição do conteúdo efetivo dos IPs. Assim, foram sendo separados os casos e foram também sendo delineados os primeiros critérios de inclusão e exclusão do estudo. Tais critérios foram sendo modificados ao longo da leitura dos IPs, dos Autos de Necropsia, dos Termos de Declarações, dos depoimentos, ou seja, não estavam fechados, mas abertos à própria descoberta, ao próprio processo de conhecer o material que se tinha em mãos. Posteriormente, iniciou-se o processo de releitura dos IPs em sua íntegra, atentando aos detalhes, ao que havia e ao que não havia, ao tácito e ao implícito presente na fala das testemunhas e, também, àquilo que os IPs não contemplavam. Desta leitura, elaboraram-se os quadros abaixo com os critérios de inclusão e exclusão utilizados para a escolha dos IPs que seriam analisados.

<b>Critérios de inclusão</b>
<input type="checkbox"/> Que o suicídio tenha ocorrido nos últimos três anos
<input type="checkbox"/> Que tenha sido aberto Inquérito Policial
<input type="checkbox"/> Que se tenha acesso ao Inquérito Policial
<input type="checkbox"/> Que o Auto de Necropsia tenha sido conclusivo
<input type="checkbox"/> Que o meio rural seja local de trabalho ou de moradia dos sujeitos
<input type="checkbox"/> Que se tenha a localização do endereço da família
<input type="checkbox"/> Que os familiares tenham sido localizados
<input type="checkbox"/> Que o familiar concorde com a realização da entrevista

Fonte: Elaborado pela autora.

#### **Quadro 4 – Critérios de inclusão**

Abaixo, os critérios de exclusão, articulados e, ao mesmo tempo, desmembrados dos critérios de inclusão acima destacados:

<b>Critérios de exclusão</b>
<input type="checkbox"/> Que sejam tentativas de suicídio e não suicídio
<input type="checkbox"/> Que os Inquéritos Policiais possuam Auto de Necropsia inconclusivo com relação ao suicídio
<input type="checkbox"/> Que o suicídio tenha ocorrido há mais de três anos
<input type="checkbox"/> Que tenha sido homicídio seguido de suicídio
<input type="checkbox"/> Que não tenha sido aberto Inquérito Policial

- Que não se tenha acesso ao Inquérito Policial
- Que a vítima resida e trabalhe no meio urbano
- Que não se localize o endereço dos familiares
- Que o familiar não concorde com a realização da entrevista

Fonte: Elaborado pela autora.

### Quadro 5 – Critérios de exclusão

Por fim, os IPs selecionados (em negrito) e, também, aqueles recusados neste estudo:

Número	Ano	Identificação do IP	Recusa/Motivo
1	2006	0499\2006	Acima de três anos do fato.
2	2006	481\2006	Acima de três anos do fato.
3	2006	122\2006	Acima de três anos do fato.
4	2006	1028\2006	Acima de três anos do fato.
5	2006	0022\2006	Acima de três anos do fato.
6	2006	0420\2006	Acima de três anos do fato.
7	2006	0767\2006	Acima de três anos do fato.
8	2007	1036\2007	Morador da zona urbana e acima de três anos do fato.
9	2007	0508\2007	Morador da zona urbana e acima de três anos do fato.
10	2007	1193\2007	Morador da zona urbana e acima de três anos do fato.
11	2007	1140\2007	Acima de três anos do fato.
12	2007	522\2007	Acima de três anos do fato.
13	2008	177\2008	Acima de três anos do fato.
14	2008	64\2008	Morador da zona urbana e acima de três anos do fato.
15	2008	0281\2008	Morador da zona urbana e acima de três anos do fato.
16	<b>2009</b>	<b>0422\2009</b>	
17	2009	106\2009	Não aceitou participar da entrevista.
18	2009	0510\2009	Morador da zona urbana.
19	2009	0379\2009	Morador da zona urbana.
20	<b>2009</b>	<b>085/2009</b>	

21	2009	211\2009	Homicídio seguido de suicídio.
22	2010	142\2010	Morador da zona urbana.
23	<b>2010</b>	<b>0172\2010</b>	
24	2010	489\2010	Familiares não encontrados.
25	2010	0572\2010	Familiares não aceitaram participar da entrevista.
26	2010	425\2010	Morte por afogamento.
27	2010	0010\2010	Morte por afogamento.
28	2010	216\2010	Morte não conclusiva.
29	2010	230\2010	Não encontrada a família
30	<b>2010</b>	<b>570\2010</b>	
31	2010	426\2010	Tentativa de suicídio.
32	2010	0062\2010	Familiares não encontrados
33	<b>2011</b>	<b>449\2011</b>	
34	<b>2011</b>	<b>378\2011</b>	
35	<b>2011</b>	<b>607/2011</b>	
36	<b>2012</b>	<b>23/2012</b>	
37	<b>2012</b>	<b>108/2012</b>	

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos Inquéritos Policiais. Em negrito, os IPs utilizados nesta pesquisa.

### Quadro 6 – Inquéritos Policiais e Necropsia Verbal

Cabe ressaltar que o meio urbano e o meio rural não se encontram bem delimitados nos IPs havendo, não raras vezes, contradições entre o que é rural e urbano se comparado o mapa municipal e o informado no IP. O mapa municipal apresenta todas as regiões e bairros municipais como urbanos mesmo aqueles muito afastados, excetuando-se apenas as “linhas”, estas sim consideradas como pertencentes ao meio rural. No entanto, os IPs apresentam vários locais como área rural, uma vez que não possuem proximidade com o centro urbano do município. De toda sorte, cumpriu-se o destacado nos critérios de inclusão/exclusão.

Ademais, dois dos afogamentos ocorridos que se deram em zonas consideradas rurais foram descartados em função dos IPs serem inconclusivos com relação à morte por suicídio. Ainda, alguns dos IPs descartados, notadamente aqueles pertencentes aos anos de 2006, 2007 e 2008, também contaram com suicídios ocorridos na zona rural, mas devido ao tempo selecionado no critério de inclusão/exclusão (03 anos), estes foram descartados. Por fim, insta

informar que os municípios de Coronel Pilar e Boa Vista do Sul encontram-se listados nos IPs, uma vez que a Delegacia de Polícia de Garibaldi é quem presta atendimento a estes pequenos municípios, próximos de Garibaldi. Dos 37 IPs recebidos, optou-se pela análise de apenas 09 deles, em função dos critérios estabelecidos e que definiram o conjunto da amostra não-probabilística intencional empregada neste estudo e, ademais, pelo aceite das famílias em participar da entrevista. Por fim, resta informar que os dados presentes no SIM, utilizados para fins da análise de distribuição de frequência, vão do ano de 2000 (inclusive) até o ano de 2010, e que alguns dos IPs são mais recentes, ou seja, datam de 2011 e 2012. Isto se deve ao fato do próprio fluxo das estatísticas de mortalidade que devem, primeiramente, passar pelos órgãos da Polícia Civil e Ministério Público para, posteriormente, serem informados aos serviços de saúde, gerando as estatísticas acerca da mortalidade e suas causas. Apesar deste “lapso” temporal, não se acredita que este fator possa interferir nos objetivos deste estudo. Assim, optou-se por utilizar também os casos de suicídio mais recentes, não informados ainda na base de dados do Sistema de Informações do Ministério da Saúde.<sup>516</sup>

### 5.2.3 A necropsia verbal

Por fim, a última técnica de coleta de dados utilizada foi a necropsia verbal, técnica desenvolvida por Mendes e que consiste na utilização de diferentes campos disciplinares, caracterizando-se como recurso instrumental de suporte no diagnóstico de óbitos que vem apoiando estudos de diagnósticos epidemiológicos e psicológicos de suicídios entre adultos, adolescentes e crianças.<sup>517</sup> Tal técnica consiste na realização de visitas domiciliares e entrevistas estruturadas através de roteiro específico. Buscou-se, neste sentido, demarcar as informações constantes nos Inquéritos Policiais junto aos familiares ou amigos da vítima. A necropsia verbal pode ser comparada à autópsia verbal, todavia, optou-se pelo termo necropsia, entendendo-se que o prefixo *auto*, indicando “por si mesmo” seria menos adequado. Autópsia vem do grego *auto* (por si mesmo ou pessoalmente), mais *psia* (ação de ver e examinar)<sup>518</sup>, ou seja, a ação de analisar por si mesmo. Por sua vez, necropsia que também vem do grego e seu prefixo *necro* quer dizer morte, cadáver, ou ainda, morto. De

<sup>516</sup> Nos dez anos analisados para fins de extração das TMM-S, teve-se, em números absolutos, 32 mortes por suicídio. Os 37 IPs apresentados contam com 05 mortes a mais, uma vez que estão incluídos os anos de 2011 e 2012 não registrados ainda no DATASUS, devido à própria demora no registro e repasse dos dados.

<sup>517</sup> Cf.: MENDES, Jussara Maria Rosa. *O Verso e o anverso de uma história: o acidente e a morte no trabalho*. São Paulo: PUCSP, 1999. Tese (Doutorado em Serviço Social), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

<sup>518</sup> CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 46.

acordo com Cegalla<sup>519</sup>, autópsia é um termo impróprio para a Medicina Legal, uma vez que é a perícia feita em cadáver para apurar a causa da morte. Ainda, seria um neologismo criado para substituir autópsia que, no entanto, não teria vingado da forma como deveria. Neste sentido, optou-se neste estudo pelo termo necropsia, uma vez que parece ter conteúdo etimológico mais preciso. Todavia, sabe-se que são usados de forma indiferente. Assim, necropsia verbal consiste em um conjunto de questões utilizadas para investigar a causa da morte infantil ou outras mortes cujas causas tenham dificuldades em ser esclarecidas. O questionário contém 71 questões<sup>520</sup> abordando desde a identificação da criança e da mãe e as condições socioeconômicas dos pais, até as condições do parto, o histórico da gestação, o histórico dos partos anteriores, a alimentação da criança, a curva de crescimento, os sintomas apresentados pela criança na hora do óbito, o atendimento no serviço de saúde, a cobertura de vacinação, e a opinião da mãe sobre as possíveis causas do óbito.<sup>521</sup> Além da entrevista com os pais e pessoas que estavam em contato com a criança falecida, o processo prevê ainda que no caso de o óbito ter ocorrido em alguma unidade de saúde, seja realizado um levantamento acerca do atendimento prestado desde o momento em que a criança entrou na unidade, verificando-se os prontuários, identificando-se as medidas adotadas e conversando com os profissionais que participaram das etapas do atendimento. Ademais, tal técnica pode ser considerada como metodologia para reconstruir a história, o caminho percorrido por uma pessoa desde o momento em que fica doente até o momento da morte. Constitui-se em uma estratégia de vigilância epidemiológica de grande utilidade, um instrumento de estudo do processo de doença, atenção e morte.<sup>522</sup> Neste sentido, constitui-se em uma importante análise da mortalidade, uma vez que mediante a coleta de dados relativos à morte e das visitas às casas das pessoas falecidas, com o fim de corroborar as informações, é possível a obtenção de novos dados. De acordo com Ángel, a autópsia verbal tem sido usada para descrever as causas das mortes maternas, infantis e de adultos por patologias infecciosas nos países onde os registros são deficientes e onde as causas da morte não estão bem consignadas. A base é a entrevista com as famílias e membros da comunidade que observaram incidentes relacionados

---

<sup>519</sup> CEGALLA, op.cit.

<sup>520</sup> BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de situação de saúde. Autópsia Verbal: crianças com um ano de idade ou mais e menos de dez anos de idade. Formulário 2 (AV2). Disponível em: <[www.saude.mt.gov.br/arquivo/847](http://www.saude.mt.gov.br/arquivo/847)> Acesso em: 12 dez.2012.

<sup>521</sup> PAULICS, Veronika. Autópsia Verbal: investigação de óbitos de menores de um ano. Programa Gestão Pública e Cidadania. 2001. Disponível em: <[www.eaesp.fgvsp.br/subportais/.../11%20-%20autopsia%20verbal.pdf](http://www.eaesp.fgvsp.br/subportais/.../11%20-%20autopsia%20verbal.pdf)> Acesso em: 12 dez.2012.

<sup>522</sup> ÁNGEL, Maria Isabel Lalinde. La autopsia verbal: reconstruyendo la historia de una muerte materna. Disponível em: <<http://www.nacer.udea.edu.co/pdf/libros/libro1/laautopsiaverbal.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2012.

à morte e que poderiam ser a única fonte de informação disponível.<sup>523</sup> Assim, a autópsia verbal se realiza através de uma entrevista, ou seja, uma estratégia, uma conversa entre dois ou vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador e que se destina a construir informações pertinentes sobre um objeto de pesquisa.<sup>524</sup> Nesta pesquisa foi utilizada a entrevista semidiretiva, na qual o entrevistador conhece os temas sobre os quais deve obter informações, mas a ordem e a forma como irá introduzi-los são deixadas a seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista.<sup>525</sup> Ainda, pode-se dizer que a entrevista semidiretiva não é totalmente aberta nem encaminhada por um número extenso de perguntas precisas. Geralmente o pesquisador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação por parte do entrevistado.<sup>526</sup> A ideia é deixar a entrevista “andar” para que o entrevistado fale abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier. O cuidado, portanto, consiste no reencaminhamento da entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado se afastar deles e em colocar as perguntas ao entrevistado quando ele não chega por si mesmo e de forma natural a elas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a autópsia verbal é um método de descobrir a causa de morte com base em uma entrevista com familiares ou outros cuidadores.<sup>527</sup> Nos últimos anos, autópsias verbais têm sido amplamente utilizadas para fornecer informações sobre a causa de morte em áreas onde o registro civil e sistemas de certificação de morte são problemáticos e, ainda, onde a maioria das pessoas morre em casa, sem ter tido contato com o sistema de saúde. Esse tipo de entrevista é, muitas vezes, a única maneira de descobrir a causa da morte. A autópsia verbal tem sido usada para uma variedade de propósitos, conforme o que segue:<sup>528</sup>

- a) para fornecer dados sobre mortalidade por causa;
- b) para avaliar intervenções destinadas a reduzir a mortalidade por causas específicas de morte, quando tais intervenções estão sendo introduzidas em uma área geográfica limitada ou em uma base experimental;

<sup>523</sup> ÁNGEL, op. cit., p. 45.

<sup>524</sup> MINAYO, op. cit., p. 261.

<sup>525</sup> GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin. *O inquérito: teoria e prática*. 3. ed. Portugal, Oeiras: Celta Editora, 1997, p. 64.

<sup>526</sup> QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 192.

<sup>527</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). World Health Organization. Department of Communicable Disease Surveillance and Response. The Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health. The London School of Hygiene and Tropical Medicine. A Standard Verbal Autopsy Method for Investigating Causes of Death in Infants and Children. Disponível em:

< [http://www.who.int/csr/resources/publications/surveillance/WHO\\_CDS\\_CSR\\_ISR\\_99\\_4/en/](http://www.who.int/csr/resources/publications/surveillance/WHO_CDS_CSR_ISR_99_4/en/)>

Acesso em: 13 dez. 2012.

<sup>528</sup> Ibidem.

- c) para identificar formas de redução de mortes desnecessárias;
- d) para facilitar a pesquisa de fatores associados à mortalidade por causas específicas de morte.

Ademais, a autópsia verbal é uma técnica cada vez mais importante para ampliar a causa da morte em populações que não contam com registro ou outra certificação de morte, envolvendo a coleta de informações sobre os sintomas e outros indicadores.<sup>529</sup> O uso da autópsia verbal tem sido muito útil quando do estudo de fatores de risco para doenças específicas, surtos de doenças infecciosas e efeitos dos processos de intervenção em saúde pública.<sup>530</sup> Neste estudo, a necropsia verbal foi organizada em forma de entrevista por módulos, buscando conhecer, na medida do possível, diferentes dimensões que envolveram a morte e o processo de morrer dos sujeitos de pesquisa. Assim, o instrumento de coleta foi organizado em seis módulos, a saber:

<b>ORGANIZAÇÃO DOS MÓDULOS DA NECROPSIA VERBAL</b>
Módulo I: Contato inicial (pessoal e/ou por telefone quando necessário);
Módulo II: Caracterização social;
Módulo III: Retrato e modo de vida;
Módulo IV: Retrato e modo de vida no trabalho;
Módulo V: Avaliação da atmosfera do ato suicida;
Módulo VI: Estado mental que antecedeu o suicídio.

Fonte: construção da autora.

### **Quadro 7 – Organização dos módulos da Necropsia Verbal**

Para compor as questões norteadoras da necropsia verbal foram utilizados como referência instrumentos de coleta específicos que envolvem a questão do suicídio e, ainda, modelos de autópsia verbal e de autópsia psicossocial. A ideia foi procurar abranger um bom número de instrumentos que atendessem aos objetivos desta pesquisa, o que pode ser observado no Apêndice A<sup>531</sup>.

<sup>529</sup> KING, Gary; LU, Ying. Verbal Autopsy Methods with Multiple Causes of Death. *Statistical Science*, v.23, n.1., Institute of Mathematical Statistics, 2008, p. 79-81.

<sup>530</sup> Ibidem.

<sup>531</sup> A elaboração deste roteiro levou em conta os seguintes referenciais e documentos: MENDES, Jussara Maria Rosa. *O Verso e o anverso de uma história: o acidente e a morte no trabalho*. São Paulo: PUCSP, 1999. Tese (Doutorado em Serviço Social), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999; *Roteiro de Entrevista - Autópsia Psicossocial* - elaborado pelas Dra. Maria Cecília Minayo e Dra. Fátima Cavalcante da Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública e Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli. O Roteiro foi enviado por e-mail para esta doutoranda pelas pesquisadoras acima citadas, com autorização para a sua utilização, desde que citadas as fontes; CHENG, Andrew T. A. ET al. Psychosocial and psychiatric risk factors for suicide: Case-control

### 5.3 Procedimentos de análise de dados

Para a análise dos dados coletados foram utilizadas três técnicas: a estatística descritiva, por meio da análise de distribuição de frequência, a hermenêutica dialética e a história oral, conforme será visto a seguir.

#### 5.3.1 Estatística descritiva: análise de distribuição de frequência

Na primeira parte da análise de dados deste estudo utilizou-se a estatística descritiva, cuja preocupação reside na organização, apresentação e sintetização dos dados através da utilização de gráficos, tabelas e medidas descritivas como ferramentas. Normalmente, a estatística descritiva é utilizada em etapa inicial de análise para a obtenção de informações que poderão ser trabalhadas, posteriormente, em inferência estatística.<sup>532</sup> Nesta dimensão da estatística descritiva, trabalhou-se com a distribuição de frequências, uma vez que o interesse é o de conhecer o comportamento do fenômeno do suicídio, analisando a sua ocorrência para um período de dez anos (2000-2009). A distribuição de frequências é importante quando existem grandes quantidades de dados que devem ser agrupados. A finalidade do agrupamento, assim, é facilitar a observação, a visualização de tais dados em conjunto.<sup>533</sup> Neste sentido, foram organizados, em planilha específica, todos os municípios do Estado do Rio Grande do Sul juntamente com o número absoluto de suicídios por ano, além da soma geral dos casos de suicídios municipais. Além da construção das tabelas relativas à distribuição de frequências, foi utilizada uma medida estatística de tendência central, ou seja,

---

psychological autopsy study. *The British Journal of Psychiatry*, n. 177, p. 360-365. Disponível em: <<http://bjp.rcpsych.org/content/177/4/360.full>> Acesso em: 14 jun.2011; HARVARD MEDICAL INSTITUTIONS. *Risk Management Foundation*. Guidelines for Identification, Assessment, and Treatment Planning for Suicidality. Disponível em: <<http://www.rmhf.harvard.edu/files/documents/suicideAs.pdf>> Acesso em: 05 jun.2011; HARVARD MEDICAL INSTITUTIONS. *Risk Management Foundation*. Decision Support Outline: Emergency/Crisis Coverage of a Suicidal Patient. Disponível em: <<http://www.rmhf.harvard.edu/files/documents/suicideDe.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2011; WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. A semi-structured interview for psychological autopsy in suicides cases. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, nº 25, 2003, p. 212-219; Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale (National Institute for Health and medical research). Collective Expert Report. Suicide: Psychological Autopsy: a research tool for prevention. 2004. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK7126/>> Acesso em: 06 jun. 2011; Organização Mundial da Saúde (OMS). Prevenção do suicídio: um manual para médicos clínicos gerais. Departamento de saúde mental. Transtornos mentais e comportamentais. Genebra, 2000. Disponível em: [http://whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO\\_MNH\\_MBD\\_00.1\\_por.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO_MNH_MBD_00.1_por.pdf) Acesso em: 15 ago. 2011; MENDES, Ana Magnólia. Pesquisa em psicodinâmica: a clínica do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia. (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, métodos e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 65-87.

<sup>532</sup> MEDRI, Waldir. Análise exploratória de dados. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas (CCE). Departamento de Estatística. Curso de Especialização em Estatística. Londrina, Paraná. Disponível em: < [http://www.uel.br/pos/estatisticaeducacao/textos\\_didaticos/especializacao\\_estatistica.pdf](http://www.uel.br/pos/estatisticaeducacao/textos_didaticos/especializacao_estatistica.pdf) > Acesso em: 26 jul. 2012.

<sup>533</sup> MEDRI, loc. cit.

uma medida que visou produzir um valor em torno do qual os dados observados se distribuem e sintetizam em um único número o conjunto de dados. Assim, a média foi a medida estatística utilizada na sua forma simples, ou seja, a média aritmética, obtida mediante a divisão da soma de todos os valores da série pelo número de observações.<sup>534</sup> Portanto, nesta fase, foram organizadas na planilha de dados todos os municípios do Rio Grande do Sul e os respectivos casos de suicídio de 2000 até 2009, conforme já referido acima. Após, foi calculada a média aritmética para esse período para cada município do Estado assim como para o Estado de maneira geral. A partir dessa média, foi extraída a TM-S, cujo cálculo envolveu a média de suicídios por município multiplicado pela população geral municipal, dividido por cem mil (100.000). O valor que resultou desse cálculo correspondeu a TM-S de cada município. Da mesma maneira, foi calculada a média geral do Estado, assim como a extração da TM-S geral do Rio Grande do Sul. A partir desses resultados, organizou-se espécie de ranking com os municípios do Estado cujas TM-S são mais altas. Também, organizou-se tabela com os municípios cujas TM-S se equiparavam às TM-S médias do Estado. Dessa tabela foi retirado o município que serviu de amostra para este estudo.

### 5.3.2 A Hermenêutica-dialética

Para a análise dos Inquéritos Policiais foi utilizada a hermenêutica-dialética. De acordo com Minayo, a hermenêutica tem na compreensão a sua categoria metodológica mais potente no movimento e na atitude de investigação. Além disso, possui a liberdade, a necessidade, a força, a consciência histórica. Todo e partes como categorias filosóficas fundantes. Por sua vez, a dialética desenvolve-se através das ideias de crítica, negação, oposição, mudança, processo, contradição, movimento e transformação.<sup>535</sup> No entendimento da autora, as duas abordagens (hermenêutica e dialética) possibilitam uma reflexão que se funda na práxis, e a articulação das duas abordagens é fecunda na condução do processo, ao mesmo tempo compreensivo e crítico, da análise da realidade social. Assim, seriam “dois momentos necessários à produção de racionalidade em relação aos processos sociais e, por conseguinte, em relação aos processos de saúde e doença.”<sup>536</sup> Ademais, a hermenêutica-dialética pode ser operacionalizada em alguns pontos, a saber:<sup>537</sup>

- a) *Nível das determinações fundamentais*: análise do contexto sócio histórico do grupo social em questão e que constituirá o marco teórico fundamental para a análise. Este

<sup>534</sup> MEDRI, op. cit., p. 30.

<sup>535</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES; Suely Ferreira. *Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. p. 84.

<sup>536</sup> Ibidem, p. 104.

<sup>537</sup> Ibidem, p. 353-359.

primeiro nível constituir-se-á no plano da totalidade ou do contexto no qual as concepções de saúde e doença, por exemplo, seriam fruto das manifestações de condicionamento sócio histórico. São fenômenos sociais na medida em que expressam modos de vida e, também, constituem-se em expressão da vida material;

- b) *Nível de encontro com os fatos empíricos*: este seria o segundo momento interpretativo, quando é preciso encontrar, nos relatos dos informantes, o sentido, a lógica interna, as projeções e as interpretações. Assim, faz-se necessário que sejam contempladas as comunicações individuais, as observações de conduta, os costumes e as relações relativas ao objeto de estudo, a análise das falas sobre as instituições oficiais e sobre outras entidades ou organizações que ofertam serviços locais, e, por fim, a observação de cerimônias e ritos atinentes ao tema. Nesta fase, dá-se a elaboração de categorias analíticas e das categorias empíricas e operacionais, construindo a aproximação com o objeto;
- c) *Ordenação dos dados*: este momento engloba a classificação dos dados, sejam estes a transcrição de gravações, a organização de relatos e da documentação, etc., formando um *corpus* que deverá ser tecnicamente trabalhado;
- d) *Classificação dos dados*: implica na leitura horizontal e exaustiva dos textos (documentos), prolongando a relação interrogativa com eles, buscando a coerência interna das informações. O material deve, nesta fase, ser minuciosamente analisado: frases, palavras, adjetivos, ideias, sentido geral do texto. Esta fase auxilia o pesquisador a construir as suas categorias empíricas que serão, posteriormente, confrontadas às categorias analíticas, constituídas para fundamentar a investigação, através das inter-relações entre elas. Posteriormente, deve haver uma leitura transversal de cada conjunto e subconjunto em sua totalidade;
- e) *Análise final*: movimento importante que vai do empírico ao teórico e vice-versa, entre o concreto e o abstrato, do geral ao particular;
- f) *Relatório*: comunicação dos dados da pesquisa, produto acabado, mas sempre provisório de todo o processo de investigação.

### 5.3.3 História oral: a história de vida

Por sua vez, a história de vida, juntamente à hermenêutica-dialética, foi o método eleito para a análise das entrevistas, na medida em que se constitui em método integrante das

chamadas metodologias qualitativas, ou seja, um campo metodológico que compartilha determinados pressupostos sobre como se dá o processo de conhecimento nas ciências sociais, e sobre como abordar o objeto de pesquisa teoricamente construído.<sup>538</sup> O enfoque desse método centra-se na trajetória total ou parcial de um indivíduo e possibilita o relato de um narrador sobre sua existência através dos tempos, buscando reconstituir os acontecimentos vivenciados.<sup>539</sup> De acordo com Denzin<sup>540</sup>, a história de vida (entendida aqui como uma dimensão da história oral) apresenta a experiência e as definições dadas por uma pessoa, um grupo ou organização, da forma como esta pessoa, grupo ou organização interpreta suas experiências.<sup>541</sup> Os materiais utilizados para o trabalho com a história de vida incluem, de acordo com o autor, qualquer gravação ou documento que ilumine o comportamento subjetivo de indivíduos ou grupos. Em outra dimensão, pode-se dizer que a história de vida traz uma oportunidade original, qual seja: a de ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos, retomando-as; trazer à luz realidades “indescritíveis” que a escrita não consegue, por vezes, transmitir; e testemunhar, também, as situações de extremo abandono.<sup>542</sup>

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história.<sup>543</sup>

Trata-se, então, de fazer falar a voz dos mortos, a voz dos esquecidos e, ao mesmo tempo, nunca esquecidos, buscando apreender o entremeado das estruturas visíveis e não visíveis que compõe a narrativa acerca da morte. Esta questão não está isenta de problemas, uma vez que possui limites. Entre estes, pode-se citar a capacidade do esquecimento, pelo tempo que se passou e pela dor que se sentiu e se sente, suas deformações, equívocos, sua tendência para a lenda, o mito. Todavia, tais deformações, mitos, erros e esquecimentos também fazem parte da vida, do vivido, daí sua importância.<sup>544</sup> São modos de conhecer que não são puros.<sup>545</sup> Por fim, a história de vida:

---

<sup>538</sup> SILVA, Marcelo Kunrath. Uma introdução à história oral. *Cadernos de Sociologia*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v.9, p. 116, Porto Alegre, PPGS/UFRGS, 1998.

<sup>539</sup> QUEIRÓZ, Maria Isaura de Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo, Vértice, 1988, p. 20.

<sup>540</sup> Cf.: DENZIN, op. cit.

<sup>541</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>542</sup> JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena: *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro : FIOCRUZ, CPDOC, 2000, p. 33.

<sup>543</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>544</sup> JOUTARD, op. cit., p. 35.

<sup>545</sup> PAVIANI, Jayme. *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010, p. 62.

[...] may range from letters to autobiographies, from newspaper accounts to court records. A careful transcription of an interview, provided it does not intermix the interviewer's own interpretation, is as much a form of life history data as is a personal diary.<sup>546</sup>

Neste sentido, a proposição central é a de que a conduta humana possa ser compreendida a partir da perspectiva das pessoas envolvidas com todas as suas tradições e contradições e cuja principal ferramenta é a memória. Para esta parte da análise foram realizados três momentos: a transcrição das entrevistas, a textualização e a transcriação. No primeiro momento, a transcrição, faz-se a passagem rigorosa da entrevista gravada, com todos os lapsos, vacilos, silêncios, incluindo, neste momento, as perguntas do entrevistador. Após, no momento da textualização, as perguntas são suprimidas. Nesse momento, a narrativa recebe uma espécie de reorganização para que se torne mais clara. Por fim, a transcriação, momento em que se atua de maneira mais clara no texto, retirando-se frases, invertendo-se a ordem dos parágrafos quando necessário e mesclando-se a descrição e a própria narrativa. A pontuação é incluída, assim como as reticências e outros instrumentos de linguagem que auxiliam a captação do momento da entrevista pelo leitor.<sup>547</sup> A seguir, na próxima seção, apresentam-se os resultados obtidos, bem como a sua discussão.

---

<sup>546</sup> DENZIN, op. cit., p.291.

<sup>547</sup> Cf.: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

## 6 A MORTE NA SEGUNDA PESSOA

*Certa vez li por aí, ou vi num filme, que quando os judeus eram levados pelos alemães naqueles vagões fechados, de transportar gado, - com apenas uma ranhura na parte alta para que entrasse um pouco de ar - enquanto iam atravessando campos com cheiro de capim úmido escolhiam o melhor narrador entre eles e, subindo-o em seus ombros, o elevavam até a ranhura para que fosse descrevendo a paisagem e contando o que via conforme o trem avançava. Eu agora estou convencida de que entre eles deve ter havido muitos que preferiam imaginar as maravilhas contadas pelo companheiro a ter o privilégio de olhar pela ranhura.*<sup>548</sup>

*A vida não vivível funda a possibilidade de negar a vida: o suicídio.*<sup>549</sup>

### 6.1 Situando o trabalho de campo

O município de Garibaldi encontra-se localizado a 105 quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre, e possui características peculiares, como a colonização realizada por imigrantes italianos, com forte influência da cultura francesa, transmitida através das ordens religiosas que foram, durante muito tempo, responsáveis pelo processo de educação da população local.<sup>550</sup> No que condiz ao comércio, teve influência dos sírio-libaneses. Tal mescla contribuiu para a diversidade econômica e cultural da cidade. Antes de se tornar município, Garibaldi chamou-se colônia de Conde D'Eu, criada pelo então Presidente João Sertório, em 24 de maio de 1870.<sup>551</sup> Assim, as primeiras colônias localizadas na encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul foram Conde D'Eu e Dona Isabel que se chamaram, posteriormente, Garibaldi e Bento Gonçalves. Tais colônias foram criadas antes que, efetivamente, iniciasse o processo de imigração italiana no Estado e, para esta ocupação, o governo provincial firmou um contrato com duas empresas privadas que deveriam introduzir 40 mil colonos em um prazo estipulado de dez anos.<sup>552</sup> Como afirma Santos, a colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto maior, geopolítico do governo imperial brasileiro que objetivava, fundamentalmente, preencher os chamados vazios demográficos do Sul do país.<sup>553</sup> Tal processo foi pensado, também, como parte da estratégia

<sup>548</sup> LETELIER, Hernán Rivera. *A contadora de filmes*. São Paulo: Cosac e Naify, 2012, p. 34.

<sup>549</sup> DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 94.

<sup>550</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE GARIBALDI. Disponível em: <<http://www.garibaldi.rs.gov.br/a-cidade/perfil-de-garibaldi/>> Acesso em: 16 jul. 2012.

<sup>551</sup> SANT'ANA, Elma; GIRONDI, Elenita. *Garibaldi: a cidade e o herói*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2007, p. 56.

<sup>552</sup> SANTOS, Miriam de Oliveira. *A Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX*.

*Histórica*: revista eletrônica do arquivo do estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao09/materia01/texto01.pdf>> Acesso em: 10 set. 2012.

<sup>553</sup> *Ibidem*, p. 04.

de substituição da mão de obra escrava pelo trabalho livre, da substituição do negro pelo branco em um “processo civilizatório” que se baseou na pequena propriedade. Pouco a pouco, a colônia foi ocupada por um pequeno grupo de imigrantes que chegava a Conde D’Eu, nome dado em homenagem ao genro de Dom Pedro II. Eram 37 colonos, todos prussianos (alemães). O local era um pequeno povoado e estas foram as últimas levas de alemães que chegaram ao Estado. Já em 1872 e 1873 chegaram novos grupos de imigrantes, muitos com sobrenomes italianos e suíço-franceses.<sup>554</sup> Em 1875 e 1876 chegaram à Colônia mais suíço-franceses, poloneses, tirolezes, austríacos e os primeiros italianos que, em sua maioria, tinham vindo da região norte da Itália. Por fim, no mesmo ano de 1876, chegaram mais 700 imigrantes italianos, mas a terra que lhes foi concedida não tinha as mesmas vantagens que as anteriores, pois lhes foi dada a área da região serrana, mais acidentada e coberta de mato. A área dos lotes variava de 25 a 40 hectares que, posteriormente, foram divididos em áreas menores em função das partilhas nas famílias.



Fonte: Google Maps.

**Figura 1 – Localização do município de Garibaldi no Estado do Rio Grande do Sul**

<sup>554</sup> SANTOS, op. cit., p. 22.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>555</sup>, o Distrito de Garibaldi foi criado em 26 de abril de 1884, pela Lei Provincial nº 1455. Assim, em 31 de outubro de 1900, o Decreto Estadual nº 327 constituiu o município com a denominação de Garibaldi, sede da antiga Colônia Conde D'Eu e território desmembrado do município de Bento Gonçalves. Garibaldi é hoje conhecida como a capital nacional do Champanha, sendo a maior produtora da bebida no Brasil. Este trabalho teve como protagonista a família Peterlongo que, em 1913, elaborou, em Garibaldi, o primeiro Champanha brasileiro.<sup>556</sup> Ainda, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE)<sup>557</sup>, a população de Garibaldi conta hoje com 30.912 habitantes. A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 2,65% e a expectativa de vida ao nascer encontra-se em torno de 74 anos. A mortalidade infantil é de 16,89 por mil nascidos vivos. No que condiz à economia do município, o Produto Interno Bruto (PIB) é de R\$ 899.678.000,00 e o PIB *per capita* encontra-se em torno de R\$ 29.480,00.<sup>558</sup> O PIB encontra-se distribuído nos três setores da economia (agropecuária, indústria e serviços) da seguinte maneira: agropecuária (28.164), indústria (398.995.) e serviços (350.721). Neste sentido, acompanha, em boa medida, o que pode ser observado no Estado do Rio Grande do Sul de maneira geral: agropecuária (8.764.507), indústria (37.475.448) e serviços (77.628.594). (IBGE, 2012).<sup>559</sup>

Hoje, o município de Garibaldi possui 9.929 unidades prediais, 3.731 unidades territoriais e 2.504 propriedades rurais, distribuídas em uma área de 167 quilômetros quadrados.<sup>560</sup> Possui, ainda, 22 escolas de ensino fundamental distribuídas no município e no interior, três escolas de ensino médio, uma instituição de ensino superior e quatro escolas de educação infantil. No que condiz à saúde, há 10 unidades básicas de saúde e a rede de esgoto e água potável atende a cerca de 90% da população.<sup>561</sup> Há 341 indústrias instaladas no município, o comércio conta com 820 empresas e os serviços com 1.293 instalações. São 216 profissionais liberais que trabalham no município. Os profissionais autônomos municipais são em número de 740, sendo que a base econômica da cidade concentra-se na indústria. A TMM-

<sup>555</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Garibaldi – RS* : dados básicos. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430860>> Acesso em: 27 ago. 2012.

<sup>556</sup> Ibidem.

<sup>557</sup> FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL (FEE). Banco de dados. Disponível em: <[http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu\\_consultas.asp?tpPesquisa=var\\_Anual](http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu_consultas.asp?tpPesquisa=var_Anual)> Acesso em: 10 set. 2012.

<sup>558</sup> Ibidem.

<sup>559</sup> IBGE, op. cit.

<sup>560</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE GARIBALDI, op. cit.

<sup>561</sup> Ibidem.

S de Garibaldi é de 10,42 e sua população total é de 30.692 habitantes. Destes, 27.638 pertenceriam à zona urbana e 3.054 à zona rural. Por sua vez, Boa Vista do Sul dista cerca de 20 km de Garibaldi e sua população é de 2.776 habitantes. Destes, como poderá ser visto nas tabelas vindouras, 391 pertencem ao centro urbano e 2.387 pertencem à zona rural. A taxa de suicídios em Boa Vista do Sul é mais alta do que em Garibaldi, ficando na marca de 39,50. A taxa de analfabetismo da população é de cerca de 7% e a expectativa de vida após nascer é de 75,35 anos. O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* é de R\$ 30.769,26. A base da economia de Boa Vista do Sul é a criação de frangos, sendo este município o segundo maior produtor de frangos do Rio Grande do Sul.

## 6.2 As Taxas Municipais de Mortalidade-Suicídio (TMM-S) no Estado

Abaixo, segue tabela com os trinta municípios cujas TMM-S estão entre as mais altas do Estado:

**Tabela 1 – As maiores TMM-S no Estado do Rio Grande do Sul (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Sério	530	1.751	2.281	61,37
2	Cristal do Sul	931	1.895	2.826	46,00
3	Nova Boa Vista	578	1.382	1.960	45,91
4	Santo Antônio do Planalto	1.233	754	1.987	45,29
5	Poço das Antas	861	1.156	2.017	44,62
6	Sete de Setembro	494	1.632	2.126	42,33
7	André da Rocha	496	720	1.216	41,11
8	Campos Borges	2.006	1.488	3.494	40,06
9	Boa Vista do Sul	391	2.387	2.778	39,59
10	Campina das Missões	2.188	3.929	6.117	39,23
11	Sinimbu	1.437	8.630	10.067	35,76
12	Canudos do Vale	411	1.396	1.807	33,20
13	Alecrim	2.165	4.880	7.045	32,64
14	Coqueiros do Sul	904	1.553	2.457	32,56
15	Forquetinha	465	2.008	2.473	32,34
16	David Canabarro	1.912	2.771	4.683	32,03
17	São José do Herval	867	1.337	2.204	31,76
18	Lagoa dos Três Cantos	807	791	1.598	31,28
19	Linha Nova	416	1.208	1.624	30,78
20	Doutor Ricardo	693	1.337	2.030	29,55
21	Marques de Souza	1.545	2.523	4.068	29,49
22	Roca Sales	6.602	3.685	10.287	29,16
23	Agudo	6.894	9.835	16.729	28,69
24	Ponte Preta	512	1.238	1.750	28,57
25	Presidente Lucena	1.511	974	2.485	28,16
26	Herval	4.523	2.234	6.757	28,11
27	Tiradentes do Sul	2.098	4.363	6.461	27,85
28	Vale Verde	882	2.371	3.253	27,66
29	Dois Lajeados	1.563	1.717	3.280	27,43

30	Marcelino Ramos	2.722	2.412	5.134	27,26
----	-----------------	-------	-------	-------	-------

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Dos trinta municípios acima dispostos, observa-se que em apenas sete deles a população rural não é maior do que a população urbana. Nos 23 municípios restantes, pode-se observar a presença da população rural como significativa na composição da população total. A seguir, encontram-se dispostas tabelas com os municípios, sua população urbana, rural e total, com as respectivas TMM-S agrupadas por intervalo de TMM-S, permitindo visualizá-las em separado e por extrato.

**Tabela 2 – Municípios sem casos registrados de suicídio (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Água Santa	1.447	2.279	3.726	0,00
2	Inhacorá	1.346	921	2.267	0,00
3	Ivorá	705	1.451	2.156	0,00
4	Jacuzinho	562	1.945	2.507	0,00
5	Novo Tiradentes	654	1.623	2.277	0,00
6	Protásio Alves	427	1.573	2.000	0,00
7	Santa Cecília do Sul	480	1.175	1.655	0,00
8	Santa Margarida do Sul	552	1.800	2.352	0,00
9	São João do Polêsine	1.354	1.281	2.635	0,00
10	São José do Inhacorá	832	1.368	2.200	0,00
11	São Pedro das Missões	532	1.354	1.886	0,00
12	São Valentim do Sul	746	1.422	2.168	0,00
13	Tupanci do Sul	473	1.101	1.574	0,00
14	Vista Alegre	1.185	1.647	2.832	0,00

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

No Rio Grande do Sul, no período de 2000 a 2010, 14 municípios não apresentaram casos de suicídios registrados. Tais municípios localizam-se em diferentes pontos geográficos do Estado. São municípios pequenos e cuja população total não chega a quatro mil pessoas e, no geral, a população rural é maior do que a população urbana, com exceção para dois municípios: Inhacorá e São João do Polêsine.

**Tabela 3 – Municípios com TMM-S média de 2,1 a 2,7/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Ibiaçá	2.849	1.861	4.710	2,123
2	Vila Nova do Sul	2.194	2.027	4.221	2,369
3	Jaquirana	2.430	1.747	4.177	2,394
4	Caraá	1.058	6.255	7.313	2,735

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, municípios cuja TMM-S variou de 2,1 a 2,7 por 100.000 habitantes. São quatro municípios que compõem essa faixa: Ibiaçá, Vila Nova do Sul, Jaquirana e Caraá. Em

três deles a população urbana se sobrepõe à população rural, exceção para o município de Caará.

**Tabela 4 – Municípios com TMM-S média de 3,1 a 3,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Morrinhos do Sul	1.300	1.885	3.185	3,140
2	Capão do Cipó	519	2.588	3.107	3,219
3	Saldanha Marinho	1.927	942	2.869	3,486
4	Arroio do Padre	454	2.276	2.730	3,663
5	São José das Missões	828	1.892	2.720	3,676
6	São Valério do Sul	510	2.137	2.647	3,778
7	Sagrada Família	785	1.810	2.595	3,854
8	Fagundes Varela	1.293	1.286	2.579	3,877
9	Faxinalzinho	1.273	1.294	2.567	3,896
10	Três Cachoeiras	7.523	2.716	10.239	3,907
11	São José do Norte	17.403	8.120	25.523	3,918
12	Porto Mauá	956	1.588	2.544	3,931
13	Pinhal	1.290	1.225	2.515	3,976

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, encontram-se os municípios cujas taxas médias de suicídio estão na faixa de 3,1 a 3,9. São 13 municípios sendo que cinco deles apresentam população urbana maior do que a rural e os oito restantes apresentam população rural maior. A população total varia de 2.515 habitantes, município de Pinhal, até 25.523, município de São José do Norte.

**Tabela 5 – Municípios com TMM-S média de 4,1 a 4,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Nova Ramada	670	1.767	2.437	4,103
2	Araricá	4.000	868	4.868	4,108
3	Barra Funda	1.522	845	2.367	4,225
4	Barão do Triunfo	697	6.321	7.018	4,275
5	Itapuca	551	1.786	2.337	4,279
6	Cerro Branco	1.274	3.180	4.454	4,490
7	Vila Lângaro	366	1.786	2.152	4,647
8	Boa Vista das Missões	886	1.228	2.114	4,730
9	Almirante Tamandaré do Sul	834	1.228	2.062	4,850
10	Barra do Quaraí	2.840	1.176	4.016	4,980

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, os municípios cujas TMM-S variaram de 4,1 a 4,9 de 2000 a 2010. São dez municípios e, destes, a população urbana é maior em apenas dois deles: Araricá e Barra Funda.

**Tabela 6 – Municípios com TMM-S média de 5,0 a 5,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Pejuçara	2.672	1.301	3.973	5,034
2	Severiano de Almeida	1.399	2.443	3.842	5,206
3	Morro Reuter	4.845	835	5.680	5,282
4	Antônio Prado	9.235	3.602	12.837	5,453
5	Muliterno	508	1.305	1.813	5,516
6	Cidreira	12.251	403	12.654	5,532
7	Mato Queimado	479	1.320	1.799	5,559
8	Novo Xingu	559	1.198	1.757	5,692
9	Esteio	80.562	107	80.669	5,702
10	São José do Ouro	4.425	2.481	6.906	5,792
11	Canoas	324.025	0	324.025	5,833
12	Gentil	723	954	1.677	5,963
13	Campo Bom	57.345	2.736	60.081	5,992

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Os municípios acima destacados contemplam as TMM-S que variam de 5,0 a 5,9. Somam 13 municípios, sendo que em sete deles a população urbana sobrepõe-se à rural. Seis municípios possuem população rural maior do que a urbana e a população total varia de 1.677 habitantes para o município de Gentil, até 324.025 para o município de Canoas, que não possui população rural registrada.

**Tabela 7 – Municípios com TMM-S média de 6,0 a 6,8/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Gravataí	243.590	12.172	255.762	6,099
2	Estância Velha	41.496	1.093	42.589	6,105
3	Cacique Doble	1.626	3.239	4.865	6,166
4	Parobé	48.612	2.869	51.481	6,216
5	Vila Flores	1.348	1.859	3.207	6,236
6	São Leopoldo	213.361	849	214.210	6,256
7	Viamão	224.962	14.272	239.234	6,270
8	Nova Esperança do Sul	3.599	1.072	4.671	6,423
9	Monte Alegre dos Campos	645	2.453	3.098	6,456
10	Arroio do Sal	7.513	231	7.744	6,457
11	Porto Alegre	1.409.939	0	1.409.939	6,475
12	Engenho Velho	602	928	1.530	6,536
13	Alvorada	195.718	0	195.718	6,540
14	Minas do Leão	7.340	291	7.631	6,552
15	Sarandi	17.957	3.355	21.312	6,569
16	Mostardas	8.149	3.981	12.130	6,595
17	Ipê	2.914	3.103	6.017	6,648
18	Eldorado do Sul	30.792	3.543	34.335	6,699

19	São Miguel das Missões	3.727	3.694	7.421	6,738
20	Guaíba	93.081	2.149	95.230	6,826

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima, encontram-se listados os municípios cujas TMM-S estão na faixa de 6,0 a 6,8. O cenário altera-se um pouco, uma vez que a quase totalidade dos municípios desta dimensão são municípios cuja população urbana mantém-se dominante se comparada à população rural. Observe-se, por exemplo, os municípios de Porto Alegre e Alvorada, que não possuem população rural. Apenas os municípios de Cacique Doble, Vila Flores, Monte Alegre dos Campos, Engenho Velho e Ipê é que destoam do grupo, com população rural maior do que a urbana.

**Tabela 8 – Municípios com TMM-S média de 7,0 a 7,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Flores da Cunha	20.862	6.273	27.135	7,002
2	Arroio Grande	16.086	2.383	18.469	7,039
3	Charqueadas	34.533	830	35.363	7,070
4	Coxilha	1.739	1.087	2.826	7,077
5	Rio Grande	189.472	7.781	197.253	7,199
6	Santa Maria	248.334	12.693	261.027	7,202
7	Tapes	14.494	2.155	16.649	7,208
8	Espumoso	11.131	4.109	15.240	7,218
9	Vista Gaúcha	965	1.794	2.759	7,249
10	Campinas do Sul	4.220	1.289	5.509	7,261
11	Mormaço	600	2.149	2.749	7,275
12	Quevedos	852	1.858	2.710	7,380
13	Farroupilha	55.057	8.584	63.641	7,385
14	Nova Santa Rita	19.465	3.241	22.706	7,487
15	Faxinal do Soturno	4.175	2.497	6.672	7,494
16	Catuípe	5.998	3.325	9.323	7,508
17	Doutor Maurício Cardoso	2.619	2.694	5.313	7,529
18	Novo Barreiro	1.306	2.672	3.978	7,541
19	Sapucaia do Sul	130.500	488	130.988	7,634
20	Novo Machado	1.553	2.374	3.927	7,639
21	Capivari do Sul	3.230	660	3.890	7,712
22	Ijuí	71.555	7.365	78.920	7,729
23	Dom Pedro de Alcântara	739	1.811	2.550	7,843
24	Capão da Canoa	41.794	253	42.047	7,848
25	Panambi	34.572	3.496	38.068	7,881
26	Novo Hamburgo	234.909	4.142	239.051	7,948
27	Bagé	97.762	19.030	116.792	7,963
28	Itaara	3.968	1.043	5.011	7,982

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, encontram-se aqueles municípios cujas TMM-S estão na faixa de 7,0 a 7,9. São 28 municípios e, destes, apenas sete possuem a população rural maior do que a urbana. Os demais seguem a rota inversa, com a população urbana sobrepondo-se à população rural. O número de habitantes para esta faixa varia muito: cerca de 2.550 habitantes para o município de Dom Pedro de Alcântara, até cerca de 261.000 habitantes para o município de Santa Maria.

**Tabela 9 – Municípios com TMM-S média de 8,0 a 8,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Xangri-lá	12.350	55	12.405	8,061
2	Caibaté	2.745	2.209	4.954	8,074
3	Arambaré	2.913	780	3.693	8,123
4	Santo Expedito do Sul	872	1.589	2.461	8,127
5	Coronel Barros	1.093	1.366	2.459	8,133
6	Maximiliano de Almeida	2.969	1.938	4.907	8,152
7	Unistalda	913	1.540	2.453	8,153
8	Palmeira das Missões	29.836	4.499	34.335	8,155
9	Tramandaí	40.652	1.003	41.655	8,162
10	Nova Hartz	15.269	3.077	18.346	8,176
11	Boa Vista do Cadeado	472	1.969	2.441	8,193
12	Rolante	15.318	4.175	19.493	8,208
13	Boa Vista do Incra	724	1.701	2.425	8,247
14	Caxias do Sul	419.321	16.161	435.482	8,267
15	Hulha Negra	2.914	3.134	6.048	8,267
16	Jorge Barbosa	19.993	5.200	25.193	8,336
17	Muçum	4.044	747	4.791	8,349
18	Cachoeirinha	118.294	0	118.294	8,369
19	Três Coroas	20.553	3.302	23.855	8,384
20	Montenegro	53.645	5.791	59.436	8,412
21	Osório	37.951	2.990	40.941	8,549
22	Uruguaiana	117.461	8.046	125.507	8,605
23	Vitória das Missões	669	2.816	3.485	8,608
24	Capela de Santana	6.915	4.698	11.613	8,611
25	Pelotas	305.696	22.082	327.778	8,634
26	Jaguari	6.531	4.947	11.478	8,712
27	Itacurubi	1.184	2.257	3.441	8,718
28	Erechim	90.570	5.535	96.105	8,740
29	Alegrete	69.611	8.062	77.673	8,755
30	Tapejara	17.082	2.170	19.252	8,830
31	Carazinho	58.237	1.064	59.301	8,937

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Um total de 31 municípios compõe a faixa apresentada na tabela acima. Com relação às populações rural e urbana que se está a observar, note-se que nesta faixa cerca de 30% dos municípios ainda possuem a população rural maior do que a urbana. Já a população urbana maior está presente nos demais municípios. Ressalte-se o município de Cachoeirinha, a exemplo de Porto Alegre e Canoas, que não possui população rural registrada.

**Tabela 10 – Municípios com TMM-S média de 9,0 a 9,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Município	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Pedras Altas	772	1.446	2.218	9,017
2	Dois Irmãos	27.276	296	27.572	9,067
3	Aceguá	1.059	3.335	4.394	9,103
4	Terra de Areia	5.195	4.683	9.878	9,111
5	São Sebastião do Caí	17.611	4.333	21.944	9,114
6	Candiota	2.600	6.176	8.776	9,116
7	Balneário Pinhal	10.742	113	10.855	9,212
8	Torres	33.329	1.317	34.646	9,236
9	Dois Irmãos das Missões	1.094	1.063	2.157	9,272
10	Triunfo	16.882	8.929	25.811	9,298
11	Santo Augusto	11.382	2.588	13.970	9,306
12	Pinhal da Serra	478	1.652	2.130	9,390
13	Paim Filho	2.253	1.990	4.243	9,427
14	Vicente Dutra	2.351	2.934	5.285	9,461
15	Bom Jesus	8.595	2.961	11.556	9,519
16	Rio Pardo	25.614	11.988	37.602	9,574
17	São José do Sul	720	1.362	2.082	9,606
18	Imbé	17.658	9	17.667	9,622
19	Ajuricaba	4.108	3.147	7.255	9,649
20	Feliz	9.416	2.943	12.359	9,710
21	Ernestina	1.671	1.417	3.088	9,715
22	Sapiranga	72.323	2.697	75.020	9,731
23	Progresso	1.871	4.290	6.161	9,739
24	Encantado	17.883	2.631	20.514	9,749
25	Dom Pedrito	35.275	3.641	38.916	9,765
26	Segredo	1.807	5.351	7.158	9,779
27	Dilermando de Aguiar	991	2.073	3.064	9,791
28	Camaquã	49.355	13.404	62.759	9,879
29	Anta Gorda	2.331	3.742	6.073	9,880
30	Paverama	4.101	3.946	8.047	9,942
31	Taquari	21.920	4.215	26.135	9,948
32	Itaqui	33.318	4.848	38.166	9,957
33	Quaraí	21.310	1.711	23.021	9,991
34	Nova Araçá	2.882	1.121	4.003	9,993

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima, tem-se 34 municípios cujas TMM-S estão na faixa entre 9,0 e 9,9. O maior município listado chega a cerca de 75.000 habitantes, caso de Sapiranga, na região metropolitana de Porto Alegre, e o menor deles é São José do Sul, com cerca de 2.000 habitantes. Dentro desta dimensão, Pedras Altas é o município com a menor taxa e Nova Araçá constitui-se o município com maior TMM-S dentro desta faixa. Dos municípios listados, dez deles apresentam população rural maior do que a urbana e o restante, 24 municípios, possuem a população urbana ainda maior do que a rural.

**Tabela 11 – Municípios com TMM-S média de 10,0 a 10,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Palmares do Sul	9.805	1.166	10.971	10,02
2	Portão	25.233	5.648	30.881	10,03
3	Nova Prata	18.659	4.171	22.830	10,07
4	Restinga Seca	8.982	6.868	15.850	10,09
5	Igrejinha	30.193	1.470	31.663	10,10
6	Vespasiano Correa	406	1.568	1.974	10,13
7	Constantina	6.497	3.244	9.741	10,26
8	Paraí	3.816	2.996	6.812	10,27
9	Barra do Ribeiro	9.291	3.277	12.568	10,34
10	Jaguarão	26.101	1.841	27.942	10,37
11	Liberato Salzano	1.297	4.483	5.780	10,38
12	Garibaldi	27.638	3.054	30.692	10,42
13	Sant'Ana do Livramento	74.440	8.073	82.513	10,42
14	Bento Gonçalves	99.121	8.220	107.341	10,43
15	São Marcos	17.601	2.504	20.105	10,44
16	São Nicolau	3.692	2.035	5.727	10,47
17	Ronda Alta	6.875	3.353	10.228	10,75
18	Passo Fundo	180.159	4.710	184.869	10,76
19	Estrela	25.922	4.706	30.628	10,77
20	Santo Ângelo	71.829	4.475	76.304	10,87
21	Áurea	1.537	2.128	3.665	10,91
22	Ametista do Sul	3.811	3.512	7.323	10,92
23	Guaporé	20.828	1.982	22.810	10,96
24	Taquara	45.276	9.380	54.656	10,97

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, os municípios cujas TMM-S ficaram na faixa de 10,0 a 10,9. Nesse conjunto, apenas três municípios contam com a população rural maior do que a urbana e o total de habitantes varia de 1.974, em Vespasiano Correa, para cerca de 184.000 habitantes, no município de Passo Fundo, no norte do Estado do Rio Grande do Sul. A taxa mais alta para este grupo fica para o município de Taquara, com 10,97, e a mais baixa é de 10,02 para o município de Palmares do Sul.

**Tabela 12 – Municípios com TMM-S média de 11,0 a 11,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
--------	------------	------------------	-----------------	-----------------	-------

1	Tio Hugo	1.164	1.560	2.724	11,013
2	Sananduva	10.697	4.676	15.373	11,058
3	Capão do Leão	22.378	1.916	24.294	11,114
4	Sertão	3.387	2.907	6.294	11,122
5	Cruz Alta	60.598	2.227	62.825	11,142
6	Ibiraiaras	3.815	3.360	7.175	11,150
7	Jari	613	2.962	3.575	11,189
8	Marau	31.577	4.806	36.383	11,269
9	Butiá	19.331	1.074	20.405	11,272
10	Nova Bassano	5.514	3.326	8.840	11,312
11	Capitão	1.147	1.489	2.636	11,381
12	Capão Bonito do Sul	499	1.254	1.753	11,409
13	Santa Rosa	60.374	8.221	68.595	11,517
14	Camargo	1.095	1.496	2.591	11,579
15	Coronel Pilar	174	1.551	1.725	11,594
16	Nicolau Vergueiro	636	1.085	1.721	11,621
17	Tupanciretã	18.025	4.261	22.286	11,667
18	Mata	2.618	2.493	5.111	11,739
19	Harmonia	2.456	1.798	4.254	11,754
20	Gramado	29.039	3.261	32.300	11,765
21	Caiçara	1.594	3.477	5.071	11,832
22	Santo Antônio da Patrulha	28.105	11.574	39.679	11,845
23	Tucunduva	4.038	1.863	5.901	11,862
24	Serafina Corrêa	12.054	2.189	14.243	11,936
25	Gaurama	3.388	2.474	5.862	11,941
26	Nova Roma do Sul	1.589	1.758	3.347	11,951

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima estão distribuídos os municípios cujas médias das TMM-S encontram-se entre 11,0 a 11,9. São 26 municípios cujas populações totais variam de cerca de 1.700 a 68.000 habitantes. Dos 26 municípios listados, nove deles possuem população rural maior do que a urbana, e os 17 restantes possuem, por sua vez, a população urbana maior. Observe-se que o número de municípios com população rural maior do que a urbana em TMM-S em faixas maiores começa a crescer. Na tabela anterior, havia apenas três municípios cuja população rural era maior do que a urbana. Já nesta faixa, de 11,0 a 11,9, esse número sobe para nove. Este é um achado importante e que pode ser também observado na tabela já apresentada e que trata do ranking dos municípios com maiores TMM-S no Estado. A tendência é a do número de municípios com população rural maior do que a urbana aumentar conforme aumentam, em contrapartida, as TMM-S.

**Tabela 13 – Municípios com TMM-S média de 12,0 a 12,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
--------	------------	------------------	-----------------	-----------------	-------

1	Lajeado do Bugre	706	1.781	2.487	12,063
2	Ivoti	18.065	1.812	19.877	12,074
3	Independência	4.157	2.461	6.618	12,088
4	Vera Cruz	13.320	10.666	23.986	12,090
5	Tabaí	1.246	2.885	4.131	12,104
6	Santana da Boa Vista	3.725	4.519	8.244	12,130
7	São José dos Ausentes	2.062	1.228	3.290	12,158
8	Boa Vista do Buricá	4.368	2.208	6.576	12,165
9	Rodeio Bonito	4.310	1.433	5.743	12,189
10	Ilópolis	2.203	1.895	4.098	12,201
11	Bom Retiro do Sul	9.162	2.310	11.472	12,204
12	Silveira Martins	1.091	1.361	2.452	12,235
13	Nova Pádua	732	1.713	2.445	12,270
14	Cachoeira do Sul	71.699	12.128	83.827	12,287
15	Porto Xavier	5.210	5.350	10.560	12,311
16	São Gabriel	53.860	6.648	60.508	12,395
17	Vacaria	57.337	4.008	61.345	12,552
18	Rosário do Sul	34.938	4.813	39.751	12,578
19	Gramado Xavier	529	3.441	3.970	12,594
20	Salto do Jacuí	10.208	1.672	11.880	12,626
21	Machadinho	3.385	2.130	5.515	12,693
22	Vista Alegre do Prata	463	1.106	1.569	12,747
23	Tupandi	2.716	1.203	3.919	12,758
24	Campo Novo	4.109	1.350	5.459	12,823
25	Teutônia	23.317	3.948	27.265	12,837
26	Morro Redondo	2.648	3.583	6.231	12,839
27	Bom Progresso	1.146	1.182	2.328	12,887
28	Barra do Guarita	1.371	1.718	3.089	12,949
29	Soledade	24.040	6.025	30.065	12,972
30	São Borja	55.139	6.523	61.662	12,974
31	Canela	35.840	3.398	39.238	12,998

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, podem ser observados os 31 municípios cujas TMM-S estão na faixa de 12,0 a 12,9. Destes, 11 contam com população rural maior do que a urbana. Os demais possuem população urbana maior do que a rural. A população total varia de cerca de 1.500 habitantes no município de Vista Alegre do Prata, até cerca de 83.000 habitantes no município de Cachoeira do Sul. A taxa mais baixa para este grupo pertence ao município de Lajeado do Bugre e a mais alta a Canela, na serra gaúcha.

**Tabela 14 – Municípios com TMM-S média de 13,0 a 13,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Maquiné	2.067	4.841	6.908	13,028

2	Boqueirão do Leão	1.672	6.001	7.673	13,033
3	Lavras do Sul	4.748	2.921	7.669	13,040
4	Barracão	3.035	2.320	5.355	13,072
5	Pantano Grande	8.314	1.581	9.895	13,138
6	Não-Me-Toque	13.966	1.972	15.938	13,176
7	Gramado dos Loureiros	526	1.743	2.269	13,222
8	Arroio dos Ratos	12.958	650	13.608	13,228
9	Nonoai	9.067	3.009	12.076	13,249
10	Santo Antônio das Missões	6.788	4.422	11.210	13,381
11	Erebango	1.958	1.012	2.970	13,468
12	Taquaruçu do Sul	1.164	1.806	2.970	13,468
13	Chuí	5.699	220	5.919	13,516
14	Herveiras	384	2.570	2.954	13,541
15	São Jerônimo	17.062	5.079	22.141	13,550
16	Bom Princípio	9.201	2.591	11.792	13,569
17	Veranópolis	19.847	2.968	22.815	13,588
18	Santa Bárbara do Sul	6.985	1.844	8.829	13,592
19	Bozano	629	1.571	2.200	13,636
20	Paulo Bento	594	1.602	2.196	13,661
21	São Domingos do Sul	1.748	1.178	2.926	13,671
22	Santa Cruz do Sul	105.184	13.103	118.287	13,696
23	Redentora	3.002	7.220	10.222	13,696
24	Aratiba	3.316	3.252	6.568	13,703
25	Ibarama	1.053	3.318	4.371	13,727
26	Condor	4.034	2.518	6.552	13,736
27	Cristal	4.077	3.203	7.280	13,736
28	Alto Feliz	813	2.095	2.908	13,755
29	Cândido Godói	1.846	4.689	6.535	13,772
30	Riozinho	2.748	1.579	4.327	13,866
31	Relvado	734	1.421	2.155	13,921
32	Erval Seco	3.437	4.441	7.878	13,963
33	Lajeado	71.216	265	71.481	13,990

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima, encontram-se aqueles municípios cujas TMM-S médias variam de 13,0 a 13,9. Neste grupo, a taxa mais baixa pertence ao município de Maquiné e a mais alta ao município de Lajeado, sendo que 13 municípios possuem a população rural maior do que a urbana. Os 20 restantes possuem, ao inverso, a população urbana maior do que a rural. A população total dos municípios listados neste grupo varia de cerca de 118.000 habitantes, no município de Santa Cruz do Sul, a 2.155 habitantes, no município de Relvado.

**Tabela 15 – Municípios com TMM-S média de 14,0 a 14,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
--------	------------	------------------	-----------------	-----------------	-------

1	Sobradinho	11.349	2.936	14.285	14,001
2	Colorado	1.844	1.706	3.550	14,085
3	Horizontina	14.571	3.779	18.350	14,169
4	Ciríaco	2.494	2.428	4.922	14,222
5	Humaitá	2.911	2.008	4.919	14,231
6	Pareci Novo	981	2.530	3.511	14,241
7	Formigueiro	2.769	4.245	7.014	14,257
8	Júlio de Castilhos	16.106	3.473	19.579	14,301
9	Eugênio de Castro	1.480	1.317	2.797	14,301
10	Jóia	2.089	6.240	8.329	14,407
11	Palmitinho	3.393	3.527	6.920	14,451
12	Glorinha	2.068	4.817	6.885	14,524
13	Cerro Grande do Sul	2.486	7.794	10.280	14,591
14	Jaboticaba	1.487	2.624	4.111	14,595
15	Nova Petrópolis	14.146	4.912	19.058	14,692
16	Maçambará	1.312	3.430	4.742	14,762
17	Iraí	4.457	3.621	8.078	14,855
18	Arroio do Meio	14.663	4.120	18.783	14,907
19	Fontoura Xavier	4.093	6.619	10.712	14,937
20	Alpestre	2.211	5.816	8.027	14,950
21	Tavares	3.299	2.052	5.351	14,950
22	Salvador das Missões	1.094	1.575	2.669	14,987

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Neste grupo cujas TMM-S variam de 14,0 a 14,9, pode-se observar que dos 22 municípios agrupados, 12 deles possuem população rural maior do que a urbana, ou seja, cerca de 50% dos municípios listados. Observa-se também que a população total não ultrapassa o marco de 19.579 habitantes no município de Júlio de Castilhos. Sobradinho apresenta a TMM-S mais baixa para este extrato e Salvador das Missões apresenta a TMM-S mais alta, de 14,9.

**Tabela 16 – Municípios com TMM-S média de 15,0 a 15,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Arroio do Tigre	5.962	6.686	12.648	15,022
2	Lagoa Bonita do Sul	384	2.278	2.662	15,026
3	Casca	5.087	3.561	8.648	15,032
4	Vanini	1.001	983	1.984	15,121
5	Caçapava do Sul	25.420	8.280	33.700	15,134
6	Três de Maio	18.962	4.764	23.726	15,173
7	Canguçu	19.696	33.572	53.268	15,206
8	Frederico Westphalen	23.338	5.510	28.848	15,252
9	Cambará do Sul	3.041	3.504	6.545	15,279
10	Fortaleza dos Valos	2.993	1.584	4.577	15,294
11	Santo Cristo	7.781	6.597	14.378	15,301

12	Tapera	8.824	1.628	10.452	15,308
13	Cotiporã	2.048	1.869	3.917	15,318
14	Ipiranga do Sul	679	1.265	1.944	15,432
15	São Vendelino	1.353	591	1.944	15,432
16	Coronel Bicaco	5.068	2.680	7.748	15,488
17	Passa Sete	555	4.604	5.159	15,507
18	Pinheirinho do Vale	915	3.588	4.503	15,545
19	Pontão	1.559	2.298	3.857	15,556
20	Novo Cabrais	545	3.310	3.855	15,564
21	São Martinho da Serra	942	2.259	3.201	15,620
22	Vale Real	4.569	552	5.121	15,622
23	Arvorezinha	6.277	3.952	10.229	15,642
24	Pinhal Grande	1.895	2.576	4.471	15,656
25	Nova Bréscea	1.511	1.673	3.184	15,704
26	Rolador	608	1.938	2.546	15,711
27	Nova Palma	3.083	3.262	6.345	15,760
28	Esmeralda	2.128	1.041	3.169	15,778
29	Santa Clara do Sul	2.849	2.843	5.692	15,812
30	Mariana Pimentel	638	3.130	3.768	15,924
31	Três Palmeiras	2.090	2.291	4.381	15,978
32	Chapada	5.573	3.804	9.377	15,997

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

No grupo acima destacado, encontram-se as TMM-S médias que variam de 15,0 a 15,9. O grupo conta com 32 municípios, sendo que 15 deles apresentam a população rural maior do que a urbana. Cabe observar que, em alguns casos, como do município de Santa Clara do Sul e Vanini, a diferença entre essas duas populações é quase insignificante. Insta ainda destacar que são municípios, em geral, com população total pequena, não passando de 34.000 habitantes.

**Tabela 17 – Municípios com TMM-S média de 16,0 a 16,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	São Francisco de Paula	13.007	7.533	20.540	16,066
2	Cacequi	11.964	1.721	13.685	16,076
3	Chувиска	273	4.671	4.944	16,181
4	Mato Castelhano	521	1.949	2.470	16,194
5	Porto Vera Cruz	440	1.412	1.852	16,199
6	São Luiz Gonzaga	30.511	4.047	34.558	16,205
7	Cruzeiro do Sul	7.478	4.853	12.331	16,219
8	Fazenda Vilanova	2.013	1.684	3.697	16,229
9	Entre Rios do Sul	2.130	950	3.080	16,234
10	Santiago	44.746	4.336	49.082	16,299
11	Rondinha	2.317	3.203	5.520	16,304

12	Giruí	12.917	4.168	17.085	16,389
13	Jacutinga	2.570	1.060	3.630	16,529
14	Estrela Velha	1.167	2.461	3.628	16,538
15	Cerro Grande	830	1.587	2.417	16,549
16	Caseiros	1.488	1.519	3.007	16,628
17	Pedro Osório	7.309	508	7.817	16,630
18	Roque Gonzales	3.090	4.116	7.206	16,653
19	Muitos Capões	964	2.013	2.977	16,795
20	São Sepé	18.821	4.977	23.798	16,808
21	Quatro Irmãos	919	859	1.778	16,873
22	São João da Urtiga	2.291	2.435	4.726	16,928

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, o grupo de municípios que compõe as TMM-S de 16,0 a 16,9. Este grupo é composto por 22 municípios cuja população total varia de 49.082 habitantes em Santiago a 1.778 habitantes em Quatro Irmãos. Dos 22 municípios do grupo, 11 deles possuem população rural maior do que a urbana, ou seja, a metade dos mesmos. Os 11 restantes possuem a população urbana maior. O município com a TMM-S mais baixa do grupo é São Francisco de Paula e o município com a maior TMM-S é São João da Urtiga.

**Tabela 18 – Municípios com TMM-S média de 17,0 a 17,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Sertão Santana	1.278	4.572	5.850	17,094
2	Três Forquilhas	385	2.527	2.912	17,170
3	Lindolfo Collor	4.289	940	5.229	17,212
4	Ibirapuitã	2.391	1.670	4.061	17,237
5	Charrua	584	2.887	3.471	17,286
6	Travesseiro	887	1.427	2.314	17,286
7	Sentinela do Sul	1.279	3.918	5.197	17,318
8	Benjamin Constant do Sul	341	1.966	2.307	17,339
9	Picada Café	4.559	623	5.182	17,368
10	São Pedro do Butiá	1.209	1.664	2.873	17,403
11	Seberi	5.923	4.979	10.902	17,428
12	Dezesseis de Novembro	667	2.199	2.866	17,446
13	Santa Tereza	624	1.093	1.717	17,472
14	Tenente Portela	8.847	4.869	13.716	17,498
15	Tuparendi	5.294	3.263	8.557	17,530
16	São Lourenço do Sul	24.234	18.880	43.114	17,628
17	Lagoa Vermelha	24.140	3.389	27.529	17,799
18	Entre-Ijuís	4.893	4.045	8.938	17,901
19	Westfalia	1.130	1.663	2.793	17,902

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima, encontram-se dispostos os municípios do Estado cujas TMM-S encontram-se na faixa de 17,0 a 17,9. Compõem o grupo 19 municípios, sendo que dez deles possuem a população rural maior do que a urbana. Os nove municípios restantes possuem a população urbana maior. São municípios pequenos cuja população total não ultrapassa 28.000 habitantes. O menor município listado acima é Santa Tereza, com 1.717 habitantes apenas.

**Tabela 19 – Municípios com TMM-S média de 18,0 a 18,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Cerro Largo	10.571	2.718	13.289	18,060
2	São Pedro da Serra	1.431	1.886	3.317	18,089
3	Nova Candelária	709	2.042	2.751	18,175
4	Esperança do Sul	844	2.428	3.272	18,337
5	Três Passos	19.060	4.913	23.973	18,354
6	Manoel Viana	5.364	1.710	7.074	18,377
7	Campestre da Serra	1.232	2.015	3.247	18,479
8	Piratini	11.564	8.267	19.831	18,658
9	Cruzaltense	489	1.652	2.141	18,683
10	Santa Vitória do Palmar	26.890	4.112	31.002	18,708
11	Amaral Ferrador	1.866	4.489	6.355	18,883
12	Nova Alvorada	1.332	1.845	3.177	18,886
13	Candelária	15.715	14.461	30.176	18,889
14	Vila Maria	2.249	1.972	4.221	18,953

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

A tabela 19 traz a lista dos municípios cujas TMM-S encontram-se entre 18,0 e 18,9. São 14 municípios que ocupam essa faixa de distribuição e a metade destes possui a população rural maior do que a urbana. Ressalte-se que o maior município listado é o de Santa Vitória do Palmar, com 31.002 habitantes, e o menor acima listado é o município de Cruzaltense, com 2.141 habitantes. O município do grupo com a menor TMM-S é Cerro Largo e a maior TMM-S pertence ao município de Vila Maria, no noroeste do Estado.

**Tabela 20 – Municípios com TMM-S média de 19,1 a 19,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Barão	2.967	2.775	5.742	19,157
2	Quinze de Novembro	1.961	1.692	3.653	19,162
3	Erval Grande	2.690	2.477	5.167	19,354
4	Montauri	644	898	1.542	19,455
5	Coqueiro Baixo	282	1.246	1.528	19,634
6	Ibirubá	15.344	3.968	19.312	19,677
7	Barros Cassal	3.531	7.602	11.133	19,761
8	Florianópolis	292	1.726	2.018	19,822
9	Turuçu	1.487	2.035	3.522	19,875

10	Barão de Cotegipe	3.966	2.563	6.529	19,911
11	Passo do Sobrado	1.429	4.582	6.011	19,963
12	Barra do Rio Azul	403	1.600	2.003	19,970

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Os municípios acima destacados possuem suas taxas médias de suicídio na faixa de 19,1 a 19,9. São 12 municípios que compõem o grupo acima descrito. Em apenas cinco deles a população urbana é maior do que a rural. O município de Barão possui a TMM-S mais baixa do grupo e Barra do Rio Azul lidera o grupo com a maior taxa dentro do extrato.

**Tabela 21 – Municípios com TMM-S média de 20,0 a 20,8/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Mampituba	568	2.429	2.997	20,020
2	Selbach	3.450	1.479	4.929	20,288
3	Toropi	611	2.341	2.952	20,325
4	Getúlio Vargas	13.864	2.292	16.156	20,426
5	Dona Francisca	2.146	1.255	3.401	20,582
6	Colinas	1.105	1.315	2.420	20,661
7	Vale do Sol	1.249	9.828	11.077	20,764
8	São Martinho	3.441	2.332	5.773	20,786
9	Dom Feliciano	3.334	11.046	14.380	20,862

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, encontram-se listados nove municípios cujas taxas médias de suicídio observadas de 2000 a 2010 concentram-se na faixa de 20,0 a 20,8. Mampituba é o município com a menor taxa do grupo, e Dom Feliciano constitui-se no município com a taxa maior. Dos nove municípios, cinco deles possuem a população rural maior do que a urbana e os quatro restantes, por sua vez, possuem a população urbana maior do que a rural, todavia, observe-se que, em geral, são municípios com população total pequena.

**Tabela 22 – Municípios com TMM-S média de 21,0 a 21,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Três Arroios	1.027	1.828	2.855	21,016
2	Lagoão	1.655	4.530	6.185	21,019
3	General Câmara	4.971	3.481	8.452	21,297
4	Pouso Novo	630	1.245	1.875	21,333
5	Venâncio Aires	41.416	24.548	65.964	21,527
6	Braga	2.282	1.420	3.702	21,610
7	São Jorge	1.451	1.323	2.774	21,629
8	Alto Alegre	743	1.105	1.848	21,645
9	Putinga	1.583	2.564	4.147	21,702
10	Pirapó	777	1.980	2.757	21,763
11	Derrubadas	901	2.289	3.190	21,944

12	São Paulo das Missões	2.199	4.168	6.367	21,988
----	-----------------------	-------	-------	-------	--------

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

A tabela 22 apresenta os municípios com TMM-S média entre 21,0 e 21,9. São 12 os municípios componentes do grupo. Três Arroios é o município com a taxa mais baixa e São Paulo das Missões é o município com a taxa mais alta. Dos 12 municípios listados, oito deles possuem a população rural maior do que a urbana.

**Tabela 23 – Municípios com TMM-S média de 22,0 a 22,8/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	São Valentim	1.744	1.888	3.632	22,026
2	Salvador do Sul	4.009	2.738	6.747	22,232
3	São Francisco de Assis	13.499	5.759	19.258	22,328
4	São Vicente do Sul	5.881	2.559	8.440	22,512
5	Augusto Pestana	3.657	3.440	7.097	22,545
6	São Pedro do Sul	11.932	4.439	16.371	22,601
7	Mariano Moro	1.153	1.057	2.210	22,624
8	Tunas	1.375	3.020	4.395	22,753
9	Planalto	5.932	4.592	10.524	22,805

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, estão dispostos nove municípios cujas TMM-S encontram-se na faixa de 22,0 a 22,8. Em sete deles a população urbana é maior do que a rural, todavia, são municípios pequenos, uma vez que a população total do maior deles, São Francisco de Assis, não ultrapassa 20.000 habitantes. Em alguns casos, como Mariano Moro, é pouco significativa a diferença entre as populações urbana e rural. O município com a TMM-S mais baixa é São Valentim, e Planalto possui a TMM-S mais alta do grupo.

**Tabela 24 – Municípios com TMM-S média de 23,1 a 23,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Paraíso do Sul	2.852	4.484	7.336	23,173
2	Itati	212	2.377	2.589	23,175
3	Encruzilhada do Sul	17.117	7.420	24.537	23,230
4	Santo Antônio do Palma	681	1.458	2.139	23,375
5	Guarani das Missões	5.030	3.085	8.115	23,413
6	Brochier	2.296	2.381	4.677	23,519
7	Centenário	949	2.018	2.967	23,593
8	Maratá	753	1.774	2.527	23,744
9	Porto Lucena	2.337	3.084	5.421	23,981

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, os municípios cujas TMM-S variam de 23,1 a 23,9. Paraíso do Sul conta com a taxa mais baixa do grupo, enquanto Porto Lucena lidera com a taxa mais alta. O município

com a maior população total é Encruzilhada do Sul, e a menor população total pertence ao município de Maratá. Ainda, apenas dois municípios do grupo possuem população urbana maior do que a rural, caso de Encruzilhada do Sul e de Guarani das Missões.

**Tabela 25 – Municípios com TMM-S média de 24,2 a 24,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Pinheiro Machado	9.791	2.996	12.787	24,243
2	São José do Hortêncio	2.645	1.449	4.094	24,426
3	Viadutos	2.643	2.668	5.311	24,477
4	Bossoroca	3.682	3.205	6.887	24,684
5	Miraguaí	2.069	2.786	4.855	24,717
6	Chiapetta	2.470	1.574	4.044	24,728
7	Garruchos	1.056	2.177	3.233	24,745
8	Crissiumal	6.124	7.961	14.085	24,849
9	Senador Salgado Filho	880	1.934	2.814	24,876
10	Rio dos Índios	755	2.861	3.616	24,889
11	Jorge Gomes	378	1.229	1.607	24,891
12	Estação	5.119	892	6.011	24,954

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima, encontram-se aqueles municípios do Estado cujas TMM-S encontram-se entre 24,2 e 24,9. São 12 municípios que compõem o grupo, liderados por Estação, cuja TMM-S é de 24,9. A TMM-S mais baixa pertence ao município de Pinheiro Machado. Os municípios listados acima são, no geral, muito pequenos, sendo que a maior população total é de 14.085 habitantes em Crissiumal. Dos 12 municípios do grupo, a metade conta com população urbana maior do que a rural.

**Tabela 26 – Municípios com TMM-S média de 25,0 a 25,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Guabiju	738	860	1.598	25,031
2	Alegria	1.585	2.716	4.301	25,575
3	Mato Leitão	1.621	2.248	3.869	25,846
4	Trindade do Sul	2.899	2.888	5.787	25,920

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, os quatro municípios que compõem o grupo de municípios cujas TMM-S estão na faixa de 25,0 a 25,9. Pode-se dizer que, de maneira geral, tal grupo possui a população rural maior do que a urbana, com exceção de Trindade do Sul, que possui apenas 11 habitantes a mais na área urbana do que na área rural. Observe-se que são municípios bem pequenos que compõem este grupo. O maior deles, Trindade do Sul, possui apenas 5.787 habitantes no total de sua população.

**Tabela 27 – Municípios com TMM-S média de 26,1 a 26,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Ubiretama	500	1.796	2.296	26,132
2	Monte Belo do Sul	770	1.900	2.670	26,217
3	Victor Graeff	1.284	1.752	3.036	26,350
4	Itatiba do Sul	1.729	2.442	4.171	26,373
5	Santa Maria do Herval	4.362	1.691	6.053	26,433
6	Imigrante	1.501	1.524	3.025	26,446
7	Cerrito	3.747	2.657	6.404	26,546
8	Sede Nova	1.581	1.430	3.011	26,569
9	União da Serra	280	1.207	1.487	26,900

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

A tabela acima trata dos municípios cujas TMM-S encontram-se na faixa de 26,1 a 26,9. São nove municípios que compõem este grupo e, em sua maioria, a população rural é maior do que a urbana. A exceção fica para os municípios de Santa Maria do Herval, Cerrito e Sede Nova. São pequenos municípios também que compõem este grupo, sendo que a maior população total chega a apenas 6.053 habitantes em Santa Maria do Herval. O município com a menor TMM-S é Ubiretama, e com a maior é União da Serra, com TMM-S de 26,9.

**Tabela 28 – Municípios com TMM-S média de 27,2 a 27,8/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Marcelino Ramos	2.722	2.412	5.134	27,269
2	Dois Lajeados	1.563	1.717	3.280	27,439
3	Vale Verde	882	2.371	3.253	27,667
4	Tiradentes do Sul	2.098	4.363	6.461	27,859

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, os quatro municípios componentes do grupo que possui as taxas médias de suicídio na faixa de 27,2 a 27,8. São municípios pequenos e a maior população total é de 6.461 habitantes, em Tiradentes do Sul. A menor taxa fica para a cidade de Marcelino Ramos e a maior para o município de Tiradentes do Sul. Em apenas um dos municípios a população urbana é maior do que a rural, caso de Marcelino Ramos.

**Tabela 29 – Municípios com TMM-S média de 28,1 a 28,6/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Herval	4.523	2.234	6.757	28,119
2	Presidente Lucena	1.511	974	2.485	28,169
3	Ponte Preta	512	1.238	1.750	28,571
4	Agudo	6.894	9.835	16.729	28,693

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Apenas quatro municípios compõem o grupo cujas TMM-S encontram-se na faixa de 28,1 a 28,6. Os municípios de Herval e Presidente Lucena possuem a população urbana maior do que a rural, ficando para Ponte Preta e Agudo as populações rurais maiores do que as urbanas. O maior município do grupo é Agudo, cuja população total é de 16.729 habitantes, e o menor município é Ponte Preta, com apenas 1.750 habitantes.

**Tabela 30 – Municípios com TMM-S média de 29,1 a 29,5/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Roca Sales	6.602	3.685	10.287	29,163
2	Marques de Souza	1.545	2.523	4.068	29,499
3	Doutor Ricardo	693	1.337	2.030	29,557

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Este grupo encontra-se composto por apenas três municípios: Roca Sales, Marques de Souza e Doutor Ricardo. Destes, apenas Roca Sales conta com população urbana maior do que a rural. A TMM-S mais alta pertence ao município de Doutor Ricardo cuja população total é de 2.030 habitantes.

**Tabela 31 – Município com TMM-S média de 30,7/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Linha Nova	416	1.208	1.624	30,788

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, com taxa média de suicídios de 30,7, tem-se apenas o município de Linha Nova, cuja população rural é quase três vezes maior do que a população urbana que, por sua vez, é muito pequena, com cerca de 400 habitantes.

**Tabela 32 – Municípios com TMM-S média de 31,2 a 31,7/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Lagoa dos Três Cantos	807	791	1.598	31,289
2	São José do Herval	867	1.337	2.204	31,760

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela 32, encontram-se apenas dois municípios cujas TMM-S variam de 31,2 a 31,7. Fazem parte deste grupo os municípios de Lagoa dos Três Cantos e São José do Herval, ambos com população total muito pequena.

**Tabela 33 – Municípios com TMM-S média de 32,0 a 32,6/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	David Canabarro	1.912	2.771	4.683	32,031
2	Forquetinha	465	2.008	2.473	32,349
3	Coqueiros do Sul	904	1.553	2.457	32,560

4	Alecrim	2.165	4.880	7.045	32,647
---	---------	-------	-------	-------	--------

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, os quatro municípios componentes do grupo cujas TMM-S variam de 32,0 a 32,6. Em nenhum destes municípios a população urbana é maior do que a população rural, confirmando, em boa medida, o que já se observou nas tabelas anteriores, ou seja, a articulação entre as TMM-S mais altas em pequenos municípios com população rural significativa.

**Tabela 34 – Município com TMM-S média de 33,2/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Canudos do Vale	411	1.396	1.807	33,204

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, o município de Canudos do Vale, cuja TMM-S é de 33,2 e, a exemplo do que ocorreu na tabela anterior, a população rural resta destacada.

**Tabela 35 – Município com TMM-S média de 35,7/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Sinimbu	1.437	8.630	10.067	35,760

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Apenas Sinimbu compõe esta faixa de TMM-S. Também aqui a população rural mantém-se superior à população urbana, característica que tem se mantido para as TMM-S mais altas no Estado.

**Tabela 36 – Municípios com TMM-S média de 39,2 a 39,5/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Campina das Missões	2.188	3.929	6.117	39,235
2	Boa Vista do Sul	391	2.387	2.778	39,597

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Dois municípios com população total pequena e população rural maior do que a urbana compõem este grupo: Campinas das Missões e Boa Vista do Sul. As TMM-S são de 39,2 e 39,5 respectivamente.

**Tabela 37 – Município com TMM-S média de 40,0/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Campos Borges	2006	1.488	3.494	40,069

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, o município de Campos Borges, cuja TMM-S é de 40,0. Neste caso, a população urbana é um pouco maior, todavia, a população total não chega aos 3.500 habitantes.

**Tabela 38 – Município com TMM-S média de 41,1/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	André da Rocha	496	720	1.216	41,118

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

André da Rocha é o único município pertencente ao grupo dos 41,1/100.000. A pequena população total é de apenas 1.216 habitantes, mantida a característica da população rural maior do que a população urbana.

**Tabela 39 – Município com TMM-S média de 42,3/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Sete de Setembro	494	1.632	2.126	42,333

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, o município de Sete de Setembro, cuja população total é de 2.126 habitantes e a população rural segue sendo maior do que a urbana. A TMM-S deste município é de 42,3.

**Tabela 40 – Município com TMM-S média de 44,6/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Poço das Antas	861	1.156	2.017	44,621

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

O município de Poço das Antas é o único deste extrato, cuja TMM-S fica em 44,6. A população total é de 2.017 habitantes e a população rural também se mantém maior do que a urbana.

**Tabela 41 – Municípios com TMM-S média de 45,2 a 45,9/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Santo Antônio do Planalto	1.233	754	1.987	45,294
2	Nova Boa Vista	578	1.382	1.960	45,918

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Santo Antônio do Planalto e Nova Boa Vista, cidades localizadas no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, compõem a dupla de municípios deste grupo. Santo Antônio do Planalto possui a população urbana maior do que a rural, todavia, é um município que pode ser considerado, a exemplo de outros já destacados, com atividade econômica predominantemente agrícola. Nova Boa Vista possui a TMM-S mais alta, de 45,9.

**Tabela 42 – Município com TMM-S média de 46,0/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Cristal do Sul	931	1.895	2.826	46,001

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Acima, o município de Cristal do Sul com TMM-S de 46,0/100.000, população total de 2.826 habitantes e população rural maior do que a população urbana.

**Tabela 43 – Município com TMM-S média de 61,3/100.000 (2000-2010)**

Número	Municípios	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Sério	530	1.751	2.281	61,377

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Por fim, resta o município de Sério, cuja TMM-S é a maior do Estado na média para os 10 anos analisados. A TMM-S é de 61,3 e a população rural segue sendo maior do que a população urbana. O município encontra-se localizado próximo a Lajeado, no Vale do Taquari. É um pequeno município cuja atividade econômica principal é a agropecuária. É uma cidade relativamente jovem, uma vez que foi criada em 1992, ano de sua emancipação.

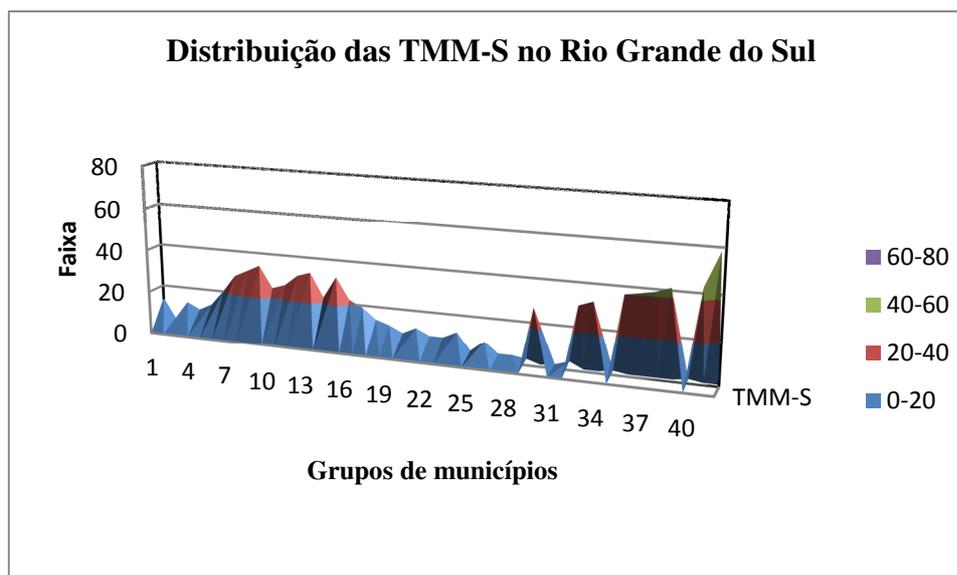
**Tabela 44 – TMM-S média do Estado do Rio Grande do Sul/100.000 (2000-2010)**

Número	Estado	População Urbana	População Rural	População Total	TMM-S
1	Rio Grande do Sul	9.102.241	1.593.291	10.695.532	10,078

Fonte: Construção da autora a partir de dados do IBGE e DATASUS.

Na tabela acima, consta a média das taxas de mortalidade por suicídio no Estado, de 2000 a 2010. A TMM-S média é de 10,0/100.00 para os 498 municípios analisados. As tabelas acima retratadas apresentaram uma espécie de configuração das TMM-S no Rio Grande do Sul. Entre os principais achados aqui destacados, encontra-se o crescimento das TMM-S em pequenos municípios do Estado. As TMM-S crescem na mesma medida em que a população geral se reduz e, dentro desta, cresce o tamanho da população rural em detrimento da população urbana. Este é um movimento importante e que pode ser observado através das tabelas acima apresentadas. É um achado que merece destaque e que vem se reproduzindo de forma regular não apenas nos dez anos analisados, mas que, desde 1990, se movimenta na mesma direção.

Abaixo, segue o gráfico ilustrativo e complementar da distribuição das TMM-S no Estado na relação com os grupos de municípios que as compõem. Os pequenos municípios do Estado tendem à presença de TMM-S maiores do que os municípios maiores, com populações urbanas proeminentes.



Fonte: Construção da autora.

**Figura 2– Distribuição das TMM-S no Rio Grande do Sul**

Passa-se agora à descrição dos Inquéritos Policiais, complementando a análise acima destacada.

### 6.3 Os Inquéritos Policiais

Abaixo são apresentados os Inquéritos Policiais (IPs), as informações e o relato das mortes por suicídio pelo olhar dos parentes e/ou das autoridades policiais que estiveram no local por ocasião da morte, além de detalhes contidos nos mesmos. Alguns IPs estão concluídos e outros não. Esse fato causa rebatimentos na quantidade e na qualidade das informações constantes no documento. Os IPs mais recentes são aqueles que, em sua maioria, ainda não estão concluídos em função da demora do próprio processo na Justiça. Todavia, restam informados como suicídio nos IPs,<sup>562</sup> uma vez que as condições em que os corpos foram encontrados e a experiência dos profissionais que compareceram ao local do incidente apontaram para tal informação já na abertura dos próprios IPs. Por fim, os IPs são de suicídios ocorridos no município de Garibaldi e alguns municípios que se encontram vinculados à

<sup>562</sup> Este fato nem sempre se dá assim como o descrito. Um caso particular de “suicídio” causou constrangimento a esta pesquisadora. Em um IP, a causa da morte apontava o suicídio. Assim, foi marcada a entrevista com a mãe do suicida. Chegando ao local do fato e após conversa com os familiares, observou-se o Auto de Necropsia que não constava no IP, mas já estava com os familiares. Neste documento, a causa da morte constava como indeterminada. A presença desta pesquisadora no local causou grande constrangimento, uma vez que a família nunca havia suspeitado de suicídio e não sabia, efetivamente, o que havia acontecido para que no IP essa questão estivesse posta. Isso implica dizer que, nem sempre, na abertura dos IPs a causa ali apontada seja, de fato, confirmada. Esta entrevista foi, por óbvio, descartada, todavia não foi uma situação agradável para esta pesquisadora e menos ainda para a família que não conseguiu entender a presença da mesma para tratar do suposto “suicídio” do filho, levantando dúvidas, suspeitas acerca da morte do mesmo. Assim, resta muitas vezes problemática a situação envolvendo o apontado nos IPs. Cabe, ainda, questionar se tal informação foi repassada aos órgãos responsáveis pelas informações sobre a mortalidade, pois pode causar distorções nos dados.

Delegacia de Polícia local, como Boa Vista do Sul. Foram nove os Inquéritos Policiais selecionados. Destes, seis pertencem ao município de Garibaldi e três deles ao município de Boa Vista do Sul. Abaixo, os quadros com os IPs, assim como o relato da morte presente neste documento.<sup>563</sup>

Identificação do Inquérito Policial: 23/2012
<b>Identificação da vítima: Dona Rosa</b>
<b>Data de nascimento: 20/06/1932</b>
<b>Sexo: feminino</b>
<b>Cor: branca</b>
<b>Profissão: agricultora</b>
<b>Área: rural</b>
<b>Grau de Instrução: ensino fundamental</b>
<b>Situação civil: casada</b>
<b>Data do suicídio: 06/01/2012</b>
<b>Forma do suicídio: enforcamento</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: residência</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 8 – Inquérito Policial nº 23/2012**

A filha encontrou a mãe enforcada e chamou a irmã, o irmão e o pai. De acordo com os familiares, a vítima já havia realizado duas cirurgias na cabeça e utilizava medicação contínua para “os nervos” e para pressão alta. Nada mais consta.

Identificação do Inquérito Policial: IP 108/2012
<b>Identificação da vítima: Seu Virgílio</b>
<b>Data de nascimento: 15/10/1949</b>
<b>Sexo: masculino</b>
<b>Cor: branca</b>
<b>Profissão: aposentado</b>
<b>Área: não informado</b>
<b>Grau de Instrução: não informado</b>
<b>Situação civil: casado</b>
<b>Data do suicídio: 19/02/2012</b>
<b>Forma do suicídio: não informado</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: Linha férrea</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 9 – Inquérito Policial 108/2012**

<sup>563</sup> Todos os nomes próprios utilizados neste estudo são fictícios, criados para impossibilitar a identificação dos sujeitos da pesquisa.

O IP acima trata da morte de uma pessoa que cometeu suicídio atirando-se na frente de um trem em movimento. A vítima foi encontrada ainda com vida, todavia, seu corpo encontrava-se separado em duas partes, mas ainda respirando e fazendo alguns movimentos. A pessoa que o encontrou, comunicou aos Bombeiros Voluntários de Garibaldi que conduziram parte do corpo para o hospital, deixando os membros inferiores no local. Em seguida, a vítima veio a falecer. Segundo testemunhas, o homem se atirou em baixo do último vagão do trem e o maquinista não percebeu que o fato havia ocorrido. A locomotiva puxava seis vagões com passageiros. De acordo com o filho da vítima, o pai era depressivo e estava em tratamento. O corpo foi encaminhado para necropsia.

Identificação do Inquérito Policial: 378/2011
<b>Identificação da vítima: Ângelo</b>
<b>Data de nascimento: 27/01/1990</b>
<b>Sexo: masculino</b>
<b>Cor: branca</b>
<b>Profissão: não informado, mas trabalhava</b>
<b>Área: rural</b>
<b>Grau de Instrução: ensino fundamental</b>
<b>Situação civil: solteiro</b>
<b>Data do suicídio: 19/03/2011</b>
<b>Forma do suicídio: enforcamento</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: local de trabalho</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 10 – Inquérito Policial nº 378/2011**

O IP acima trata do suicídio de um jovem de 21 anos. O corpo foi encontrado enforcado no interior de um dos aviários da empresa em que trabalhava. Cabe destacar que na ocasião este espaço estava desativado. A vítima estava sendo procurada pelos familiares há quatro dias. A Brigada Militar já havia sido acionada quando foi informado que na empresa havia uma pessoa enforcada. Um colega foi quem encontrou o corpo. O pai da vítima depôs na Delegacia, para o Termo de Declarações, e informou que sua ex-mulher havia ligado e perguntado se ele sabia que a vítima havia colidido na traseira de outro carro. O pai informou que não tinha conhecimento de nada. Foi então que a mãe da vítima, sua ex-mulher, informou que o filho disse que venderia o computador para pagar os danos causados aos dois veículos. No Termo, o pai informou que alguns dias antes o filho teria saído com o computador dizendo que iria consertá-lo. O pai, desconfiado, seguiu o filho até a igreja próxima da empresa, local no qual uma pessoa, em uma camionete, aguardava o filho. O pai, então, conversou com o motorista da camionete e anotou a placa da mesma para saber se o computador “voltaria”. Na

mesma data, o filho retornou para casa com o computador, atirou-o sobre a cama, bateu a porta e saiu, retornando tarde da noite. No dia seguinte, 16 de março, foi trabalhar normalmente. Como trabalhavam juntos (pai e filho na mesma empresa), o pai viu que ele estava dormindo sentado no trabalho. Chamou a atenção do filho falando que ele deveria “pedir as contas” na empresa. Em torno das 15h30min, Ângelo encerrou o expediente e, segundo informações de um colega, entrou no setor da caldeira, falando ao telefone e, posteriormente, seguindo em direção à sua residência. O pai viu o filho em torno das 17h, indo em direção a um posto de combustível próximo da cidade, que é também bar e restaurante. Informa o pai que esta foi a última vez que viu o filho com vida.

A mãe, separada do pai e moradora do município de Foz do Iguaçu, no Paraná, telefonou para o pai da vítima indagando o que havia ocorrido com o filho, eis que o mesmo ligou para ela pedindo perdão pelo que faria, pois seria algo que ela não perdoaria. A ligação caiu, e pai e mãe não falaram mais até o dia seguinte pela manhã, 17 de março, quando o pai informou que o filho disse que se mataria, todavia, sem declarar os motivos. Tentaram falar com o filho, mas este havia trocado o “chip” do telefone. O pai pensou que seu filho havia ido à casa da namorada, em Farroupilha. Ligou para ela, que não sabia de Ângelo. Perguntou, ainda, se ele estava usando algum tipo de droga, ao que ela respondeu que ele usava cocaína e que “ficava fora” após consumir a droga. Depois disso, o pai começou a procurar o filho que não voltava para casa e também não mais comparecia ao trabalho. Procurou no hospital da cidade e, então, foi até a Brigada Militar registrar o desaparecimento. Ainda no sábado, comentou na empresa acerca do desaparecimento do filho e que precisava encontrá-lo. O pai estava indo para Farroupilha procurá-lo quando recebeu um telefonema, avisando que haviam encontrado o corpo atrás da empresa, em um espaço abandonado. Ele retornou para Garibaldi e foi até o local, onde a polícia já se encontrava. O pai acredita que as dívidas com os carros e o uso de drogas possam ter levado o filho a cometer o suicídio. Acrescentou, por fim, que o “fio” utilizado por Ângelo para se enforcar é o mesmo que fica junto com as sucatas, próximo ao local onde ele se matou.

Além do pai, foi ouvida, no Termo de Declarações, uma pessoa que conhecia Ângelo há aproximadamente 05 anos e que, às vezes, trabalhava com ele em uma funilaria. Esta informou que Ângelo ofereceu a ele um computador, dizendo que precisava de dinheiro para viajar com a namorada para Foz do Iguaçu. Ele, então, foi até a igreja da empresa para pegar o computador e o pai de Ângelo estava lá e anotou a placa do seu carro. Neste mesmo dia, levou de volta o computador para Ângelo. Informou ainda que às vezes emprestava dinheiro para a vítima, mas que este sempre pagava. Não sabia que ele era usuário de drogas, mas disse que

Ângelo contava que discutia muito com o pai em casa e que queria sair de casa para morar com a namorada. Declarou também que Ângelo havia colidido em um carro e que não pagaria o conserto. A última vez que o viu foi em 15 de março, quando a vítima lhe entregou o computador e, no dia seguinte, mandou uma mensagem para Ângelo dizendo que não ficaria com o computador, ao que ele respondeu: “valeu então”. Depois disso não falou mais com ele e soube de sua morte através da rádio da cidade.

No Termo de Declarações, também foi ouvido um amigo de Ângelo que, algumas vezes, trabalhava com ele em uma lavagem de carros de propriedade do depoente. Este informou que Ângelo foi colocar o carro dele para frente, pois estava em uma faixa amarela, e acabou colidindo com outro carro, tendo um prejuízo de R\$ 530,00, relativo aos danos causados nos dois veículos. Informou que não cobrou de Ângelo os danos, mas que ele disse que pagaria. Declarou ainda, que havia emprestado R\$ 150,00 para a vítima para o pagamento de umas prestações que estavam atrasadas e que não estava pressionando para receber o valor. Falou com ele pela última vez no dia 13 de março e sabia que ele era usuário de drogas, mas não sabia de que tipo de drogas se tratava.

O colega de empresa que encontrou o corpo também foi ouvido. Este informou ser colega de Ângelo e que trabalhava na empresa há quase três anos, com a empilhadeira. No dia 15 de março, em torno das 16h, viu quando Ângelo estava indo embora e gritou: “já saindo?”. Ângelo abanou e foi embora. Diz que ele apanhou algo no chão, mas não viu o que foi. Sábado a tarde resolveu dar uma olhada nos galpões desativados da empresa (aviários). Foi quando encontrou a vítima enforcada. Fez ligações para encontrar o pai que estava chegando a Farroupilha procurando pelo filho. Por fim, a última pessoa a ser ouvida no Termo de Declarações foi um funcionário que trabalha na empresa há 25 anos, na área ambiental, e era colega de Ângelo. Este informou que sabia que Ângelo tinha desaparecido, pois havia conversado com o seu pai. Declarou ainda que ligaram para o pai da vítima no sábado a tarde para avisar que tinham encontrado o filho enforcado no interior do aviário desativado. Falou ainda sobre o “fio” em que o corpo estava enforcado, destacando que havia muitos desses na empresa, destinados para sucata e que estas haviam sido carregadas no dia 17 de março. Informou, por fim, que Ângelo era uma pessoa quieta e que ultimamente estava chegando atrasado ao trabalho.

A Declaração de Óbito de Ângelo traz, como causa da morte, a morte por asfixia mecânica por obstrução direta da faringe com corpo estranho, resinoso, fragmentado, seguido de enforcamento e que o diagnóstico foi confirmado por exame complementar (necropsia). Informa, igualmente, que a vítima trabalhava em “serviços gerais” na indústria (informação

não presente no IP) e que possuía de quatro a sete anos de estudo. A fotografia tirada por ocasião do encontro do corpo traz o jovem enforcado em um galpão simples de madeira, pendurado nas “tesouras” da construção de um antigo aviário. Na ponta do galpão, Ângelo está pendurado em fio duplo, vestindo camiseta, moletom, calça jeans e tênis e, também, um boné cujo desenho frontal, por ironia, traz um ponto de interrogação (?).

Identificação do Inquérito Policial: 449/2011
<b>Identificação da vítima: Jorge</b>
<b>Data de nascimento: 01/04/1981</b>
<b>Sexo: masculino</b>
<b>Cor: amarela</b>
<b>Profissão: não informado</b>
<b>Área: rural</b>
<b>Grau de Instrução: ensino fundamental</b>
<b>Situação civil: solteiro</b>
<b>Data do suicídio: 18/07/2009</b>
<b>Forma do suicídio: enforcamento</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: residência</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 11 – Inquérito Policial nº 449/2011**

O irmão de Jorge o encontrou em casa, enforcado em uma cortina vermelha, quando chegou do trabalho. A cortina estava envolta no pescoço de Jorge, amarrada na janela basculante do quarto. O irmão cortou a cortina com uma faca e entrou em contato com os Bombeiros, que compareceram ao local e atestaram o óbito da vítima. Prestaram depoimento para o Termo de Declarações, Cláudio, irmão de Jorge, Dorival, o outro irmão mais novo, e Carla, a namorada. Cláudio informou que no dia da morte de Jorge chegou em casa por volta das 15h50min e encontrou o irmão de 25 anos com uma cortina vermelha envolta no pescoço e amarrada em uma janela de tipo basculante. Informou ainda que Jorge morava com ele há cerca de 20 dias e que o outro irmão, Dorival, de 17 anos, também morava na mesma casa. Informou Cláudio que, antes do acontecido, Jorge fechou toda a casa, inclusive as janelas, e abaixou as cortinas, sendo que não havia na casa nenhum sinal de arrombamento ou danos. Declarou que Jorge tinha uma companheira, Carla, de 33 anos, e que os dois não residiam na mesma casa. Contou que Jorge veio de Coronel Bicaco por motivo de trabalho e que Carla ficou residindo naquele município com as duas filhas, uma de 13 e outra de seis anos. Durante os vinte dias em que Jorge esteve residindo em Garibaldi com os irmãos, Carla somente veio visitá-lo no dia em que este morreu. No dia 18, Carla visitou Jorge, chegando às 6h30min, horário da chegada do ônibus de Coronel Bicaco. Cláudio não viu quando ela chegou. A casa

onde Cláudio mora é dividida em duas partes e, aos fundos, mora a terceira das filhas de Carla, de 17 anos, que vive com o namorado. Quando Cláudio chegou do trabalho, encontrou Jorge morto e Carla estava na outra casa, com sua filha, dormindo. Ele não sabia que Carla estava dormindo na casa da filha e correu lá para avisar do ocorrido. Assim, viu que Carla estava lá e que ela ficou muito nervosa, tendo desmaiado e sido levada ao Hospital São Pedro, em Garibaldi. Carla afirmou que Jorge estava bem e que não sabia o motivo que o teria levado a se matar. Declarou ainda que ele estava em uma fase boa e que no dia anterior brincou e sorriu. Fazia mais de um ano que Jorge tomava antidepressivos, porém, havia suspenso o uso da medicação. Cláudio diz não saber por que Jorge se matou. Dorival, o irmão mais novo, também prestou depoimento, informando que saiu de casa às 6h30min da manhã do dia em que Jorge se matou. Declarou ainda que fazia cerca de 20 dias que Jorge estava em Garibaldi residindo com os irmãos e que estava trabalhando. No dia anterior à morte, foi o primeiro dia de trabalho de Jorge em uma empresa em Garibaldi. De acordo com Dorival, ele estava feliz e empolgado com o novo emprego e disse: “achei um emprego e não um serviço”. Dorival ficou com Jorge até as 12h40min e foi trabalhar. Informou também que foi até a casa dos fundos onde estava Carla e que lá estava também Jorge. Que os dois pareciam bem e que há um ano Jorge sofria de depressão. Dorival acredita que o motivo da depressão de Jorge era o trabalho anterior, em que era “cuidador de um deficiente”. Informou ainda que quando se suicidou, Jorge já não tomava mais medicação para depressão. Também declarou que por volta das 16h15min foi avisado na empresa onde trabalhava sobre a morte de Jorge. Ao ser informado, foi para casa, onde já se encontravam os Bombeiros, e viu o corpo do irmão. Ele desconhece o motivo da morte do irmão. Por fim, Carla, namorada de Jorge prestou depoimento para o Termo de Declarações. Ela informou que fazia aproximadamente três anos que mantinha uma relação com Jorge e que tinha vindo neste dia da cidade de Coronel Bicaco para passear. Conversou com Jorge normalmente sendo que até as 15h Jorge ficou na casa dos fundos, da filha dela, dizendo, em seguida, que iria dormir, pois estava cansado. Ele trabalharia à noite na empresa. Até este momento, informou que Jorge estava bem, brincando e sorrindo. Após uns vinte minutos, Cláudio chegou, abriu a porta que estava chaveada e encontrou Jorge caído em volta da cama com um pano vermelho enrolado no pescoço, enforcado, morto. Cláudio cortou o pano, tentou ajudar o irmão, tentou ver a pulsação, mas já era tarde. Os Bombeiros foram acionados e constataram o óbito. Carla informou ainda que há uns dois finais de semana Jorge foi para Coronel Bicaco, onde ela estava, mas não a encontrou. Ficou bravo e voltou para Garibaldi. Depois disso ficaram bem e não brigaram mais. No dia em que se suicidou, ele pediu para Carla mudar-se para morar em Garibaldi, mas

ela disse que não naquele momento, pois tinha filhos no colégio. Disse ainda que talvez viesse no final do ano, mas ficou tudo bem. Ela também desconhece o motivo da morte de Jorge.

<b>Identificação do Inquérito Policial: IP 607/2011</b>
<b>Identificação da vítima: Seu Pedro</b>
<b>Data de nascimento: 15/05/1956</b>
<b>Sexo: masculino</b>
<b>Cor: branca</b>
<b>Profissão: não informado, mas trabalhava</b>
<b>Área: rural</b>
<b>Grau de Instrução: ensino fundamental</b>
<b>Situação civil: casado</b>
<b>Data do suicídio: 27/09/2011</b>
<b>Forma do suicídio: enforcamento</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: Linha Vinte e Sete da Boa Vista</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 12 - Inquérito Policial nº 607/2011**

O filho informa que o pai foi encontrado pela mãe, pendurado em uma corda no interior de um chiqueiro. De acordo com o filho, o pai sofria de “Mal de Parkinson” e era depressivo, tomando medicação para a depressão. No dia da morte, ele se levantou normalmente e, como de costume, disse que estava indo tratar os porcos. Logo depois, foi encontrado enforcado. No Termo de Declarações, o filho informou que recebeu uma ligação da mãe enquanto estava trabalhando. Ela estava chorando e dizendo que havia encontrado o pai enforcado. Ele se dirigiu para o local e acionou a Brigada Militar e a Polícia Civil. Informou ainda que o pai lutava contra o “Mal de Parkinson” há mais de dez anos e que, cada vez mais, a doença limitava os seus movimentos. Este fato o deixava nervoso, pois sempre foi uma pessoa que trabalhou muito. Conta que o pai esteve internado por mais de uma vez e fazia uso constante de medicamentos. Quando estava sob efeito da medicação, estava bem. Após, os sintomas voltavam. Ele se queixava de dor, mas nunca havia comentado sobre suicídio. Na propriedade, residiam apenas o filho, sua mãe e seu pai. A esposa também prestou depoimento, informando que o marido estava doente, com o “Mal de Parkinson”, e que esteve internado diversas vezes. Tomava medicação e sentia muitas dores. Segundo ela, ele queixava-se muito e dizia que estaria melhor morto. No dia do fato, ela e o marido foram tratar os animais. Ela foi tirar leite das vacas e ele foi tratar os porcos. Depois que terminaram, tomaram café. Após o café, ela começou a limpeza da casa e ele disse que iria dar água para os porcos. Passado um tempo, e estranhando a demora do marido, ela se dirigiu até o chiqueiro, onde encontrou o marido enforcado. Em seguida, chamou o filho que, por sua vez,

acionou a Brigada Militar que compareceu ao local. Ela passou mal e foi levada para o interior da residência, não acompanhando mais os fatos. O marido, por várias vezes, falou que estaria melhor morto e que não aguentava a dor e fato de estar com a locomoção limitada, precisando de ajuda até para se alimentar. O Auto de Necropsia informa que os achados no corpo são comuns às asfixias mecânicas (manchas de Tardieu, sangue líquido nas cavidades cardíacas e congestão panvisceral) que, associados ao histórico do caso e à ausência de outras lesões que justifiquem por si só a causa da morte, levaram o perito a concluir que o óbito se deu por asfixia devida ao enforcamento. Por fim, interessante observar que na abertura do IP o indiciado é o suicida e a vítima o Estado, diferentemente dos demais IPs analisados, nos quais não há indiciados, sendo que apenas a vítima é o suicida.

Identificação do Inquérito Policial: 172/2010
<b>Identificação da vítima: Carolina</b>
<b>Data de nascimento: 04/12/1969</b>
<b>Sexo: feminino</b>
<b>Cor: branca</b>
<b>Profissão: Não informado, mas trabalhava em Garibaldi</b>
<b>Área: rural</b>
<b>Grau de Instrução: ensino médio</b>
<b>Situação civil: casada</b>
<b>Data do suicídio: 26/03/2010</b>
<b>Forma do suicídio: intoxicação exógena</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: residência</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

### **Quadro 13 – Inquérito Policial nº 172/2010**

Acima, os dados acerca da morte por suicídio de uma mulher de 41 anos de idade, cujo corpo foi encontrado no sofá da sala de casa. O marido, ao sair para trabalhar, encontrou a esposa deitada no sofá. Estranhou a situação e verificou que ela não apresentava sinais vitais. Acionou o Corpo de Bombeiros que atestou o óbito. Relatou o marido que ela já possuía histórico de tentativas anteriores, sendo a última delas no dia anterior à morte. Foram recolhidos, junto ao corpo, três vidros do medicamento “Valpakine” 500mg e seis latas de cerveja de 350ml. Dias antes, ela havia sido “atropelada”. De acordo com o Boletim de Ocorrência (BO), Carolina relatou, na Delegacia de Polícia, que havia sido atropelada e que não lembrava como o acidente havia ocorrido. Sentia, no momento em que se apresentou na Delegacia, fortes dores de cabeça e não tinha condições de assinar o BO. Devido a este impedimento, o irmão da vítima assinou o mesmo, informando que Carolina sofria de depressão e que queria se matar e, também, que estava fazendo tratamento. O condutor do

veículo, acusado de lesão corporal culposa, relatou que a vítima atravessou a via correndo e que não houve possibilidade de não atropelá-la. Ela bateu no espelho retrovisor esquerdo do veículo e foi socorrida pelos Bombeiros, sendo levada até o hospital. O exame toxicológico realizado por ocasião da necropsia revelou a presença de ácido valpróico, além de lesões traumáticas em membros inferiores e superiores, contusão em couro cabeludo occipital, sugerindo a possibilidade de agressões corporais à vítima. Relata o Auto de Necropsia que a hipótese de suicídio por meio intoxicante deve ser levada em consideração, uma vez ter sido detectada a presença do ácido valpróico no conteúdo estomacal da vítima. A substância (ácido valpróico: Depakene/valproato de sódio), de acordo com informações constantes no Auto de Necropsia, é indicada para o tratamento da epilepsia, convulsões e transtorno bipolar.

<b>Identificação do Inquérito Policial: 570/2010</b>
<b>Identificação da vítima: Dona Graça</b>
<b>Data de nascimento: 01/07/1929</b>
<b>Sexo: feminino</b>
<b>Cor: branca</b>
<b>Profissão: não informado</b>
<b>Área: rural</b>
<b>Grau de Instrução: ensino fundamental</b>
<b>Situação civil: viúva</b>
<b>Data do suicídio: 23/09/2010</b>
<b>Forma do suicídio: envenenamento</b>
<b>Local onde o corpo foi encontrado: residência</b>

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 14 - Inquérito Policial nº 570/2010**

O IP acima trata do suicídio de uma senhora de 81 anos de idade. A polícia recebeu um telefonema informando que Dona Graça havia falecido. Chegando ao local, observou-se que a vítima estava morta e, ao lado da cama, havia um recipiente com herbicida (Gramoxone 260), um copo com líquido escuro, cujo odor assemelhava-se ao odor do herbicida. A última pessoa que teria visto a vítima com vida teria sido sua vizinha. A vítima era agricultora. No Termo de Declarações, o vizinho, agricultor e residente próximo à casa da vítima, recorda que a filha de Dona Graça ligou para ele pedindo que fosse ver como estava a sua mãe, pois ela não estava atendendo ao telefone. Neste momento, ele foi até a casa da vítima, mas a encontrou fechada. Olhou em diversos lugares e não a encontrou. Telefonou para o filho da vítima, relatando a situação. Este veio e, após arrombarem uma das janelas da residência, encontraram a vítima deitada em uma cama no quarto dos fundos. Ao lado da cama, encontraram um litro de veneno e um copo. Ele informou que conversava pouco com ela, mas

que nunca a ouviu dizer que atentaria contra a própria vida. Desconhece quais eram os problemas de saúde dela e que a sua esposa havia visto a vítima na janela da casa no dia anterior. A esposa do depoente anterior também prestou depoimento e, no Termo de Declarações, informou que no dia anterior à morte, quando voltava da roça, viu Dona Graça acenar da janela da residência. Ela, então, acenou e foi para casa. No dia seguinte, receberam uma ligação da nora de Dona Graça pedindo que fosse até a casa da vítima, uma vez que ela não atendia ao telefone. Ela foi juntamente com seu esposo. No local chamaram por ela, bateram na porta e não houve resposta. Assim, telefonaram de volta para a casa do filho de Dona Graça relatando a situação. O filho trouxe uma escada e entraram na casa pela janela. Ela não entrou. Em seguida, o filho saiu e disse que a mãe estava morta e não era de morte natural. Ao lado da cama, havia um tubo de veneno e um copo. Informou que nas conversas que mantinha com a vítima, nunca ouviu ela dizer que pretendia se matar. Também informou que se ela tivesse um problema não falava para ninguém. Sabia que Dona Graça tomava medicação para a pressão alta e colesterol e que morava sozinha na propriedade. O filho da vítima também prestou depoimento. Informou que foi procurado pelo vizinho e que estavam preocupados com a mãe dele, pois estavam telefonando para a casa dela e ela não atendia. Foram até a casa e depois pegaram uma escada e entraram pela janela. Procurou a mãe no quarto e não a encontrou. Foi até o quarto de visitas, onde encontrou a luz acesa e a mãe morta, deitada sobre a cama de solteiro. Estava com vômito e fezes espalhados por toda a cama. Ao lado, no criado mudo, estava um litro de “Gramoxone” e um copo de vidro. Telefonou para o irmão, relatou o ocorrido e pediu que o irmão chamasse a polícia. A mãe morava sozinha, tomava medicação para pressão alta, depressão e coração. Segundo ele, nunca sua mãe havia relatado qualquer motivo para atentar contra a própria vida. Ela recebia seguidamente a visita dos filhos e ele não consegue entender os motivos. As fotografias tiradas por ocasião da morte retratam uma senhora de cabelos grisalhos deitada em uma cama de solteiro sobre uma colcha colorida e com babados. O quarto é de madeira, simples. Ela se encontra encostada no travesseiro, com muitas fezes e também vômitos ao redor do corpo, possivelmente derivados do veneno ingerido. Ao lado da cama, um criado mudo de madeira com dois copos e um tubo, provavelmente do veneno ingerido, além de um rosário para orações.

**Identificação do Inquérito Policial: 085/2009****Identificação da vítima: Seu Milton****Data de nascimento: 04/07/1947****Sexo: masculino**

**Cor:** branca  
**Profissão:** aposentado, mas trabalhava  
**Área:** semiurbana  
**Grau de Instrução:** ensino fundamental  
**Situação civil:** casado  
**Data do suicídio:** 08/02/2009  
**Forma do suicídio:** enforcamento  
**Local onde o corpo foi encontrado:** residência

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 15 – Inquérito Policial nº 085/2009**

A vítima foi encontrada sem vida, dependurada pelo pescoço em uma corda. A esposa o encontrou. Segundo informações da esposa, o marido tinha diabetes e sofria de depressão, tomando diversas medicações e, inclusive, fazia uso de álcool durante o tratamento. O corpo foi encaminhado para necropsia. Nada mais consta no IP.

#### **Identificação do Inquérito Policial: 0422/2009**

**Identificação da vítima:** Maria Isabel  
**Data de nascimento:** 06/02/1966  
**Sexo:** feminino  
**Cor:** branca  
**Profissão:** agricultora  
**Área:** rural  
**Grau de Instrução:** não informado  
**Situação civil:** casada  
**Data do suicídio:** 24/07/2009  
**Forma do suicídio:** enforcamento  
**Local onde o corpo foi encontrado:** residência

Fonte: Construção da autora a partir dos IPs.

#### **Quadro 16 – Inquérito Policial nº 0422/2009**

A Brigada Militar foi informada que uma pessoa teria cometido o suicídio. A vítima foi encontrada enforcada dentro de uma estrebaria, pendurada em um dos “paus” de sustentação do galpão. O filho prestou depoimento e no Termo de Declarações contou que no dia do acontecimento, tomou café da manhã juntamente com seu pai, sua mãe e sua irmã, sendo que a mãe havia lhe perguntado o que iria fazer. Ele respondeu que limparia o chiqueiro. Em seguida, ela saiu e o filho ficou na cozinha “se esquentando um pouco”. Logo depois, foi até o aviário e chamou pela mãe, que não respondeu. Chamou pelo pai e foi procurá-la nos lugares habituais. Foi quando a encontrou enforcada na estrebaria. Gritou para o pai, mas ela já estava morta. A mãe sofria de depressão e estava em tratamento. De acordo com o filho, ela já havia tentado o suicídio anteriormente, também por enforcamento.

Segundo o seu depoimento, “ela se aproveitou de um descuido” e cometeu o suicídio. O marido da vítima também prestou depoimento. Falou da depressão, em virtude da qual ela realizava tratamento há dois anos. Ele destacou ainda que o tratamento começou após ela tentar o suicídio por enforcamento dentro de um dos aviários. A filha viu, gritou e ela parou. Disse ainda que estavam sempre cuidando dela para que não cometesse o suicídio, mas neste dia, depois de tomar café com os familiares, foi até um aviário, abriu a porta e depois foi para a estrebaria, onde se enforcou. De acordo com o marido, ela teve uns cinco minutos de distração dos familiares e “conseguiu” o suicídio. Antes, ela havia realizado tratamento com médicos que diagnosticaram depressão. O Auto de Necropsia confirma a morte por asfixia mecânica. No levantamento fotográfico presente, está a vítima pendurada em uma pequena estrebaria, nas “tesouras” que davam sustentação ao prédio. O corpo está ao lado de uma carroça.

#### **6.4 A necropsia verbal ou a história de vida e morte *com sabor de vidro e corte***

Abaixo, as necropsias verbais realizadas. Estas seguem a mesma ordem dos Inquéritos Policiais dispostos acima, buscando complementar e ampliar as informações quantitativas e documentais apresentadas até o momento.<sup>564</sup>

##### 6.4.1 Necropsia verbal 01: As cordas embaixo da cama

Dona Rosa tinha 79 anos e *mal e mal sabia escrever* o próprio nome. Antes de morarem nesta propriedade, moravam em Carolina Alta. Segundo seu Arno, marido de Dona Rosa, depois venderam a propriedade de Carolina Alta e compraram outra em Carolina Baixa. Venderam para comprar um carro novo. Hoje trabalham com lenha na propriedade. O filho Valmir disse que antes tinham aviário, *mas não dava nada, foi ruim, foi mal colocado e construir de novo custava muito caro. Depois pegou temporal e era muito velho e caiu. Tinha que fazer muitas dívidas para fazer um novo.* Então optaram por vender e se dedicar ao corte de lenha. Na casa, tem televisão, telefone, mas não tem transporte, por isso resolveram comprar um carro. Quase todos têm carro na região, pois não há transporte público ou outro qualquer. Seu Arno diz que Dona Rosa era uma pessoa alegre, sempre contente e divertida. *Ela quase não trabalhava na roça, ficava mais em casa, na cozinha, fazia comida, essas coisas.* Na casa, moravam Rosa, seu Arno, o filho Valmir e uma *irmã deficiente.* *As outras casaram e saíram de casa.* No total são oito filhos. *Todos os outros se foram. Foram casando.*

<sup>564</sup> Na necropsia verbal, as frases, palavras e expressões em itálico referem-se às falas originais dos sujeitos da pesquisa.

Nos últimos tempos, Dona Rosa estava sempre nervosa. *É que ela tomava bastante remédio e ela ficava bem nervosa. Era remédio pros nervos. Antes ela era alegre e de repente...essa questão dos nervos foi sete anos mais ou menos. A gente fez quatro viagens com ela para Languiru, no médico. Ela tinha pressão alta. Ela ia no médico em Languiru. Ela tinha pressão bastante alta, vinte e três, vinte e quatro sempre.* Então, a família a levava para o município vizinho. *Daí davam soro, calmante, a pressão baixava e vinham para casa e continuava de novo. Além dos nervos ela tinha pressão alta.* Dona Rosa tomava medicação, *mas ela tomava de raiva, ela não queria tomar remédios. Dava bastante sono e cansa né. Bastante sono dava. E se ela não tomava doía ainda né.* Ela havia descoberto a doença sete anos antes de falecer. *Fizeram uma tomografia lá em Caxias. Aí descobriram que era isso que estava incomodando. Ela se queixava sempre de dor de cabeça, mas ninguém sabia o que era. Daí ela foi lá e fez a tomografia. Eles deram um remédio para ela, só que não ajudava. Daí o médico disse que tinha que fazer cirurgia. Aí fizeram ali em Bento, mas não resolveu. Daí fomos pra Caxias, lá resolveu.* Seu Arno e o filho dizem que ela ainda se queixava de dor. *De vez em quando sempre dava dor, mas não tão forte quanto antes.* Os médicos diziam que os remédios não curavam, que ela teria essas dores para sempre. A irmã de Dona Rosa já havia cometido o suicídio há aproximadamente trinta anos. *Ela fez a mesma coisa. E a mãe dela também.* Dona Rosa olhava bastante televisão: *ela tinha que ficar em pé até às onze horas para tomar o remédio, tomava um às oito, às três e um às onze. Depois ela ia dormir.* Ela nunca se queixou do trabalho que fazia, mas, segundo seu Arno, *ela se matou.* Valmir disse que não sabe se ela já havia tentado o suicídio, mas que *ela tinha umas cordas lá dentro, embaixo da cama.* Seu Arno disse acreditar que *ela já tinha feito isso aí. Ela queria se matar escondida. Mas sempre tinha gente em casa junto com ela.* Valmir indica ainda que ela sempre o chamava para levantar às sete horas, quando tomava o remédio para pressão. *Naquele dia ela levantou, eu dei o remédio para ela e eu ia tirar uva lá embaixo em Boa Vista. Aí dei o remédio, disse para ela tomar depois o outro, das oito horas e quando era sete e quinze fui embora e ficou em casa só ela e a filha.* Seu Arno estava lá embaixo, trabalhando, já tinha saído. Ela mandou a filha tratar os porcos, *bem lá no fundo e ela foi também, atrás. Ela ficou lá uns quinze minutos e quando ela voltou, já viu ela pendurada.* Quando a filha foi tratar os porcos, Dona Rosa foi atrás. Foi então que ela se enforcou no galpão localizado na parte de trás, *fora da casa que é diferente do galpão onde a menina foi. É um pouco mais longe, uns cinco metros. Daí quando a filha voltou ela começou a gritar e subiu outra irmã que mora perto e que ouviu os gritos. Aí veio todo mundo.* Seu Arno disse que pensou que era lá embaixo, *que sempre tinha duas gurias brincando e tinham se machucado.* Declarou que

desceu um pouco porque a filha estava chamando, *daí eu desci. Ela sempre dizia que era melhor morrer do que ficar assim, com dor.* Ela dizia que já era velha e que era melhor morrer. Dona Rosa faria oitenta anos quando se suicidou. Uma vizinha chamou a Polícia e a Brigada Militar. Dona Rosa andava desanimada nos dias que antecederam a sua morte. *Os médicos trocaram a medicação e deram uns mais fortes. Daí ela ficava desanimada, um pouco. Um médico disse que ela ficava tonta e fraca e desmaiava...essas coisas, aí ela estava sempre deitada ali no sofá. Ela ia seguido no médico de Caxias. Cada pouco nós marcava consulta. É, ela ia sempre e ele começou a tirar os comprimidos, de três diminuiu para dois e aí foi para um e voltou a dor mais forte. Então ela voltou a tomar os três comprimidos de novo. Sempre um pouco de dor ela ia sentir, essa dor de cabeça ela sempre tinha.*

#### 6.4.2 Necropsia verbal 02: Um passarinho fora da gaiola

Dona Cleusa lembra que seu Virgílio estudou pouco, *até a antiga quinta série. É que terminava ali.* Logo que casaram, seu Virgílio e Dona Cleusa moravam na colônia, junto com a sogra. Tiveram um filho, um menino que hoje tem 34 anos. Como seu Virgílio, Dona Cleusa também estudou até a quinta série. Seu Virgílio agora estava aposentado, mas continuava trabalhando. Trabalhava em uma firma de entrega de gás, *era motorista da firma há 33 anos.* Mesmo aposentado, segundo Dona Cleusa, seu Virgílio seguia trabalhando no mesmo lugar. Dona Cleusa lava roupas para fora e sempre ajudou com as contas da casa. Ela diz que seu Virgílio *era uma pessoa muito boa, muito calmo, tranquilo. Eu sempre dizia pra ele: tu tem a vida que tu pediu a Deus. Era tranquilo, tranquilo, gente que tranquilidade a dele.* Na casa, moravam apenas seu Virgílio e Dona Cleusa. Atrás, nos fundos, mora o filho. Seu Virgílio nunca ficava bravo, nem nervoso. Ele trabalhava e sempre vinha almoçar em casa, *menos no domingo.* No domingo, Dona Cleusa não fazia almoço, então, *depois do almoço, quando a gente voltava, ele me levava para passear, mais ou menos uma hora, me mostrar os prédios na cidade, as casas que estavam fazendo, conhecer as coisas, os bairros diferentes.* Cada domingo, Seu Virgílio e Dona Cleusa iam a um lugar diferente. *Depois a gente vinha para casa e então eu ia trabalhar e ele ia jogar carta. Sempre no domingo, ele ia jogar carta, mas, às vezes, jogava durante a semana também, porque se ele trabalhava de manhã, de tarde ele folgava ou às vezes trabalhava de tarde e folgava de manhã. Depois que ele ficou aposentado foi assim, sempre um turno. Mas às vezes trabalhava o dia todo, quando eles precisavam.* Seu Virgílio nunca falou dos sonhos. Às vezes ele dizia para os sobrinhos: *se fui pobre não me lembro, sempre dizia com esta tranquilidade aí. E nós ríamos né? Ele tinha uma vida muito boa, meu Deus do céu...* Na família do seu Virgílio, o pai já havia cometido o suicídio, *há*

*mais de 20 anos, uns 25 talvez. Só que ele não morreu logo, o pai dele se cortou no pescoço com um canivete. Seu Virgílio já tinha uns 40 anos quando isso aconteceu. Os pais também moravam na colônia. A mãe então ficou internada duas vezes no hospital com depressão eu acho. A sogra de Dona Cleusa ainda vive e depois das duas internações ela melhorou. Seu Virgílio sempre trabalhou muito, sempre foi puxado, mas não se queixava do trabalho, porque ele sempre gostou de ser motorista, o sonho dele era ser motorista e ele estava feliz porque quando se aposentou continuou trabalhando, ele estava feliz porque se aposentou também. Ele continuava a trabalhar, eu ganhava o meu dinheiro, não dependia mais dele, não pedia nada. No início eu não trabalhava assim, então tu sabe que não é fácil. Ele dava para mim uma quantia para pagar o armazém, as contas ele que dava, dava quase toda a aposentadoria dele para mim. Mas ele ganhava ainda no serviço e também sobrava da aposentadoria, então ele estava feliz. Seu Virgílio nunca se queixou do trabalho, mas tinha medo de se aposentar porque talvez iam botar ele na rua, ele tinha medo. Ele tinha medo de ficar sem serviço. Mas ele se aposentou e eles disseram para ele continuar lá. Trabalhavam com seu Virgílio umas cinco ou seis pessoas e ele se dava muito bem com todos. Meu Deus do céu, todo mundo adorava ele. No dia do suicídio do Seu Virgílio, Dona Cleusa diz que ele acordou dizendo que tinha uma tristeza. Eu disse então para ele não ir trabalhar, era sábado de manhã. Eu disse para ele ir cortar o cabelo e fazer a barba e depois, de tarde, quando vem a minha irmã de Bento aqui, eu te levo lá no hospital em Bento, vamos fazer uma consulta lá com os médicos. Seu Virgílio estava em tratamento. Na metade do mês de dezembro, ele havia estado internado no hospital, por que ele sentiu dor aqui embaixo. Então nós pegamos o doutor Olavo, porque nós pensávamos que ele tinha pedra nos rins, porque cada pouco ele tinha pedra nos rins. Seu Virgílio ficou cinco dias no hospital, mas o médico disse que não era pedra e disse: vou te encaminhar para o doutor Ricardo, pois a dor continuava. Então ele foi para o doutor Ricardo e ele mandou fazer outros exames. E daí ele disse que ele tinha pólipos, um nome assim, e que ele tinha que fazer uma pequena cirurgia. Os exames foram feitos e depois o doutor Ricardo fez a cirurgia. Quando o doutor terminou a cirurgia ele disse para o Virgílio: o senhor está com câncer. Sem mandar analisar, nada, ele chegou e disse para ele. O médico depois também chamou Dona Cleusa e disse: Olha, o seu Virgílio está com câncer. Quando eu fui pro quarto ele disse: tu sabe o que o médico me disse? Ele disse que eu estou com câncer. Imagina, eu disse, eu já sabia, mas eu disse, imagina se tu tá com câncer...vai tu atrás dos médicos...Ficaram lá até o dia seguinte, acho que dois dias. Seu Virgílio só dizia que não estava bem, que não estava bem. Então o doutor Ricardo viajou para fora do país e seu Virgílio estava muito ruim. Então eu peguei o doutor Jorge que me*

*disse: Cleusa, tu tens a biópsia? Eu disse que não porque o doutor Ricardo tinha viajado. O doutor Jorge então pediu para o casal aguardar porque ele telefonaria para Porto Alegre. Ele retornou e disse: não tem câncer nenhum, ele disse não é câncer. Mas eu acho que ele não conseguiu mais tirar isso da cabeça, ele continuou com isso aí. Os resultados vieram depois: não era câncer, era um pólipó ou coisa assim, eu até já botei tudo fora porque eu nem quis mais ver os papéis nada... O doutor Ricardo tu sabe como ele é, é meio grosso quando ele quer, porque antes de ele falar para o paciente ele teria que falar com as pessoas da casa. Depois disso veio o Natal e foi muito bom. Passaram ao lado da sogra. Mas Seu Virgílio ficou com aquilo na cabeça e acho que ele não acreditou no doutor Jorge. Mas o doutor Jorge deu um tratamento para ele, mas ele não se sentia bem. Então o doutor Jorge disse: Virgílio, tu estás botando chifres em cima de um cavalo, não é nada disso. Então o médico disse: Virgílio, vamos pegar uma psicóloga. Seu Virgílio foi na psicóloga, mas ela disse que gostaria que ele fosse em um psiquiatra, então foi marcada uma consulta. Ela deu um tratamento para ele, só que cinco ou seis dias depois ele fez isso. Ele estava tomando remédios, tomou uns quatro ou cinco dias, mas disseram que precisa de um tempo para fazer efeito. Depois do Natal, veio o final do ano e, segundo Dona Cleusa, eles passaram super bem. Até que num sábado, dia 18 de fevereiro, ele disse: mas eu estou numa tristeza. Daí eu disse: vai cortar o cabelo e fazer a barba que de tarde quando a minha irmã vem aqui nós vamos pra Bento. Seu Virgílio foi tomar banho e quando eles chegaram ele parecia um passarinho fora da gaiola. Depois, todos foram para Bento e o médico fez vários exames, ficamos lá até as onze. O médico disse que iria dar um tratamento e que eles deveriam retornar na quarta-feira. Viemos para casa, jantamos e eu fiz o serviço, porque não tinha feito quase nada de meio dia e ele foi deitar. Seu Virgílio assistiu um pouco de televisão antes de deitar. No outro dia de manhã, eu levantei e fui no porão, era umas oito e pouco, oito e meia eu acho. Então, chegou um amigo do Seu Virgílio. Seu Virgílio estava levantando, caminhando aqui na cozinha, ele desceu no porão, ficou uma meia hora lá com o cara. Depois, o amigo foi para casa e ele disse: vou ver o trem. Ele sempre, sempre ia ver o trem passar. Ele adorava porque lá eles cantavam, tocavam gaita. Às vezes, ele fazia umas cinco viagens para ver o trem. Ele sempre fazia isso, então Dona Cleusa não se importou. Mas seu Virgílio não retornou. Veio uma moça aqui, mas eu estava no telefone com a minha mãe. A mãe de Dona Cleusa, que sabia que eles tinham ido para Bento consultar, perguntou: Está tudo bem aí? Eu disse sim, está tudo bem. Nisso chegou uma moça e eu disse para a mãe que tinha gente em casa, pedi para ela esperar um pouquinho. Dona Cleusa não conhecia a moça e pensou em despachá-la logo e continuar a falar com a mãe no telefone. A moça disse para*

Dona Cleusa: *tu sabe o que aconteceu? O Virgílio se atirou debaixo do trem. Eu fiquei paralisada, paralisada. A minha mãe gritava do outro lado perguntando o que aconteceu? Eu só disse: o Virgílio se atirou no trem. Eu fiquei dura. Nisso chegou o meu irmão e ele disse para eu ficar aqui que eles iam no hospital. A funerária não quis que Dona Cleusa fosse até lá. Nem ela nem o filho. Só que eles não quiseram mostrar nada né. Aquele dia tinha sido um dia normal, normal, diz Dona Cleusa. Ele deixou um bilhete em cima da camionete dizendo que não era culpa de ninguém. Um guri me disse que tinha, mas eu não vi. O bilhete foi escrito no envelope de um convite para uma formatura em Bento Gonçalves que o casal tinha recebido. Seu Virgílio escreveu no envelope do convite. Seu Virgílio nunca tinha falado sobre suicídio. Quando ele ouvia alguma coisa sobre alguém que se matou ele sempre dizia: *que coragem eles têm. Ele sempre comentava isso da coragem e depois quando mataram o filho do patrão dele. Entraram no depósito e mataram ele. Então o Virgílio foi lá para ajudar nas coisas. Ele sempre dizia: porque matar ele, era uma pessoa tão boa. Não sei, talvez foi acumulando coisas assim, eu não posso te dizer nada.**

#### 6.4.3 Necropsia verbal 03: *Ele só queria sair*

Seu Valter recorda que Ângelo, seu filho, tinha estudado até a *primeira série do segundo grau, estava na primeira para a segunda. Ângelo trabalhava junto com o pai na empresa, cuidando do tratamento da água. Mas depois ele quis ir embora de volta, porque não sou casado com a mãe dele, sou separado. Ele quis voltar lá com a mãe dele e daí foi embora. A mãe mora em Foz do Iguaçu. Daí ele foi pra lá, mas não conseguiu serviço e voltou. Ângelo retornou e ficou morando com o pai, morava aqui e trabalhava de dia. Daí arrumei serviço lá de novo comigo. Nessa época, Ângelo já tinha parado de estudar. Ele era solteiro, mas tinha uma namorada de Farroupilha, a qual visitava com frequência. Com o trabalho, Ângelo ganhava quase mil reais por mês, mas ajudava pouco nas despesas de casa. Dava um pouco no final do mês. Quando queria ele dava. O restante ele gastava com as coisas dele. A casa onde moram é da firma e a família mora para cuidar da propriedade, com o tratamento da água. Sempre moramos aqui. Antes de vir de Foz do Iguaçu, moravam em uma casa alugada. Faz nove anos que estão aqui, nove ou dez anos. Não precisamos pagar água, nem luz, nem aluguel. Para seu Valter, Ângelo era uma pessoa normal, sempre andava com os amigos dele, só que eu não sabia com quem ele andava. No final de semana ele sempre saía, com os amigos dele, nessas boate aí...Depois, agora no final, ele saía quase todos os dias. Ele só queria sair. Chegava e já saía. Às vezes, ele chegava e, quando o pai chegava em casa, Ângelo já tinha saído. Encontravam-se pouco. Às cinco horas da manhã*

iniciava o trabalho. *Tinha que sair daqui, ligar todas as máquinas lá, antes de começar. Ele tinha que começar às quinze para as cinco. Agora no final ele já não ia mais. Ele ia às seis horas.* Ângelo saía de noite e, então, estava sempre cansado para trabalhar. No começo era normal, mas depois as coisas mudaram. *Eu acho que ele andou se envolvendo com esse pessoal, com essa piaçada. Eu nunca vi né, mas me falaram depois que era droga que ele estava usando.* Seu Valter nunca viu o filho usando drogas, mas ele começou a emagrecer e não comia. *Eu deixava comida ali para ele, mas ele chegava e nem ia...ia direto dormir. Na firma ele comia, nós almoçávamos lá e lá ele comia. Ele começou a emagrecer, tá louco.* Ângelo não tinha nenhum sonho que tivesse dividido com o pai. Quando contrariado, ficava quieto. *Eu xingava ele porque ele começou a ir tarde no trabalho. O chefe ia ver né? Às vezes eu tinha que encobrir ele. Mas ele não falava nada, ficava quieto. Não respondia.* Seu Valter não conhece ninguém de sua família que tenha cometido suicídio, nem da família da mãe de Ângelo. Ângelo e seu Valter trabalhavam juntos com mais uns cinco ou seis funcionários. O trabalho era das cinco da manhã até mais ou menos três horas da tarde. Seu Valter ficava sempre um pouco mais para fazer hora extra, mas Ângelo vinha para casa para dormir. Às vezes, ele não dormia, mas jogava vídeo game. *Depois, no final, ele tinha um computador, ficava ali no computador né.* Segundo seu Valter, Ângelo nunca reclamou do trabalho, porque não era difícil: *tinha que olhar a água, regular os produtos, mas era tudo automático, as bombas trabalham, tudo automático. Não se ergue lá um único peso, só um saquinho de cal de 20 kg, mas isso era de quatro em quatro horas, apanhar um saquinho.* Seu Valter diz que não sabe se Ângelo se sentia realizado ou não no trabalho, mas nos últimos tempos sabe que ele andava desanimado. *Ele saía de noite e chegava de mansinho, para ninguém ver. Abria a porta bem devagarinho, bem quietinho. Eu não via, mas depois eu via ele nos cantos, lá no trabalho, estava dormindo sentado.* Seu Valter diz que um mês antes do suicídio ele achou que o filho estivesse envolvido com drogas. Ângelo dormia pouco, três horas por dia, no máximo. Seu Valter diz que antes de o filho se matar ficou sabendo que ele havia colidido em um carro *que tinha pego desses amigos que ele andava. Ele tinha pego um carro, tinha batido num outro carro de uma mulher e daí ele ia ter que pagar os dois. Ele não falou nada para mim, mas para um amigo dele. Eu até falei: mas se o carro é do cara, porque tem que pagar os dois? Não existe isso! Para mim ele nunca falou nada. No dia, eu acho que foi numa quarta-feira, por causa que até nessa quarta-feira eu discuti com ele.* Seu Valter disse que ele, às vezes, gastava mil reais no final de semana. *Tudo o que ele ganhava ele gastava. No dia, a mãe dele ligou de lá de Foz do Iguaçu dizendo que ele ia pegar o computador e vender e eu disse que lá de casa ele não ia tirar o computador. Se ele já ganha mil reais pra que vai*

*tirar as coisas de dentro de casa dele pra vender? Na segunda-feira, o pai viu Ângelo colocando o computador em uma caixa. Era mais ou menos quatro horas da tarde e seu Valter tinha terminado o trabalho do dia. Veio para casa tomar chimarrão. Então, o filho pegou o computador e saiu. Seu Valter perguntou: vai onde com o computador? O filho disse que o levaria para arrumar. Ângelo ia tirar férias na segunda e, então, iria para Foz do Iguaçu com a mãe. Seu Valter seguiu o filho. Foi atrás para ver o que ele faria com o computador. Apareceu um cara que não tinha jeito de que iria arrumar: estava em uma camionete, todo sujo assim de mecânico né. Aí eu falei para o cara: que tu vai fazer com este computador? Seu Valter tirou a placa da camionete, para o caso de o computador não voltar. Para seu Valter, o cara ficou com medo, mas saiu com o filho na camionete. Seu Valter voltou para casa, ficou tomando chimarrão. Após passarem algumas horas, o cara da camionete voltou com Ângelo e com o computador. Ele chegou aqui, jogou o computador no chão e saiu de novo. No outro dia, terça-feira, Ângelo foi trabalhar atrasado, porque tinha chegado tarde em casa. Foi quase sete horas, ele foi lá e andava dormindo lá. Eu já sabia que ele dormia escondido lá. Só que os outros não sabiam. Mas um amigo descobriu e me disse: descobri onde teu filho dorme escondido, por isso ele some. Então, seu Valter xingou Ângelo: ele me tirou doido, agora os caras estão sabendo que tu fica aí só dormindo, tu não cuida do serviço, apesar que é só olhar né. Na terça-feira de noite, Ângelo saiu de novo e na quarta-feira foi trabalhar tarde de novo, mais tarde ainda, e estava lá dormindo novamente. Daí fui lá e meti a boca nele. Disse que o chefe já estava sabendo. Menti que o chefe estava sabendo para animar ele para o serviço né. Quando eram três horas da tarde, Ângelo veio para casa e quando eram quatro e meia da tarde, seu Valter passou pelos aviários que fazem parte da firma. Eu encontrei ele subindo ali, mas eu não falei nada, eu fiquei conversando com a vizinha ali. Ângelo tinha ido para casa e voltou a sair. Foi o último dia em que o pai viu o filho. Toda quarta-feira nós fazíamos um peixe aqui em casa ou na casa do tio dele. O pai foi jantar com a esposa e o outro filho pequeno, mas Ângelo não apareceu. Voltamos para casa, mas ele não estava. Ângelo não apareceu para trabalhar na quinta-feira. O pai pensou que ele pudesse estar na casa da namorada em Farroupilha. Ele ia para lá na sexta e voltava no domingo de noite ou na segunda-feira. A família não gostava da namorada de Ângelo. Ela vinha aqui, não conversava com a gente, só ficava ali no quarto fumando. Nós não deixávamos fumar aqui, porque nós não fumamos. Ela saía apenas para fumar. No mais, ficava com ele no quarto, no computador. Na sexta-feira, Ângelo também não apareceu e, então, o pai foi para casa para ver se ele não tinha ido para trocar de roupa, mas eu acho que ele já estava morto. Só que passei por ali e não vi, é que eu olhei, passei assim pela beirada, assim que o galinheiro*

*passava ali. Se eu olhasse para lá de cima eu iria ver.* Em casa, nada. O pai olhou embaixo da cama e viu um documento, a carteira, tudo embaixo da cama. *Eu disse: mas saiu sem documentos, sem carteira, cartão do banco?* Então, o pai se preocupou. Os demais documentos estavam embaixo do travesseiro. Seu Valter ligou para a Polícia e foi lá para ver se não havia algum registro, mas não havia nada. Ligaram para a namorada. Nada. Então, pensou em ir para Farroupilha, pois ela poderia estar mentindo. *Daí deu sábado e fui atrás dele e disse: agora vou procurar essa guria. Ela mentiu, ele deve estar lá.* Quando o pai estava indo, recebeu um telefonema de um colega dizendo que tinham encontrado Ângelo morto. O pai passou várias vezes pelo local onde o filho estava morto, mas não o viu. O colega da empresa veio procurar e viu Ângelo no aviário abandonado. Seu Valter disse que informaram que o filho estava usando drogas e ele até acreditou, pois o filho gastava tudo o que ganhava. Ia para Farroupilha e voltava sem nada. *Até na segunda-feira ele iria estar de férias, ia viajar lá para a mãe dele. Ele não bebia em casa, só umas cervejas quando a gente fazia churrasco no final de semana.* Ângelo se matou na quarta-feira depois do trabalho em um aviário abandonado de propriedade da empresa em que trabalhavam. Só foi encontrado três dias depois da morte.

#### 6.4.4 Necropsia verbal 04: A cortina vermelha ou quem vai ser louco para se matar por mulher?

Jorge era de Coronel Bicaco e estava em Garibaldi há poucos dias. *Fazia quinze dias que ele estava morando comigo,* disse Jairo, irmão de Jorge. *Ele era juntado com uma mulher. Daí eles foram embora para Coronel Bicaco de mudança. Eles queriam voltar, só que eles não tinham dinheiro para pagar a viagem, trazer a mudança.* Jorge ficou trabalhando uns quinze dias para juntar o dinheiro para trazer a mudança de Coronel Bicaco para Garibaldi. *Ele queria ficar aqui.* Antes, ele trabalhou em uma empresa de alimentos, mas foram apenas oito meses. *Daí ele foi embora antes de vencer, antes de ele terminar de receber o seguro desemprego. Ele voltou, disse que queria voltar.* Jorge estudou até o segundo grau completo. Não tinha contas para pagar e não devia para ninguém, segundo Jairo. A mulher de Jorge, Vanda, era de Coronel Bicaco, mas não estava trabalhando. Ela queria voltar para Coronel Bicaco para trabalhar, *queria ficar na cidade.* Ele ia receber a última parcela do seguro desemprego e então eles conversariam. Na casa de Jairo, também morava outro irmão mais novo, *que agora foi embora para Teutônia.* Estavam morando os três irmãos na casa quando Jorge morreu. Segundo Jairo, Jorge era *brincalhão, alegre, era uma pessoa tranquila, normal, tudo. Ainda, ele começou a trabalhar naquela noite de*

*domingo para amanhecer segunda. Jorge saiu de casa umas dez e meia da noite, pois começava a trabalhar às onze e meia, meia-noite. Era o primeiro dia de trabalho e nós estávamos brincando, conversando, rindo. Jorge chegava às oito horas da manhã em casa, e Jairo saía de casa às quatro e meia da manhã. Então, naquele dia, não se falaram. Quando eu cheguei do trabalho eram três e meia, dez para a quatro. Cheguei em casa e ele já estava morto, já estava frio né. Quando eu cheguei, ele já estava enforcado. Era o primeiro dia de trabalho, ele estava feliz por ter conseguido trabalho. O chefe de Jorge disse para Jairo que ele estava faceiro quando saiu de lá, às sete e meia da manhã. Jorge havia trabalhado toda a noite. Provavelmente esse foi o momento que ele se... Vanda chegou de Coronel Bicaco de ônibus, às seis e meia da manhã. Ela chegou e foi na casa da filha, que mora nos fundos da casa de Jairo. Ela tem uma filha que mora ali. Então ela chegou e eles conversaram. Para o irmão de Jorge, apenas Vanda e a filha sabem o que realmente aconteceu, mas elas não falam sobre isso. Fazia três ou quatro anos que Jorge tinha um relacionamento com Vanda. Eles viviam juntos, mas discutiam muito, pois ela era bastante ciumenta. Ela era mais velha do que Jorge. Ela tinha trinta e quatro anos, acho, e ele ia fazer vinte e cinco. Ela era mais velha e já tinha filhos do casamento anterior. Três filhos. Jorge nunca reclamou do trabalho. Mas se ele não gostava, ficava quieto, não reclamava de nada. Nunca vi ele bravo, no caso. Desde pequeno ele sempre foi alegre em tudo. Era uma pessoa tranquila e nunca brigavam entre irmãos. Eram onze irmãos. Só que tem dois falecidos. O mais novo faleceu e depois de um ano que ele faleceu, esse se matou. Dos sonhos de Jorge, Jairo apenas se lembra que ele queria trocar a categoria da carteira de motorista para carreta. Isso ele falava bastante. Para poder comprar as coisas, para um dia ter a casa para eles né. Na família, ninguém cometeu suicídio, ao menos não que Jairo se lembre. Antes de trabalhar aqui, Jorge trabalhou como motorista de um casal de velhos. Cuidava e dirigia para eles, em Coronel Bicaco. Trabalhou uns quatro anos com isso. Levava eles para todos os lugares porque eles têm um filho que sofreu um acidente de trator, não caminhava, ficou todo... Ele cuidava dos três, levava no médico, essas coisas. Depois Jorge veio para Garibaldi. Trabalhou em algumas empresas, mas voltou para Coronel Bicaco. Jorge sempre trabalhava mais do que pediam. Trabalhava duas ou três horas acima do horário dele, trabalhava, fazia hora extra. Trabalhava domingo também. Às vezes saía de casa às cinco horas da manhã para voltar às seis horas da tarde. Jairo acha que Jorge cansou dos empregos anteriores e por isso quis voltar para Coronel Bicaco e Vanda queria ir embora também. Todos queriam ir embora e ele não teve escolha: pediu as contas e ainda fizeram um acordo, liberaram o seguro desemprego para ele. Foram para lá e dois dias antes de completar três meses, resolveram*

*voltar. Só que ele veio na frente. Ele veio arrumar serviço né. Mas só trabalhou uma noite. Jairo ofereceu dinheiro emprestado para ele. Eu ia emprestar uns duzentos reais que eu tinha pra ele trazer a mudança logo né. Mas então, Vanda não quis mais vir. Quando ele organizou tudo, ela não quis mais. Veio naquela noite em que ele morreu para conversarem. Ele ligou para a rodoviária de Coronel Bicaco e eles informaram que ela tinha comprado a passagem. Ele se informou. Então ele sabia que ela vinha. Jorge se enforcou na cortina vermelha do quarto. Ele estava pendurado na janelinha ali. Ele estava praticamente de joelhos no chão, a janela é baixinha, aquela ali. Não tem como, ele é da minha altura, um pouco mais, né. Jorge se pendurou, estava meio sentado, não entendi como que... Jorge não deixou nada escrito, não deixou nenhum recado. Quando Jairo chegou do trabalho viu a janelinha aberta e tinha um vento frio né, era mês de julho, era inverno. Jairo não sabia que o irmão estava em casa e como que a cortina vai estar aberta né? Eu tinha sonhado com água suja e morte, sangue. Tinha sonhado na noite anterior. Daí me veio aquilo na cabeça. Daí eu olhei, assim, a cortininha fininha abanando e pensei: alguma coisa deve ter dado errado. Jorge nunca falou sobre se matar. No dia anterior, os irmãos ficaram falando de uma mulher que tinha cometido suicídio e ele ainda disse: mas quem vai ser louco de se matar por uma mulher né? E eu ainda falei umas quantas vezes o que ele mesmo falou. É, ele disse, quem vai ser louco de se matar por mulher. Logo após encontrar o corpo eu chamei um vizinho que chamou os bombeiros. A mulher e a filha vieram ver, mas ele já estava morto. Sim, estava frio. Eu peguei o pulso e estava gelado tudo. Naquele dia, antes do trabalho, o irmão mais novo veio até a casa e fez almoço para eles. Almoçaram juntos, escutando música, cantando e o mais novo foi trabalhar. Jorge ficou. Os vizinhos o viram às duas e meia da tarde, faceiro, estava sentado ali fora. Ele tinha convidado Vanda para assistir filme, mas ela não veio. Daí ele fechou a casa e disse para a menininha que ele ia dormir. Jairo nunca soube se Jorge e a mulher brigaram, discutiram ou qualquer outra coisa. Ela nunca falou sobre isso. Agora ela mora em Garibaldi, mas no Centro. Jorge não bebia, só cerveja quando tinha churrasco na casa. Nada de droga, nem fumava, nada, nunca usou cigarro estas coisas assim. Enforcado na cortina vermelha do quartinho. Foi assim o fim de Jorge em seu primeiro dia de trabalho.*

#### 6.4.5 Necropsia verbal 05: A doença do Papa

Seu Pedro estudou até a terceira série do ginásio. *Antigamente era diferente.* Antes de se fixar nesta propriedade trabalhou em um aviário, *em uma firma*, e depois foi morar na propriedade atual. Nesta propriedade, construiu aviários e começou a trabalhar junto com um filho que já morava no local. *Nunca faltou nada graças a Deus.* Dona Vera diz que ele

trabalhava muito na roça, com a ajuda dos filhos. *Antes era roça e mais tarde fizemos os aviários. Era uma vez por ano quando dava a roça. Não é todo mês.* Plantavam milho e a filha Maria lembra que também plantavam um pouco de soja. Dona Vera lembra que *cada pouco estavam no médico*, os filhos o levavam de carro, pois não tinham acesso por outro meio. Iam aos médicos em Garibaldi, Boa Vista do Sul e também Bento Gonçalves para levar seu Pedro. *Em Boa Vista só tinha posto de saúde, é só posto ali.* Dona Vera diz que seu Pedro *sempre ficou doente com a gente. É que ele tinha aquela doença do Papa, mal de Parkinson. Uma vez ele tava, quando fiz o aviário, aqui em cima, ele tava ajudando, cortando o mato e aí com o vento caiu uma planta em cima da cabeça dele, daí prejudicou também.* Seu Pedro ainda trabalhava, mesmo doente, mas depois desse incidente ele não conseguia mais caminhar direito e até o banho era dado por Dona Vera. *Ele tinha assim, essa tremedeira e ele tinha hérnia de disco, tinha bastante doença. Ele chegou a ficar dezessete dias no hospital sem vir para casa.* Antes de ter a doença, ele trabalhava muito, estava sempre trabalhando, era saudável. Moravam só a Dona Vera e o Seu Pedro na casa, pois os filhos já *estavam grandes e trabalhavam fora.* Eles têm três filhos e todos moram próximos. Um deles mora com Dona Vera, *o que é solteiro ainda. Ele vem nos finais de semana porque trabalha em outro lugar.* De acordo com dona Vera, seu Pedro ficava muito nervoso porque não conseguia mais trabalhar. *Às vezes ele ia cortar pasto e eu dizia: deixa que eu corto e ele dizia que não podia me ver cortando o pasto, mas ele tinha esta tremedeira e daí não conseguia. Ele chegava e tinha que ir deitar, não conseguia mais.* Para Dona Vera ele ficou muito chateado por não poder trabalhar mais, *mas ele não podia e ele gostava de trabalhar, meu Deus. Ele não parava.* Com relação ao futuro e aos sonhos ele nunca relatou nada, *ele nunca falou nada sobre isso.* Na família dele não havia casos de suicídio, mas na família de Dona Vera sim: a mãe e a avó. Todavia, Dona Vera não se lembra de ter havido suicídios na família dele. Para ela, o pior foi a doença e a impossibilidade de seu Pedro trabalhar, *mas não adiantava mais. Ele se queixava muito quando não dava sol, meu Deus. Ele só dizia que ele ficava bem morto porque a dor era demais.* O tratamento era difícil e a dor era demais também. *Mas ele não precisava fazer uma coisa dessas né? A irmã da minha mãe também fez isso aí, ela fez a mesma coisa.* Então, Dona Vera tinha, na família, a avó, a mãe, uma tia e agora o marido que cometeram o suicídio. No dia da morte do Seu Pedro, ela conta que estavam na cozinha. *Nós levantávamos sempre juntos, sempre os dois juntos, e ele tratava os porcos, mas ele quase não conseguia, ia de arrasto, a perna perdia a força. Eu ia tirar leite, eu tinha uma vaquinha que agora me tocou vender porque estou sempre doente também. Ele pegou o baldinho do lixo e levou embora. Todas as manhãs era o serviço dele. Ele levou o baldinho e aí eu fiz o*

*café e a comida dele. Daí eu fiz o café e perguntei se ele queria pão e queijo, mas ele tomou só café e saiu. Disse que iria dar água na estrebaria para a novilha. Dona Vera limpou a cozinha, foi lavar a área e o banheiro e percebeu que ele não estava. Pensei que ele foi cortar pasto, porque antes ele disse que nós não iríamos cortar o pasto agora porque tem muito sereno né? Então Dona Vera foi ver onde seu Pedro estava e o encontrou morto. Ele nunca tinha falado sobre isso, ele só dizia que tinha muita dor e que ficaria melhor morto. Dona Vera encontrou o seu Pedro, chamei ele, mas Deus, não adiantou nada. Ele não deixou nada escrito, pois não sabia escrever. Dona Vera diz que naquele dia ele nem limpou os porcos como sempre fazia. Maria, a filha, disse que naquele dia ele parecia contente até. Dias antes ele foi com Maria até os aviários e disse que precisavam espalhar a lona toda, tudo numa boa, tudo tranquilo. Após encontrar o corpo do seu Pedro, os vizinhos foram chamados e também os filhos. Ele já havia tentado o suicídio, há cerca de um ano. A filha Maria o encontrou com uma corda, como agora. Estavam todos sentados na cozinha e ele foi até a garagem, pegou uma corda e foi para o aviário. Na ocasião, Maria foi atrás dele e ele já havia amarrado a corda lá e no pescoço, só faltava se largar pra baixo. Então Maria gritou. Ele nunca falou sobre esse dia, nunca comentou nada, ficou quieto. Dona Vera acha que ele não falava para não assustar os filhos e ela mesma. Seu Pedro estava doente há uns nove anos, mas já tinham experimentado tudo, os médicos por tudo. No dia da morte, ele ainda pediu o remédio para a Dona Vera. Ele me disse: me dá o remédio e eu dei e ele tomou antes do café. Seu Pedro não dormia muito bem. Às vezes sim, às vezes não. Tinha noites que ele não conseguia dormir. Ele dizia que doía muito, que tinha dor, ele disse que era por tudo que doía, doía o corpo, ele perdia a força das pernas. Nenhum médico disse que ele tinha depressão, nós também não pedimos pros médicos né? Os comprimidos que ele tomava no início ajudavam, mas depois parecia não ajudar mais. Por uma hora funcionavam e depois não funcionavam mais. Tremia tudo. Nos últimos dias antes do suicídio, Dona Vera não notou nada de estranho com Seu Pedro. Nós ficamos chocados porque não é fácil, olha que susto! Seu Pedro não bebia, nem fumava. De acordo com Dona Vera ele tinha um médico que tratava dele. Ele sempre ia no médico e às vezes ficava baixado. Seu Pedro se suicidou no chiqueiro, enforcado junto aos porcos.*

#### 6.4.6 Necropsia verbal 06: *Carolina decide morrer*

Carolina estudou até o segundo grau em um colégio de freiras no interior do Estado, em outro município. Fez o “normal” para ser professora, mas quando conheceu José tinha uma loja de computadores. Carolina e José casaram e foram morar juntos e, então, ela não

trabalhou mais, *não precisou trabalhar*, segundo José. Foram morar no litoral e depois vieram para Garibaldi. Depois ela teve “*esse problema*”, que foi uma das causas de o casal ter saído do litoral e vindo para Garibaldi. *Era para ver se ela melhorava*, pois ela tinha *depressão pós-parto*. José achou que no litoral tinha *mais solidão* e vieram para cá para ver se melhorava. *No fim não adiantou nada*. José é construtor e estudou até a sexta série. Não teve oportunidades para estudar. Segundo ele, sempre trabalhou para sustentar a família. Carolina e José tiveram uma filha que fez onze anos um dia antes desta entrevista. José continua trabalhando no litoral com o ramo da construção. Ele vai e volta. A casa onde moram foi construída por ele e é um local onde há acesso a tudo e com bastante conforto. José diz que quando Carolina não tinha *esse problema da depressão ela era uma pessoa fantástica, uma pessoa boa para a família, para a filha, tudo...* José não tinha queixas dela. O único problema era quando ela tinha as crises de depressão e *ficava fora....* Depois, no último ano, José não sabe por que, mas ela começou a tomar cerveja e *misturava cerveja com os remédios faixa preta que tomava e aí não teve mais jeito*. José diz que ela era uma pessoa normal, não tinha problema nenhum, era *trabalhadeira* dentro de casa, era uma boa dona de casa. *O médico falou que era assim mesmo. Depois que ela teve o nenê ela começou a ficar assim. Ela era meio estressada, ficava nervosa quando era contrariada, não era fácil*. Se ela queria ir até a casa dos pais e José dissesse não, ela ficava estressada. Os pais dela moravam em outro município. Se José não fosse, ela ficava nervosa. José fala dos sonhos de Carolina: *se ela pudesse ela teria ido embora do Brasil*. Era o sonho dela. Ela queria ir para Portugal onde tinha umas amigas. Era isso que ela falava quando falava em sonho. Um parente de Carolina também se suicidou, parece que um tio ou uma tia, José não lembra. Carolina nunca chegou a trabalhar como professora. Ela cuidava da casa e da filha e gostava muito de arrumar os roupeiros. Arrumava-os quase todos os dias e eram impecáveis, de acordo com José. Feito o trabalho de casa, Carolina assistia televisão, novelas, filmes. *Ela até começou a trabalhar em uma vizinha fazendo limpeza, para passar o tempo, mas não deu certo. Ela até melhorou um pouquinho*. Ela gostava mesmo era de arrumar a casa. Trabalhar fora, segundo José, ela não gostava. *Carolina era caprichosa*. A maior queixa dela era com relação aos pais. *Eles brigavam muito e telefonavam para ela e era toda a semana esta folia aí... Eles ligavam para ela e falavam que tinham brigado que um foi embora de casa que não sei o que...e era isso, era uma rotina assim direto lá com eles*. Os pais de Carolina já eram de idade, tinham cerca de 70 e poucos anos, mas brigavam muito. Segundo José, a mãe dela *não era muito fácil* e o pai sempre telefonava contando as coisas para Carolina. Ela tinha um irmão que era alcoólatra e que, de acordo com José, não trabalhava. Eles estavam sempre sem dinheiro e telefonavam para

Carolina pedindo. Mas ela não podia emprestar porque o dinheiro *era tudo eu, ela não tinha acesso ao dinheiro*. José dava para ela uma mesada. Mesmo com as brigas, Carolina sempre queria ir visitar os pais e José levava porque Carolina não dirigia na estrada. Para José, a depressão de Carolina não veio só do parto, mas da vida sofrida que ela teve. *Teve uma ocasião em que a mãe dela deixou ela dormir fora de casa porque ela não conseguia dormir*. José pensa que *no fundo isso aí não é de hoje nem do pós-parto e sim uma sequência que vem de longe*. Era uma questão que ela vinha trazendo. Para ele, se agravou com a questão do parto, mas principalmente por ela não poder mais ajudar a família. José acredita que este foi o fator que mais agravou a situação. Ele diz ainda que eles se davam bem. Às vezes ele não aceitava as coisas que ela fazia *o que não era certo*. Mas achava que se davam bem. Nos últimos seis meses, Carolina ameaçou se matar umas quatro vezes. *Antes disso ela nunca tinha falado sobre isso*. José relaciona isto com o fato de Carolina estar bebendo com o irmão que veio para Garibaldi para procurar emprego. Mas, segundo José, *ele não tinha vontade* e quando José saía ele ia até a casa e pedia dinheiro a Carolina para comprar cerveja. Ela dava e depois disso começou a beber com ele. Fazia oito anos que ela tomava medicação, desde quando ela morava no litoral. No dia da morte, Carolina tinha bebido. José encontrou umas latinhas de cerveja escondidas na churrasqueira. Naquele dia, ela deitou no sofá *e começou a falar que ia dormir lá naquela noite porque não estava a fim de dormir na cama*. José ficou ali até a meia-noite com a filha que disse: *pai, eu chaveei as portas porque a mãe é capaz de fugir, né?* José disse que já estava vendo que *a coisa não tinha mais jeito*. Quase até uma hora da manhã José ficou por ali cuidando dela e ela estava dormindo tranquila. Às quatro horas da manhã chegou o pai de Carolina porque José tinha telefonado para ele vir. José telefonou dizendo que Carolina *não estava boa e que ele achava que iria acontecer alguma coisa*. Ele chegou e José disse que ela estava dormindo na sala, no sofá. Carolina não viu o pai chegar. José diz que três dias antes, ela tinha tentado se matar. Ela se atirou na frente de um carro e ficou hospitalizada. No entanto, fugiu do hospital e foi para casa, *com muita dor de cabeça da batida, da pancada*. Ela não quis fazer todos os exames. Carolina disse para José que se atirou na frente do carro. Quando José perguntou o porquê, ela respondeu que não queria mais viver. José acha *que ela planejou tudo, por isso ela não quis deitar na cama*. José viu que ela *estava meio estranha, porque quando ela me olhava para ver se eu ia dormir eu acho eu sei lá...ela espiava*. José tinha escondido os remédios que havia comprado há pouco: 120 comprimidos, *aqueles de 500mg...* José escondeu em cima da estante, mas ela achou. Carolina tomou uns 100 comprimidos. Os *vidrinhos estavam vazios na churrasqueira, ela jogou fora, tomou tudo*. José disse que quando ela se atirou na frente do carro ele *viu que a coisa era feia mesmo*.

Carolina deixou um bilhete: *José, te amo muito você e a nenê. Não ligue para a mãe. Só estou com depressão porque não estou trabalhando. Me perdoa. Te adoro pra sempre.* José diz que ela queria trabalhar, mas *nada servia para ela.* Segundo ele, no comércio *tinha que trabalhar sábado e daí não queria porque não poderia visitar os pais. Trabalhar em uma firma e ganhar 700 pila por mês aí não valia a pena por eu teria que pagar alguém para ficar com a nenê.* Quando percebeu que Carolina estava morta, José gritou. Ele foi chamá-la e, quando chamou, Carolina não respondeu. Ele foi lá, levantou o edredom e ela estava com os cabelos caídos no rosto. Quando José puxou os cabelos viu que ela estava morta. A filha saiu correndo e foi na vizinha. A vizinha foi quem chamou os Bombeiros e a Polícia. José se lembra que nos últimos meses ela dizia que se atiraria na frente de um caminhão. Mas ela só comentava isso quando bebia, *quando bebia ela se soltava, criava coragem. Se ela bebia todos os dias, todos os dias ela falava.* Ela não bebia muito, segundo José. *Nada de bebedeira, muito tranquilo,* segundo ele. Ele falava para ela não beber e ela dizia que não conseguia parar. José não via porque não estava em casa. Carolina só bebia escondida. No início, ele achava que os *olhos dela ficavam vermelhos, mas achava que era dos remédios e ela dizia que era dos remédios também.* Então José pensou: *mas os remédios não podem nunca fazer isso aí...até que um dia peguei ela bebendo...Ela escondia as latinhas para ninguém ver.* Carolina tinha insônia. *Não conseguia dormir, ela não dormia. Tomava remédios para depressão e para dormir.* O médico que “acompanhava” Carolina a via apenas de três em três meses, período em que os remédios terminavam. *Ela só ia para pegar remédio e fazer uma avaliação. Ela ia lá com ele e pegava a medicação porque era controlada a receita.* Depois do suicídio de Carolina, José conversou com o médico que disse: *olha eu vi que ela tava...o negócio não era fácil.* O médico recomendava a Carolina que tomasse os remédios e explicava que o remédio *era forte.* Era José quem comprava a medicação. José para, pensa e diz: *Ela dizia que não tinha graça viver...eu na verdade acredito que depois...fiquei pensando...eu acredito que ela queria uma certa liberdade assim até a separação de repente, mas ela tinha no momento, eu acredito que ela queria, mas ela tinha medo sabe, medo de depois ficar pior ou não conseguir se manter também sabe...porque ela era uma pessoa assim...era doente não adianta, ela era uma pessoa doente ela não conseguia se manter sozinha nos últimos tempos de jeito nenhum...passa milhões de coisas na cabeça da gente.* Carolina se matou no dia do aniversário de José.

#### 6.4.7 Necropsia verbal 07: No quarto de hóspedes, numa caminha

Seu Élio é filho de Dona Graça. Dona Graça morava na colônia, como seu Élio. Já estava aposentada e tinha estudado pouco. *Estou na colônia para aprender um pouco.* Dona Graça morava a cerca de um quilômetro da casa do seu Élio, *um pouquinho adiante, ali onde tem esse capitelzinho sabe. Tem uma entrada que desce logo ali pra baixo.* A mãe de seu Élio ajudava na roça, na lavoura. Era viúva. O pai faleceu há uns sete anos e Dona Graça morava sozinha. *Nós tentamos levar ela pra Garibaldi. Ela queria uma casinha, sozinha. Arrumamos duas, até pagamos um aluguel, um mês de graça e ela desistiu. Não queria ir. Ela dizia que ia, arrumava a casa e depois desistia. Ela gostava de ficar na colônia, mas ninguém podia ficar junto né, ali.* Seu Élio tem a sua família e os outros irmãos também são casados e moram na cidade. Seu Élio e os irmãos queriam arrumar uma casa para a mãe perto das filhas, *mas ela não quis ir.* Dona Graça vivia da aposentadoria dela e do marido que havia falecido. *Dinheiro para ela não faltava. Todo final de semana todo mundo ia lá. Um ou outro sempre ia e durante a semana iam também. Qualquer coisinha todo mundo ligava, ela tinha telefone.* Dona Graça não trabalhava mais na roça, *ela só tinha um pedacinho de horta para ela, uma verdura, alguma coisinha.* Ela estava tomando remédios, *tinha um pouco de depressão, é um pouquinho de como se diz...depressão.* A depressão foi diagnosticada por uma médica de Garibaldi, cardiologista. *A doutora Ana achou que ela tinha isso aí e dava uns remédios para ela.* De vez em quando, Dona Graça consultava com a doutora Ana. As filhas a levavam, *mas fora isso, ela estava bem.* Em casa, assistia televisão: *tinha duas ou três televisões e não uma. Até uma é igual a essa daqui, tá ali no quarto, eu que levei pra cima. Ela também tinha rádio, freezer, geladeira. Até ela trocou os móveis, tinha comprado móveis novos, pintou a casa...a mãe estava bem...não faltava nada lá embaixo. A mãe sempre foi boa pra mim, eu nunca tinha que me queixar, às vezes a gente discute uns assuntos, mas...normal.* Nos últimos anos, segundo seu Élio, ela andava *mais fechadinha, mas o pessoal ia lá, ela dava risada, não era de se atirar lá num canto, sozinha.* Se havia alguma coisa que Dona Graça não gostava, ela falava, *ela não era de ficar guardando coisa, então dizia para os filhos. Ela queria ter feito a partilha das terras, que o pai não conseguiu fazer. Ela queria fazer também, mas não conseguiu. Este era o sonho dela.* Dona Graça dizia que queria fazer isso em vida para os filhos *não brigar ou se odiar depois. Ela queria fazer isso.* Na família, seu Élio não se lembra de alguém ter cometido o suicídio, *não que eu me lembre.* Dona Graça criou nove filhos trabalhando na roça. *Ela sempre na roça e lavando roupa, fazendo a comida. Todos os filhos foram criados juntos, assim, todo mundo junto.* Do trabalho, às vezes, ela se queixava. Dizia que estava cansada, mas só às vezes. Dona Graça morava com o marido e um filho, até o

marido falecer. Mas este filho faleceu também. Ele morava com Dona Graça, *tinha casado, mas depois não deu certo e uns anos depois ele se separou e veio morar com a mãe, a mãe puxou ele ali*. O marido de Dona Graça, pai de seu Élio, faleceu de câncer. Seu Élio lembra o dia da morte de Dona Graça como *um dia muito triste. Minha irmã ligou de Garibaldi para ver se ela ainda tinha remédio, porque tinha uma irmã responsável para comprar sempre o remédio, era só uma que ia atrás dos remédios. Para não errar*. Esta filha de Dona Graça acompanhava-a ao médico e também era a responsável pela compra das medicações. Então, *ela ligou, não atendeu, ligou de novo, não atendeu. Daí ligou para a vizinha, que tem uma vizinha perto. A vizinha foi até lá. Estava tudo chaveado, bateram na porta, ninguém atendia*. Então, a irmã de Garibaldi ligou para o seu Élio. *Pedi para o meu patrão se ele me dava licença, pra ir ver né*. Seu Élio foi até a casa da mãe. Enquanto isso, a sua esposa ficou tentando falar com Dona Graça pelo telefone. Chegando lá, a casa estava fechada. *Tudo fechado. Chamei um vizinho e descemos eu, ele e a mulher. Pedi se tinha uma escada, então tinha uma janela meio alta no lado que não tinha veneziana, era só vidro. Aí pegamos uma chave e levantamos a janela. Eu entrei pela janela. Abri a porta para o vizinho e fomos lá no quarto, estava lá ela, morta*. A luz do quarto ainda estava acesa, por isso seu Élio acha que a mãe se matou naquela noite, *de madrugada ou de noitinha, por aí*. Dona Graça se deitou no quarto. Ela tinha uma cama de casal nova, grande, *se viu que ela tinha dormido lá, mas depois tinha o quarto de hóspedes. Foi lá no quarto de hóspedes, em uma caminha*. Ela não ficou no quarto dela, foi no outro. Seu Élio procurou pela mãe em seu quarto, *mas nada*. Então, viu a luz do outro quarto acesa e encontrou Dona Graça morta. *Ela tomou herbicida. Ninguém sabia que ela tinha. Eram anos que ela não tinha nada para passar veneno*. Seu Élio acha que o veneno *era alguma sobra de outras épocas, porque o frasquinho dele era bem velho, nem dava mais para ler em cima*. Talvez estivesse *na casa velha, de baixo*, onde ela morava antes de se mudar para a casa nova. Dona Graça nunca falou sobre a morte com ninguém, não deixou nenhum aviso, nada. *Era um dia de semana, uma quinta eu acho. Era dia de semana e estava chovendo naquele dia. Eu até nem sei como tive aquela coragem, aquele dia, mas tem que fazer na hora, fui lá e peguei a mão dela, estava gelada*. Não havia mais o que fazer. Os vizinhos estavam junto e, então, telefonaram para os irmãos *e de lá mandaram o perito. Fizeram sei lá o que e ela foi levada para Bento, Caxias, não sei. Até eu tinha que dar um depoimento na Delegacia naquela época. Fomos eu e o vizinho, mas não no mesmo dia*. Primeiro chamaram o vizinho e depois o Seu Élio. Naqueles dias que antecederam a morte de Dona Graça tudo foi normal, *ninguém imaginou isso*. Dona Graça tratava basicamente da depressão, da pressão alta e *de um probleminha no coração que ela tinha a vida toda*. Seu

Élio nunca pensou porque Dona Graça pudesse estar deprimida: *talvez, pensando, é porque ela se via sozinha, talvez. Pode ser também. Não é fácil uma pessoa de idade morar sozinha, tu sabe. Mas ela queria assim. Eu falei, mas ninguém pode ir lá e pegar ela no colo e levar embora. Ninguém pode forçar, tem que ser de boa vontade.* Dona Graça tinha oitenta e um anos. O pai de Seu Élio morreu com setenta e quatro. *O pai foi de tanto fumar e um pouquinho ele bebia, problema um pouco de tudo, sabe.* Dona Graça nunca bebeu nem fumou, e os últimos anos aí, *nem pensar, tomando remédio com vinho...não tinha como.*

#### 6.4.8 Necropsia verbal 08: *O homem dos cavalos*

Seu Milton estudou até o ginásio e era mecânico. Trabalhou muito tempo como mecânico de carros e caminhões e transformava motores de gasolina para álcool. Casou com Dona Béte e tiveram dois filhos: uma menina e um menino que hoje têm 32 e 37 anos, respectivamente. Dona Béte sempre trabalhou para ajudar com as contas da casa. Trabalhou como caixa de supermercado, balconista de farmácia, com artesanato, quando os filhos eram pequenos, e, por último, fazia faxinas. Seu Milton sempre foi funcionário, empregado de mecânicas, mas, segundo Dona Béte, o que ele ganhava não era suficiente. *Passamos uma vida apertada para criar os filhos e manter as coisas.* Seu Milton era natural de São Leopoldo. O pai de Dona Béte comprou um restaurante em São Leopoldo e, assim, foram de Garibaldi para lá. Foi lá que ela conheceu o marido, namorou e casou. Depois, o pai dela voltou para Garibaldi, mas eles permaneceram lá. Foram 25 anos morando em São Leopoldo. Agora, faz 17 ou 18 anos que voltaram para Garibaldi. Quando Dona Béte veio de São Leopoldo pela primeira vez, estava separada do Seu Milton. *Eu me separei dele, eu vim com os filhos e ele ficou por lá quando já morava com a irmã dele porque ele não teve mãe. Aos quatro anos, a mãe dele faleceu e a irmã dele que assumiu como pra criar né...Ele e uma irmã que ele tem que ganha ataque epilético. Ela não é excepcional, ela tem como que é...epilepsia. A irmã assumiu esta e ele, e um outro irmão dele mais velho e outra irmã mais velha criou um outro irmão recém-nascido.* Quando Dona Béte se separou, Seu Milton foi morar com esta irmã que o criou. Segundo Dona Béte, Seu Milton sempre bebeu, tinha problemas com o álcool. No entanto, este não teria sido o motivo da separação. Para ela a questão foi que ele batia nela. *Depois nós voltamos, mas não como marido e mulher.* Ele veio para Garibaldi morar com ela e com os filhos. *Mas ele tinha um quarto separado. Ele estava doente, tinha problemas de diabetes e bebia muito, muito, muito...* Assim, por duas vezes, Dona Béte buscou Seu Milton em São Leopoldo porque a irmã dizia que não tinha mais compromisso com ele, que a obrigação era da família dele. *Eles sempre exploraram ele,*

*sempre exploraram ele...quando ele tinha dinheiro, ganhava décimo terceiro, férias tudo eles roubavam dele...era gente malandra...é gente da média alta que nem as pessoas que a gente olha e parece decente sabe?* Assim, Dona Béte foi buscar o Seu Milton junto com os filhos: *nós vamos buscar o pai e vamos ajudar ele.* Então, neste período, Dona Béte trabalhava com o cunhado e o Seu Milton também estava trabalhando. Ele dava para ela uma *pensãozinha*. Mas, de acordo com ela, ele nunca gostou de Garibaldi e um dia, quando os parentes vieram visitar, ele foi embora de novo, junto com eles. *Armou um barraco e foi embora junto com eles. Ele já estava melhor, pois tinha feito um “tratamento”.* No entanto, um ano depois, Dona Béte e os filhos foram buscar o Seu Milton novamente. Nesta época, Dona Béte tinha colocado uma oficina de caminhões junto com o genro que era mecânico e com o filho que estava aprendendo o ofício. Dona Béte estava encaminhando os filhos para um negócio próprio *porque eles eram funcionários, empregados.* Ela ganhou *um dinheirinho de uma herança do pai, que não era muito, mais o décimo terceiro,* juntou tudo e abriu a oficina mecânica. Junto com estes recursos vieram recursos do genro também. Era uma oficina *bem pobrezinha...quatro anos depois eu vendi ela. Vendi porque o pessoal não pagava certo e onde eu comprava tinha que pagar, daí eu disse: antes de quebrar vamos vender.* A oficina foi vendida e as contas foram pagas. Dona Béte entrou em depressão e Seu Milton estava em casa fazendo tratamento também para parar de beber. Na última vez que ele veio havia brigado com a família. *Ele tinha umas terras de herança do pai dele em São Leopoldo, perto da Unisinos. Ele foi lá, limpou, mas nós não sabíamos. Aqui nós não ficamos sabendo. Ele limpou um pedaço de terra, fez um puxadinho que era que nem esta lavanderia minha aqui...uma coisa assim sabe, um banheiro e foi morar, com fogareiro, não tinha mesa para comer ou era uma caixa, tudo assim sabe, coisa de bêbado mesmo.* Dona Béte diz que achou até engraçado quando chegaram lá para buscar o Seu Milton: *nós ficamos de cabelo em pé. Nós jamais imaginaríamos que ele fosse fazer uma coisa dessas.* A família dele de São Leopoldo não falou nada. Só disse que ele tinha se mudado. Então, Dona Béte e os filhos resolveram ir lá para ver como estavam as coisas. *Meu Deus, quando nós chegamos lá nos apavoramos com a situação dele. Ele fez uma casinha para ele ali e nos finais de semana ele plantava aipim, batata doce, estas coisas. Do lado de lá era uma casa de gente que não trabalhava, um casal. Ela tinha três filhos, dois rapazes e tudo assim: as gurias eram vagabundas, faziam ponto, iam para a boite, essas coisas de noite e os guris eram maconheiros. Era gente que não trabalhava, eu não sei como eles se sustentavam...* Todo o tempo os parentes de São Leopoldo ligavam dizendo alguma coisa, contando alguma coisa que o Seu Milton tinha feito. Diziam que esta família que morava próximo tirava tudo dele,

que ele estava sempre, no bar, bêbado. Dona Béte ficava apavorada e, então, foram averiguar a situação. Seu Milton já estava aposentado nesta época. *Quando ele trabalhava, segundo Dona Béte, ele se comportava bem. Bebia, mas os patrões dele ficavam com ele porque gostavam muito dele e em consideração porque ele tinha sido sempre um bom funcionário. Mas depois ele se atirou na bebida.* Ele fez vários tratamentos em Garibaldi e em Porto Alegre. *Uma época nós estávamos casados e ele fez um tratamento em Porto Alegre, na Pinel. Gente, nós vendemos um terreno que era único bem que nós tínhamos para pagar aquela tal Pinel que era particular.* Dona Béte diz que foi a família dele que a induziu a vender a única coisa que tinham porque, segundo ela, eles sempre moraram de favor, nunca tiveram casa própria, nem essa onde ela mora hoje é dela, mas do genro. Assim, Seu Milton ficou uns oito anos morando lá nesse terreno perto da Unisinos. Um dia *ele ficou com a diabetes muito alta, todo inchado* e, então, ela e os filhos decidiram que ela deveria cuidar dele e não deixar os filhos dela cuidarem. Segundo ela, eles não tinham obrigação, mas ela sim. Então, ela foi lá para São Leopoldo e ficou lá cuidando dele por quatro anos naquele terreno, na casinha que ela chamava de *baiúca*. Dona Béte ri desse tempo. Pintaram a casinha, aumentaram uma parte do quarto, uma parte da cozinha. Nesses quatro anos ela também adoeceu. *Me estourou lúpus. Era muita depressão, muita tristeza que eu tive e me deu esta doença.* Dona Béte voltou para Garibaldi para se tratar e quando retornou viu que não dava mais. Era muito calor. Ela cuidava das flores, da horta e não podia pegar sol e Seu Milton tinha começado a beber de novo. *Não deu mais pra ficar lá com ele. Ele saía para beber ou bebia em casa. Eu tinha que comprar e trazer pra casa ou ele buscava...ele nunca ficava sem, era em casa que ele bebia.* Vieram os dois para Garibaldi, mas ele não gostava. Seu Milton dizia que ia embora, que não queria ficar em Garibaldi. Dona Béte dizia que eles não iam mais *viver assim que nem bicho lá embaixo e os outros explorar e tirar tudo dele.* A casa onde Dona Béte morava em Garibaldi era dela e das irmãs que, naquele momento, decidiram que queriam vender a propriedade. Então, saíram e alugaram uma casa *e achamos aquela casa lá, afastada, um sítio, lá onde ele se matou. A casa estava abandonada, fechada e nós restauramos, arrumamos, pintamos.* Mas Seu Milton tinha sempre a ideia de ir embora. Cada um continuava com seu quarto, mas ele nunca procurou Dona Béte. *Sabe, só quando ele tava bêbado ele queria passar a mão em mim, é coisa de bêbado.* Seu Milton deixava o dinheiro dele para Dona Béte cuidar. Ela fazia as compras. Ele dizia o que queria, inclusive a bebida. *Se eu não comprasse ele mesmo ia.* Dona Béte teve muita raiva do Seu Milton, mas hoje ela diz que tem pena. *Depois que ele morreu eu fiquei pensando muito...a vida dele não foi fácil também.* Ela chora ao lembrar que ele não tinha ninguém por ele, que o pai abandonou os

filhos para ficar com outra mulher e que sua mãe morreu... *Ele era chefe da oficina e foi assim pro buraco por causa da bebida e botaram outro, então ele se sentiu humilhado né, pra baixo, mas ele nunca falava.* Ainda segundo Dona Béte, Seu Milton sempre tinha sido empregado, mas teve um período em que ele foi dono. *Mas o sócio dele logrou ele muito.* Na oficina mecânica onde ele trabalhou era um ritmo muito intenso, *quando tinha socorro para fazer ele tinha que ir.* Era uma oficina grande, com vários funcionários: era mecânica, borracharia, posto de gasolina. De acordo com a Dona Béte, Seu Milton gostava muito do trabalho que fazia, *só que ele era bem irritado, com qualquer coisinha ele se irritava.* Às vezes ele falava do chefe que era chato...*mas era porque ele tava assim... ele já tava em uma idade e a bebida, então ele não dava tanto rendimento no serviço né.* Ele tinha sessenta anos quando morreu. Ia fazer sessenta e um em julho, mas faleceu em fevereiro. Da bebida, Dona Béte fala que ele sempre bebeu, mas socialmente. No entanto, depois do nascimento do filho *ele se atirou no vício cada vez mais.* Foi então que o casamento dos dois *desandou.* *Ele tomava café e quando já era oito e meia ele já começava a beber. Ele bebia no trabalho e eles deixavam ele muito à vontade porque ele era como se fosse da casa.* Seu Milton se dava bem com os colegas. No dia da morte, Dona Béte diz que foi bem estranho. Ela tinha sido contratada *para cuidar de uma moça excepcional porque a irmã dela ia sair.* Naquele domingo, estava tudo normal. Os filhos estavam de férias na praia. Era fevereiro, dia oito de fevereiro. Eles levantaram, tomaram café. Seu Milton *foi pro vinho dele que nem sempre.* A irmã da Dona Béte estava lá. Seu Milton gostava muito dela. Ela foi almoçar com eles. *Eu disse: bah, vamos fazer um galletinho. Ele temperou o frango, espetou e foi fazer o fogo. Tinha um quiosquezinho nos fundos da casa.* Eles costumavam almoçar lá, ficar por lá. Foram muitas risadas naquele dia. *Mas de tarde me deu uma coisa assim ruim, ruim, eu fiquei ruim e me atirei no sofá, coisa que nunca fiz com a minha irmã lá em casa mesmo.* Mas tinha sido um domingo bom. Seu Milton contou muita piada, mas depois Dona Béte ficou ruim e disse: *bah, não vou poder trabalhar.* Então, telefonou e avisou que não ia cuidar da pessoa porque não estava bem. *Eu levei a minha irmã no corcel e fui pra casa e fiquei lá deitada ruim, assim, me deu um mal-estar e tava tudo bem. Depois ele começou a me olhar assim atravessado com o olhar parecia que ele tava com algum espírito incorporado, com a cara feia. Quando fui passar para ir no banheiro ele me deu um empurrão. Eu perguntei: o que que foi? Ele disse: nada e foi olhar televisão e continuou a beber o vinho.* Ele bebia conhaque com coca-cola também. Dizia que ia caminhar, mas ia beber. Mas naquele dia ele não foi. Em casa, ele só tomava vinho. A filha chegou da praia, eles se beijaram lá fora no quiosque, se abraçaram, *mas ele já tava duro né...* O genro ajudou a carregar as coisas da filha, Seu Milton

ajudou a empurrar o Passat que *tava no porão para fazer pegar...depois ele sumiu*. Dona Béte e a filha ficaram no quarto tirando as roupas da mala, colocando as coisas no lugar e não viram mais o Seu Milton. *Nós achava que ele tava no bar. Às vezes ele falava que ia se matar. Quando morava em São Leopoldo, mas nunca mais tinha falado nada*. Ele estava tomando remédios para diabetes e pressão. Dona Béte até falou com o médico para dar para o Seu Milton *uns remédios para depressão*, mas o médico disse que *primeiro ele tinha que parar de beber*. Na hora do jantar, o Seu Milton não apareceu. Ela então saiu para ver se o encontrava. Foi nos bares perto da casa e no salão da igreja, mas ele não estava lá. Dona Béte tinha uns cavalos nos fundos da casa e uma vaquinha, em um *puxadinho*. Tinha também umas galinhas. O puxadinho foi feito com umas taquaireiras e com lona e serviam para abrigo dos animais. *De noite, os cavalos estavam relinchando e um deles batia o pé. Aí eu disse: ué, o que que os cavalos têm? Já estava tudo escuro e eu disse que ia ver os cavalos, porque minha adoração eram os cavalos. Eu adorava os bichinhos e ele também gostava. Eu disse vou lá ver*. A filha disse para a mãe voltar e acender a luz. *Quando chegou naquele portãozinho entre as taquaireiras eu vi ele, a camisa azul com listras de costa, aí eu disse: Milton o que que tu tá fazendo aí homem, no escuro...ele tinha um medo horrível de aranha sabe? Ele nunca ia lá atrás sem botar a bota dele...eu tava abrindo o portãozinho e eu vi ele entre as taquaireiras. Quando eu entrei, que eu virei e olhei bem pra ele, ele tava pendurado. Ele tinha se pendurado naqueles palanques. Eu nem cheguei perto. Eu vi que ele tava pendurado com a corda, de costas. Ele ficou de frente pros barrancos, pro mato*. Dona Béte saiu correndo, chamou a filha. *Ele foi muito explorado pela família, não eu e nem os filhos, foi pela família dele. Depois que ele morreu eu comecei a analisar como foi a vida dele, o porquê, nós queríamos saber, o porquê de ele fazer isso com a gente, porque ele adorava os filhos. A gente queria saber por quê? Então eu fico pensando, analisando qual foi a vida sofrida dele, sem mãe, tudo o que ele passou né, a bebida. De repente ele dizia: sou doente... e eu dizia eu sei que tu é doente, mas tu tem que tratar se é uma doença. Às vezes ele dizia que não era doença, que era porque ele gostava. Então a gente, eu me conformo pensando nisso, que ele teve muito trabalho e que ele não teve uma vida muito feliz*.

#### 6.4.9 Necropsia verbal 09: *Dois anos e quatro dias*

Bruna e Bruno são filhos de Maria Isabel. A mãe havia se suicidado e o pai morreu há cerca de um ano, de acidente de carro. Assim, Bruna, com 21, e Bruno, com 19, são hoje os “donos da casa”. Bruna casou e hoje tem um bebê. Na cozinha sentamos para conversar sobre Maria Isabel. Maria Isabel, a exemplo dos demais entrevistados, estudou pouco, até a terceira

série, comum à época. A fonte de renda da família vem toda da pequena propriedade, onde a família tem gado e plantam na lavoura. O gado é de leite e a família planta azevém e milho. Além disso, tem também aviário que garante o sustento da família. De acordo com Bruno e Bruna, nunca faltou nada para eles. Apenas quando necessitam de serviços de saúde devem ir até Garibaldi ou Boa Vista do Sul. *Eles mandam pra lá qualquer coisa de maior urgência.* Os filhos de Maria Isabel lembram da mãe como uma pessoa divertida: *no começo quando ela não era doente ela era uma pessoa divertida, ria, escutava a risada dela de longe...Depois quando ela ficou doente...depois que ela tentou a primeira vez...daí depois parecia que era uma pessoa nula aqui em casa. É, não existia mais assim.* Para os irmãos, ela não falava mais coisa com coisa. Eles dizem que *ela botou coisa na cabeça, que ela tinha feito mal pros pais dela e se ela ficasse aqui com nós, nós íamos perder tudo que nós tínhamos. O pai queria reformar a casa e ela dizia que não era para reformar que a casa ia cair.* Ela teria ficado assim do nada. Ela estava bem e, *de repente...* A mãe de Maria Isabel mora em outra propriedade ali perto e o pai já era falecido naquela época. Bruna diz que ela *começou com estas ideias na cabeça.* Os filhos dizem que ela foi em muitos médicos, que levaram a mãe em diversos médicos, mas *ela dizia que tomava os remédios só que ela jogava fora.* O médico disse que *o que ela tinha era depressão da mais forte que tinha, a profunda...a mais profunda que tinha.* Bruno diz que *podia levar onde ela queria que era sempre o mesmo pensamento.* Maria Isabel dizia: *pode me cuidar o tempo que for, uma hora eu vou conseguir, ela avisava, sempre disse...Nós cuidamos dela dois anos e três ou quatro dias. Onde ela estava sempre tinha um atrás, tipo colado com ela, mas sempre, sempre onde ela ia tinha um, não dava pra deixar sozinha.* Além de Bruno e Bruna, Maria Isabel tinha outra filha mais velha que mora em Teutônia. Maria Isabel não gostava de sair...*tu saía de casa que nem vamos para uma festa, terminava de comer e tinha que vir embora...não gostava de gente.* Maria Isabel era também cabelereira, todo sábado ia cortar cabelos, *mas teve um tempo aí que ela até perdeu bastante freguesia por causa que os caras tinham medo né, sabe uma pessoa depressiva passa bastante coisa na cabeça, daí ela perdeu bastante freguesia porque ela tinha bastante, um monte e ali atendia no salão da comunidade, no sábado.* Ela ia nos sábados e nas quartas-feiras, mas depois parou de ir nas quartas e só ia aos sábados, até que não foi mais. *Não queria mais ir.* Ela tentou o suicídio pela primeira vez em 2007 e o fez efetivamente em 2009. *Cuidamos dela dois anos e quatro dias. Ela não falava nada, mas simplesmente tentou se enforcar.* Depois desta primeira vez, Maria Isabel só queria ficar no canto dela, quieta, só chorava, não queria falar com ninguém, *assim, não queria ficar no meio de gente e rezava...rezava...Meu Deus o que essa mulher rezava era uma...todo final de semana ia para*

*Caravaggio, todo...o médico disse que secou um nervo na cabeça dela. Ela passava quase um dia inteiro dormindo, só não queria ficar com nós aqui, acordada assim...Antes de Maria Isabel ficar doente, ela tinha o sonho de ter um restaurante...ela sempre disse que tinha esse sonho, ela gostava de cozinhar e cozinhou bem, quando tava tudo normal, depois daí...pra nada tinha mais sentido, viver ou morrer era a mesma coisa. Bruno diz que em casa, quando ele era mais novo, quando tinha uns quatorze ou quinze anos, antes de ela ficar doente, ela pegava no meu pé, meu Deus e depois se eu quisesse dizer vou sair, vou saltar tal coisa, para ela tanto fazia...não se importava mais, era indo de ré, pra trás, nunca ia pra frente. Na família de Maria Isabel havia um tio que cometera o suicídio. Ele já estava divorciado e ele vinha todo, cada pouco ele vinha aqui e ela já estava doente...e de uma hora para outra ele se enforcou. Depois falamos para ela, mas ela nem, tipo que nem falar para uma cadeira, nem se importou. Depois que Maria Isabel se enforcou, outro tio dela também o fez. Com ela, três pessoas da família: dois tios e ela. Maria Isabel trabalhava na lavoura que nem uma pessoa, um homem qualquer, trabalhava em tudo e depois ficou doente. Ela trabalhava muito e sempre quis que os filhos estudassem, mas ela não reclamava do trabalho. A primeira vez que Maria Isabel tentou o suicídio foi Bruna quem a encontrou e, depois, foi Bruno: depois eu cheguei muito tarde. Ela tentou se matar, primeiramente, no aviário e ela já tinha amarrado a corda faziam três dias. Ela botou lá e deixou. Daí naquele dia que ela amarrou chegou o pai dela e daí ela ouviu os cachorros latindo e daí ela não tentou por causa do pai dela. O pai dela não viu nada, não se deu conta. Então, depois Bruna foi no galinheiro e o pai estava ali e eu perguntei onde tá a mãe e daí ele disse, não sei, deve estar no galinheiro lá no fundo, daí eu cheguei lá e ela estava em cima da escada e com a corda já aqui...daí eu gritei, daí eu perguntei, mãe o que tu tá fazendo? ela disse estou dando veneno pros ratos. Mas tinha a bandejinha dos venenos dos ratos lá perto dela né...daí nós tínhamos visto que não era verdade e eu gritei pro pai e ele veio lá... Bruna tinha 17 anos na época e Bruno, 14. No dia da morte de Maria Isabel, Bruno conta que estavam tomando café e foi a única vez que me lembro... tanto tempo ela não dava uma risada com nós aqui na mesa. Era frio, uma geada e ela estava só de bermuda e camiseta e eu disse: tu não tem frio? E ela disse: não tenho... Tinha os pintinhos pequenos... daí um foi para um lado outro foi para o outro, fui esquentar as botas no galinheiro, eu não conseguia colocar porque estava frio daí eu pedi pro pai cadê a mãe e ele disse ...não sei e daí peguei e entrei aqui na cozinha fui...não sabia os lugares onde ela ia né, daí fui descendo a estrebaria. Cheguei lá e quase bati nela, mas foi questão de segundos, isso porque cheguei pelo menos ela estava quente, quente... Bruna disse que fazia dois minutos que ela tinha saído da cozinha e como ela saiu, Bruna saiu também. Foram todos*

para os afazeres. *Deu tempo de amarrar a corda e a corda estava falhada. Ela deu um nó na corda falhada. Não parece...parece uma coisa inexplicável porque dá tempo de amarrar a corda e sabe, a gente não consegue raciocinar como é que acontece as coisas.* Bruno só se preocupou em chamar o pai. Ele chegou e tentou tirar Maria Isabel de lá. *Mas ela se destroncou, ela pulou de uma altura de um metro e pouco, ela amarrou a corda e subiu no coxo da vaca e se atirou pra baixo. Os pés batiam no chão. Ela dizia sempre: vocês podem me cuidar o tempo que for que uma hora eu vou conseguir.* Bruna lembra que ela escreveu um recado que está com a irmã em Teutônia que dizia mais ou menos o seguinte: *A mãe vai morrer, eu fiz mal para vocês e se eu ficar com vocês nós vamos perder tudo que nós temos e filhos sintam-se felizes, até um dia e rezem por mim.* A família achou este bilhete depois. Pensam que ela escreveu bem antes. Encontraram o bilhete dentro da gaveta do criado mudo de Maria Isabel, junto com os documentos. Maria Isabel tinha 43 anos quando se suicidou.

## **6.5 A análise dos dados**

### **6.5.1 O jogo de esconde-esconde**

As TMM-S no Rio Grande do Sul crescem na medida em que a população geral diminui e a população rural aumenta. Este é o quadro que se nos apresenta para os últimos dez anos de mortes por suicídio analisadas no Estado. Os municípios pequenos e com população rural significativa tendem ao aumento de suas taxas de suicídio se comparados aos municípios maiores, com população urbana também maior. Esse dado é importante para ilustrar o movimento que o fenômeno do suicídio tem tomado nestes últimos anos e que pode ser observado através das tabelas apresentadas nesta seção. Por sua vez, as vítimas apresentadas por meio dos IPs são cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Entre as profissões que restam destacadas nos IPs apenas as de agricultor e aposentado. As demais profissões não são informadas nos documentos. Este é um dado que nos IPs analisados está sempre incompleto. Por vezes, há a menção ao endereço do trabalho ou da empresa em que a vítima trabalhava, todavia, a profissão não é destacada como informação pertinente, embora exista tal campo para preenchimento no próprio documento. Quando o levantamento fotográfico encontrava-se anexado ao IP, foi possível verificar a situação do trabalho e da profissão através da situação da morte: as mortes, com apenas uma exceção, ocorreram na residência e no local de trabalho, sendo que, não raras vezes, o local de residência é, ao mesmo tempo, local de trabalho. Esta é uma situação comum nas áreas rurais, nas quais a residência e o local de trabalho não são facilmente identificáveis, uma vez que pertencem a um todo maior, “a propriedade”. Assim, mesmo o IP não trazendo a profissão informada, as fotografias

iluminam chiqueiros, aviários, estrebarias enquanto locais eleitos para a celebração da morte, aproximando campos e permitindo antever os locais de vida, morte e trabalho. É também através da fala dos familiares que o local da morte aparece, sendo referenciado como parte do dia a dia vivido. Assim, é comum menções como: estava tomando café e foi tratar os porcos, foi ver as galinhas, foi dar água para os animais e assim por diante. Tudo isso antes de morrer, antes de cometer o suicídio: a execução de alguma atividade relativa ao trabalho foi muito utilizada para “despistar” os familiares. Trabalhar está acima de qualquer suspeita e, assim, conseguiram realizar a sua própria morte sem interferência. A condição socioeconômica, por sua vez, não é relatada em nenhum momento nos IPs. Entretanto, pode-se observar, quando do levantamento fotográfico, tratar-se de pessoas simples, com modos de vida simples também, associados a toda uma simplicidade no que condiz às vestimentas utilizadas por ocasião da morte. São vestimentas concernentes ao dia a dia vivido. Nos IPs analisados, as informações não são regulares. Isso implica dizer que há IPs com muita informação e riqueza de detalhes e outros, como pode ser visto acima, com pouca informação, carecendo de uniformidade no procedimento. Assim, ao mesmo tempo em que trazem informações importantes, deixam de lado outros elementos interessantes relativos ao fato ocorrido. Neste sentido, o IP é um documento importante, mas que, por si só, deixa lacunas. Uma questão importante a ser observada é aquela que condiz às questões, às motivações envolvendo o suicídio. A depressão é uma palavra recorrente em quase todos os IPs analisados. A depressão, o tratamento da depressão, “dos nervos” é aquilo que desponta como a causa primeira do ato suicida. Tem-se ainda muito presente a questão da saúde de uma maneira mais geral, apresentada através de doenças como a pressão alta, diabetes, “mal de Parkinson” e, também, o álcool e as drogas, que aparecem como motivadores do ato suicida. Fundamentalmente, a questão envolvendo a saúde e a perda desta do ponto de vista físico e, especialmente, psíquico é recorrente. As vítimas sofrem de depressão, sofrem de dor física, preferindo, por vezes, a morte a continuar com a dor e com o sofrimento. As relações amorosas aparecem em um caso, assim com a questão das drogas associada às perdas financeiras e à desagregação familiar. A saúde, portanto, é elemento central, notadamente a perda desta por meio da depressão. Destarte, o documento deixa entrever situações não necessariamente descritas em detalhes, como a solidão, as tentativas de suicídio anteriores, a dor que impede trabalhar e viver com qualidade de vida, as mudanças, os “vais e vens” na busca de trabalho e de vínculos afetivos, a desagregação da família, a separação, as dívidas contraídas, as cirurgias e os “tratamentos”. Destes apenas se pode ler: estava em tratamento para depressão, pressão alta, colesterol, diabetes. O sentido da morte é buscado no IP, por isso

a depressão ressoa no interior destes e na fala dos familiares. Aquilo que é comum, peculiar transforma-se em todo, em contexto. A vida interior grita: estamos doentes, estamos em depressão, estamos sem saúde. Talvez este seja o apontamento maior do documento policial. A “causa” não está longe, a morte está ali mesmo na vida das famílias destroçadas pela depressão, pelos “tratamentos” que não dão certo. A morte está dentro das comunidades e como tais mortes são isoladas, cada uma no seu dia, na sua hora, no seu cenário, não são vistas no conjunto. As transformações no trabalho exercido no meio rural não podem ser observadas através do documento, através da fala dos familiares no Termo de Declarações, todavia, os levantamentos fotográficos, quando existentes, permitem questionar por que o local de trabalho é eleito para a prática suicida. Como bem afirma Dejours, há, nesta conduta, certo endereçamento que é passível de se notar. No entanto, o sofrimento resta claro, notadamente através da perda da saúde, dos relacionamentos familiares. Interessante observar que a busca da elucidação do fato através do IP traz, em si, sua contradição. Dito de melhor forma, ao buscar averiguar as causas da morte, remete-se à própria inconclusão. A causa não é resolvível ali. A causa geradora do suicídio não pode ser resolvida por esta instância, eis que afeta outra causa. Ou seja, a depressão que afeta os suicidas, os “tratamentos” a que estão condicionados não são o alvo, *per se*, da investigação da morte. A investigação é para outra coisa: saber se houve mesmo o suicídio ou foi outra a causa da morte. Assim, tal procedimento remete ao vazio: a depressão não será julgada. Foge à alçada policial a resolução de situações que a envolvem. Elucida-se não elucidando, conclui-se não concluindo, descobre-se não descobrindo e, neste ir e vir, a vida interior segue gritando. A culpada está ali, junto com algumas outras “fora da lei”: as “desordens” familiares, afetivas, as drogas, o álcool, que não passarão por julgamento, não estarão no banco dos réus. A “bandida” é naturalizada no processo: invisibilizam-se as raízes e o contexto no qual essas raízes brotam. É o texto oficial que esconde e mostra a tristeza presente nas vidas humanas e que diz: Sim, estamos nos suicidando porque estamos em depressão, porque estamos sem saúde, porque estamos em sofrimento.

De outra parte, a necropsia verbal traz questões essenciais ao entendimento do suicídio. As narrativas trazem a deterioração das condições de vida, de saúde e de trabalho de boa parte dos suicidas, conforme as entrevistas acima dispostas. São doenças e acidentes de trabalho que levam à impossibilidade de trabalhar, como o caso do Seu Pedro que não conseguia mais trabalhar em função da doença, aliado à dor que sentia e o impossibilitava especialmente de trabalhar. Como ele mesmo dizia, *era melhor estar morto* do que com esta impossibilidade diária impedindo o exercício das mais simples atividades. Seu Pedro tinha

dores e sentimentos aliados à depressão que se tornavam mais dolorosos ainda. Ele se desligou do trabalho em um aviário para construir os seus próprios, visando uma vida melhor. Neste processo, adoeceu e não mais conseguiu dar conta do próprio trabalho. A perda da saúde e, com esta, a impossibilidade do trabalho, a humilhação vivida em função de não poder efetivamente nem *cortar o pasto*, levam ao desespero, à agonia. Como bem apontado por Furtos quando trata da questão envolvendo o sofrimento social: a perda dos objetos sociais tira o sujeito do jogo. Neste caso, trata-se da perda do status de saudável, de trabalhador para o status de doente, de impotente. Neste sentido, perde-se também a confiança no futuro que, neste caso, passa a não mais existir: *é melhor estar morto*. Cabe observar que a família também cuida de aviários, atividade comum na região investigada e que torna os produtores “integrados” a todo um sistema de gestão diferenciado. Tal organização, como visto, gera também um trabalho difícil e penoso, agregando-se a esta questão, a forte carga física e psíquica que demanda. Seu Pedro morreu no chiqueiro, junto aos porcos. Todavia, antes de morrer, tomou os remédios para continuar vivendo.

A questão envolvendo a perda da saúde não foi diferente com Dona Rosa. Ela *tomava os remédios de raiva*, como dito pelos familiares. Os remédios reduziam a qualidade de vida, causavam cansaço, sonolência e impediam Dona Rosa de estar disposta para o trabalho. A perda também foi do grupo familiar quando ingressaram no ramo dos aviários e perderam quase tudo com os galpões que praticamente caíram. Depois disso, venderam a propriedade e foram viver do corte de lenha. A doença dos nervos, a pressão alta e a depressão levaram Dona Rosa várias vezes aos médicos para tratamentos que, segundo a família, eram inconstantes. É Dona Rosa que também dirá: *é melhor morrer*. A doença impede a ação, impede o exercício das atividades, impede o trabalho. Assim, a perda gera sofrimento e o sofrimento leva, por sua vez ao desespero. Não há mais estima de si em uma situação destas e a falta de esperança com relação ao futuro torna-se quase impossível. Dona Rosa era idosa, assim como Seu Pedro e tinha na família outros suicidas. Ela se matou em um galpãozinho perto da casa, enquanto a filha foi tratar os porcos.

Caso semelhante é o do Seu Virgílio que teve problemas de saúde e problemas inclusive, ao que parece, com o diagnóstico de sua doença, levando-o a não confiar mais nos médicos e se abalando após a notícia da existência de um câncer. Seu Virgílio já estava aposentado, aliás, tinha medo de pedir a aposentadoria porque iriam despedi-lo, destacando a importância do trabalho na constituição da vida e da morte das pessoas. Seu Virgílio, embora morador do meio rural, exercia outra profissão: a de motorista. Vivia no rural, mas “ganhava a vida” no urbano. Estava aposentado, mas trabalhava meio turno. Com a notícia da doença,

Seu Virgílio se angustia e entra em depressão, atirando-se no trem que via quase todos os dias passar e era a sua *adoração*. A perda da saúde e da perspectiva de futuro, comprometidos pelo diagnóstico de câncer, levou à insegurança e foi então que a depressão se instalou.

Ângelo também morava na zona rural, mas trabalhava em um aviário. Foi lá, inclusive que ele se matou, em um aviário abandonado. O pai, com quem vivia, era separado da mãe. Moravam em cidades diferentes. Ademais, Ângelo se envolveu com drogas e, para completar, teve um prejuízo financeiro e não conseguiu pensar em como sair dele. Fechou-se em seu próprio pensamento. Só viu uma saída: o suicídio. Ângelo era jovem e morreu no local de trabalho, último local de discussão com o pai.

Jorge, por sua vez, morreu em casa, enforcado em uma cortina vermelha, vermelho do amor e da decepção amorosa sofrida. Sua morte se deu no seu primeiro dia de trabalho. Jorge veio para Garibaldi, voltou para Coronel Bicaco, retornou para Garibaldi. Teve depressão e fazia um tempo que estava sem medicação. Não suportou o rompimento com a namorada e se matou no dia em que esta veio para vê-lo. Jorge e os irmãos moravam no meio rural, mas trabalhavam em empresas diferentes na região, na área de plásticos.

Dona Graça também era aposentada. Matou-se ingerindo veneno usado na lavoura e guardado por anos a fio. Estava com depressão e morava longe dos filhos, na colônia. Apenas um filho morava perto da casa de Dona Graça, os demais moravam na cidade. Ela tentou vir para a cidade, mas retornou. A solidão, o afastamento da família, a morte do marido, a ausência de atividade parecem ter gerado situação de sofrimento nunca sequer verbalizada. Dona Graça pegou a todos de surpresa: não houve tentativas anteriores.

Seu Milton também estava aposentado. Teve perdas familiares, desestruturação familiar em vários sentidos, associadas também ao álcool. No trabalho que realizava, foi humilhado. Bebia no trabalho e, assim, foi sendo colocado de lado. Novos funcionários entraram para “chefiar” o grupo e Seu Milton foi ficando para trás. Assim, bebia mais e mais. Além disso, vivia onde não gostava. Ele não gostava de Garibaldi e, como informado pela esposa, *vivia como bicho*. Foi entre os bichos que Seu Milton se matou: entre os cavalos, lá no cantinho, entre as taquaireiras, olhando para o mato. Seu Milton vivia no meio rural, mas não trabalhava com a terra: era mecânico.

Maria Isabel, além de agricultora, era também cabelereira. Trabalhava na roça e nas quartas-feiras e nos sábados cortava cabelos no salão comunitário. Maria Isabel ficou com depressão e negava a doença: não tomava os remédios. Foi se isolando, desfazendo as relações sociais e só pensava em morrer. Já tinha tentado uma vez, mas a filha chegou a tempo. Na segunda vez, dois anos depois, ela conseguiu. A depressão se instalou de tal modo

que ela não tinha mais preocupação com nada. Como disseram os filhos: *tanto fazia*. Maria Isabel tinha familiares que se suicidaram. Ela seguiu o mesmo caminho: não havia mais o amanhã para Maria Isabel. A família, além da roça, trabalhava também com aviários, são produtores integrados. Maria Isabel se matou na estrebaria. Na primeira vez que tentou, foi dentro dos aviários.

Por fim, Carolina que não trabalhava, apenas cuidava da filha e gostava de arrumar as roupas no armário. Moravam no meio rural, mas o marido era construtor. Carolina até tentou trabalhar, mas não deu certo. O marido assegura que ela não queria trabalhar, todavia, ao morrer Carolina deixa um bilhete: se matou porque não trabalhava e no dia do aniversário do marido. Além de uma família desestruturada, com o irmão alcólatra e os pais com problemas de relacionamento, Carolina era impotente. Dependia inteiramente do marido para tudo. Entrou em depressão, começou a tomar medicação e depois começou a beber com o irmão, única companhia que tinha, até que resolveu misturar medicação e álcool, cometendo o suicídio. A ausência do trabalho, do reconhecimento que este proporciona, de vínculos sociais gera o sofrimento, gera a morte. Carolina foi perdendo espaço e vínculos sociais que ficaram limitados à própria família e a um irmão. Carolina perdeu essencialmente a vontade de viver, a esperança de que o futuro pudesse ser melhor do que o presente.

Os casos acima relatados trazem importantes questões para reflexão. Primeiramente, há que se reconhecer que, efetivamente, o meio rural não é mais o mesmo. O rural, como já dito, não é mais sinônimo de essencialmente agrícola. O rural tem servido, não raras vezes, apenas como local de moradia. Por vezes, as famílias compõem as atividades agrícolas com outras atividades não necessariamente relacionadas à produção de alimentos. O corte de lenha, o corte de cabelos, o trabalho na indústria seriam alguns desses exemplos. Os aviários, por sua vez, destacam a articulação com a indústria: os pequenos agricultores estão se integrando cada vez mais a um sistema maior e a articulação com a indústria aponta para esta alteração. Das nove famílias entrevistadas, cinco delas se encaixam dentro da perspectiva da pluriatividade ou, ainda, do uso da propriedade rural apenas como local de moradia. Por sua vez, três famílias estão integradas no sistema dos aviários, articuladas à indústria, além de outras atividades relativas à lavoura e à produção de alimentos. Uma apenas vivia da agricultura, mas já estava aposentada, e uma família vivia do corte de lenha. Esta é uma pequena visão, *uma visão pela fissura* deste “novo” mundo rural que desponta: a economia natural, pouco a pouco, vai sendo aniquilada.

O camponês ou pequeno agricultor é quase uma figura em extinção. Este é um achado importante, notadamente no que condiz à questão envolvendo o suicídio no meio rural: o rural

não é mais essencialmente rural, possuindo muito das características do urbano. Portanto, as diferentes transformações já apontadas na seção três podem, de fato, estar causando impacto na vida das pessoas. Há que se pensar na entrada destas atividades não rurais no meio rural, uma vez que a presença de tais atividades altera a configuração deste espaço, altera, sob a égide capitalista, o ser e o fazer do agricultor. É desta transformação que fala Salmona quando se refere à clivagem da identidade. O pequeno agricultor já é um estrangeiro em seu mundo. E se ainda não o é, parece que o caminho até este será breve. Além da clivagem da personalidade, há o incremento da carga física e psíquica relacionada ao trabalho, notadamente quando da articulação deste trabalho com a indústria. O modo de fazer as coisas se altera. É a incitação econômica adentrando nas famílias, nas estrebarias e chiqueiros que ainda resistem. É a industrialização do campo, onde o processo de “desruralização” entra em cena, confirmando a profecia de Hervieu: o rural não será mais sinônimo de produção de alimentos, *este slogan estaria morto*. Assim, esta (des)integração está ocorrendo: as famílias se tornam pluriativas e a combinação entre o trabalho agrícola e o não agrícola no campo se torna lugar comum. É neste contexto que o assalariamento vai tomando o campo, por meio das outras atividades não agrícolas realizadas pelos moradores das áreas rurais. É a contradição instalada: ao mesmo tempo em que se constituem em alternativas à geração de renda, as atividades não agrícolas solapam a identidade do agricultor, clivando-a, pauperizando sua cultura e sua técnica. Observe-se que quase nunca há queixas a respeito do trabalho: trabalhar está enraizado no viver. As queixas se dão pela ausência do trabalho, o não poder trabalhar que, por seu turno, implica em querer deixar de viver. Assim, mesmo entre os aposentados, cresce o sentimento de desesperança e inutilidade onde o trabalho é central na vida das pessoas. Cabe destacar que os aposentados representaram parte importante deste estudo, uma vez que constituem boa parte do grupo de suicidas investigados. O isolamento, as questões envolvendo a perda da saúde, a impossibilidade do exercício de atividades do dia a dia são questões que necessitam ser consideradas. Por sua vez, os locais de morte nos dizem muito: chiqueiros, galpãozinho de trabalho, junto aos cavalos, na estrebaria, nos aviários, na cortina no primeiro dia de trabalho, em casa, mas denunciando a ausência de trabalho. São perdas endereçadas ao trabalho.

Tal fenômeno não se dá de forma isolada. É uma articulação complexa: as alterações no mundo rural se articulam com diferentes sentimentos: sentimentos de isolamento, de perda real e mesmo da possibilidade da perda, a culpa, a humilhação. É uma articulação que se dá entre o concreto, as condições concretas e a vida interior das pessoas. O rural, neste sentido, vem se tornando espaço da precariedade, precariedade que implica na perda dos objetos

sociais, tanto aqueles reais quanto aqueles idealizados: há perda concreta da saúde, do trabalho, do status social, da importância no núcleo familiar, perdas financeiras, perda dos vínculos familiares e sociais, perda dos vínculos afetivos. Há também o medo: medo de ficar sem trabalho, medo de não ser reconhecido, de se tornar inválido socialmente. Esta perda vai, aos poucos, dando sinais das dificuldades de viver, sinais de impedimento de viver. O amanhã não é mais visto como projeto: não há mais visão de futuro e, por isso, *é melhor estar morto*. Assim, a autoexclusão vai ganhando corpo, a alienação autogerada ganha forma: é o embotamento, o fechamento em si mesmo que não permite mais sonhos, como se pode observar. Os sonhos, com rara exceção não existem ou estão vinculados demais ao concreto, deixando de serem sonhos. Não se sonha mais. Esta precariedade social leva, por sua vez, a perda da confiança: primeiramente em si. Dissolve-se a confiança na capacidade de fazer, de trabalhar, de realizar. Depois, a confiança no outro é descartada: o outro não representa mais a segurança. Por fim, o futuro restará comprometido. Não há coletivos, não há, na fala dos familiares, a proximidade com outros grupos sociais. Todos parecem estar isolados, mesmo com a presença dos familiares. Não há vínculos sociais estabelecidos que possam contrabalançar a situação de solidão vivida. Em verdade, trata-se de dois processos que se entrecruzam: aqueles trazidos pelos novos modos de vida capitaneados pela entrada do capitalismo no campo que, para além do que causa na dimensão econômica, afeta as identidades, e os modos de vida anteriores, gerando contexto de precariedade: uma precariedade exacerbada, instigadora da perda da confiança. Assim, a incitação econômica e a precariedade social geram o sofrimento social que, na sua pior forma, pode estar conduzindo às práticas suicidas. A precariedade não diz respeito apenas às situações de perda concreta, mas da possibilidade da perda, alimentando-se da agonia relacionada às perdas do trabalho, da capacidade de trabalhar, da saúde, do dinheiro, da moradia. Por fim, o que se tem é um aumento das TMM-S nas localidades nas quais há população rural expressiva. Este fato remete às transformações presentes no mundo rural na contemporaneidade, questionando-se, efetivamente, a ruralidade do rural. Este cenário de um rural não tão rural assim é o cenário da precariedade, é o panorama, o contexto concreto no qual se desenvolve a precariedade que leva ao sofrimento social. Este, por sua vez, na sua forma exacerbada, tem levado aos processos de autoexclusão, objetivados na forma do suicídio. Tal é o contexto do “novo rural” que se instala sob o viés da modernização capitalista no campo.

## 7 CONCLUSÃO

*Uma rosa é uma rosa, é uma rosa, mas, apesar de Gertrude Stein, um trator não é um trator, não é um trator. Nenhum instrumento de trabalho, nenhuma capacitação, nenhum cultivo importado para uma sociedade é neutro.*<sup>565</sup>

*A voz popular, que disso sabe muito, já começa a dizer que Mercedes Algorta é culpada do pior dos crimes. Como o fez? Como levou o marido a uma morte segura? Muito simples: não fez nada [...] Nada mais inocente... E, porém, pode haver delito mais horrendo que a omissão?! A omissão que mata, a omissão que assiste, impassível, o sofrimento alheio e vê como o agonizante se debate em busca de ajuda onde pensa que deveria encontrar [...]*<sup>566</sup>

Uma das características dos tempos hodiernos tem sido a de nos conduzir a olhar unicamente o já iluminado. Seguimos buscando respostas nos mesmos lugares, mesmo sabendo, por vezes, que ali não encontraremos nada. Observamos onde nos indicam, onde hipoteticamente há luz, sem uma mirada nas sombras que se projetam ao redor da nossa forma de conhecer e compreender o mundo. Tais sombras são mais amplas do que a luz que pretensamente ilumina as nossas perguntas, trazendo confiabilidade, estabilidade, firmeza. Tal é o caso de Hércules que, em uma de suas tarefas, enfrenta Anteu, o gigante filho de Poseidon e Gaia. Seguro pela proteção dada pela Terra, sua mãe, Anteu convocava todos os viajantes que adentravam em seu território à luta.<sup>567</sup> O objetivo era destruí-los e com seus crânios construir um palácio para seu pai, Poseidon. Anteu era invulnerável sempre que seus pés tocassem a terra, eis que dali provinha sua força. Sentia-se seguro e invencível enquanto mantinha contato com o seu mundo de certezas. O gigante enfrentava o mundo e seus inimigos com a segurança de que nada muda, que tudo permanece igual a si mesmo. Todavia, neste cenário aparece nova personagem: Hércules, portador da transformação, que lutou contra o mundo das fidúcias de Anteu. Hércules estava a caminho da realização do seu décimo primeiro trabalho: a busca das maçãs de ouro que se encontravam no Jardim das Hespérides e, nesse momento, encontra Anteu. Este desafia Hércules que, astuto, percebe o seu segredo. Com um movimento certeiro retira Anteu do solo, separando-o da base de sua força e poder, vencendo a batalha. Mata-o sufocado, sem o solo firme, fonte de estabilidade. O voo, a suspensão de Anteu, simula o fenecimento de algumas certezas abalizando, em boa medida, que o mundo da luz é limitado, que as sombras, os locais não iluminados e incertos, são maiores e se projetam para além do nosso olhar, para além da luz.

<sup>565</sup> GEORGE, Susan. *O mercado da fome*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 83.

<sup>566</sup> POSADAS, Carmem. *As moscas azuis*. São Paulo: Planeta, 2012, p. 170-171.

<sup>567</sup> Cf. HERRERA FLORES, Joaquín. *El vuelo de Anteo: derechos humanos y crítica de la razón liberal*. Bilbao: Editorial Desclée de Brower, 2000.

O acima descrito busca ilustrar aquilo que tem sido a grande baliza das Ciências Sociais e Humanas de maneira geral: a divisão entre indivíduo e sociedade, a separação entre sujeito e contexto, a ruptura entre sujeitos e sistemas, sujeitos e estruturas. A ênfase estaria no papel do indivíduo na vida social, as elucidações seriam “reduzidas” ao comportamento do indivíduo, ao sentido que os indivíduos atribuem às suas ações ou, ao revés, a sociedade preexistiria ao indivíduo formando-o cultural e moralmente? Seria o indivíduo autônomo ou até que ponto estaria determinado pelo social? No que condiz ao suicídio, a questão não foi diferente. Desde os primórdios, tal fenômeno foi visto como prerrogativa individual. O indivíduo seria o único responsável por seus atos e, neste sentido, não foi poupado. Seu corpo foi alvo de suplícios, seus bens tomados pelo Estado, sua família estigmatizada e entregue à própria sorte. Os demônios e a loucura também dominaram o corpo e a mente do suicida, corpo e mente que não necessariamente lhe pertenciam: eram propriedade divina ou do Estado. Mas, como bem diz Braudel, “as civilizações nem sempre dizem não”<sup>568</sup> e, então, a sociedade começa a ser investigada em seus interstícios: o que acontece quando o suicídio é apreciado de soslaio pelo social? O social passa a ser aquele que detona os dispositivos e, ademais, tem a prerrogativa de estancá-lo. O social tem feixes, correntes suicidógenas capazes de conduzir os indivíduos à autodestruição. Tais correntes arrebatariam os indivíduos, seja separando-os demais do grupo, seja comprimindo-os, situação em que estes ficam sem perspectivas. No entanto, as coisas avançam: o indivíduo retorna com força total. Não por meio dos anjos ou demônios, mas pela vida psíquica que começa a ser investigada. Mata-se a si mesmo quando a pulsão de morte avança sobre a pulsão de vida combatendo-a. Mata-se também pela melancolia e mata-se pelo desejo de morrer, de matar e de ser morto.

O movimento segue, avança. Avança paralelamente ao desenvolvimento social e econômico produtor de miséria, da pobreza, das péssimas condições de vida geradas no interior do sistema capitalista de produção. Nem todos suportam as investidas. Sofre-se, sofre-se muito, notadamente nos lugares onde o trabalho humano se desenvolve. Sofre-se nas fábricas e a morte nos ambientes de trabalho vai, aos poucos, sendo delineada. Não a morte por suicídio, exatamente. Isso ficará para depois. É a morte pelos acidentes de trabalho, pelas doenças desenvolvidas nestes espaços insalubres, descuidados, nocivos. Assim, o trabalho, o sofrimento no trabalho, o desgaste humano vai sendo desenhado, mas agora acolhe-se, além do corpo, a mente, a subjetividade, a individualidade do trabalhador. O sofrimento, além de físico, é ultimado pelo sofrimento psíquico. Os locais de trabalho tornam-se locais de

---

<sup>568</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV-XVIII*. v. 2. O jogo das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 495.

sofrimento e dor e é assim que o trabalho, pouco a pouco, além do viés pertinente ao prazer torna-se igualmente vetor do sofrimento. O contexto é o avanço do capitalismo, notadamente, no meio urbano e também os ajustamentos nas formas de produção e gestão que subjagam o trabalhador. Tal sofrimento físico e psíquico persiste e, hodiernamente, pode-se encontrar a morte por suicídio, a autodestruição nos locais de trabalho, nas fábricas, nas instituições financeiras, nas empresas de todos os portes. Trabalhar torna-se sinônimo de perigo. É perigoso à vida, traz riscos à saúde como bem afirmará Thébaud-Mony.<sup>569</sup>

No meio rural não foi diferente do que no urbano, lugar preferido inicialmente pelas fábricas quando do advento da modernidade e do capitalismo. No entanto, este possui algumas peculiaridades. Ali, nos espaços no meio do mato, dos animais, espaço quase bucólico, algo vem se instalando de mansinho e os locais de vida e trabalho exalam a presença da *Imperatriz*. É ela sendo cortejada pelo vento da transformação. O cortejo não é difícil: são-lhe trazidos novos modos de vida, novos tipos de trabalho, solidão, isolamento, precariedade. A *Imperatriz* se regozija. Sim, são mimos atraentes. O meio rural está sendo virado ao avesso: o rural vem tomando características de vida e trabalho referentes, inicialmente, apenas ao urbano e, assim, as fronteiras entre esses dois “mundos” fragilizam-se mais do que se pode imaginar. São nestas fronteiras que o *isso* se instala. O rural, antes demarcado por fronteiras essencialmente agrícolas, hoje já não carrega mais apenas tais características. Matiza-se com as cores do urbano e, neste interim, para além das revoluções químicas e tecnológicas, despontam atividades não necessariamente rurais. O rural vai se tornando lugar de moradia, afastando-se de sua missão primeira, qual seja, a produção de alimentos que abasteceriam as cidades populosas. As fábricas, antes restritas ao urbano, peregrinam em marcha para o campo, em busca de almas com menor preço. Ao se instalarem, vão fazendo uma articulação: da indústria com o pequeno agricultor. Assim, o trabalhador vai se tornando um assalariado, um integrado ou, ainda, um trabalhador que exerce atividades não necessariamente agrícolas no meio rural, um *part-time farming*, um pluriativo. É a história do capitalismo no campo, talvez em sua segunda ou terceira investida. Ainda há muito que lucrar, por isso a *Imperatriz* fica atenta: ouve os tambores que ressoam advertindo que o desenvolvimento e a incitação econômica estão a caminho e, neste caminho, as sociopatologias suceder-se-ão. Aumenta a fadiga nervosa, a fadiga psíquica, a ansiedade, a depressão, os suicídios. Ao adentrar no campo, o urbano e o vento morno do desenvolvimento capitalista geram um contexto de precariedade. Tal precariedade pode ser contemplada através das zonas de vulnerabilidade

---

<sup>569</sup> Cf.: THÉBAUD-MONY, Annie. *Travailler peut nuire gravement à votre santé*. Paris : La Découverte, 2008.

descritas por Castel e que serão semeadas pela vida interior, pela vida psíquica, colhendo-se, posteriormente, o sofrimento social. Este, por sua vez, tem algumas vertentes: o sofrimento que permite viver, o sofrimento que impede viver, o sofrimento que impede sofrer. Em tais zonas, notadamente nas duas últimas, perdeu-se algo, perdeu-se o leque e o par de luvas brancas, roubaram a torta: perde-se o objeto social. Perde-se a saúde, o trabalho, a possibilidade de trabalhar, o status social e de reconhecimento auferido pelo trabalho, e perde-se a confiança que, por sua vez, pode levar a um processo de autoexclusão, de autoalienação, de alienação autogerada. Por vezes, não se chega a perder, mas existe implícita tal possibilidade. São nestas condições, em que o sofrimento que impede viver ou mesmo o sofrimento que impede de sofrer o próprio sofrimento, que o *isso* aparece com potência. É aí que aquele que dificilmente se nomeia tem lugar marcado à mesa. Instala-se. Vem para ficar. Há, assim, certa paralisia, petrificação impeditiva da ação a não ser aquela contra si mesmo. Esta, por sua vez, exacerba-se. Os locais de trabalho são os escolhidos para o encontro com a morte e, neste sentido, denunciam que algo não está bem nessa dimensão, que “alguma coisa está fora da ordem”. Se o local de morte por suicídio não é o local do trabalho, o primeiro dia de trabalho é escolhido, caso contrário, não trabalhar pode ser a causa da morte. Assim, há todo um entrelaçamento das questões envolvendo a perda da saúde, a perda do trabalho, a possibilidade da perda e de exercê-lo, além do rompimento dos vínculos familiares, afetivos que, emaranhados tecidos, dão as cores do *isso* na região. Tais cores, mesclas, matizes são as expressões de um sofrimento, aquele que se perguntava ao início deste estudo: pode o suicídio nas áreas rurais constituir-se em expressão do sofrimento social causado pelo avanço do capitalismo no campo? Sim, pode. Pode constituir-se em expressão do quão voraz e perverso pode ser este avanço, deixando atrás de si rastros de morte e odor de sangue.

Quanto aos elementos deste sofrimento, mais do que elementos, conforme perquirido no objetivo geral deste estudo, constituem-se em processos que têm levado a vida ao cabo. São processos que transformam a vida das pessoas gerando sofrimento, um sofrimento ampliado, diverso que nos faz sofrer a todos. Assim, os achados deste estudo compreendem que está a ocorrer, no meio rural, um processo de degradação das condições de vida que implica, por sua vez, na degradação da saúde, das condições de trabalho e que também deteriora os vínculos sociais. Tal degradação, tal precariedade faz com que o *isso* emergja das sombras fazendo com que o meio rural seja espaço no qual a perda dos objetos sociais é potencializada. Há também um endereçamento do *isso*: o local do trabalho ou a menção a este tem sido importante destinatário. Os escolhidos são pessoas do meio rural que habitam ou trabalham neste espaço, como os aposentados, os idosos, as pessoas que têm preferido a morte

à perda ou à possibilidade de perda da saúde, do trabalho, das relações afetivas e dos vínculos sociais. Ser agricultor ou ocupar os espaços rurais na contemporaneidade tem sido tarefa arriscada, uma vez que a precariedade gerada pelo avanço capitalista no campo tem produzido sociopatologias, processos de sofrimento social que, por seu turno, têm levado ao suicídio. Tais são os achados, as “descobertas” desta tese. Neste sentido, como despreziosa recomendação, remete-se o pensamento para um “debruçar-se sobre”, para uma clínica da precariedade, uma clínica da desfiliação que pudesse de forma transformadora, tecer os fios soltos, buscar, senão a precariedade original, a primeira, aquela que nos faz dependentes e vinculados aos demais, pelo menos amainar o sofrimento das pessoas que vivem nas áreas rurais. Tecer os fios rompidos não pelas fiandeiras, mas pelos homens, é tarefa de urgência, assim como a busca de alternativas à situação envolvendo a perda dos objetos sociais de que se falou. Assim, entre as principais conclusões desta tese aponta-se:

a) Que o meio rural tem sido o lugar privilegiado para a prática suicida, vez que este tem se constituído em espaço de fragilidade. Tal fragilidade resta destacada pelas TMM-S acentuadas que aí se encontram, notadamente, se cotejadas aos espaços urbanos. Esta é uma primeira questão, posto que é no rural que a morte por suicídio tem ganhado corpo;

b) Que a depressão avança no meio rural, constituindo-se, inicialmente, na causa primeira do suicídio. No entanto, resta importante destacar que a depressão possui alguns elementos constitutivos que puderam, nesta tese, ser articulados ao fenômeno do sofrimento social. Enfim, que há um vínculo estreito entre o fenômeno do suicídio e o sofrimento social;

c) Que o sofrimento social não é apenas “um sofrimento” como destacado pelos autores clássicos e mesmo por autores contemporâneos arrolados nesta tese, mas é um sofrimento que se instala/esconde nas zonas de precariedade, nas zonas sociais de fragilidade e cuja ação implica na perda ou possibilidade de perda dos objetos sociais: saúde, trabalho, desejos, sonhos, vínculos sociais, ou seja, o todo da vida composto pelo concreto e pelo subjetivo que permite viver a cada dia, a vida psíquica, a vida interior composta pela subjetividade.

d) Que a perda dos objetos sociais acima referidos tem preferência por um grupo mais frágil da população rural estudada: os idosos. Estes têm sido alvo fácil, vez que se conjugam diferentes perdas em um único sujeito, potencializando o sofrimento;

e) Outra questão importante destaca nesta tese encontra guarida no avanço capitalista no campo através do fenômeno da pluriatividade. Sem dúvida, esta questão é basal, visto que boa parte das famílias investigadas são famílias pluriativas. Este é o novo no meio rural, é a forma taciturna que o modelo econômico, político e social vigente encontrou para adentrar

nos mais recônditos espaços. Ao adentrar nos espaços rurais, disfarçado de desenvolvimento, gera processos de sofrimento potencialmente vinculados ao fenômeno do suicídio. Neste sentido, a morte por suicídio que atinge o meio rural é uma morte endereçada: alguém roubou as tortas, aqui identificadas como objetos sociais;

f) Ainda, não se pode deixar de destacar que há no estado 14 municípios onde não há casos de suicídio para os últimos dez anos analisados. Estes são a exceção e que merecem investigação posterior. Por que tais municípios não possuem casos registrados de suicídio? Tal questão não foi respondida nesta tese, no entanto, observar o movimento destes municípios no que condiz ao suicídio é tarefa importante, vez que poderão, por hipótese, trazer informações importantes à compreensão do fenômeno do suicídio no meio rural do Rio Grande do Sul.

Por derradeiro, cabe a denúncia, em detrimento da omissão: o espaço rural é deletério e faz-se necessário cuidado, uma vez que muitas mortes por suicídio estão enraizadas neste território, causadas pelo avanço do desenvolvimento capitalista. Este traz consigo uma precariedade aguçada, portadora de um sofrimento ampliado, o sofrimento social, causador do fenômeno do suicídio nos locais investigados. É um sofrimento social que envolve a todos neste processo, portanto, eu sofro, tu sofres, nós sofremos com a questão do suicídio no meio rural. *Hic sunt leones.*

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo (Org.) *et al. Laços financeiros na luta contra a pobreza*. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. 2. ed. Campinas: Hucitec, 1998.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção: Homo Sacer II*. v.I. São Paulo: Boitempo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Quel che resta di Auschwitz: l'arquivo e il testimone*. Homo sacer III. Torino: Bollati Boringhieri, 2005.
- ALENTEJANO, Paulo R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira? In: TEDESCO, João C. (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 1999.
- ALIGUIERI, Dante. *Divina Comédia*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ALMEIDA, Rosemeire Aparecida; PAULINO, Eliane Tomiasi. Fundamentos teóricos para entendimento da questão agrária: breves considerações, *Geografia*, Londrina, v.9, n. 2, 2000. p.113-127
- ALVAREZ, A. *O Deus selvagem: um estudo do suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AMIN, Samir. Três millones de campesinos amenazados. In: AMIN, Samir (Org.) *Las luchas campesinas y obreras frente a los desafíos del siglo XXI: el porvenir de las sociedades campesinas y la reconstrucción del frente unido de los trabajadores*. Espanha: El viejo Topo, 2005. p. 11-14
- AMIN, Samir; VERGOPOULUS, Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- ANDREATTA, Tanice *et al.* Origens da formação agrária sul rio-grandense no contexto brasileiro. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 47, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/678.pdf>> Acesso em: 28 dez. 2012.
- ÁNGEL, Maria Isabel Lalinde. La autopsia verbal: reconstruyendo la historia de una muerte materna. Disponível em: <<http://www.nacer.udea.edu.co/pdf/libros/libro1/laautopsiaverbal.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2012.
- ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. *Suicídio: fragmentos de psicoterapia existencial*. São Paulo, Pioneira, 1997.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Um ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A questão camponesa na teoria marxista clássica. In: CHEVITARESE, André Leonardo (Org). *O campesinato na História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *A condição humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Disponível em:  
<[http://www.4shared.com/get/32474424/dc6b93a9/Aristoteles\\_-\\_Etica\\_a\\_Nicomaco.html](http://www.4shared.com/get/32474424/dc6b93a9/Aristoteles_-_Etica_a_Nicomaco.html)>  
Acesso em: 24 maio 2009.

ARON, Raimond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos: Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ATKINSON, Rita L. *et al. Introdução à psicologia*. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

ÁVILA, Enir Madruga de. *Induzimento, instigação e auxílio ao suicídio: considerações sobre o artigo 122 do Código Penal*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

BARRETO, Margarida; VENCO, Selma. Das violências ao suicídio no trabalho. In: BARRETO, Margarida; BEREICHEIM NETTO, Nilson; PEREIRA, Lourival Batista. *Do assédio moral à morte de si: significados sociais do suicídio no trabalho*. São Paulo: Gráfica e Editora Matsunaga, 2011. Cap. 8

BARROS, Marilisa B.A., 1991 - "As Mortes por suicídio no Brasil". In: CASSORLA, Roosevelt M.S. (Coord.)- *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas: Papirus, 1991. P.41-53

BASTOS, Rogério Lustosa. Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 67-92, 2009.

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Mateus 27:3. Disponível em:  
<[http://www.diocesecruzeirosul.org/data/impulso\\_mateus\\_27.pdf](http://www.diocesecruzeirosul.org/data/impulso_mateus_27.pdf)> Acesso em: 15 fev. 2011.

BOISSONAT, Jean. *2015: Horizontes do trabalho e do emprego*. São Paulo: LTR, 1998.

BOURDIEU, Pierre. (Coord.) *A miséria do mundo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRASIL. *Código Penal*. São Paulo, Saraiva, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em:  
<[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=25605](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=25605)> Acesso em: 14 maio 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de situação de saúde. Autópsia Verbal: crianças com um ano de idade ou mais e menos de dez anos de idade. Formulário 2 (AV2). Disponível em:  
<[www.saude.mt.gov.br/arquivo/847](http://www.saude.mt.gov.br/arquivo/847)> Acesso em: 12 dez.2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. DATASUS. Disponível em:  
<<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205>> Acesso em: 15 jan.2012.

\_\_\_\_\_. Portaria 1.876 de 14 de agosto de 2006. Disponível em:  
<<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-1876.htm>> Acesso em: 23 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 1.876 de 14 de agosto de 2006. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio. Disponível em:  
<<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/p1876.pdf>> Acesso em: 24 jan. 2011.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV-XVIII*. v. 2. O jogo das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1974.

BRIXIUS, Leandro; AGUIAR, Raquel; MORAES, Vanessa Almeida de. A força da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. *Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável*. Porto Alegre, v.2, n.1/3, set/dez 2006. Disponível em:  
<<http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/publicacoes/vol2/n3/reportagem7-15.pdf>> Acesso em: 09 jan. 2013.

BRUMER, Anita. Transformações e estratégias produtivas na produção familiar na agricultura gaúcha. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v.6, n.1, 1994, p.89-111.

BRYMAN, Alan. *Triangulation and measurement*. Department of Social Sciences, Loughborough University . Loughborough, Leicestershire, United Kingdom. Disponível em:  
<<http://referenceworld.com/sage/socialscience/triangulation.pdf>> Acesso em: 15 set. 2011.

BRZOZOWSKI *et al.* Suicide time trends in Brazil from 1980 to 2005, *Cadernos de saúde pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n.7, p.1239-1302, 2010.

BUTLER, Judith. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Camponês, campesinato: questões acadêmicas, questões políticas. In: CHEVITARESE, André Leonardo (Org). *O campesinato na História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 19-35

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2002.

CASSORLA, Roosevelt M. S. *O que é suicídio*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL, Robert. Des individus sans supports. In: CHÂTEL, Vivianne; SOULET, Marc-Henry. *Agir en situation de vulnérabilité*. Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2003, p. 51-62.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação*. Economia, sociedade e cultura. v.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CATTANI, Antônio David. *Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAVALCANTE, David. Globalización y agricultura: las nuevas necesidades de la acumulación capitalista en el sector agrícola. In: HOUTARD, François (Comp.). *Globalización, agricultura y pobreza*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2004. p.207-220

CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Organizadores psíquicos e suicídio. In: PRADO; Maria do Carmo Cintra de Almeida (Coord.). *O mosaico da violência: a perversão na vida cotidiana*. São Paulo: Vetor, 2004. p. 371-431

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CHAUVAUD, Frédéric. *Histoires de la souffrance sociale*. Introduction. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.

CHÁVEZ-HERNÁNDEZ, Ana-Maria; LEENAARS, Antoon A. Edwin S. Shneidman y la suicidología moderna, *Salud Mental*, Mexico, v. 33, n. 4, jul-ago, 2010. p. 355-360

CHAYANOV, Alexander Vasilevitch. *The Theory of peasant economy*. Homewood, Illinois: The American Economic Association, 1966.

CHENG, Andrew T. A. ET al. Psychosocial and psychiatric risk factors for suicide: Case-control psychological autopsy study. *The British Journal of Psychiatry*, n. 177, p. 360-365. Disponível em: <<http://bjp.rcpsych.org/content/177/4/360.full>> Acesso em: 14 jun.2011;

CORTÁZAR, Julio. *As armas secretas*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEJOURS, Christophe. Novas formas de servidão e suicídio. In: Mendes, Ana. Magnólia. (Org.) *Trabalho e Saúde: o sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba: Juruá, 2008, p. 26-39.

\_\_\_\_\_. *A banalização da injustiça social*. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, Cristophe; BÈGUE, Florence. *Suicídio e trabalho: o que fazer?* Brasília: Paralelo 15, 2010.

DENZIN, Norman K. *The Research Act: a theoretical introduction to sociological methods*. 2. ed. New York: McGraw-Hill Book Company, 1978.

DIAS, Maria Luiza. O suicida e suas mensagens de adeus. In: CASSORLA, Roosevelt M.S.(Coord.). *Do suicídio: estudos brasileiros*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Suicídio: testemunhos do adeus*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

DUARTE, Newton. A crítica de Marx à naturalização do histórico. *Revista Princípios*, n. 71. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/principios/anteriores.asp?edição=71&cod=229>> Acesso em: 10 jun. 2010.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes: 2002.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo, Global, 1984.

\_\_\_\_\_. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.

FERNANDES FILHO, J. F.; CAMPOS, Flávia Rezende. A indústria rural no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 41, n. 4, nov-dez, 2003. p.859-880

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de (Org.). *Método e Metodologia na Pesquisa Científica*. 3.ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2008.

FIGUEIREDO, Ricardo Vergueiro. *Da participação em suicídio*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

\_\_\_\_\_. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1987.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL (FEE).

**Banco de dados**. Disponível em:

<[http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu\\_consultas.asp?tpPesquisa=var\\_Anual](http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu_consultas.asp?tpPesquisa=var_Anual)>  
Acesso em: 10 set. 2012.

FURTOS, Jean (Org.). *Les cliniques de la précarité* : contexte social, psychopathologie et dispositifs. London : Elsevier Masson, 2008.

FURTOS, Jean. *An introduction to the pathologies of the precarity: the self exclusion syndrome*. Program IGP, 2012. AMRITA Institute of medical sciences cocin Kerala, Índia. January, 17, 2012.

FURTOS, Jean. *De la précarité à l'auto-exclusion: une conférence-débat de L'Association Emmaüs*. Paris: Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École normale superior, 2009.

FURTOS, Jean. Epistémologie de la clinique psychosociale : la scène sociale et la place des psy. *Pratiques en santé mentale*, Paris, n. 1, 2000.

FURTOS, Jean. L'apparition du sujet sur la scène sociale et sa fragilité: la précarité de la confiance. In: FURTOS, Jean (Org.). *Les cliniques de la précarité* : contexte social, psychopathologie et dispositifs. London : Elsevier Masson, 2008.

FURTOS, Jean. Le syndrome d'auto-exclusion. In : FURTOS, Jean (Org.). *Les cliniques de la précarité* : contexte social, psychopathologie et dispositifs. London : Elsevier Masson, 2008.

FURTOS, Jean. Les effets cliniques de la souffrance psychique d'origine sociale, *Mental Idées*, Bruxelles, n. 11, p. 24-33, set.2007. (Dossier Souffrance et société),

FURTOS, Jean. Précarité du monde et souffrance psychique. Dossier La souffrance psychique. *Rhizome*. Bulletin national santé mentale et précarité, n.5, 2001.

FURTOS, Jean; COLIN, Valérie. *La clinique psychosociale au regard de la souffrance psychique contemporaine*. In : JOUBERT, Michel ; LOUZON, Claude. Répondre à la souffrance sociale. Paris : Éditions érès, 2005. p. 99-115

GEORGE, Susan. *O mercado da fome*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin. *O inquérito: teoria e prática*. 3. ed. Oeiras: Celta Editora, 1997.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: LPM, 2004.

GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2. ed. rev. Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. *O novo rural brasileiro*. 2. ed. rev. Campinas, SP: 2002.

GUANZIROLLI, Carlos et al. *Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

HARDT, Michael. O trabalho afetivo. In: ROLNIK, Suely et al. *O reencantamento do concreto*, Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, São Paulo, Hucitec, 2003. p.145-157

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multitud: guerra y democracia en la era del Imperio*. Barcelona: Debate, 2004

HARVARD MEDICAL INSTITUTIONS. *Risk Management Foundation*. Decision Support Outline: Emergency/Crisis Coverage of a Suicidal Patient. Disponível em <<http://www.rmhf.harvard.edu/files/documents/suicideDe.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2011

\_\_\_\_\_. *Risk Management Foundation*. Guidelines for Identification, Assessment, and Treatment Planning for Suicidality. Disponível em: <<http://www.rmhf.harvard.edu/files/documents/suicideAs.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2011;

HECK, Rita Maria. Percepção social sobre categorias de risco do suicídio entre colonos alemães do noroeste do Rio Grande do Sul, *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 13, n.4, p.559-567, 2004.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. *Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HERRERA FLORES, Joaquín. *El vuelo de Anteo: derechos humanos y crítica de la razón liberal*. Bilbao: Editorial Desclée de Brower, 2000.

\_\_\_\_\_. *Los derechos humanos como productos culturales*. Madrid: Catarata, 2005b.

HERVIEU, Bertrand. *Los campos del futuro*. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 1996, p. 24 – 109. (Serie Estudios, 118)

HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Paulinas, 1983.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOUTART, François. ¿Por qué los pequeños cultivadores de arroz deben desaparecer de Sri Lanka? In: AMIN, Samir (Org.) *Las luchas campesinas y obreras frente a los desafíos del siglo XXI: el porvenir de las sociedades campesinas y la reconstrucción del frente unido de los trabajadores*. Espanha: El viejo Topo, 2005. p.55-60

HUME, David. Do suicídio. In: HUME, David. *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2006. p.29-46

HUNGRIA, Nelson. *Comentários ao Código Penal*. 33.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

IANNI, Octávio. Agricultura e mundialização, *Cadernos de sociologia*, A pesquisa social na agricultura do sul do Brasil. Número especial. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, 1994. p.11-20

INSTITUT NATIONAL DE LA SANTE ET DE LA RECHERCHE MEDICALE (National Institute for Health and medical research). Collective Expert Report. Suicide: Psychological Autopsy: a research tool for prevention. 2004. Disponível em:  
<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK7126/>> Acesso em: 06 jun. 2011;

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Garibaldi – RS* : dados básicos. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430860>> Acesso em: 27 ago. 2012.

JACQUES, Paul. Souffrance psychique et souffrance sociale. *Pensé Plurielle*, Liege, n.8, 2004. p.21-29

JAKOBS, Günther. *Suicídio, eutanásia e Direito Penal*. São Paulo: Manole, 2003.

JAMISON, Kay Redfield. *Quando a noite cai: entendendo o suicídio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena: *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro : FIOCRUZ, CPDOC, 2000.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Laemmer, 1968.

KING, Gary; LU, Ying. Verbal Autopsy Methods with Multiple Causes of Death. *Statistical Science*, Beachwood, v.23, n.1, Institute of Mathematical Statistics, 2008. p.78-91

KLEINMAN, Arthur; KLEINMAN, Joan. The appeal of experience; The dismay of images: cultural appropriations of suffering in our times. In: KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena; LOCK, Margareth. *Social Suffering*. Berkeley: University of California Press.

KOSIK, Karl. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KURCGANT, Daniela; WANG, Yuan Pang. Aspectos históricos do suicídio no Ocidente. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang (Coord.). *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

LAFARGUE, Paul. O direito ao ócio. In: DE MASI, Domenico (Org.). *A Economia do Ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

LARANJEIRA, Sônia Maria Guimarães. As transformações do trabalho num mundo globalizado. *Sociologias*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Editora da UFRGS, n.4, jul/dez. 2002. p.14-19

LAVALL, Christian. Précarité et interiorité: L'esprit du temps. In : FURTOS, Jean. *Les cliniques de la précarité : contexte social, psychopathologie et dispositifs*. London : Elsevier Masson, 2008.

LÊNIN, Valdimir Ilich Ulianov. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LÊNIN, Vladimir Ilich Ulianov. *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura*. São Paulo: Editora Brasil Debates, 1980.

LETELIER, Hernán Rivera. *A contadora de filmes*. São Paulo : Cosac e Naify, 2012.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LOPES, Eliano Sérgio de Azevedo. *A pluriatividade na agricultura familiar do estado de Sergipe*. Disponível em: < <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/eliano3.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2012.

LOVISI, Giovanni Marcos *et al.* Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006, *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462009000600007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462009000600007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 07 set. 2011.

MACHADO, Antônio Macile Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária, *Revista Nera*, Presidente Prudente, v. 13, n. 17, 2010. p. 65-80

MARCUSE, Herbert. A obsolescência da psicanálise. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. 97.ed. São Paulo: Global, 1988.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. v.1. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. O questionário de 1880. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo: Pólis, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MAZOYER, Marcel. Mundialización liberal y pobreza campesina: ¿qué alternativa? In: HOUTARD, François (Comp.). *Globalización, agricultura y pobreza*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2004.

MEDRI, Waldir. Análise exploratória de dados. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas (CCE). Departamento de Estatística. Curso de Especialização em

Estatística. Londrina, Paraná. Disponível em: <  
[http://www.uel.br/pos/estatisticaeducacao/textos\\_didaticos/especializacao\\_estatistica.pdf](http://www.uel.br/pos/estatisticaeducacao/textos_didaticos/especializacao_estatistica.pdf)  
> Acesso em: 26 jul. 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola;1998.

MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung. Fatores de risco de suicídio. In: MELEIRO, Daniela; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang (Coord.). *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

MELLO, Prudente José Silveira. Globalização e reestruturação produtiva do fordismo ao toyotismo. In: ARRUDA JÚNIOR, Edmundo Lima; RAMOS, Alexandre (Org.) *Globalização, Neoliberalismo e o Mundo do Trabalho*. Curitiba: Editora IBEJ, 1998.

MENDES, Jussara Maria Rosa. *O Verso e o anverso de uma história: o acidente e a morte no trabalho*. São Paulo: PUCSP, 1999. Tese (Doutorado em Serviço Social), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

MENEGHEL, Stela Nazareth, VICTORA, Cesar Gomes, FARIA, Neice Müller Xavier *et al.* Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul, *Revista de Saúde Pública*, dez. 2004, vol.38, n.6, p. 804-810.

MENNINGER, Karl. *Eros e Tânatos: o homem contra si próprio*. São Paulo: Ibrasa, 1970.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Entrevista 1. In: BARRETO, Margarida; BERECHTEIN NETTO, Nilson; PEREIRA, Lourival Batista (Org.). *Do assédio moral à morte de si: significados sociais do suicídio no trabalho*. São Paulo: Gráfica e Editora Matsunaga, 2011. p. 30-36

MEYER, Véronique. La représentation de la souffrance social dans la gravure parisienne (1635-1660). In: CHAUVAUD, Frédéric. *Histoires de la souffrance sociale*. Introduction. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007. cap. 4

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES; Suely Ferreira. *Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; CAVALCANTE, Fátima. *Roteiro de Entrevista - Autopsia Psicossocial* - elaborado pelas Dra. Maria Cecília Minayo e Dra. Fátima Cavalcante da Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública e Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli. Enviado por e-mail para esta pesquisadora.

MINOIS, Georges. *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Teorema, 1995.

MOREIRA, Igor A.G.; COSTA, Rogério H. da. *Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul*. 4.ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

MÜLLER, Herta. *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. São Paulo: Globo, 2012.

NUCCI, Guilherme de Souza. *Código de Processo Penal Comentado*. 2. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

NULAND, Sherwin B. *Cómo morimos*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Los mitos del agronegocio en Brasil. In: HOUTARD, François (Comp.). *Globalización, agricultura y pobreza*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2004, cap. 3.

ORELLANO, Miguel H. *Trabajo, desocupación y suicidio: efectos psicosociales del desempleo*. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Prevenção do suicídio: um manual para médicos clínicos gerais*. Departamento de saúde mental. Transtornos mentais e comportamentais. Genebra, 2000. Disponível em: <[http://whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO\\_MNH\\_MBD\\_00.1\\_por.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO_MNH_MBD_00.1_por.pdf)> Acesso em: 15 ago. 2011.

MENDES, Ana Magnólia. *Pesquisa em psicodinâmica: a clínica do trabalho*. In: MENDES, Ana Magnólia. (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, métodos e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, Jussara Maria Rosa. *O Verso e o anverso de uma história: o acidente e a morte no trabalho*. São Paulo: PUCSP, 1999. Tese (Doutorado em Serviço Social), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

PAULICS, Veronika. *Autópsia Verbal: investigação de óbitos de menores de um ano*. Programa Gestão Pública e Cidadania. 2001. Disponível em: <[www.eaesp.fgvsp.br/subportais/.../11%20-%20autopsia%20verbal.pdf](http://www.eaesp.fgvsp.br/subportais/.../11%20-%20autopsia%20verbal.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2012.

PAVIANI, Jayme. *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

PESAVENTO, Sandra. *História do Rio Grande do Sul*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

\_\_\_\_\_. *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PLATÃO. *Leis*. Lisboa: Edições 70, 2004.

\_\_\_\_\_. *Fedão*. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>> Acesso em: 28 maio 2009.

POCHMANN, Márcio. *O emprego na Globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo, Boitempo, 2001.

POSADAS, Carmem. *As moscas azuis*. São Paulo: Planeta, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GARIBALDI. Disponível em: em: <<http://www.garibaldi.rs.gov.br/a-cidade/perfil-de-garibaldi/>> Acesso em: 16 jul. 2012.

PRÉVOST, Marianne. La souffrance psycho-sociale: regards de Jean Furtos. *Santé Conjugué*, n.48, 2009.

QUEIRÓZ, Maria Isaura de Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo, Vértice, 1988.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 5. ed. Portugal, Lisboa: Gradiva, 2008.

RAMAZZINI, Bernardino. *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: Fundacentro, 1988.

RANCIERE, Jacques. *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RENAULT, Emmanuel. *Souffrances sociales: philosophie, psychologie et politique*. Paris: La Découverte, 2008.

RESMINI, Enio. *Tentativa de Suicídio: um prisma para a compreensão da adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

REYES, Luis. *La violación que derribó a la monarquía*. Tiempo. Disponível em: <<http://www.tiempodehoy.com/cultura/historia/la-violacion-que-derribo-a-la-monarquia>> Acesso em: 22 jan. 2013.

ROCHA, Felipe Filardi da *et al.* Suicídio em Belo Horizonte entre 2004 e 2006. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 29, n. 2, 2007. p. 190-191

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, 2009.

SACCO DOS ANJOS, Flavio. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas. *Estudos sociedade e agricultura*, n. 17, out. 2001.

SALMONA, Michèle. Dépressions et suicides dans le monde des petite paysans. *Rhizome*, n. 28, out.2007. p.5-9

\_\_\_\_\_. Les champs de la souffrance. Agriculture: entre contrats & contrôles. *Agrobiosciences*. 8<sup>ème</sup> Université D'été de L'innovation Rurale, 2002.

\_\_\_\_\_. *Souffrances et résistances des paysans français : violences des politiques publiques de modernisation économique et culturelle*. Paris : Editions L'Harmattan, 1994.

SAN AGOSTÍN. *La ciudad de Dios*. Argentina: Libros Tauro, 1978.

SANT'ANA, Elma; GIRONDI, Elenita. *Garibaldi: a cidade e o herói*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2007.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Ostra. In: BACCA, Ademir Antônio; GONÇALVES, Cláudia. *Poesia do Brasil*. Porto Alegre: Pacartes, 2012.

SANTOS, Marcelo Augusto Finazzi; SIQUEIRA, Marcus Vinícius Soares; MENDES, Ana Magnólia. Sofrimento no trabalho e imaginário organizacional: ideação suicida de trabalhadora bancária, *Psicologia Social*, Florianópolis, v. 23, n. 2, Agosto, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 Jun.. 2011.

SANTOS, Marcelo Augusto Fonazzi; SIQUEIRA, Marcos Vinícius Soares; MENDES, Ana Magnólia. Tentativas de suicídio de bancários no contexto das reestruturações produtivas, *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 14, n. 5, out. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552010000500010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552010000500010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 set. 2011.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. *Histórica* : revista eletrônica do arquivo do estado de São Paulo . Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao09/materia01/texto01.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2013.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHMITT, Carl. *O conceito de político e teoria do Partisan*. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. *Revista Redes*, Santa Cruz do Sul, v.9, n.3, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/384.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2013. p.75-109

\_\_\_\_\_. *Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento agrícola e as transformações da estrutura agrária nos países do capitalismo avançado: a pluriatividade. *Revista Reforma Agrária*, ABRA, Campinas, v. 24, n. 3, p.106-132, 1994.

SCHNEIDER, Sérgio; MATTOS, Ely Jose de. A Pluriatividade no Meio Rural Gaúcho: caracterização e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. *Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável*, Porto Alegre, v.2, n.1/2, jan./ago. 2006. Disponível em: <[http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/publicacoes/vol2/n1\\_2/pag6.pdf](http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/publicacoes/vol2/n1_2/pag6.pdf)> Acesso em: 07 jan. 2013.

SHIVA, Vandana. From Seeds of Suicide to Seeds of Hope: Why Are Indian Farmers Committing Suicide and How Can We Stop This Tragedy? *The Blog*. Disponível em:

<[http://www.huffingtonpost.com/vandana-shiva/from-seeds-of-suicide-to\\_b\\_192419.html](http://www.huffingtonpost.com/vandana-shiva/from-seeds-of-suicide-to_b_192419.html) >  
Acesso em: 23 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. Myths About Industrial Agriculture. *ZNet*. Disponível em:  
<<http://www.zcommunications.org/myths-about-industrial-agriculture-by-vandana-shiva-> >  
Acesso em: 13 dez. 2012.

SHNEIDMAN, Edwin S. *The suicidal mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

SILVA, Marcelo Kunrath. Uma introdução à história oral. *Cadernos de Sociologia*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v.9, p. 115-141, Porto Alegre, PPGS/UFRGS, 1998.

SOULET, Marc-Henry. La souffrance sociale, pathologie des sociétés contemporaines. *Étique publique*, v. 11, n.2, 2009.

SOUSA FILHO, Francisco Romualdo. As transformações no espaço agrário sul-riograndense pós 60. *Cadernos de Sociologia*, Número Especial: A pesquisa social na agricultura do sul do Brasil. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1994.

STEINBECK, John. *Las uvas de la ira*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

STÉPHANE, Lelay. Précarisation salariale et souffrance sociale : une transformation de la gouvernamentalité des classes populaires. *Interrogations? Revue pluridisciplinaire des sciences de l'homme et de la société*. n. 4. Formes et figures de la precarité, 2007.

SWAMINATHAN, Srilata. Desafíos y luchas em agricultura de la India hoy. In: Amin, Samir (Org.). *Las luchas campesinas y obreras frente a los desafíos del siglo XXI: el porvenir de las sociedades campesinas y la reconstrucción del frente unido de los trabajadores*. Espanha: El viejo Topo, 2005.p.27-56

SZMRECSÁNYI, Tamás. *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998.

TABARY, Jean-Jacques. Néo-ruralité et souffrance psychosociale. *Rhizome*, n. 28, out.2007, p. 6-7.

TEDESCO, João Carlos. O produtor familiar e a agroindústria, *Cadernos de Sociologia*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 6, Porto Alegre, 1994.

THÉBAUD-MONY, Annie. *Travailler peut nuire gravement à votre santé*. Paris : La Découvert, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMAS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, 64, 1, C. Disponível em:  
<<http://sumateologica.permanencia.org.br/IaIIae/IIQ64.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2009.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.

VERGELY, Bertrand. *O Sofrimento*. Bauru: EDUSC, 2000.

VIANA, Greta Nazário. *et al.* Prevalência de suicídio no Sul do Brasil, 2001-2005, Rio de Janeiro, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.57, n.1, p.38-43, 2008

WACHTER, Serge. État. Décentralisation et territoire. Paris, L'Harmattan, 1987. In : SALMONA, Michèle. *Souffrances et résistances des paysans français : violences de politiques publiques de modernisation économique et culturelle*. Paris : Edition L'Harmattan, 1994. cap. 4

WANG, Yuan Pang, MELLO-SANTOS, Carolina de; BERTOLOTE, José Manuel. Epidemiologia do suicídio. In: MELEIRO, Alexandrina, TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

WEBB *et al.* *Unobtrusive measures: nonreactive research in the social sciences*. Chicago, EUA: Rand McNally College Publishing Company, 1966.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. A semi-structured interview for psychological autopsy in suicides cases. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, n. 25, 2003, p. 212-219;

WERLANG, Blanca Susana Guevara. Comportamentos Violentos. In: WERLANG, Blanca Susana Guevara; OLIVEIRA, Margareth da Silva (Org.). *Temas de Psicologia Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 55.

WERLANG, Rosangela. Suicídio: uma análise causal das taxas de mortalidade-suicídio no Rio Grande do Sul. In: TESKE, Ottmar. (Org.) *Sociologia: textos e contextos*. Canoas: Editora da Ulbra, 2005, p. 45-72.

WILKINSON, Ian. *Suffering: a sociological introduction*. Cambridge, UK: Polity Press, 2005.

WOLF, Eric R. *Los campesinos*. Barcelona: Editorial Labor, 1971.

WOLKMER, Antonio Carlos. *Pluralismo Jurídico: fundamentos de uma nova cultura no Direito*. 3. ed. São Paulo: Alfa Omega, 2001.

WOOLF, Virgínia. *O quarto de Jacob*. São Paulo: Novo Século, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). World Health Organization. Department of Communicable Disease Surveillance and Response. The Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health. The London School of Hygiene and Tropical Medicine. A Standard Verbal Autopsy Method for Investigating Causes of Death in Infants and Children. Disponível em: [http://www.who.int/csr/resources/publications/surveillance/WHO\\_CDS\\_CSR\\_ISR\\_99\\_4/en/](http://www.who.int/csr/resources/publications/surveillance/WHO_CDS_CSR_ISR_99_4/en/) <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/levantamentobibliografico.pdf>> Acesso em: 20 maio 2010.

\_\_\_\_\_. *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization, 2002.  
Disponível em: <<http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/9241545615.pdf>> Acesso em: 11 fev.  
2011.

YOURCENAR, Margherite. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Record, 1974.



## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL *NECROPSIA VERBAL*

#### **Roteiro de entrevista**

##### **I Contato inicial**

Objetivo: Esclarecer sobre a pesquisa, assegurar um consentimento esclarecido, criar empatia e assegurar o sigilo da identidade pessoal e familiar

- a) Leitura e esclarecimento sobre o Termo de Consentimento;
- b) Preenchimento dos dados de identificação;
- c) Realização da entrevista ou agendamento da mesma para nova data.

##### **II Caracterização social**

- 1) Profissão e grau de instrução da pessoa que cometeu o suicídio;
- 2) Profissão e grau de instrução do cônjuge e dos filhos;
- 3) Fontes de renda familiar. A renda era suficiente para garantir as condições de vida (moradia, alimentação, saúde, educação)?
- 4) Conforto da moradia: própria, alugada, número de cômodos, rede de esgoto, água encanada, luz elétrica, coleta de lixo, número de residentes;
- 5) Do local de moradia: na cidade, próximo da cidade, afastado da cidade, fácil acesso a serviços (educação, saúde, etc)? O local é de fácil acesso?

##### **III Retrato e modo de vida**

- 1) Como você descreve o seu parente que cometeu o suicídio?
- 2) Como e com quem ele (a) vivia antes de cometer o suicídio? Como eram as relações familiares, com os filhos, esposa?
- 3) Como ele (a) reagia diante de situações adversas? Havia algo que o chateava mais?
- 4) Havia algo que ele (a) gostaria de ter mudado na vida, se tivesse tido esta chance?
- 5) Há alguma história de suicídio na família?

##### **IV Retrato e modo de vida no trabalho**

- 1) Como era o trabalho realizado por ele (a)? Quais eram as características da atividade desenvolvida? Como era o ritmo de trabalho? Como era o ambiente físico do trabalho? Que equipamentos/materiais eram utilizados?
- 2) Como ele (a) se referia ao trabalho realizado?
- 3) No trabalho ele (a) se sentia realizado, valorizado? Tinha admiração pelo que fazia? No trabalho ele sentia ansiedade, tédio, insatisfação? Era um trabalho desgastante?

- 4) Como ele (a) enfrentava esta situação? Conversava com alguém sobre isso? Que atitudes tomou com relação a esta questão?
- 5) Quantas pessoas estavam envolvidas no trabalho desenvolvido?
- 6) Como eram as relações no trabalho, com os demais trabalhadores, ajudantes, pessoas?

#### **V Avaliação da atmosfera do ato suicida**

- 1) Como ocorreu o suicídio? Qual o método escolhido?
- 2) Foi planejado? Houve algum aviso prévio? Foi deixada alguma mensagem?
- 3) Onde ocorreu o suicídio? Em que data, dia da semana, hora?
- 4) Como foram as circunstâncias do suicídio? Qual o tempo decorrido entre o suicídio e o auxílio? Quem o encontrou? Como foi o socorro?
- 5) Anteriormente a pessoa demonstrou pensamentos suicidas? Com que frequência, duração e intensidade?
- 6) Houve tentativas ou ameaças anteriores?

#### **VI Estado mental que antecedeu o suicídio**

- 1) Ele (a) estava confusa ou parecia alterada nos últimos dias antecedentes ao suicídio? Sentia-se cansada, com falta de concentração, com insônia, agitação?
- 2) Existiria algum evento imediato que pudesse ter relação com o fato?
- 3) Ele (a) tinha alguma doença que estava tratando? Ele (a) foi avaliada, acompanhada por algum profissional? Procurou ajuda? Qual foi o diagnóstico, tratamento, orientações, recomendações?
- 4) Ele (a) estava deprimido, agitado?
- 5) Ele (a) falava de sentimentos de culpa, tristeza ou desespero? Fazia alguma queixa como “a vida ser um fardo”, sentia-se incapaz de “enfrentar os dias”, ou ao fato de estar “sem esperanças”?
- 6) Ele (a) fazia uso de álcool ou drogas?



Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social  
Doutorado em Psicologia Social

### **APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

#### **PESQUISA: Suicídio e trabalho: as implicações da organização do trabalho na vida e na morte do trabalhador rural no Rio Grande do Sul**

COORDENAÇÃO: Prof. Dra Jussara Maria Rosa Mendes

1. NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar as questões envolvendo o fenômeno do suicídio no Rio Grande do Sul na sua ligação com a questão do trabalho rural. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno 30 pessoas, sendo estas familiares ou amigos das pessoas que cometeram o suicídio.
3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você responderá a algumas questões. Está previsto em torno de uma hora para responder aos questionamentos. Você tem a liberdade de se recusar a responder e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que o Sr. (Sra) quiser mais informações sobre este estudo poderá entrar em contato diretamente com a Prof. Dra. Jussara Maria Mendes pelo telefone (51) 3308-5462 e com a doutoranda Rosangela Werlang pelo telefone (54) 34628300 e (54) 81130346.
4. SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações sobre a pessoa que cometeu o suicídio, o seu modo de vida, seu trabalho e o período que antecedeu ao suicídio.
5. RISCOS À DIGNIDADE: a participação nesta pesquisa poderá trazer um potencial desconforto e angústia em função do próprio tema da pesquisa e das recordações que se farão presentes quando do relato dos fatos. No entanto, não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.
6. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais
7. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os

resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas e comunidades.

8. **PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que segue:

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, autorizo minha participação nesta pesquisa.

---

Nome do participante

---

Local e data Assinatura do Participante com telefone

---

Coordenadora da pesquisa

9. Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Profa. Dra. Jussara Maria Rosa Mendes, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatá-la, pode entrar em contato diretamente pelo fone (51) (51) 3308-5462. Também é possível entrar em contato com a doutoranda Rosangela Werlang diretamente pelos telefones (54) 3462 8300 e (54) 81130346. Maiores informações no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (51) 3308.5066.